



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PEROLINA SOUZA TELES

O ALINHAVO DA *PRIMAVERA* AUTISTA:
entre o ponto, o molde da identidade e a linha de devir

São Cristóvão/SE

2024

PEROLINA SOUZA TELES

**O ALINHAMENTO DA *PRIMAVERA AUTISTA*:
entre o ponto, o molde da identidade e a linha de devir**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de pesquisa Sociedade, Subjetividades e Pensamento Educacional, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Prof. Dr. Fabio Zoboli.

São Cristóvão/SE

2024

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

T269a	Teles, Perolina Souza O alinhavo da <i>Primavera Autista</i> : entre o ponto, o molde da identidade e a linha de devir / Perolina Souza Teles ; orientador Fabio Zoboli. – São Cristóvão, SE, 2024. 296 f. : il. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2024. 1. Educação – Finalidades e objetivos. 2. Autistas - Educação. 3. Internet e ativismo. 4. Autismo. 5. Transtorno do espectro autista. I. Zoboli, Fabio, orient. II. Título. CDU 37.042:616.896
-------	---



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



PEROLINA SOUZA TELES

O ALINHAMENTO DA PRIMAVERA AUTISTA: ENTRE O PONTO, O MOLDE DA IDENTIDADE E A LINHA DE DEVIR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 25.09.2024

Documento assinado digitalmente
gov.br **FABIO ZOBOLI**
Data: 26/09/2024 18:58:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fabio Zoboli (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Documento assinado digitalmente
gov.br **PAULO ROBERTO BOA SORTE SILVA**
Data: 27/09/2024 19:08:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Paulo Roberto Boa Sorte Silva
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Documento assinado digitalmente
gov.br **SANDRA RAQUEL SANTOS DE OLIVEIRA**
Data: 03/10/2024 12:42:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Sandra Raquel Santos de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Documento assinado digitalmente
gov.br **ELDER SILVA CORREIA**
Data: 28/09/2024 13:21:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Elder Silva Correia
Universidade Federal de Sergipe / UFS

Documento assinado digitalmente
gov.br **SILVIA ESTER ORRÚ**
Data: 26/09/2024 17:16:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Sílvia Ester Orrú
Universidade de Brasília / UnB

Documento assinado digitalmente
gov.br **ROSÂNGELA MACHADO**
Data: 26/09/2024 12:04:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Rosângela Machado
Consultora da Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI)

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2024

Dedico esta tese às minhas avós, Joelina e Perolina, e aos meus filhos, Ernesto e Francisco.

AGRADECIMENTOS

Ao que me parece, agradecer deveria ser a parte mais bonita de um processo de conclusão de um trabalho como este. Estranho é que essa parte seja feita no fim. No entanto, Gonzaguinha (1980a), com a beleza de seus versos me lembra na canção “De volta ao começo”, sobre o fim. Ele prontamente responde que chegar ao “Fundo do fim” é voltar ao começo. Então, de algum modo me aproprio da sua poesia para afirmar que aqui, nesse lugar de fim, retomo o começo.

De um lugar de começo, que está em alguma memória que silenciosamente aqui se manifesta, parto para agradecer a todas as mulheres que vieram antes de mim, minha ancestralidade feminina... Agradeço especialmente às desalmadas, renegadas, excluídas; as que quiseram e não puderam; as que desejaram e não viveram; as que, mesmo lutando, perderam. Sei que ao longo dessa jornada estiveram lutando comigo, como guardiães. A vocês, o mais sincero obrigada.

Nas pessoas de minhas avós, Joelina e Perolina, agradeço pela companhia na escrita desta tese. Foi ao longo desse caminho que pude senti-las mais próximas, como guias, como sopros, nas intuições que me levaram a caminhos que nenhum mapa poderia prever.

Aos meus pais, Robério e Edilene que, nesse encontro sagrado, permitiram-me chegar até aqui, cuidando de todas as questões práticas para que eu pudesse me dedicar à minha formação. Agradeço pelo apoio na criação dos meninos, pelo conforto de ser sua filha. Essas páginas são uma forma também de dedicar a vocês a minha eterna gratidão.

Ao meu companheiro Luiz, uma coluna que se manteve de pé sustentando o meu sonho de ser doutora, que não me deixou desistir dessa ideia. Esteve ao meu lado em cada uma das minhas reprovações e celebrou comigo o início de tudo. Foi graças a ele que não cansei de teimar. Obrigada por ter me acompanhado nos momentos em que foi necessário. Luiz segue sendo um cúmplice nas horas de necessidade, um conselheiro nas minhas horas de dúvidas. Pelo seu carinho, muito obrigada!

Ao meu filho Ernesto. Como é sublime nosso encontro, como você me potencializa, como você me fez e faz melhor, como sou grata pelo tempo que temos juntos. Com esta tese, celebro sua existência, meu filho, e desejo que o mundo lhe seja menos hostil e mais acolhedor. Por tanto, dedico-te Chico Buarque (2017), “Serás o meu amor, serás a minha paz”.

Ao meu filho Francisco, que entrou comigo no colo, em meio a uma pandemia, na qual a gente só queria seguir existindo juntos. E saiu aos pulos, sapeca, com 4 anos. Eu arriscaria dizer que ser mãe de Chico e escrever uma tese foi a tarefa mais difícil desse processo. Porém,

foi também pela vibração desse Erê, que me acompanhou, que eu consegui ter energia para sentar em frente ao computador nos dias em que o cansaço extremo me tomava. Meu filho Francisco é uma mistura daquela melodia cheia de nuances e melismas da música de Milton Nascimento, que recebe seu nome, com a expressão de Chico Science (1994), em “Monólogo ao pé do ouvido”. Ele foi e é um convite a “Modernizar o passado”.

Ao meu orientador e cronista favorito, Dr. Fabio Zoboli, eu arriscaria dizer que conhecê-lo foi um milagre que pude ver nessa vida. Zoboli, aqui nesta tese, foi aquilo que Fernand Deligny (2015) chama de “Presença próxima”. Atento, cuidadoso... acompanhou todo meu crescimento, com absoluto respeito, sempre de perto, deixando-me criar, confiando no meu trabalho e no nosso ritmo, construindo comigo uma pesquisa que sem o cuidado dele nem seria possível existir. Pela sua generosidade Dr., muito obrigada.

À minha banca de defesa, composta pelos professores Prof. Dr. Elder Silva Correia, Dr. Paulo Boa Sorte Silva, Dra. Rosângela Machado, Dra. Sandra Raquel Santos de Oliveira, Dra. Silvia Ester Orrú. Agradeço pelo tempo dedicado à leitura desta tese e pelas contribuições valiosas que fizeram com que esta pesquisa se tornasse o que é.

Aos participantes desta pesquisa, que são as cores mais lindas que pude encontrar para desenhar esta tese. Que me fizeram ouvir emocionadamente Gonzaguinha (1980), quando canta “E é como se eu despertasse de um sonho, que não me deixou viver, e a vida explodisse em meu peito, com as cores que eu não sonhei”. Sou grata pelo nosso encontro.

Aos meus irmãos, Thadeu, João Gabriel e à minha cunhada Cecília, que tanto me ajudaram ao longo dessa jornada, sendo minha rede de apoio sempre que precisei.

À minha sogra, pelo apoio de sempre, por ser a pessoa que sempre está disposta a ajudar quando solicitada. Suely é dona de um dos maiores corações que conheço. Por ser tão prestativa e cuidadora, o meu muito obrigada.

Devo fazer um agradecimento especial à minha amiga querida, Silvinha “Passarinha”, que me acompanhou com sua amizade e sabedoria, durante os últimos 12 anos, ajudando diretamente na construção desta tese, ensinando quase tudo que eu sei sobre autismo. Agradeço-te, Silvinha, por seres um tesouro em minha vida.

Aos professores e professoras, que contribuíram diretamente com minha formação e com esta pesquisa. Especialmente às professoras Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, por ter me acompanhado na construção do meu primeiro Projeto de pesquisa na graduação em Pedagogia Licenciatura e por trazer a lembrança da “Maternidade Leve”; Dra. Dinamara Garcia Feldens, pelo incentivo dado ao longo da seleção do doutorado, por ter me acolhido no Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade (GPECS) e pelos apontamentos durante

minha banca de qualificação; Dra Iara Maria Campelo, pela atenção e ensinamentos como professora e amiga; Dra. Lavínia Teixeira Machado pela escuta e auxílio, contribuindo diretamente para que esta pesquisa se realizasse; Dra. Marizete Lucini, pelo incentivo dado para que eu continuasse estudando após o mestrado; Dra. Rita de Cácia Santos de Souza, que me recebeu com tanto carinho no Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva (NUPITA); Dra. Silvana Aparecida Bretas, pelo acolhimento e pelos caminhos abertos; e Dra. Sonia Meire Santos Azevedo de Jesus, pela orientação ao longo do mestrado e pela amizade que construímos.

Aos meus amigos e amigas de infância, juventude e vida adulta: Bárbara, Camila, Cândida Caroline, Cândida Luisa, Catarina, Débora, Ivana, Júlio, Karinne, Larissa, Liane, Lilian, Lys, Martahelena, Nerival, Priscila, Rita, Sissa, Tamyres, Tatiane e Vanessa. Dedico a vocês a minha alegria na chegada e na saída.

Ao amigo Dr. Lucas de Oliveira Carvalho, pela parceria, leitura, ensinamentos, textos, referências, comentários, dividindo comigo angústias e alegrias ao longo do processo de doutoramento.

Às minhas tias Elane e Elisabete, pelo exemplo seguro que me ofereceram como pessoas e profissionais da educação.

Às minhas primas-irmãs Elisbeth e Miziane, tão minhas, tão queridas sempre comigo. Estamos sempre juntas, mesmo quando distantes.

Às minhas alunas e alunos, que me ensinam muito mais do que posso ensiná-los como professora.

À minha psicóloga Danielle Pereira, pelo acolhimento e cuidado ao longo dos últimos 5 anos.

Aos colegas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Laonte Gama da Silva e do Colégio Estadual Leonor Telles de Menezes, pelos abraços cotidianos.

Lembrando esses nomes, não esqueço que talvez tenha esquecido de alguns tantos outros. Porém, reafirmo aqui a importância dos meus esquecimentos, colocando-os em um lugar que reafirma todos os meus privilégios, que inclui encontrar pessoas que me seguraram de pé, mesmo sem saber, ao longo do caminho.

Agradeço ao que me foi permitido viver nesses 3 anos, ao que virá e ao que está no encontro desses dois pontos, o presente. Sigo aqui parafraseando Álvaro de Campos/Fernando Pessoa (1993): “Trago dentro do meu coração, como num cofre que se não pode fechar de cheio, todos os lugares onde estive, todos os portos a que cheguei, todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias, ou de tombadilhos, sonhando, tudo isso, que é

tanto, é pouco para o que eu quero”.

“Ninguém de nós, na verdade, tinha força de fonte. Ninguém era início de nada. A gente pintava nas pedras a voz. E o que dava santidade às nossas palavras era a canção de ver! Trabalho nobre aliás, mas sem explicação, tal como costurar sem agulha e sem pano. Na verdade, na verdade, os passarinhos é que botavam primavera nas palavras”

(Manoel de Barros)

RESUMO

A presente tese parte da inspiração do ponto, o diagnóstico, para refletir acerca das linhas que compõem as singularidades nas multiplicidades das pessoas autistas, considerando os tensionamentos e entrelaçamentos existentes entre o molde de uma *Identidade Autista* (linha molar) e a construção da *Primavera Autista* (linha de fuga), enquanto movimento político. A pesquisa está pautada sob o procedimento didático-metodológico da cartografia, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), para pensar o que se compreende como o molde da *Identidade Autista* em um alinhavo com o conceito de devir. As tensões epistemológicas, que constroem a *Identidade Autista*, ocorrem a partir do percurso histórico de nomenclaturas, legislações e paradigmas de classificação definidos pelo poder político da medicina moderna. Para tanto, rediscutimos os modelos centrados nos déficits e as afirmações generalizantes utilizadas pelo DSM-5 e CID 11 para a classificação de pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo, problematizando as normas impostas pelo diagnóstico biomédico, as quais podem influenciar diretamente na postura da sociedade e das instituições diante das pessoas autistas. Para o desenho da linha de devir, traçamos uma pesquisa de cunho qualitativo, tendo como instrumentos de produção de informações: entrevistas semiestruturadas e postagens feitas nos perfis públicos das redes sociais, *Facebook* e *Instagram*, de 5 jovens e/ou adultos autistas. A partir da composição da nossa cartografia, é possível identificar que pessoas como nossos participantes reverberam seus processos de subjetivação, através do ciberespaço, construindo em seu fazer diário – a partir do net-ativismo – processos de educação não-formal que dialogam com a *Primavera Autista*, trazendo para esta pesquisa a novidade, o múltiplo, o multicolor, um caleidoscópio de cores vivas. Dessa forma, nosso enunciado se confirma e adquire o desenho necessário para a conciliação e a ruptura em um universo de pessoas que se reúnem nas redes, pela via de um diagnóstico – um signo que os classifica – mas que, ao mesmo tempo, leva-os para um lugar de transposição de dispositivos. Portanto, conclui-se que a *Primavera Autista* se compõe, não apenas através do protagonismo pela via das redes, mas também por essa mesma via, busca uma forma de sair delas.

Palavras-chave: autismo; *Devir Autista*; *Identidade Autista*; net-ativismo; *Primavera Autista*.

ABSTRACT

This thesis starts from the inspiration of the point, the diagnosis, to reflect on the lines that make up the singularities in the multiplicities of autistic people, considering the tensions and intertwining that exist between the mold of an *Autistic Identity* (molar line) and the construction of the *Autistic Spring* (vanishing line), as a political movement. The research is based on the didactic-methodological procedure of cartography, by Gilles Deleuze and Félix Guattari (2011), in order to think about what is understood as the mold of *Autistic Identity* in line with the concept of becoming. The epistemological tensions that construct *Autistic Identity* occur from the historical path of nomenclatures, legislation and classification paradigms defined by the political power of modern medicine. To this end, we re-discuss the models centred on deficits and the generalizing statements used by the DSM-5 and CID 11 to classify people diagnosed with Autism Spectrum Disorder, problematizing the norms imposed by biomedical diagnosis, which can directly influence the attitude of society and institutions towards autistic people. In order to draw the line of becoming, we carried out a qualitative study, using semi-structured interviews and posts made on the public profiles of the social networks Facebook and Instagram by 5 autistic young people and/or adults as the tools for producing information. From the composition of our cartography, it is possible to identify that people like our participants reverberate their subjectivation processes through cyberspace, building non-formal education processes in their daily work – from net-activism – that dialogue with the *Autistic Spring*, bringing to this research the new, the multiple, the multicolored, a kaleidoscope of vivid colors. In this way, our statement is confirmed and acquires the necessary design for conciliation and rupture in a universe of people who come together on the networks through a diagnosis – a sign that classifies them – but which, at the same time, takes them to a place of transposition of devices. Therefore, it can be concluded that the *Autistic Spring* is composed, not only through protagonism via the networks, but also by this same means, it seeks a way out of them.

Keywords: autism; *Becoming Autistic*; *Autistic Identity*; net-activism; *Autistic Spring*.

APÊNDICES

Apêndice I: Roteiro da entrevista semiestruturada da pesquisa.....	273
Apêndice II: Termo de anuência e existência de infraestrutura.....	274
Apêndice III: Termo de autorização para observação em redes sociais.....	275
Apêndice IV: Termo de compromisso e confidencialidade.....	276
Apêndice V: Termo de compromisso para utilização dos dados (TCUD).....	278
Apêndice VI: Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	279
Apêndice VII: <i>Playlist</i> “O Alinhavo”	286

ANEXOS

Anexo I: Parecer consubstanciado do CEP – 17 de abril de 2023.....	287
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA – *Applied Behavior Analysis*
ADI – Ação Direta de Inconstitucionalidade
AEE – Atendimento Educacional Especializado
AMA – Associação de Amigos do Autista
APA – *American Psychological Association*
APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
APARJ – Associação de Pais de Autistas do Rio de Janeiro
ASTECA – Associação Terapêutica e Educacional para Crianças Autistas
CAS – Coletivo Autista de Sergipe
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CID – *International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems*
CNE – Conselho Nacional de Educação
CRAS – Centros de Referência de Assistência Social
DALEPe – Diretório Acadêmico Livre dos Estudantes de Pedagogia
DAIN – Divisão de Ações Inclusivas
DACES – Diretoria de Acessibilidade
DED – Departamento de Educação
DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
EUA – Estados Unidos da América
FENAPAES – Federação Nacional das APAES
FGA – *Food and Drug Administration*
GPECS – Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LBI – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTQIAPN+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pan-sexuais, Não-binárias, Pessoas que não se encaixam em nenhum dos grupos
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
MEC – Ministério da Educação
MG – Minas Gerais
NUPIEPED – Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência
NUPITA – Núcleo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva
OEI – Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
PcD – Pessoa com Deficiência
PMA – Prefeitura Municipal de Aracaju
PPGED – Programa de Pós-graduação em Educação
PPNE – Programa de Apoio à Portadores de Necessidades Especiais
SE – Sergipe
SUAS – Sistema Único de Assistência Social
SUS – Sistema Único de Saúde
STF – Supremo Tribunal Federal
TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido
TCUD – Termo de compromisso para utilização dos dados
TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

TEA – Transtorno do Espectro do Autismo

TEACCH – *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UnB – Universidade de Brasília

UNIT – Universidade Tiradentes

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto de Ernesto na sua Formatura do ABC realizada em 30/10/2017.....	29
Figura 2 – Quebra-cabeça em forma de fita.....	88
Figura 3 – Cordão de girassol.....	89
Figura 4 – Símbolo da neurodiversidade.....	90
Figura 5 – Antonin Artaud.....	118
Figura 6 – Arthur Bispo do Rosário vestido com o “Manto da Apresentação”.....	125
Figura 7 – Fernand Deligny e Janmarri em <i>Cévennes</i> (1973).....	132
Figura 8 – <i>Le Serret</i> , junho de 1976.....	137
Figura 9 – Campanha de conscientização sobre o autismo.....	186
Figura 10 – Desabafo de Rosa sobre sua saúde mental 1.....	187
Figura 11 – Desabafo de Rosa sobre sua saúde mental 2.....	188
Figura 12 – Acolhimento de Grafite a uma pessoa diagnosticada com autismo.....	190
Figura 13 – Buscativa de Rosa por pessoas com os mesmos eixos de interesse.....	190
Figuras 14-21 – Carrossel alfinetado sobre o Dia Mundial de Conscientização do Autismo	200-201
Figura 22 – <i>Post</i> sobre o Dia do Orgulho Esquisito.....	202
Figura 23 – Legenda sobre a bandeira do Dia do Orgulho Esquisito.....	202
Figuras 24 e 25 – <i>Post</i> sobre a importância de ser único.....	203
Figuras 26 e 27 – Opinião pessoal de Vermelho sobre o Parecer CNE 50/2023.....	213-214
Figuras 28-33 – Carrossel repostado “5 razões para ser contra o Parecer CNE 50/2023”.....	214-215
Figura 34 – <i>Post</i> contra o capacitismo reproduzido no Dia Mundial de Conscientização do Autismo	221
Figura 35 – Justiça por Carlos.....	223
Figura 36 – Divulgação de <i>live</i> realizada em comemoração ao Dia Mundial de Conscientização do Autismo	228
Figura 37 – Divulgação de Seminário sobre Autismo.....	228

Figura 38 – Divulgação da participação do Coletivo Autista de Sergipe (CAS) em programa de rádio.....	228
Figura 39 – Divulgação da obra “Ciclone Capital” para venda.....	229
Figura 40 – Agradecimento ao público pela participação em exposição de artes.....	229
Figura 41 – Cartaz de divulgação da Exposição “Todas as Formas”.....	230
Figura 42 – Divulgação de exposição de artes e palestras.....	230
Figura 43 – <i>Post</i> sobre a vida de artista.....	230
Figura 44 – <i>Post</i> sobre o processo criativo.....	231
Figuras 45-47: Reflexões sobre os desafios de inserção de autistas no mercado de trabalho.....	233-234
Figura 48: <i>Post</i> sobre a Inauguração do <i>Institut Pasteur</i> de São Paulo.....	235
Figura 49: Reflexões sobre o superação de desafios.....	236
Figuras 50-51: Desabafo sobre desejos para o futuro.....	236-237
Figura 52: Página “Primavera Autista”.....	239
Figura 53: Sobre a página “Primavera Autista”.....	240
Figura 54: “Nem todo humano é autista, mas todo autista é ser humano”.....	244
Figura 55: “O Alinhavo da <i>Primavera Autista</i> ”.....	246

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: o bastidor	20
1.1 OBJETIVOS: a forma.....	21
1.2 A DESDOBRA: de uma dobra a outra.....	22
1.3 A EMENDA: a dobra a partir do ponto	33
1.4 O MOLDE DA IDENTIDADE E A LINHA DE DEVIR: tensionamentos do alinhavo.....	37
1.5 ESCOLHAS NO PERCURSO DIDÁTICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA: uma cartografia feita a agulhadas sob tecidos coloridos com artefatos artísticos:.....	47
2 FIXANDO A IDENTIDADE AUTISTA: a modelagem da forma.....	58
2.1 IDENTIDADE: alfinete que demarca.....	62
2.2 A IDENTIDADE AUTISTA: a linha molar.....	68
2.3 TECIDO MOLDADO COM COR AZUL: retalhos, fitas, corantes e marcadores.....	77
2.3.1 Recortes de retalhos e fitas sobre a deficiência.....	78
2.3.2 Para além dos corantes em tons de azul.....	84
2.3.3 Marcadores de papel.....	92
2.4 EM TRÂNSITO: cortando ou desatando laços.....	97
3 A LINHA DE DEVIR OU DESALINHO.....	99
3.1 DEVIR, DIFERENÇA E REPETIÇÃO.....	100
3.2. PERSONIFICAÇÕES DE <i>DEVIR AUTISTA</i> : os apliques.....	105
3.3 O BORDADO DA LOUCURA.....	110
3.4 OS INTERCESSORES: em busca de fios soltos.....	116
3.4.1 A loucura por Antonin Artaud.....	117
3.4.2 “Pise forte neste chão, Arthur Bispo do Rosário está de volta”.....	125
3.4.3 O auxílio luxuoso de Fernand Deligny: arrematando loucura, autismo e teias.....	131
4 O LUGAR DA PRIMAVERA AUTISTA EM CALEIDOSCÓPIO: agulhadas sob tecidos coloridos com artefatos artísticos.....	142
4.1 O ALINHAVO DA PRIMAVERA AUTISTA.....	143
4.2 CARTOGRAFIA FEITA A AGULHADAS: tecidos, linhas, redes e rizomas.....	146
4.2.1 As agulhas: redes-rizomas, ciberespaço, cibercultura, algoritmo, perfis, comunidades virtuais e net-ativismo.....	152
4.2.2 A cibercultura enquanto ambiente de educação não-formal.....	162
5 CARTOGRAFANDO A PRIMAVERA AUTISTA: composição de cores vivas.....	168
5.1 “EVOÉ, JOVENS À VISTA”.....	171

5.2 COMPOSIÇÃO DE CORES VIVAS.....	173
5.2.1 Grafite.....	175
5.2.2 Cereja.....	177
5.2.3 Vermelho.....	178
5.2.4 Verde.....	180
5.2.5 Rosa.....	181
5.3 O PONTO QUE SE ESTABELECE A PARTIR DO DIAGNÓSTICO.....	183
5.4 O MOLDE ENQUANTO CONCEPÇÃO DA <i>IDENTIDADE AUTISTA</i>	192
5.5 A LINHA DE DEVIR E O DESENHO DA <i>PRIMAVERA AUTISTA</i>	206
5.6 AS CORES DAS LINHAS NA CARTOGRAFIA ESCRITA A AGULHADAS VISTAS POR UM CALEIDOSCÓPIO.....	223
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: o espólio.....	247
REFERÊNCIAS.....	257
APÊNDICES.....	273
ANEXOS.....	287

1. INTRODUÇÃO: o bastidor

“Desfazer o normal há de ser uma norma”

(Manoel de Barros)

As linhas, aqui desenhadas nesse bastidor, querem, primordialmente, dançar em *duo* com o verso de Manoel de Barros para se desfazer do peso da norma, da conceituação do normal, da aceitação de um só caminho, da negação do múltiplo e, principalmente, do singular que há nas multiplicidades de expressões do ser autista. As agulhas, que conduzem as linhas, deparam-se com o real de uma trilha marcada, posta, territorializada, como o desenho de uma casa para um botão – que aqui se configura como o molde de uma *Identidade Autista* – que tem suas bases fincadas no poder político da ciência e da medicina. No entanto, essas agulhas são as mesmas que insistem em coser pontos soltos, em alinhavo com a linha de devir, que vai de um ponto ao outro, mas sem marcas delimitadas, compondo a criação da *Primavera Autista*.

Para a elaboração desta tese, não obstante eu reconheça que nenhuma das terminologias é suficientemente boa¹ para designar a multiplicidade que há no autismo, trago aqui dois vieses que têm sido utilizados para designar essa condição. O primeiro é “pessoa com autismo”, que, entre as possibilidades existentes, parece-me mais propícia, considerando que o autismo está na pessoa, mas não é capaz de defini-la em sua totalidade.

O segundo é “pessoa autista”, que, no meu ponto de ver, confere ao autismo uma centralidade demasiada e leva a cabo as demais singularidades e processos de subjetivação da pessoa. É uma terminologia reducionista. No entanto, esse termo tem sido utilizado por uma parcela significativa dos jovens e adultos que compõem o que aqui denomino de *Primavera Autista*.

Nesta tese fiz a escolha epistemológica de utilizar o termo “pessoa autista”, em detrimento de “pessoa com autismo”. Justifico essa decisão por ser a nomenclatura que recebe declaradamente maior adesão entre a ampla maioria dos participantes desta pesquisa: autistas jovens e adultos, inseridos no contexto no net-ativismo. Com essa perspectiva, que é eminentemente política, demonstro o meu mais absoluto respeito às pessoas que, verdadeiramente, dão vida a este texto. Com isso, aqui demarco que os autistas são, de fato,

¹ Compartilho aqui a reflexão de Antônio Flávio Pierucci (2013) acerca de nomes e suas significações: “Cada nomenclatura revela um aspecto, projeta uma face, deforma de um jeito. Mesmo quando a intenção não é desqualificar, o que enrijece o uso é sistemático descuido em tomar a parte pelo todo e supor que os termos são intercambiáveis, sinônimos. Não são. Eles se cruzam, se entrelaçam, mas não se recobrem perfeitamente. Nem recobrem por inteiro a coisa, que continua indomável” (Pierucci, 2013, p. 199-200).

mais importantes que o autismo.

Para o desenho deste alinhavo, pensei em uma composição em 6 capítulos. No primeiro, relaciono a minha história – enquanto mãe, professora e pesquisadora – com meu objeto e com minhas escolhas teórico-metodológicas para composição do mapa cartográfico. Partindo da escrita de um Memorial, relaciono conceitos – nas dobras e desdobras da minha formação – para compor a arquitetura do alinhavo.

No segundo capítulo, apresento o conceito de *Identidade Autista*, enquanto linha molar, e suas modulações. Demonstro as marcas de uma modelagem historicamente e cientificamente construída. Nesse capítulo, apresento parte do arcabouço histórico, legal, simbólico e epistemológico que confere os moldes que delimitam o que denomino de *Identidade Autista*.

No terceiro capítulo, busco a evasão proporcionada pelas linhas de fuga, através do conceito de devir, para elaboração da definição do *Devir Autista*. Como estratégia de refutação do molde da identidade, crio o bordado da loucura, a partir da inspiração trazida pelas mãos dos intercessores Antonin Artaud, Arthur Bispo do Rosário e Fernand Deligny. Apresento também os fundamentos epistemológicos que compõem o trabalho cartográfico.

No quarto capítulo trago a estação primaveril, a *Primavera Autista*, interrompendo o ciclo monocromático do inverno, para dar espaço às rupturas e à força agressiva da primavera. As cores, que aqui representam os participantes da pesquisa, apresentam seus processos de subjetivação em seus perfis, imersos na cibercultura e sob a vigilância do controle algorítmico, que produzem saberes, aqui contextualizados, como educação não-formal.

No quinto capítulo, materializo a minha cartografia, “Feita a agulhadas sob tecidos coloridos com artefatos artísticos”. Nesse capítulo, o espaço é ocupado pelas contribuições de 5 adultos autistas, que elaboram a novidade, a partir do net-ativismo nas suas redes sociais públicas e dos relatos colhidos nas entrevistas semi-estruturadas.

Por fim, no último capítulo, escrevo as considerações finais, denominadas de espólio. É nesse capítulo que elaboro, para mim e para a tese, arremates que compõem a herança de elementos que são deixadas como bens, a partir desta pesquisa. Por fim, retomo o objetivo geral e o enunciado que apresento, dando acabamento ao mapa cartográfico aqui desenhado, através do tensionamento e entrelaçamento de linhas, bordadas em tecidos coloridos, de forma poética e política, as quais, de fato, compõem o trabalho artesanal do alinhavo da *Primavera Autista*.

1.1. OBJETIVOS: a forma

Objetivo geral

– Tecer a *Primavera Autista* – com um alinhavo artístico, estético e político – considerando os agenciamentos, tensionamentos e entrelaçamentos existentes entre o molde da *Identidade Autista* (linha molar) e a linha de *Devir Autista* (linha de fuga).

Objetivos específicos

- Construir o percurso histórico de conceitos, legislações e paradigmas que constituem a concepção da *Identidade Autista*;
- Traçar as linhas do mapa cartográfico, a partir dos perfis de cinco jovens e/ou adultos autistas para observar o seu protagonismo em redes sociais públicas;
- Tensionar o debate sobre as redes, de tal forma que elas não se mostrem apenas como vitrine de liberdade para a militância autista, através do net-ativismo, nem tão somente como ambiente de vigilância algorítmica, mas como espaço estratégico para a produção de processos de subjetivação;
- Criar um caleidoscópio de expressões do *Devir Autista*, representado nas falas e postagens dos jovens e adultos, que culminam em um processo de educação não-formal e na construção da *Primavera Autista*, enquanto movimento político.

1.2. A DESDOBRA: de uma dobra a outra

“Então, quando um organismo é chamado a desdobrar suas próprias partes, sua alma animal ou sensitiva abre-se a todo um teatro, teatro em que ela percebe e sente de acordo com sua unidade, independentemente do seu organismo e, todavia, inseparável dele”

(Gilles Deleuze)

Nenhum leitor é desavisado, ainda que julgue o livro pela capa, título, orelha, ainda que só tenha lido o resumo e já tenha gostado, ou mesmo que tenha feito o caminho de só ver qual é o traço da autora e tenha ficado... sempre há escolhas. Escolhas implicam em decisões, que podem ser objetivas ou subjetivas, mas que por sua vez não deixam de ter uma razão (de ser). O não escolher também é uma escolha, talvez a mais difícil, porque implica uma renúncia, que muitas vezes é de si mesmo. Isso pode rasgar toda uma trajetória.

Entendo que aqui me apresento ao leitor sem pretensão de construir uma linha do tempo sobre minha história, ainda que preze por estabelecer conexões comigo mesma. No entanto, afirmo que esse movimento de diálogo, do que me constitui enquanto escritora e pesquisadora, não passa de algo secundário, e aparecerá sempre envolto no conceito de dobra e desdobra, como condicionantes para ampliar possibilidades de observação. “Eis por que a desdobra nunca é o contrário da dobra, mas é o movimento que vai de umas dobras às outras” (Deleuze, 1991, p. 140). A dobra aqui simboliza o movimento das mãos ao girar o caleidoscópio e fazer os olhos enxergarem outras cores, imagens, signos e possibilidades de formas de existir.

A minha assinatura é quase sempre cheia de nuances, parafraseando Manoel de Barros (2010, p. 177), “Escrever é cheio de casca e de pérola”. Portanto, a escolha por esta escrita não foi para resgatar nada... não acredito em resgates! Mas para seguir, dobrar, desdobrar, pontuar, emendar, alinhar, construir teias, redes, compreender que não há como controlar totalmente algo que está por se fazer, mas que também é impossível descartar a minha história.

Nesse contexto, reitero que trago vestígios dela, escolhidos para contextualizar o leitor sobre pistas que aos poucos se juntam para chegar ao formato necessário do que pode ser dito. As palavras nunca dão conta de tudo e nem seria esse meu objetivo. No fundo mesmo, como diria Barros (2010, p. 449), “Eu queria usar palavras de ave para escrever”. Então, antes que eu me solte, é melhor falar sobre a desdobra que me trouxe até aqui.

Pesquisar-poetizando é uma alegria, uma maravilha, mas também é uma dificuldade. É uma maravilha porque nos proporciona liberdade para inspirar, juntar, colar, “roubar”, articular, experimentar, somar, dividir, multiplicar. É uma dificuldade porque criar não é fácil, romper com as imagens de pensamento já conhecidas é por demais complexo, montar o novo, daquilo que trazemos de diferentes campos e com rigor, demanda coragem, ousadia, dinamicidade, abertura (Paraíso, 2012, p. 40).

Dessa necessidade e ansiedade, de tantas vezes dizer o indizível, peço licença para bater suavemente em portas que se abrem com som, música e balanço. Todas as vezes que minhas palavras parecem ser insuficientemente belas, necessárias para falar algo, recorro aqui à poesia, aos poetas, aos artistas, às afetações que apenas a arte é capaz de provocar em mim, para dizer o indizível. Segundo Gilles Deleuze (1992, p. 215), “A arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha”.

Trago aqui a afirmação de Manoel de Barros (2010, p. 370), “Para encontrar o azul eu uso passáros, só não desejo cair em sensatez, não quero a boa razão das coisas, quero o feitiço das palavras”. Portanto, considero esta pesquisa também um artefato artístico com tom poético – cheio de marcas, nuances, teias, linhas, cores, desenhos e signos – que apenas a humanidade latente é capaz de produzir. Sigo com esse poeta, quando afirma “Eu escrevo com o corpo,

poesia não é para compreender, mas para incorporar, entender é parede: procure ser uma árvore” (Barros, 2010, p. 178). Portanto, reafirmo minha intenção, usando as palavras de Charles Bukowski (2018), “A poesia é o que acontece quando nada mais pode”. Dessa forma, sempre que a “ciência” me escapar, a poesia, com toda certeza, será minha fonte.

Não é apenas uma questão de música, mas de maneira de viver: é pela velocidade e lentidão que a gente desliza entre as coisas, que a gente se conjuga com outra coisa: a gente nunca começa, nunca se recomeça tudo novamente, a gente desliza por entre, se introduz no meio, abraça-se ou se impõe ritmos (Deleuze, 2002, p. 128).

Aqui apresento o percurso da minha trajetória acadêmica, profissional e também pessoal, com o objetivo de expor as possibilidades de inserção dos meus estudos no campo da educação, inclusão, diferença, tendo como pano de fundo o autismo. Inicialmente, recupero elementos, que são essencialmente fragmentos de memórias e experiências, buscando evidenciar a relação teoria-prática, que permeia toda a minha trajetória, e afirmo para mim mesma, tal qual Clarice Lispector (1999), “Que eu não esqueça que a subida mais escarpada e mais à mercê dos ventos, é sorrir de alegria”.

Minha relação com a educação, começa no ano de 2002, quando, aos 18 anos, ingressei no curso de Pedagogia Licenciatura² da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e foi já no primeiro período que entendi que eu tinha enfim chegado ao meu lugar – porque até então, de alguma forma, eu me sentia deslocada de mim mesma. Ser aluna da UFS transformou minha vida, abriu minha cabeça para um universo de possibilidades de pensamentos, pessoas, expressões, cheiros, sabores e gostos que eu não imaginava existir. Fiz uso do meu lugar de total privilégio, já que tinha condições materiais mínimas garantidas por uma família, que nunca me colocou na cozinha e nunca se incomodou com meus livros. Fiz da UFS minha casa, um lar onde entrava pela manhã e só saía tarde da noite (muitos dias no último ônibus Campus/Orlando Dantas), um refúgio para o bem e para o mal.

Que grata surpresa foi o meu curso de Pedagogia. Fiquei encantada, apaixonei-me pela minha grade curricular, por muitos dos meus mestres, pelos textos e obras que lia. Aos poucos fui aprendendo com minhas professoras e professores - e sei que tive os melhores que podia ter tido -, que teoria desprendida da realidade é falácia. Não se sustenta, não suporta um sopro,

² No meu caso, particularmente, a influência familiar foi o principal fator para a escolha da Pedagogia. Desde pequena convivo com a mesma. Primeiro quando minha mãe freqüentava o curso Normal e, muitas vezes, precisava levar a mim e a meu irmão mais velho para conseguir frequentar as aulas. Quando cresci, sempre tive muito contato com duas tias, Elane e Elisabete, que são pedagogas e galgaram realização profissional e pessoal através dessa profissão. Hoje consigo reconhecer que a presença forte da docência em minha família influenciou bastante a minha escolha profissional.

quanto mais uma sala de aula com 40 alunos. A docência se desenhou através das disciplinas de Práticas de Ensino³, da Monitoria e da participação em Programas de Extensão Acadêmica⁴. Tudo ali no chão da escola de periferia, onde sempre fiz questão de estar.

As utopias vieram, primeiro pelas mãos de Paulo Freire, depois pela militância no movimento estudantil⁵. Com Freire eu renasci como poeta, ele me inspirava a escrever. Depois que li *Pedagogia do Oprimido*, não aceitei menos que isso, nunca mais. Para mim, Freire é dono da ideia mais expressiva dita por um educador brasileiro: quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar opressor: “[...] somente os oprimidos, lutando por ser, ao retirá-los o poder de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão” (Freire, 2005, p. 48).

As palavras de Freire se tornaram um mantra para mim e passaram a valer tanto para arte, quanto para a vida. Era a educação como prática da liberdade que eu buscava, vivia a *práxis* dessa busca com o movimento estudantil, lugar em que renasci como mulher e que me inspirava a querer um pouco mais de tudo. Costumo dizer que tive “sorte”. Fui de uma época em que se lia Karl Marx e Friedrich Engels; debatíamos em assembleias, nos conselhos de entidades de base, reunião de departamento; em que estudante fazia greve, calourada e o que mais tivesse para fazer. Viajava o Brasil, para participar de Congresso, com gente de toda a

³ Nesses momentos nada melhor que um bom choque de realidade. Assim foi a minha primeira prática de ensino. Estava ali diante de pouco menos de dez crianças, em uma escolinha estadual, sem quase nenhuma estrutura para funcionar, perdida, sem saber o que fazer. As teorias e a beleza me faltaram e eu me perguntava: “Por que?”. Chorava todos os dias. Lamentava, não servia para ser professora, não tinha “domínio de classe”, não sabia como levar os teóricos para dialogar com a sala de aula. Os pequenos daquele jardim de infância viviam subjugados ao não dar certo, ao não ser, ao não ter. Aquela escola era feita para não funcionar. Tudo ao seu redor me repugnava, desde os brinquedos quebrados e enferrujados à cara das “crecheiras”, que aparentavam quase morrer de vontade de fugir dali. Exercitar a paciência. Esse foi o grande ensinamento que aprendi naqueles dias. Não fosse a minha companheira de estágio, e grande amiga Karla, que dividia as tarefas comigo, tudo teria sido um fracasso, e eu hoje, provavelmente, não estaria aqui contando essa história. Voltei-me para minha professora de Prática e disse, com a indignação que só a juventude é capaz de produzir, que ela devia ter me avisado que seria daquele jeito – raros são os professores que advertem sobre as dificuldades inerentes ao trabalho docente. Lembro que ela ria de mim, enquanto eu falava. Hoje, talvez, eu teria feito o mesmo.

⁴ Comecei a trabalhar no Bairro Santa Maria, Aracaju/SE, como estagiária, um lugar que fica a dez minutos da minha casa, no qual eu nunca havia colocado os pés. Bairro discriminado, marginalizado, verdadeiro depósito de gente – tipo o poema “O bicho” de Manuel Bandeira (1986) – e onde, literalmente, era localizado o lixo da cidade. Aquela realidade, ao mesmo tempo tão próxima e tão distante da minha, veio como desafio. No primeiro dia de aula, fui trabalhar sem bolsa, sem telefone celular. O meu preconceito falou mais alto, a minha visão pequeno-burguesa saltava do meu olhar. Não foi fácil. Em 2004, ser estagiária da prefeitura significava ganhar 450 reais e assumir uma sala de aula, mais com a cara do que com a coragem. Eu sabia bem que era instrumento da política de precarização do trabalho docente da Secretaria Municipal de Educação de Aracaju. Estagiário era “pau para toda obra”, submetia-se a qualquer condição de trabalho, preenchia as lacunas vazias da escola. Não podia fazer greve, não tinha férias e ainda acreditava que a Secretaria estava fazendo um grande favor para a sua formação. Para mim realmente fez. Eu precisava sentir-me professora. Foi então que me deparei com a minha primeira turma, uma quarta série. Meus alunos conseguiam ser insuportavelmente levados e maravilhosamente adoráveis e foram eles que, de fato, formaram-me. Até hoje trabalho nessa mesma escola.

⁵ Tive a honra de contribuir diretamente em três gestões no Diretório Acadêmico Livre dos Estudantes de Pedagogia (DALEPe).

América Latina, dividindo o pouco que se tinha. Foi um tempo que me deu os melhores amigos e amigas que eu poderia ter, que me ensinou a caminhar como mulher em espaços de poder. Mas o principal foi a experiência necessária para entender que há luta boa de ir e luta boa de recuar.

Fui sempre enquanto deu para eu ir, mas hoje entendo que a utopia é aquilo que, como afirmou Eduardo Galeano, tem que estar lá mesmo, no horizonte, para gente nunca perder o sonho de vista, nem se perder de vista para não virar pedra. Afinal, como disse a Professora Dra. Silvia Ester Orrú na palestra, proferida no Simpósio “Por uma escola Inovadora e Inclusiva: desafios à educação do século XXI”, realizado em Poços de Caldas/MG, no ano de 2017: “Rígido é cadáver”.

Diante disso, para mim, luta boa de ir, nos dias de hoje, é levantar da cama e suportar meia hora de noticiário, ainda que o cenário quase sempre seja desanimador; sair para trabalhar e dar minha contribuição, enquanto professora de escola pública; estar em liberdade, à margem de associações e agenciamentos, para que eu possa escrever minha tese apenas com meus próprios equipamentos e criar meus meninos, sem deixá-los enrijecer, porque o mundo não alivia e a zica⁶ dorme leve. Esse continua sendo o desafio cotidiano, mas com certeza bem menos utópico, muito mais real. Muito mais “Galos, noites e quintais” de Belchior (1977). Muito mais no âmbito do devir, entendido como “[...] um movimento pelo qual a linha libera-se do ponto” (Deleuze; Guattari, 2020, p. 96).

Voltando à minha graduação em Pedagogia na UFS, penso que ela tem marco teórico e se eu pudesse escolher um nome, não poderia ser outro: Lev Semenovitch Vygotsky. Com suas obras *Pensamento e linguagem* (1993) e *A formação social da mente* (1991), ele deu luz à minha primeira Prática de ensino, quando quis desistir do curso. Vygotsky me salvou, e, arrisco dizer, que é só por causa dele que estou aqui hoje. O sociointeracionismo permeava todas as minhas aulas e se tornou uma possibilidade real de desenvolvimento e aprendizagem para meus alunos e alunas. A teoria em conjunto com a prática, durante os cinco anos que vivi na UFS, constituíram-me como profissional e como pessoa, ampliaram minhas experiências e me fizeram enxergar a importância sócio-político-histórica da educação e de como ela pode ser decisiva para pensar a sociedade.

Imbuída de teóricos e obras, que cercavam a educação, mergulhei na sociologia, na

⁶ Uma das hipóteses da etimologia da palavra “zica” é que ela seja uma contração de “ziquizira”, que significa doença, desentendimento, algo que pode ser representado pela gíria “deu ruim”. No entanto, o contexto que aqui utilizo, essa palavra está remetida a “mau agouro”, “mau olhado”, “inveja”, “olho gordo”, que são alguns dos significados também possíveis para o termo.

filosofia, na psicologia e na história. O meu apaixonamento por essa área me fez querer seguir estudando. Após colar grau no ano de 2007, na Turma “Pedagogia sem fronteiras”, decidi me inscrever na seleção de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da UFS, com objetivo de dar continuidade à minha formação acadêmica e encontrar um espaço coletivo de reflexão sobre as questões da educação, enquanto política pública. Recebi em uma noite de eclipse lunar a notícia de aprovação no concurso público, para ser professora efetiva da Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA), e na manhã seguinte a da aprovação no Mestrado em Educação. Literalmente da noite para o dia, eu estava exatamente onde sonhei estar profissionalmente, até aquele momento.

Iniciei o curso de Mestrado em 2008, sob a orientação da Profa Dr^a Sonia Meire Santos Azevedo de Jesus. Hoje penso que ainda muito imatura para uma pós-graduação *stricto sensu*, fato que me fez repensar sobre o tempo das coisas... Tinha alguma experiência em pesquisa, publicações, sala de aula, mas me faltava maturidade pessoal, era a mais jovem da turma, e teórica, pois enxergava claramente as minhas lacunas. Aos poucos percebi que nem só de *lattes* se faz um mestrado e sofri um bocado para concluir essa fase da minha vida. Junto a essas questões, uma outra transcendeu e sinalizou que era hora de crescer... engravidei do meu primeiro filho – que recebeu o nome de Ernesto em homenagem ao guerrilheiro comunista Ernesto Rafael Guevara de La Serna – em janeiro de 2010. Engravidar foi como ouvir Ivan Lins (1987) cantando “Vieste”. Meu filho veio ao mundo literalmente “Com a cara e a coragem com malas, viagens para dentro de mim”. Em 26 de setembro ele me pariu, após 12 horas de trabalho de parto. Nascemos nós dois de parto normal. Assim a vida me fez mãe um mês depois de me fazer mestra em educação⁷.

Ernesto carregou para si o que restava de poesia em mim. Levou junto meu tempo; um pouco de vida – com a depressão pós-parto que enfrentei – e um renascimento, ainda que à fórceps, de uma pessoa que eu não reconhecia mais, mas que ainda assim era eu. E assim encerrei aquilo que chamo de primeira fase da minha vida acadêmica, simbolicamente tatuando Gonzaguinha (1980b), em “Eu apenas queria que você soubesse”, afirmando que “A minha ternura não ficou na estrada...”, mas o fato foi que, de certa forma, ficou sim... “maldita seja a

⁷ Ao longo do mestrado, concluído no ano de 2010, escrevi a dissertação “As faces da inclusão social: uma análise do Projovem Adolescente nos Centros de Referência de Assistência Social – CRAS de Aracaju-SE”, na qual realizei uma pesquisa qualitativa acerca do Programa Socioassistencial Projovem Adolescente, no município de Aracaju. Observei a efetivação desse programa em três CRAS da capital sergipana, bem como analisei o Traçado Metodológico do mesmo, que era pautado no método Paulo Freire, através de pesquisa bibliográfica e entrevistas estruturadas com educadores sociais e com jovens, que eram beneficiados pelo Programa, utilizando o materialismo histórico dialético como referencial.

tarefa revolucionária de ser mãe”.

Para me dedicar aos cuidados do meu filho, junto com o trabalho, precisei me desconectar da vida acadêmica, dos meus amigos e amigas, da vivência universitária, que era grande parte da minha vida. Tudo isso aconteceu de uma forma involuntária e compulsória. Enterrei ali, naquela fase, um pouquinho de mim também, daquilo que tenho de mais precioso, meus sonhos e, com eles, a vaidade e a autoestima.

Por dois anos trabalhei muito e estudei para o que há de ser feito na vida adulta: alcançar estabilidade financeira e bens materiais. Em 2011, passei também no concurso para ser professora efetiva do Estado de Sergipe... e em alguns outros. Tive o privilégio de poder fazer escolhas, o que é raro hoje em dia. As coisas aconteciam muito rapidamente. Tudo vinha como quem me atropelava e não teve uma só aprovação que, de alguma forma, não viesse junto com uma pазinha de terra que enterrava meu sonho de fazer um doutorado, porque sempre era mais trabalho, mais responsabilidade e, naturalmente, mais dificuldade para exercer a maternidade... e a autocobrança, minhas caras, é a pior coisa que podemos carregar na vida. Nunca nada é o suficientemente bom, nunca chega a hora de parar, nunca chega a hora de chorar, nunca chega a hora de dormir, nunca chegam as férias, nunca chega o tempo de viver. No entanto, eu aprendi, após alguns anos de terapia, a me perdoar, pelo que fui, pelo que sou e pelo que não virei a ser. Não carrego mais em minhas costas o fantasma da perfeição, ainda que ele esteja ali, sempre me rondando, querendo um pouco mais de mim em algum ponto que sei que nunca irei chegar.

Por isso, hoje também posso dizer “bendita seja a tarefa revolucionária de ser mãe”. Penso que talvez eu seja a melhor que consigo ser. Não pelo tempo que levei para me tornar, pelas noites que não dormi ou pelas renúncias que fiz... não pelo que dizem por aí, com essa romantização dos conceitos de “forte, guerreira, heroína, super-poderosa, ‘chute na porta’, *girl power*” e todo um arsenal de discurso hipócrita, que só serve para me desumanizar enquanto mulher – que também chora, tem medo, ansiedade, culpa, cansaço, risos, vícios e desejos. No mais, é como diria Rita Lee e Zélia Duncan (2000), em “Pagu”, “Só quem já morreu na fogueira, sabe o que é ser carvão”.

Ser mãe de Ernesto está no trivial, como almoço com feijão e arroz: na lancheira que não pode faltar biscoito passatempo sem recheio e suco de maracujá; nos dias de festa de São João na escola; nos dias das mães que ganhei bilhetinhos; nos abraços matinais na saída do colégio; no dia que o vi vestido de espantalho de “O Mágico de Oz” e de beca na formatura do ABC - de longe o dia mais feliz da minha vida⁸; no cheirinho de bebê na minha roupa; no leite

⁸ No dia 31/10/2017 fiz um *post* na rede social hospedada no *Facebook*, com o seguinte texto: “Todas as vezes que alguém está celebrando uma conquista, o fechamento de um ciclo, aprendi a admirar, mesmo sem saber exatamente

que jorrou dos meus seios, em carne viva, quando achei que não ia conseguir amamentar; e na total entrega à sensibilidade e à conexão que temos um com o outro.



Figura 1 – Foto de Ernesto na sua Formatura do ABC realizada em 30/10/2017

Fonte: Acervo familiar

Ernesto é para mim a representação da música “Amor de índio”, de Milton Nascimento (2013). Se eu não fosse mãe dele, estaria por aí vendo a vida passar, com ele, eu é que passo na vida. Certamente não seria metade do que sou, não teria sido afetada, no sentido proposto por Spinoza (2020, p. 98), “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. Ernesto não só está incluso nos meus afetos alegres, como é o maior deles. Porque, sem dúvidas, é o que mais me dá dignidade.

como foi o caminho. Ontem um monte de gente, que faz parte de nossas vidas, parou para aplaudir o caminho de Ernesto. Quis a sabedoria do tempo que tivesse a história do Mágico de Oz, como pano de fundo, e foi muito, muito, muito melhor do que eu poderia esperar, imaginar. Ernesto conclui seu ciclo, não só alfabetizado, mas principalmente feliz, como ele mesmo gosta de dizer! Sobre o caminho (tem gente que gosta de saber), teve tanta coisa, tantas pessoas, tanto carinho, que eu nem tenho como agradecer. São 7 anos aprendendo a criar uma vida e 5 anos, para poder dizer, o Autismo está, mas ele não é nossa vida. Sobre corpo e mente, levados à exaustão, muitas vezes adoecidos pelo trabalho, correria de terapia em terapia, estudos, conversas difíceis, falta de energia, frustrações, pelo eterno “A vida é assim, você vai ter que aceitar”, que susurra ao pé do ouvido de uma mãe, que enterrou seu filho vivo, para ver um novo renascer, e ao mesmo tempo teve que encerrar e reprogramar a rota. No fundo este texto é sobre dignidade, que é uma coisa que tem gente que vai passar a vida inteira buscando e nunca vai ter, tem gente que tem e perde, tem gente que ganha, porque conquista, e tem gente que nasceu para ser digno, é o caso do meu filho. Ontem Ernesto conquistou seu diploma do ABC, eu poderia ter aplaudido de joelhos minha gente, mas se tem uma coisa que eu conquistei, nesses 7 anos de convivência com ele, foi dignidade. Estou de pé e de cabeça erguida! *Dedico esta vitória aos professores e professoras de Ernesto, obrigada <3”.

Os afazeres maternos, em conjunto com a minha vida profissional, prepararam-me, de certa maneira, para a abertura de um novo ciclo, que denomino aqui como segunda fase da minha vida acadêmica. Tem início no ano de 2012, com o diagnóstico de autismo de Ernesto, aos dois anos de idade. A cabeça de mãe-professora começou a perceber nele as lacunas da aprendizagem, os estágios de desenvolvimento se dissolvendo em meio a um emaranhado de dúvidas e questionamentos. Logo decidimos colocá-lo na escola. A gente ouvia com frequência frases do tipo “Ele é filho único, só interage com adulto, menino demora mais a falar que menina”, entre outros tantos mitos. Já nos primeiros dias, o autismo gritou, diante das outras crianças. O desenvolvimento dele se mostrou totalmente diferente dos seus pares. Ele evoluiu razoavelmente bem com a rotina escolar, mas em muitos aspectos não avançava e, em meio aos seus colegas, era inegável que ele era diferente daquilo que é tido como “normal”.

Já nos primeiros dias letivos marquei a consulta com a neuropediatra, mas o diagnóstico já sabia que viria, não podia ignorar. Lembro que a médica disse para mim “Mãe, você sabe o que seu filho tem, você trouxe o diagnóstico dele pronto”. Óbvio, eu não fui lá buscar uma contraprova, eu fui apenas para perguntar “E agora, o que eu faço com isso?”. Saí de lá com o encaminhamento para fonoaudiologia, terapia ocupacional e psicoterapia, e com um peso de uma tonelada nos ombros. Lembro que entrei no carro e comecei a chorar desesperadamente. Eu estava enterrando meu filho vivo ali, as idealizações que tinha sobre maternidade, os sonhos que eu tinha sonhado para ele e para nossa família...

Aquilo era o luto⁹, aquilo doía tanto e me destruía, ao mesmo tempo, e de um jeito que eu nem sabia como carregar aquela dor, nem o que fazer com ela, porque eu sabia muito pouco ou quase nada de autismo. Meu companheiro ainda menos que eu. No entanto, Luiz trazia uma paz no olhar, uma autoconfiança de quem sabe o lugar que ocupa no mundo e um autocentramento de coluna inabalável – que são as marcas dele – de que a gente ia reviver juntos. Luiz, de fato, é o pilar que sustenta meu edifício... Naquele momento, ele estava absolutamente tranquilo e com a certeza segura de que a gente iria conseguir entender o que estava acontecendo com nosso filho.

De minha parte, havia dor, mas não havia negação. Nem daria tempo, tudo era muito

⁹ Quando se trata da descoberta do diagnóstico de autismo, há uma expressão que frequentemente escutei, “luto”. Luto vem após a morte, é assim que culturalmente o conheço. No caso específico do autismo, por razões ainda não totalmente determinadas, mas que estão diretamente ligadas à poda neural, que ocorre por volta dos dois anos de idade. É o momento em que as famílias começam a perceber ausências no desenvolvimento da criança, que, não coincidentemente, também é o marco temporal da saída da criança do seio familiar para iniciar a convivência com seus pares na escola. A comunicação que não se desenvolve, as interações quase sempre escassas e/ou inexistentes, são sinais de alerta que, em geral, levam as famílias a buscar especialistas para compreender o que está acontecendo de adverso no desenvolvimento e na aprendizagem da criança.

veloz, tudo tinha urgência, eu estava perdendo meu filho aos poucos, e ainda que eu insistia em funcionar devagar... eu precisei reunir aqueles caquinhos de mãe que me restaram e ir à luta, revidar – é por isso que também se usa uma outra expressão, quando se trata de família de pessoa com deficiência (PcD), é preciso ir “Do luto à luta”.

Eu revidei, acolhendo meu filho, o diagnóstico de autismo e os desígnios da vida. Tive mais uma vez “sorte”, por ser professora, por estar cercada de pessoas queridas¹⁰, que não largaram minha mão, que atendiam aos meus pedidos de ajuda e de informação. Decidi que o autismo iria estar, mas ele nunca seria a identidade de Ernesto. Ao meu filho não seria devida apenas tolerância e respeito, por simplesmente existir. E essa é a principal motivação desta pesquisa, salvar Ernesto das marcas, dos estereótipos e da representação de uma imagem borrada, limitada e desumanizada¹¹ de tudo que ele é, para colocá-lo em devir, na possibilidade de um tornar-se, de um vir a ser. Filho, como um presente, aqui te dedico Fernando Pessoa (1996, p. 36), “Segue o teu destino, rega as tuas plantas, ama as tuas rosas. O resto é a sombra de árvores alheias”.

Assim, Ernesto assumiu, aqui neste desenho cartográfico, a representação de uma das poucas cores que não pode ser recriada a partir de outras cores, o amarelo. Cor do sol, de farol, do ouro, cor que simboliza grandiosidade, iluminação, riqueza. Como canta Emicida (2020), “Dizem que o amor é amarelo” – não à toa dei o amarelo a Ernesto, pois lhe cabe perfeitamente bem. O mesmo amarelo que é a cor mais comum entre as flores, mas que tem no girassol sua representação mais emblemática. Uma flor que se move o tempo todo, que aqui personifica o movimento que busco imprimir nesta escrita.

Nos livros de catalogação das plantas, que estão subdivididos pelas cores, o amarelo é sempre o capítulo mais extenso. É na primavera que isso fica mais patente, pois a maioria das flores que desabrocha é amarela: acácias, mimosas, forssítias, flores de açafraão, primaveras, narcisos, prímulas (Heller, 2013, p. 158).

Ziraldo, na sua obra *Flicts* (2019), descreve o amarelo como uma cor de imensa luz. Eva Heller (2013) define o amarelo como a cor mais clara e mais leve de todas, afirma que “O amarelo é lúdico. O amarelo irradia como um sorriso” (Heller, 2013, p. 153). Portanto, nada mais parecido com Ernesto, com seu valor e personalidade, que o tom amarelo.

Essa compreensão, do que realmente ser mãe de Ernesto significava, atuou na minha

¹⁰ Fato tão bem representado pelo incentivo que recebi para criar a página no *Facebook*, no ano de 2015, denominada “A linha azul”, e pela concepção, feita por mim, do nome da coletânea de textos, denominada “Tons de Azul: múltiplos olhares sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA)”, organizada pela Profa. Dra. Rita de Cácia Santos Souza, no ano de 2017. O símbolo da página “A linha azul” virou tatuagem em braços e pescoço de 10 pessoas, em homenagem ao meu engajamento na causa do autismo.

¹¹ Representada pela ideia de um “anjo azul”.

vida como o “acontecimento”, elaborado por Deleuze, transcendeu o tempo e concebeu algo absolutamente novo. “O acontecimento produz-se em um caos, em uma multiplicidade caótica, com a condição de que intervenha uma espécie de crivo” (Deleuze, 1991, p. 118). Não coincidentemente, momento também em que eu retornava à UFS, agora como professora substituta, nos anos de 2012 e 2013. A superação do “luto” trouxe consigo a necessidade profissional de busca por um novo campo de atuação e me estimulou a adquirir conhecimentos na área da inclusão, para também contribuir com a construção da cultura inclusiva nas escolas em que eu já trabalhava e com a formação de professores.

No ano de 2014, comecei a cursar a Pós-graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia Clínica e Institucional, na Universidade Tiradentes (UNIT), localizada em Aracaju/SE, com o objetivo de me familiarizar ainda mais com a temática da inclusão. No ano de 2015, fui aluna da disciplina isolada de doutorado, denominada “Cultura Inclusiva”, ministrada pela Prof^a Dr^a Rita de Cácia Santos Souza, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Foi especial conhecer a Professora Rita, referência da área de inclusão no estado de Sergipe. Pude me aproximar das práticas pedagógicas de inclusão, das questões que envolvem a formação de professores, conviver com pessoas que compartilhavam realidades semelhantes à minha. Pude participar de um grupo de pesquisa¹² que tinha a questão da deficiência e da inclusão como centro e, o principal, pude transver minha formação acadêmica, como diria Manoel de Barros (2010, p. 350), “É preciso transver o mundo”. Passei a repensar os caminhos que desejava, e também os que não desejava mais, seguir enquanto profissional e pesquisadora.

Em 2013, quando fui aprovada no Concurso Público do Governo do Estado de Sergipe para exercer o cargo de Professora de Educação Básica, precisei reorganizar minha rotina profissional e familiar, especialmente para dar conta de acompanhar Ernesto nas terapias. Por muitas vezes, o cansaço e o desânimo estiveram presentes. Em 2015, reinício a minha dobra com a temática da inclusão, voltando a Vygotsky, dessa vez, conduzida pelas mãos da Profa. Dra. Silvia Ester Orrú, docente da Universidade de Brasília, que me foi apresentada pela Profa. Dra. Silvana Aparecida Bretas, professora do Departamento de Educação (DED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

¹² Inicialmente o grupo se chamava Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência (NUPIEPED), atualmente se chama Núcleo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva (NUPITA).

À época, bati em todas as portas¹³ possíveis para tentar entender o que acontecia com Ernesto. Em uma dessas portas encontrei a Profa. Dra. Silvana Aparecida Bretas. Em um dos nossos encontros, nos corredores do DED, comecei a trocar confidências sobre o diagnóstico de autismo do meu filho. Ela me disse que tinha uma amiga que poderia me ajudar. Mal sabia eu que a amiga dela era uma das referências na área no Brasil. Disse que falaria com ela e, se ela autorizasse, passaria-me o e-mail da Profa. Dra. Silvia Ester Orrú. A resposta chegou rapidamente e na mesma noite escrevi um e-mail gigante para ela e, para minha surpresa, ela respondeu de volta na mesma hora. Nessa troca constante de e-mails, Silvia me apresentou Fundamentos da Defectologia, de Lev Vygotsky (1983), e possibilidades reais de existir nesse novo mundo com meu filho. Nessa convivência virtual, ela me chama, prende-me, provoca-me, acalma-me. Ela troca comigo uma escuta técnica e extremamente sensível sobre inclusão e autismo e, de fato, amadurece-me para o entendimento de que selecionar o conteúdo que eu tinha acesso era algo urgente e necessário. É também pelas mãos de Silvia, que começaram os primeiros incentivos para fazer o doutorado, tendo como temática o autismo.

Comecei com ela uma parceria como leitora de suas obras - é sempre um luxo poder trocar com quem escreve. Passei facilmente a admirá-la como profissional e pesquisadora, como quem admira um farol, em meio a um mar revoltoso. A nossa distância geográfica sempre foi gigante, ela em Brasília, depois em Poços de Caldas/MG, eu em Aracaju/SE, mas a nossa conexão sempre foi imensa. Para estar mais atenta às discussões sobre autismo, comecei a ter acesso aos conteúdos sobre autismo nas redes, logo percebo que existia um mundo de possibilidades e informações de toda ordem, verdadeiras e falsas, e passei a me debruçar sobre esse universo com mais afinco.

1.3. A EMENDA: a dobra a partir do ponto

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”

(Fernando Pessoa)

¹³ Nesse momento inicial, quando recebi o diagnóstico de autismo de Ernesto, não pensei duas vezes, recorri ao DED. Na minha cabeça não haveria lugar mais propício para a aprendizagem que aquele espaço que me formou professora. À época eu era professora substituta na UFS, então vivia por aqueles corredores, lembro que batia em todas as portas, literalmente, em busca de ajuda. Várias delas se abriram para mim e aqui destaco a atenção da Profa. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, que sempre me ouviu com acolhimento, e o carinho da Profa. Dra. Iara Maria Campelo, que me recebeu em sua casa para um café e me deu uma aula sobre autismo e inclusão.

Eu sentia necessidade de travessia, de atravessar e/ou de me deixar atravessar. Havia um espaço-tempo que era preciso transcender. Sem esse movimento, seria inútil seguir. As palavras nem sempre bastam e as teorias também, era preciso abrir o debate, o desafio, o diálogo, a conversa. Foi mesmo para que isso não se tornasse um fardo a carregar que a emenda se fez. Por definição, emenda significa juntar duas partes que se complementam e que podem em dupla se modificar ou corrigir. Penso a emenda como um lugar de adaptação, encaixe, junção de duas partes diferentes que vão constituir um todo. Nunca como um lugar de obviedade metodológica, mas que, por isso mesmo, localiza esta tese no pós-estruturalismo.

Em 2020, em meio ao isolamento físico, imposto pela pandemia do Covid-19, inicio a minha aproximação com os referenciais pós-estruturalistas. Em grande medida por teimosia e pela inquietação de voltar a estudar. Também ansiava uma forma de me reconectar comigo mesma, após a chegada de Francisco, meu segundo filho, que nasceu em 02 novembro de 2019. Compreendi que era necessário pensar as questões da inclusão e da deficiência, a partir também de uma outra lógica: da diferença e da multiplicidade. Eu sentia que precisava resolver algumas lacunas teóricas da minha formação. Por isso procurei a Professora Dra. Dinamara Garcia Feldens, que, de forma acolhedora, inseriu-me no Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS), para que eu pudesse participar das discussões de textos e reuniões *on-line*. Foi quando surgiu o que denominei de emenda,¹⁴ que está na compreensão de que é possível pensar a questão da deficiência e do dignóstico, e, neste escrito, especialmente do autismo, de outras formas, para além de rotulações.

De alguma forma, Deleuze passou a sentar à mesma mesa, que já estava posta, com as ideias de Vygotsky e de referenciais marxistas. Ele, por sua vez, elegantemente, cumprimentou Deleuze e começaram a conversar – um diálogo notavelmente surreal. Lev Vygotsky foi um psicólogo bielo-russo, que viveu apenas 38 anos (1896-1934) e Gilles Deleuze, filósofo francês, que nasceu em 1925 e morreu em 1995. É fato que seria muito mais simples trabalhar aqui tão somente com o uno, descartar o “velho” e abraçar o “novo”. Mas, se é a multiplicidade que me interessa e que me formou, então reafirmo as minhas inconsistências e inconstâncias, reunidas em um diálogo entre um psicólogo e um filósofo. Penso ser importante que esse registro apareça na saída, dando sentido ao meu caminho.

Na prática, uma conversa impossível de existir. Alguns dirão que na teoria também... Mas, para a imaginação, também não deixa de ser interessante exatamente pelo paradoxo da

¹⁴ Segundo Deleuze e Guattari (2011), é a velocidade que transforma o ponto em linha. Eu diria que foi a necessidade de urgência da velocidade que me faz escrever este texto.

sua impossibilidade. Eles traziam beleza separados, mas, uníram-se pela potência de Spinoza, por temas que envolvem arte, estética e política. Trouxeram nuances singulares para o estilo da minha escrita, que pode soar aqui incoerente, e realmente não deixa de ser. Mas fico eu também com a afirmação de Spinoza (2020, p. 223): “Quanto maior é o número de coisas a que uma imagem está referida, tanto mais ela é frequente, ou seja, tanto mais vezes ela torna-se vívida, e tanto mais ocupa a mente”.

Pensar a educação e a inclusão de pessoas com deficiência, a partir de Vygotsky, foram centrais até o momento em que as minhas reflexões acerca desses temas avançaram com os estudos sobre a filosofia da diferença, que está nas multiplicidades e não apenas na diversidade. Está nas ideias, e não apenas no que constitui o corpo e suas relações sociais.

[...] os pares indivíduo-sociedade e natureza-cultura apresentados dentro de uma lógica dialética de ser ou não ser perdem potencialidade explicativa diante da teoria das multiplicidades deleuzianas que vão justamente investir nas conexões e na conjunção ‘e’, longe da lógica dialética hegeliana da contradição (Mostafa, 2008, p. 61-62).

Minha formação, acerca das questões referentes à deficiência, partiu de Lev Vygotsky (1983), quando trata em sua obra *Fundamentos de Defectología*, sobre crianças “defeituosas”, afirma que:

Lo que decide el destino de la persona, en última instancia, no es el defecto en sí mismo, sino sus consecuencias sociales, su realización psicosocial. Los procesos de compensación tampoco están orientados a completar directamente el defecto, lo que la mayor parte de las veces es imposible, sino a superar las dificultades que el defecto crea (Vygotsky, 1983, p. 19).

As palavras desse autor me colocam diante da reflexão de que a centralidade não pode estar no “defeito” em si, naquilo que é biológico, mas sim nas consequências sociais que esse “defeito” cria em cada sujeito e como iremos atuar socialmente e pedagogicamente diante dele. Vygotsky cria conceitos sobre deficiência, pensa possibilidades empíricas de inclusão, demarca, cria uma identidade na minha vida acadêmica. Foi o núcleo da minha formação em Pedagogia.

Deleuze me deu a envergadura necessária para entender que, em um tempo possível, é necessário olhar o múltiplo, com a clareza do devir, da construção, da desconstrução, de um vir a ser. Deu-me também possibilidades de pensar em conceitos que dialogam de forma instigante e política com meu objeto. Esse autor define a diferença como leve, aérea, afirmativa. Descarta a ideia de representação, que contém um pressuposto de unidade, que fatalmente subordina as diferenças. Para Deleuze (2021, p. 57),

A diferença tem sua experiência crucial: toda vez que nos encontramos diante de ou em uma limitação, diante de ou em uma oposição, devemos perguntar o que tal situação supõe. Ela supõe um formigamento de diferenças, um pluralismo de diferenças livres, selvagens ou não domadas, um espaço e um tempo propriamente diferenciais, originais, que persistem através das simplificações do limite e da oposição.

Com sua tese “Diferença e repetição”, Deleuze vira a chave da minha formação e me desafia a pensar para além da questão da inclusão, da deficiência e do autismo. Aos poucos, ele se torna um manto fluído. Ele me desprende, às vezes me dá vertigem, mas em geral me potencializa. Com ele nada é sólido, mas é ele que eu convido para dialogar comigo na escrita do projeto de doutorado “A escola como moldura política dos corpos de pessoas com transtorno do espectro autista (TEA)”, o qual submeti à avaliação do Programa de Pós-graduação em Educação da UFS, no ano de 2021. Projeto este que obteve aprovação¹⁵, para ser orientado pelo Prof. Dr. Fabio Zoboli, que compõe comigo um “Duetto”¹⁶, e que, dá início, de fato, a esta pesquisa “O Alinhavo da *Primavera Autista*: entre o ponto, o molde da identidade e a linha de devir”.

Fiz o contraponto à ideia do ponto, caminhei para possíveis adequações de compreensão no projeto inicial, justificando a escolha do meu objeto, ao longo do primeiro ano do doutorado. O que poderia ser considerado lacuna, falta, erros, foi justamente o troféu que carreguei para

¹⁵ O caminho que me traz ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação da UFS foi moldado em 19 anos de vida acadêmica e 14 anos de vida profissional. Ser professora, que presentemente atua também em sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e ministrando a disciplina Artes, na rede pública de Ensino de Aracaju e do estado de Sergipe, respectivamente, proporciona-me o convívio direto com crianças e jovens com diversas características e deficiências, e me leva à busca constante de conhecimento e de cursos de Formação Continuada. Ser mãe de uma criança com deficiência me leva à compreensão da urgência de ampliar o debate na sociedade sobre a educação, especialmente no tocante às questões da inclusão. Como pesquisadora, observo a necessidade de difundir as pesquisas sobre autismo e inclusão, considerando que essa condição ainda possui um espaço restrito nas pesquisas acadêmicas. Com essas três frentes, tenho um arcabouço que me constitui como pessoa, docente e pesquisadora e que me sustenta na continuidade da minha formação acadêmica, que atualmente se materializou no doutoramento em Educação.

¹⁶ No texto “Carta a Uno: como trabalhamos a dois”, Deleuze (2016) responde em uma carta endereçada a Kuniichi Uno, como foi o seu encontro com Félix Guattari e como eles trabalhavam juntos. Peço licença para citar alguns trechos desse texto, que me remeteram instantaneamente ao encontro com meu orientador. “Não nos conhecíamos, mas um amigo em comum queria que nos conhecêssemos. Contudo, à primeira vista, não havia nada que nos pusesse de acordo. Félix sempre teve muitas dimensões, muitas atividades – psiquiátricas, políticas, trabalho de grupo. É uma ‘estrela’ de grupo. Ou antes seria preciso compará-lo a um mar: sempre móvel em aparência, com brilhos de luz o tempo todo. Ele pode pular de uma atividade a outra, dorme pouco, viaja, não pára. Ele nunca cessa. E tem velocidades extraordinárias. Quanto a mim eu seria antes como uma colina: mexo-me muito pouco, sou incapaz de levar duas empreitadas, minhas ideias são ideias fixas e os raros movimentos que tenho são interiores. [...] Nós dois, Félix e eu, daríamos um bom lutador japonês” (Deleuze, 2016, p. 249). Mais à frente, Deleuze (2016) segue dizendo o que eu gostaria de dizer sobre nossa parceria: “Eu não *largava* do Félix, mesmo quando ele estava cheio; mas Félix me *perseguia*, mesmo quando eu não podia mais. Pouco a pouco, um conceito ganhava uma existência autônoma, que às vezes continuávamos a entender de maneira diferente [...] O trabalho a dois nunca foi uma uniformização, mas antes uma proliferação, uma acumulação de bifurcações, um rizoma” (Deleuze, 2016, p. 251).

sair desse lugar e construir um novo projeto, que hoje se materializa nesta tese. Sobre o erro, fico aqui com a reflexão da poetisa Matilde Campilho (2020, *on-line*):

O erro... eu acho mesmo que o erro é construção. Ontem mesmo eu pensava nisso. Se alguma coisa se atravessa no meu caminho, isso destrói a construção ou é parte dela? [...] Nos últimos anos da minha vida, olhando para trás, sempre que aconteceu o erro, houve uma renovação da história. Houve um começo novo e depois quando a gente olha outra vez, não é exatamente um começo novo, aquilo era uma vírgula e era necessária.

No meu novo projeto, após as primeiras orientações, o problema central se tornou a necessidade de pensar o lugar do conceito de *Identidade Autista* para entender o que é devir. Compreendi também que é preciso ter um território para desterritorializar e refleti que há modulações nesse movimento. Entendo que, muitas vezes, o fluxo será de retorno, de soltar os pontos. E aí que está a emenda, os diálogos teóricos possíveis. Portanto, sempre que necessário, voltarei às marcas do alinhavo para sair delas. No meu entendimento não há contradição nessa composição, há criação, há desejo, há “O Quereres” de Caetano Veloso (1984).

1.4. O MOLDE DA IDENTIDADE E A LINHA DE DEVIR: tensionamentos do alinhavo¹⁷

“[...] não é o ponto que faz a linha, é a linha que arrasta o ponto desterritorializado, que o arrasta para sua influência exterior; então, a linha não vai de um ponto a outro, mas entre os pontos ela corre numa outra direção que os torna indiscerníveis”

(Gilles Deleuze e Félix Guattari)

Para concepção desta tese, parto do ponto, ou seja, o diagnóstico. Saí de minha história com a urgência da velocidade, localizei questionamentos, como por exemplo: o que nos faz diferentes? Esta é uma pergunta aparentemente simples de responder. Algumas possíveis respostas seriam: o fenótipo, o biótipo, o funcionamento cerebral, a personalidade, a raça, uma deficiência, a naturalidade. Antônio Flávio Pierucci (2013) afirma que são esses condicionantes que podem traçar linhas que “[...] falam de superioridade e inferioridade, de inclusão e exclusão, algumas delas muito fortes, sublinhadas, outras mais tênues, quem dera invisíveis, atributos que quase sempre se acham fora do controle dos próprios indivíduos por eles identificados” (Pierucci, 2013, p. 105).

¹⁷ “A expressão reta não sonha” (Barros, 2010, p. 349).

No entanto, outros poderiam simplesmente dizer: somos todos iguais, não há nenhum critério capaz de nos diferenciar enquanto seres humanos da mesma espécie. Ainda ouviria: somos todos diferentes e devemos buscar a igualdade, levando em conta as diferenças. Não objetivo buscar consenso na resposta, mas pondero que é possível que exista uma busca do ser humano por uma igualdade, por uma identidade, que em tese pode garantir direitos e gerar uma sensação de segurança, de pertencimento a um grupo social ou a um espaço físico, dentro de um contexto macropolítico.

Essa busca nos faz escravos de uma cultura do “mais do mesmo”, da anulação das singularidades individuais, da cópia e do cultivo de estereótipos – seja no núcleo familiar, na escola ou nos círculos de convívio. O ser humano, como ser eminentemente social, busca seus pares, seus “iguais” e suas identificações. Em geral, essa tendência nos coloca em pequenas “caixinhas” de categorias e características, nas quais recebemos um rótulo do que somos. É como se a nossa sociedade fosse especialista em classificar e, por conseguinte, incluir e excluir. Para Silva (2009, p. 82), “O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. [...] Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar”.

Nesse universo das “caixinhas” posso excluir aquilo que destoa do padrão de “normalidade” aceito pela sociedade. Leia-se: tudo que destoa do que é “melhor aceito” na “moldura social”. Desconsidera, por conseguinte, a diversidade de classes sociais, gêneros, raças, etnias, bem como as pessoas que possuem algum tipo de deficiência, síndrome ou transtorno. Nesse sentido, corroboro o pensamento de Pierucci (2013), quando afirma que “Ser diferente é um risco de qualquer maneira” (Pierucci, 2013, p. 106).

Ivan Illich (1975) realiza em sua obra, “A expropriação da saúde: nêmesis da medicina”, uma crítica ao poder da medicina e traz especialmente reflexões acerca da sua contraproduktividade global, sendo a ciência médica uma das principais responsáveis por grande parte das dificuldades de libertação que enfrentamos nos dias atuais. De acordo com esse autor, “[...] os cuidados médicos, reeducação e recuperação psíquica seriam apenas diferentes formas de uma programação do homem para adaptá-lo ao meio ambiente programado” (Illich, 1975, p. 91).

Uma estrutura social e política destruidora apresenta como álbi o poder de encher suas vítimas com terapias que elas foram ensinadas a desejar. O consumidor de cuidados da medicina torna-se impotente para curar-se ou curar seus semelhantes. Partidos de direita e de esquerda rivalizam em zelo nessa medicalização da vida, e, com eles, os movimentos de libertação. A invasão da medicina não reconhece limites (Illich, 1975, p. 06).

Localizo minha pesquisa na compreensão de uma das invenções humanas que compõem as “caixinhas” da ciência médica: o autismo. De acordo com Silvia Ester Orrú (2012, p. 17), “O autismo é uma palavra de origem grega (*autós*), que significa por si mesmo. É um termo usado, dentro da psiquiatria para denominar comportamentos humanos que se centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo”.

Entretanto, Gilles Deleuze (2016) afirma que é necessário refutar terminologias que ligam a esquizofrenia, assim como o autismo, aos agenciamentos de causas e sintomas que nomeiam apenas déficits, em detrimento dos processos de subjetivação da pessoa: “[...] esses sintomas aparecem em migalhas, difíceis de totalizar, de unificar numa entidade coerente e bem localizável: por toda parte uma síndrome discordante, sempre em fuga sobre si mesmo.” (Deleuze, 2016, p. 27). É a partir dessa compreensão que justifico a apropriação do aporte teórico deleuziano para esta tese. Entendo que faço uso aqui da concepção estética desse autor, mas para além disso, observo que existe um pano de fundo enquanto teoria social, com caráter eminentemente político, que me dá o fôlego necessário para alinhar conceitos a partir das suas linhas.

“Autismo” é uma palavra muito ruim para designar o corpo sem órgãos e tudo aquilo que se passa sobre ele, que nada tem a ver com uma vida interior apartada da realidade. Perda de realidade, como dizer isso de alguém que vive próximo do real a um ponto insuportável (Deleuze, 2016, p. 31).

Esse autor evoca ao autismo uma segmentaridade flexível, para além de uma identidade que fixa e estagna conceitos. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2009), a identidade é resultado de um processo de construção simbólica e discursiva, é autocontida e autossuficiente. A identidade é que nos assemelha, nos faz iguais, o que nos faz “duplos” de outros, agrupa-nos em caixas/categorias. O conceito de identidade é bastante caro à modernidade, na medida em que a ciência moderna tenta estruturar o mundo e a vida. Desse modo a modernidade nomeia para ordenar, para dar fim ao diverso e múltiplo, ou seja, ao caos. Ao tentar pôr fim a esse movimento cria a norma e, com isso, classifica: distingue, no sentido literal e moral do termo. As “caixas” que capturam/nomeiam o corpo autista são produtos da ciência estrutural moderna.

O ideal é sempre uma ficção, mas sem ele não é possível a comparação, por isso a nossa sociedade opta pelo caminho das formas, dos encaixes. Há um sabotamento das diferenças pela máquina social, que está contido na necessidade de enquadramento, que se instala, inclusive, pelos processos de aprendizagem. Isso vigora como algo definitivo. No entanto, entendo que “deficiente” é quem está separado da sua potência, daquilo que pode.

A problemática sobre as necessidades educativas especiais tem sido concebida, em diversas sociedades, como uma questão abrangente dos aspectos culturais e sociais de um povo que difere nas aparências o “deficiente” e o “não-deficiente”, deixando o rastro de estigma acompanhar e marcar a vida de muitos que, se não fosse a cultura, teria impedido sua capacidade de realização como sujeito (Orrú, 2012, p. 50-51).

Dentro dessa classificação normalizadora, que captura corpos “deficientes”, o corpo da biologia ocupa lugar central. Cunha espaços delimitáveis, topologias, para os sujeitos serem inseridos. Gera, dessa forma, também o que não é normal, a ‘anormalidade’. Por conseguinte, aqueles corpos que porventura ultrapassarem esses limites passam a fazer parte do que não está autorizado, do não legitimado, previsto, prescrito, e, portanto, colocam-se por fora da norma, são objeto de burla, infração.

Pensar o corpo a partir da modernidade é entendê-lo por entre o modelo proposto tradicionalmente no âmbito da ciência hegemônica. Como afirma Sibilia (2002, p. 68), “O saber científico redefiniu o corpo: arrancando-o do homem vivo e escolhendo o cadáver como seu modelo e objeto”. O corpo ficou assim condicionado a uma ideia de natureza pautada em toda uma epistemologia biologicista e fisicalista. As bases epistemológicas ocidentais modernas significaram o corpo em contornos biológicos e físicos, impactando na política e na estética dos seus usos. O assunto da relação entre política e a “materialidade” do corpo passa pelo problema da ordem e das categorias, problema este pautado na necessidade da pressuposição da ordem em relação à subjetivação vivente. Desse processo nasce a conformação estruturalmente aporética que dá base à filosofia política moderna (Esposito, 2017). Transponho estas reflexões para esta pesquisa, a partir do pensamento spinozano:

As relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou o modificam, correspondem intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes. Os afectos são devires. Espinosa pergunta: o que pode um corpo? (Deleuze; Guattari, 2002, p. 44).

De acordo com esses autores, um corpo não pode ser definido pela função que exerce, nem por sua forma, substância ou órgãos que possuem. “Não se define um corpo (ou uma alma) por sua forma, nem por seus órgãos ou funções; tampouco se define um corpo, como uma substância ou um sujeito” (Deleuze, 2002, p. 128). Para Spinoza (2020), a mente humana é a extensão do corpo, o objeto da mente é o corpo existente. Portanto, não há ruptura entre corpo e mente.

Tudo aquilo que acontece no objeto da ideia que constitui a mente humana de ser percebido pela mente humana, ou seja, a ideia daquilo que acontece nesse objeto existirá necessariamente na mente; isto é, se o objeto da ideia que constitui a mente humana é um corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido na mente (Spinoza, 2020, p. 60).

Em suas palavras, Gilles Deleuze (2002) afirma que Spinoza não concebe o corpo por seus órgãos, funções, modos, substância ou sujeito, mas por sua capacidade de afetar e ser afetado. “Eis por que Espinosa lança verdadeiros gritos: não sabeis do que sois capazes, no bom como no mau, não sabeis antecipadamente o que pode um corpo ou uma alma, num encontro, num agenciamento, numa combinação” (Deleuze, 2002, p. 130). Portanto, um corpo nunca pode ser pensado de forma estanque, separado das suas relações com o mundo e com outros corpos. São essas relações que definem a potência de um corpo.

Como Espinosa define um corpo? Um corpo qualquer, Espinosa o define de duas maneiras simultâneas. De um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidades e de lentidões entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado que também define um corpo na sua individualidade. Na aparência são duas proposições muito simples: uma é cinética, e a outra é dinâmica (Deleuze, p. 128, 2002).

Por isso, o corpo biológico enquanto vetor de paradigmas para supor o padrão de normalidade é central nesta tese. A temática do autismo sofreu historicamente com o peso da anatomia que sempre funcionou como fronteira material das relações subjetivas. Cruzar essas fronteiras das categorias “normais”, estipuladas, pode implicar advertências que podem se tornar sujeitas à imoralidade e, inclusive, no limite, ser objeto de punições. As “caixas” identitárias são um dispositivo de poder individualizante, porque é totalizante e tem como objetivo homogeneizar.

Porém, é importante entender essa totalização no sentido que outorga Tiqqun (2019, p. 119), não como “Uma totalização voluntarista a priori, mas como uma calibragem molecular das subjetividades e dos corpos”. O autismo, ou a categoria “deficiente”, é, portanto, uma forma de poder que fragmenta os corpos. Sujeita-os à cultura, às regras, ao mundo. E, no caso desta tese, deixam essas pessoas expostas a uma identidade prevista, prescrita, almejada com referência a uma perspectiva de normalidade. Para potencializar a si mesmo, a ciência moderna criou categorias como estrutura sobre as quais se descarrega: com a intenção de “materializar” a subjetividade dos corpos e reificar seus processos de subjetivação.

Nesse contexto, percebo que na sombra do ponto esteve o conceito de identidade, quase como uma *episteme*¹⁸ que ronda desavisados, mas também necessário para demarcar um

¹⁸ Na menção de Veiga-Neto (2005), Michel Foucault designa a *episteme* como categorias que uso para definir e dividir o mundo social, constituindo verdadeiros sistemas que me permitem pensar, ver e dizer certas coisas, ao mesmo tempo em que impede de ver e dizer tantas outras. A *episteme* funciona enformando as práticas (discursivas e não discursivas) e dando sentido a elas. Ao mesmo tempo, a *episteme* funciona também em decorrência de tais práticas.

primeiro momento, criar uma espécie de registro de existência, dentro de um padrão, de uma norma, que, ao enquadrar nas “caixinhas”, também dá um certo conforto. Gera sentimento de pertença, de representatividade, como se dissesse ser possível estar incluído de alguma forma num universo de iguais, que sentem, sofrem e lutam pelos mesmos ideais.

Com o passar do tempo e das leituras, estabeleceram outras conexões, que denotaram o conhecimento de que existem relações de poder imbricadas nesse processo, com o objetivo central de “normalizar” um determinado grupo, em torno de uma identidade única, a qual chamo de *Identidade Autista*. De acordo com Silva (2015, p. 04), “Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. [...] A identidade normal é ‘natural’, desejável, única”.

Diante disso, sair da esfera da marca da identidade, deixada pelo paradigma médico de classificação - e que nesta tese tem como foco o ambiente das redes, espaços nos quais “A identidade é, ela própria, uma mercadoria” (Han, 2022, p. 19) - foi decisivo para adentrar na compreensão das multiplicidades, que não cabem em nenhuma unidade, estão no devir. De acordo com Deleuze e Guattari (2020, p. 18), “Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação. [...] Devir não é progredir nem regredir segundo uma série”. Silvio Gallo (2015), seguindo os preceitos de Deleuze, afirma que as multiplicidades se realizam em rizomas, estão na heterogeneidade, em conexão, nas alianças - não tem começo, nem fim, apenas cresce e transborda, produzindo encontros e possibilidades.

No registro da multiplicidade, não há redução igualitária possível; somos, todos, diferentes. E não há remédio; não há, de antemão, o que nos reúna, o que nos resolva, o que nos faça “tolerar” uns aos outros. Viver a multiplicidade, viver na multiplicidade, afirmar a diferença é não encontrar o porto seguro da igualdade (Gallo, 2015, p 192).

A filosofia da diferença propõe um mundo sem hierarquias, com relações transversais, conceituadas por Gallo (2015, p. 194) como “[...] exercício de se inventar novas formas de relação, novos atravessamentos, que possibilitem agenciamentos coletivos”. De acordo com Deleuze (2021), a diferença não necessita ser literalmente explicada. Ela apenas existe, é parte da pessoa.

A diferença tem sua experiência crucial: toda vez que nos encontramos diante de ou em uma limitação, diante de ou em uma oposição, devemos perguntar o que tal situação supõe. Ela supõe um formigamento de diferenças, um pluralismo de diferenças livres, selvagens ou não domadas, um espaço e um tempo propriamente

diferenciais, originais, que persistem através das simplificações do limite e da oposição (Deleuze, 2021, p. 58-59).

No campo da educação, a estética causada pelo corpo “anormal” (autista/deficiente) presente no âmbito escolar, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, tem uma potência política para se pensar essas pessoas. São corpos que sugerem novas formas de territorialização, à medida que reconfiguram percepções e causam litígios nos modelos formais. A presença desses corpos, seja no universo das redes, no exercício de práticas de educação não-formal, ou no ambiente escolar, aqui é vista como prenúncio de novas estéticas e novas práticas políticas. A conquista do arcabouço legal inclusivo me faz pensar o “patológico” ou o “anormal” como possibilidade de ampliação de fronteiras, uma nova “norma” de corpo, ou seja, uma nova “norma” de vida.

É que, na superfície da inscrição, algo da ordem de um sujeito que se deixa assinalar. É um estranho sujeito sem identidade fixa, errando sobre um corpo sem órgãos, sempre ao lado das máquinas desejantes, definido pela parte que toma do produto, recolhendo em toda parte o prêmio de um devir ou de um avatar, nascendo dos estados que ele consome e renascendo em cada estado (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30).

Isso posto, chego à necessidade de silenciar para ouvir jovens e adultos autistas, considerando que qualquer outra tentativa seria estabelecer uma “representação” de uma *Identidade Autista*, seria moldura, rotulações, captura da multiplicidade do que pode se definir como ser autista. Para observar o trânsito entre as linhas de fuga, propostas pelos personagens,

escolho o universo das redes sociais *Facebook*¹⁹ e *Instagram*²⁰, para coletar dados de perfis²¹ – que não expressam apenas uma norma, mas principalmente potencialidades, a partir dos seus comportamentos – que têm protagonizado discussões sobre o autismo.

Os dados e as informações coletados são inseridos nesta pesquisa a partir da definição dos processos de subjetivação protagonizados pelas pessoas autistas. De acordo com Deleuze (1992), a subjetivação, enquanto processo, só faz sentido dentro de uma individuação pessoal e coletiva, que sai do uno para incluir vários. Vai além da “pessoa”, da “personificação”, da “identidade” e está vinculada ao acontecimento. É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. “É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder” (Deleuze, 1992, p. 123-124).

Deleuze (1992) afirma que os processos de subjetivação não significam um retorno ao sujeito, na concepção de dever, saber e poder. Quando eles “acontecem”, escapam saberes estabelecidos e o saber dominante. De fato, eles são incapturáveis. “É isso uma subjetivação: dar uma curvatura à linha, fazer com que ela retorne sobre si mesma, ou que a força afete a si mesma. Teremos então os meios de viver, o que de outra maneira seria invivível” (Deleuze, 1992, p. 141).

¹⁹ “O início do *Facebook* se deu em 2003, quando Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes na Universidade de Harvard, desenvolveram uma rede social exclusiva para o campus. Em 2004, Zuckerberg criou o thefacebook.com, que se tornou o *Facebook* no ano seguinte. Hoje, o *Facebook* é a maior rede social do mundo, com mais de 2 bilhões de usuários ativos. Na plataforma, os usuários podem criar um perfil ou uma *fan page*, interagindo entre si através de “likes”, mensagens e compartilhamentos de imagens e textos. De acordo com Mark Zuckerberg, o objetivo da rede social é conectar pessoas, criando um mundo mais transparente. Entre os valores da companhia estão a liberdade de compartilhamento de informações e de conexão, respeito à privacidade dos usuários, liberdade e fluxo livre de informações, igualdade de fundamentos, responsabilidade e transparência. O *Facebook* chegou oficialmente ao Brasil em 2007, quando recebeu suporte à língua portuguesa” (Canaltech, 2022, on-line).

²⁰ “O *Instagram* foi criado por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger em 2010. Poucos meses depois, a rede social se tornou um dos aplicativos mais promissores da *App Store*. Em apenas um ano, o *Instagram* já contava com dez milhões de usuários, sendo que o serviço estava disponível apenas para proprietários de *iPhones* e *iPads*. Em 2012, o *Facebook* comprou o *Instagram* por cerca de 1 bilhão de dólares, no mesmo ano em que a rede social foi disponibilizada para dispositivos *Android*. A rede social permite o compartilhamento de fotos e vídeos, bem como a integração com outros aplicativos. Entre as suas funcionalidades estão a aplicação de filtros, o *Boomerang*, os *Stories*, além das gravações e transmissões de vídeos ao vivo. Atualmente, o *Instagram* também é um dos principais veículos para a publicidade de empresas de todo o mundo. De acordo com a empresa, hoje cerca de 800 milhões de pessoas utilizam a rede social. Para dar conta do crescimento e da intensa atividade, a companhia se baseia em valores como simplicidade, criatividade e privacidade. No Brasil, o *Instagram* é uma das redes sociais mais acessadas. Desde 2015, os brasileiros ocupam lugar de destaque nas estatísticas do aplicativo. Entre os usuários do *Instagram*, a participação dos brasileiros é maior que a média global” (Canaltech, 2022, on-line).

²¹ Nesta tese utilizo o conceito pensado por Fernanda Bruno (2008), que afirma que o perfil é uma espécie de simulação da identidade. “[...] o perfil é um conjunto de traços que não concerne a um indivíduo particular, mas sim expressa relações entre indivíduos, sendo mais interpessoal do que intrapessoal. O seu principal objetivo não é produzir um saber sobre um indivíduo identificável, mas usar um conjunto de informações pessoais para agir sobre similares. O perfil atua, ainda, como categorização da conduta visando a simulação de comportamentos futuros” (Bruno, 2008, p. 13-14).

Assim, algumas questões problematizadoras para esta pesquisa surgiram: qual é o desenho que se estabelece nas narrativas dos jovens e adultos autistas? Como se autodefinem e como se relacionam com os conceitos de identidade e devir, no universo das comunidades virtuais, que prezam pelo protagonismo criativo no universo da cibercultura²²? De que forma pessoas autistas lutam pela garantia da existência de seus corpos? Como a discussão de representatividade e identidade tem sido capturadas e devolvidas por pessoas autistas? De que forma as abordagens comportamentais²³ favorecem/favoreceram a moldura dos corpos das pessoas autistas nas instituições escolares? O que pode um corpo autista? Qual o papel das redes sociais, enquanto espaço de aprendizagem e difusão de conhecimento, dentro de uma perspectiva de educação não-formal, na construção do protagonismo das falas de jovens e adultos autistas?

Essas questões permearam todo o processo de produção deste texto – algumas como fim, outras apenas como meio, algumas seguiram, outras ficaram pelo caminho – foram importantes para o exercício constante de elaboração do pensamento, que para mim é pré-requisito para a escrita de uma tese. De acordo com Deleuze (1992), a filosofia de Foucault traz a seguinte reflexão sobre o pensamento:

Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as ‘visibilidades’, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados. É o pensamento como arquivo. Além disso, pensar é poder, isto é, estender relações de força, com a condição de compreender que as relações de força não se reduzem à violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja, atos, tais como ‘incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável...’. É o pensamento como estratégia (Deleuze, 1992, p. 119-120).

Partindo dessas proposições, chego à perspectiva do enunciado, enquanto estratégia do pensamento necessária à senda, redes, teias, dobras, desvios, relações e tensões teóricas desta pesquisa, que parte do ponto, um laudo diagnóstico, mas também é fratura dele e por ele fraturado. Isso posto, compreendo que o enunciado só faz sentido dentro do contexto elaborado, tendo premissas da realidade exposta e descrita para sua existência. Dessa forma, à medida que

²² O Ciberespaço, que configura uma rede, estará representado nesta pesquisa pelo rizoma de Deleuze e Guattari (2020), conforme o pensamento de Lévy (1999) “A obra da cibercultura participa destes rizomas, deste plano de imanência do ciberespaço. É, portanto, desde o princípio perfurada por túneis ou falhas que a abrem para um exterior inassinalável e conectado por natureza (ou à espera de conexão) com pessoas, com fluxos de dados” (Lévy, 1999, p. 149).

²³ “Em uma abordagem comportamental, os procedimentos para o trabalho com autistas compreendem avaliação comportamental, treino de repertórios de apoio, verbais e perceptivo-motores, treino em interação social, comportamento verbal e comportamentos acadêmicos, cujo objetivo é a redução de comportamentos excessivos e a ampliação da atenção do sujeito” (Orrú, 2012, p. 58).

o enunciado se apresenta é a mesma através da qual se expressa. Não se configura como um modelo a ser reproduzido. Para Gilles Deleuze (1987), um enunciado é inseparável do espaço de raridade que o produz, “[...] Não existe possível nem virtual no domínio dos enunciados, tudo aí é real, e toda a realidade está aí manifesta: só conta aquilo que foi formulado ali, naquele momento, e com aquelas lacunas, aqueles hiatos” (Deleuze, 1987, p. 21).

De acordo com ele, não existe enunciados sem localização. É dentro de um espaço presente de concretude que ele existe e é possível ser dito. Portanto, o enunciado é a forma como a tese aqui é escrita e se materializa em linguagem, como pode ser descrita com palavras, frases e proposições. Para Deleuze (1992), o saber é feito de formas, que está entre o visível e o enunciável.

Era preciso, não remontar aos poucos, mas seguir e desemaranhar as linhas: uma cartografia, que implicava numa microanálise [...] É nos agenciamentos que encontraríamos focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação, sempre relativos, a serem sempre desfeitos a fim de seguirmos ainda mais longe uma linha agitada. Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegariamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras (Deleuze, 1992, p. 109).

Diante do exposto, aquilo que presentifico e que sou capaz de ver e dizer, ou seja, o enunciado que problematizo nesta tese de doutorado, é que a definição de identidade para pessoas autistas possui centralidade em abordagens behavioristas de tratamento e aprendizagem²⁴, pautadas na correção de déficits e baseadas em paradigmas médico/psicologizantes do DSM-5 e da CID-11, o principal objetivo é territorializar os corpos, emoldurar comportamentos e fixar rótulos, dentro de uma *Identidade Autista*, que tem suas bases fincadas no poder biopolítico da ciência, produzindo, por conseguinte, um processo de exclusão classista compulsória e invisibilidades dos processos de subjetivação de pessoas autistas. Em contraposição a essa perspectiva, resalto a existência contemporânea das redes e seus meandros, enquanto espaços de aprendizagem não-formal, que denotam o protagonismo de ideias de jovens e adultos autistas, inseridos no contexto do net-ativismo. São essas pessoas, que estão desterritorializando conceitos, saindo do uno ao múltiplo, desenhando a linha de

²⁴ A exemplo da Análise de Comportamento Aplicada, conhecida como ABA (*Applied Behavior Analysis*) e o TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*) “Tratamento de educação para autistas e crianças com déficits relacionados à comunicação surgiu, em 1966, como uma prática psicopedagógica, a partir de um projeto de pesquisa desenvolvido na Escola de Medicina da Universidade da Carolina do Norte, pelo Dr. Eric Schopler” (Orrú, 2012, p. 60).

Devir Autista para a escrita de tendências²⁵, de “expressões do autismo”²⁶, a partir dos seus processos de subjetivação, que aqui denomino de *Primavera Autista*.

1.5. ESCOLHAS NO PERCURSO DIDÁTICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA: uma cartografia feita a agulhadas sob tecidos coloridos com artefatos artísticos

“O problema não é como findar uma dobra mas como continuá-la, fazê-la atravessar o teto, levá-la ao infinito. É que a dobra não afeta somente todas as matérias, que se tornam, assim, matérias de expressão, de acordo com escalas, velocidades e vetores diferentes (as montanhas e as águas, os papéis, os panos, os tecidos vivos, os cérebros) mas ela determina e faz aparecer a forma, fazendo dela uma forma de expressão”

(Gilles Deleuze)

“Sucedeu que, em certa época desta rede, nos ativéssemos à jangada para evocar suas características singulares. O que se pode de uma jangada beira o inacreditável” (Deligny, 2015, p. 78). Para Fernand Deligny (2015), a simples palavra jangada – conjunto de peças de madeira amarradas, que é feita para flutuar na água e transportar pessoas e mercadorias – figura como gêiser que jorra infinitas possibilidades de analogias. Com ela, esse autor afirma que é possível fazer um sem fim de travessias para atravessar a linguagem. Por isso, aqui, tal qual Deligny, agarro-me à jangada.

Para mim, esta pesquisa se descola em um mar de possibilidades, não há porto, nem âncora para uma jangada que precisa estar solta. Mas jangadas são feitas para navegar e não têm como objetivo o naufrágio, ainda que andem ao sabor das tempestades. Isso não significa estar à deriva. É exatamente essa sensação que a pesquisa me proporciona, a de jangada solta no mar – figura à primeira vista frágil, em meio às redes e teias, mas que, funcionando em bom estado, é capaz de me transportar nessa travessia.

Pesquisas como estas, precisam de caminho, inspiração, prazer, desejo. Precisam de

²⁵ “Para chegar às verdadeiras diferenças, é preciso reencontrar o ponto de vista que permita dividir o misto. São as tendências que se opõem duas a duas, que diferem por natureza. A tendência é que é sujeito. Um ser não é o sujeito, mas a expressão da tendência, e, ainda, um ser é somente a expressão da tendência à medida que ela é contrariada por uma outra tendência” (Deleuze, 2004, p. 39).

²⁶ Para contrapor uma perspectiva de *Identidade Autista*, que fixa o autismo como algo singular, encontro a definição de “expressões”, a partir da conceituação de Gallo (2015, p. 193), “As singularidades não são pessoas ou indivíduos, mas expressões das diferenças que se misturam e se transformam constantemente na medida em que agenciam-se com outras singularidades. As singularidades nunca estão dadas ou prontas, estão sempre em devir, em movimento”.

mar, tal qual a jangada... Por isso mesmo, pesquisas assim precisam de mapa. “Escrever não tem nada a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam em regiões ainda por vir” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 19). Portanto, considero que esta tese tem um plano de navegação para poder pensar nos caminhos, para até mesmo refazê-los, caso fosse necessário. Há recursos para desenhar o curso, há trilhas para prevê-lo e há espaço para construção de novos mapas. “[...] trata-se, aqui, de avaliar o quanto se suporta, em cada situação, o desencantamento das máscaras que estão nos constituindo, sua perda de sentido, nossa desilusão” (Rolnik, 2022, p. 02-03).

É o desejo de mar, que faz um bom tripulante, há muito de técnica, mas há que se considerar também a capacidade intuitiva, em meio às derivas. Sempre que penso em uma pesquisa, creio que existe um ponto entre o naturalmente possível, esperado, que não é de todo ruim, posto que é racional, e de algum modo também é disso que estou falando. Mas não é sobre a primazia da razão - que em certa medida até me cansa, não me engaja, mas sobre a “virada” – uma espécie de dobra – enquanto múltiplas possibilidades de sentir, quase sempre pelo corpo, o que está no devir. É nesse momento que eu penso que se faz o simplesmente avassalador e o disruptivo.

“O desejo faz correr, flui, corta” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 19). Foi o desejo que me moveu como código desejante, que fez com que esta escrita tenha se tornado um prazer, da ordem molecular, mas também uma dor, da ordem molar – sentimentos, que se inter cruzam e se interpenetram nas linhas de fuga, incessantemente. Do meu encontro com Deleuze e Guattari surgiu a necessidade de construir um mapa para a pesquisa e foi assim que a cartografia entrou na minha escrita para a prática da liberdade na estética, na concepção. “A cartografia é uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da extravagância, da exploração” (Oliveira; Paraíso, 2022, p. 163). Acrescento que ela é um pano de fundo, um vulto, uma entidade, uma potência, uma estratégia para acompanhar os processos de subjetivação dos participantes.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como ação política ou como uma meditação (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30).

Essa cartografia deseja tudo que tenha sentido, que tenha capacidade de expressão dentro de um movimento autofágico dançado intensamente entre as linhas do texto e a autora. É da minha fome, do meu *eros*, da minha pulsão, que esse desenho se alimenta. “É como se

alguns caminhos virtuais se colocassem ao caminho real, que assim recebe novos traçados, novas trajetórias” (Deleuze, 2011, p. 90). Assim, apresento minha cartografia, conforme afirma Deleuze (2011), alinhavada tal qual um mapa de virtualidades, traçado pela arte. É a sensação da agulha quando atravessa meu tecido, é a ponte que eu precisava para bordar meus conceitos, minhas dobras e os acontecimentos que cronicamente ou poeticamente ilustram esta pesquisa.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias (Rolnik, 2022, p. 01).

De certo modo, é uma captura, um encaixe para a fluidez que eu buscava. Não como um método de pesquisa, mas diante do alinhavo, faz-se enquanto um devir-agulha necessário. Agulha que interage com as linhas, por onde passam os fios, instrumento que borda, costura, funciona nas mãos ou nas máquinas. Também pode furar dedos, em um descuido, pode cortar, dar agulhadas, tirar sangue da carne. Por isso, sei que preciso redobrar minha atenção na sua utilização²⁷. De fato, conforme Suely Rolnik (2022), o cartógrafo aprende a partir do movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação, dentro de um processo, que muitas vezes parece de desestabilização, desorientação, desterritorialização - às vezes não só parece, como o é, mas que tem como objetivo canalizar fluxos e intensidades, para lhes dar sentidos, sem esquecer que a prática do cartógrafo é essencialmente política.

O argumento teórico que penso poeticamente para esta pesquisa localiza-se entre artefatos artísticos – compostos por versos, melodias, pinturas, bordados e cores. O alinhavo também me toca a partir do conceito de ponto, enquanto base da geometria; de diferentes tipos de linhas: físicas, metafísicas, geométricas, molares, moleculares, de fuga, erráticas. A forma como a costura é feita pela agulha, pelo entrelaçamento das linhas em tecidos coloridos, mostra-me que ela vai se desenhando conforme o tipo de ponto que é dado na repetição desse ciclo. Exatamente como está na repetição de Manoel de Barros (2010, p. 300): “Repetir, repetir, até ficar diferente – repetir é um dom de estilo”, que casa nesta tese com a “Diferença e Repetição” de Gilles Deleuze (1988).

²⁷ “A regra do cartógrafo então é muito simples: é só nunca esquecer de considerar esse “limiar”. Regra de prudência. Regra de delicadeza para com a vida. Regra que agiliza, mas não atenua seu princípio: essa sua regra permite discriminar os graus de perigo e de potência, funcionando como alerta nos momentos necessários. É que, a partir de um certo limite – que o corpo vibrátil reconhece muito bem – a reatividade das forças deixa de ser reconversível em atividade e começa a agir no sentido da pura destruição de si mesmo e/ou do outro: quando isso acontece, o cartógrafo, em nome da vida, pode e deve ser absolutamente impiedoso” (Rolnik, 2022, p. 01).

A inspiração advém da escuta, da autoescuta e da observação do balanço das árvores e da água em meio às pedras. O modo como a natureza busca seus caminhos – contraditoriamente de forma não-linear – conforme afirma Vinciguerra (2020, p. 51), “*Así como no se obtiene una línea sumando puntos, ni la duración com instantes, tampoco se obtiene um número adicionando cerros*”. Mais uma vez parece que casa aqui com os escritos de Deleuze e Guattari (2012d). Eles utilizam ideias que partem de linhas para construir conceitos, assim como Arthur Bispo do Rosário fazia em suas obras, sob o tecido da loucura.

Indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. São linhas que nos compõem, diríamos três espécies de linhas. Ou, antes, conjuntos de linhas, pois cada espécie é múltipla. Podemos nos interessar por uma dessas linhas mais do que pelas outras... se estiver presente. Pois, de todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas em nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las, traçando-as efetivamente na vida (Deleuze; Guattari, 2012d, p. 83).

De acordo com esses autores, essas linhas se movimentam através de um entrelaçamento entre a linha molar, de segmentaridade dura, também chamada de corte ou recorte – que tem segmentos e endurecimentos binários, dicotômicos, costumeiros, que fixa identidades – e a linha de fuga ou de ruptura – que é complexa, possui singularidades, está no campo da criação e da experimentação. Entre as duas, existe a linha molecular, de segmentaridade flexível, a qual chamo de fissura.

Se reatribuímos à palavra “linha” um sentido muito geral, vemos que não há somente duas linhas, mas três linhas efetivamente: 1) Uma linha relativamente flexível de códigos e de territorialidades entrelaçados; é por isso que partimos de uma segmentaridade dita primitiva, na qual as segmentações de territórios e de linhagens compunham o espaço social; 2) Uma linha dura que opera a organização dual dos segmentos, a concentricidade dos círculos em ressonância, a sobrecodificação generalizada: o espaço social implica aqui um aparelho de Estado. É um sistema outro que o primitivo, precisamente porque a sobrecodificação não é um código ainda mais forte, mas um procedimento específico, diferente daquele dos códigos (assim como a reterritorialização não é um território a mais, mas se faz num outro espaço que os territórios – precisamente, no espaço geométrico sobrecodificado); 3) Uma ou algumas linhas de fuga, marcadas por quanta, definidas por descodificação e desterritorialização (há sempre algo como uma máquina de guerra funcionando nessas linhas) (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 112).

De acordo com Deleuze (2016), essas três linhas não possuem a mesma marcha, nem as mesmas velocidades, territorialidades e desterritorializações. Assim como cada uma dessas linhas, em algum momento, podem se dobrar uma na outra, entrelaçar-se – ainda que em tensionamento na disputa pela forma de funcionar – e se converter uma na outra. Portanto, a

partir do pensamento de Deleuze e Guattari (2012a), não é possível pensar em dualismos ou dicotomias entre essas linhas.

Com esse pano de fundo, conceituo o verbo transitivo direto alinhar, que significa ajustar com pontos largos o que depois tem de ser construído com outros pontos menores. É uma tentativa de fazer uma costura, que não necessariamente virá a ser o que se pretendeu inicialmente. No entanto, sem desprezar a vontade de tecer uma forma, aqui faço um alinhavo, para dar vida a um rizoma. Entendo esse processo também como apenas uma construção apressada da peça, com pontos espaçados e frouxos, seguidos por linhas largas, tão somente rascunhadas... “[...] nada é belo, nada é amoroso, nada é político a não ser que sejam arbustos subterrâneos e as raízes aéreas, o adventício e o rizoma” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 34).

A primeira coisa a ser dita para a compreensão da minha escolha epistemológica é que aqui o diagnóstico é o ponto, o princípio, sob a definição de Fernand Deligny (2020, p. 04), “Marca, signo, objeto visível extremamente pequeno”. Sendo tão somente uma pequena porção principiante, portanto, afirmo que não há na construção nenhuma pretensão de ser isenta, imparcial, neutra, fixa, rígida. Estou dentro do texto e diretamente implicada nele. Implicações de diversas nuances, que vibram entre si, em rede... seja em um ponto vermelho, onde tudo começa, mas não resume; seja na caixa de linhas coloridas de crochê de minha mãe; seja no meu total apaixonamento pelo meu filho; seja na busca pela “virada” na minha escrita. Seja na vibração que movimenta meu corpo nesta tese; seja na necessidade de deixar aqui uma tentativa de novidade, mas também um espólio. Seja o fim que desenha também uma possibilidade de continuidade.

O fazer cartográfico assume o tamanho de um mangue, que aprendi a respeitar da janela do meu quarto na juventude: raízes sem início nem fim, um meio, um entremeio. Nas minhas melhores lembranças, está aquele cheiro de lama, que abrigava um berçário de vida pulsante. Hoje representa as possibilidades infinitas de fazer uma tese. Entre todas as possíveis, rasguei algumas, arrisquei, escolhi a aventura de traçar mapas, trabalhar nas derivas, alisar meu campo, admirar as parcerias que encontrei pelo caminho, com as quais tanto aprendo.

Sozinha, seria certamente pouco importante. Apenas alguém contando mais uma história de vida, que por mais interessante que fosse esteticamente, não avançaria no foco principal que almejo: fazer deste texto um manifesto político. Ao ler a obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, Rodrigo Guéron (2020) afirma que, para esses autores, é o acontecimento, enquanto criação que surge no coração de um agenciamento, que define uma ação política. “Política é a ação criadora que se dá nesta zona de indiscernibilidade entre o polo físico e o semiótico do agenciamento: a região do acontecimento. É nesta que temos a dimensão de uma

univocidade criadora, a univocidade do próprio ser tomado como criação e devir” (Guéron, 2020, p. 326-327).

Portanto, o que há de real aqui é a concepção política de diversos acontecimentos – que também é exatamente o que há de subjetivo – que, em certa medida, está na minha forma de expressão; está nas falas, nos diálogos, nas narrativas, nos textinhos e nos “textões” dos participantes, que também escreveram esta pesquisa. Costumo dizer que a minha dispersão faz com que eu necessite estabelecer métodos e estratégias para escolhas e tomadas de decisões. Para iniciar a escrita desta tese não foi diferente. Primeiro, caminhei pelo não-necessário, não-importante, não-verdade, não-querer... descartei algumas possibilidades para chegar a algo que fosse capaz de movimentar meus pensamentos de forma poética.

[...] construímos nossos modos de pesquisar movimentando-nos de várias maneiras: para lá e para cá, de um lado para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas, afastando-nos e aproximando-nos. Afastamo-nos daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto. Aproximamo-nos daqueles pensamentos que nos movem, colocam em xeque nossas verdades e nos auxiliam a encontrar caminhos para responder nossas interrogações. Movimentamo-nos para impedir a “paralisia” das informações que produzimos e que precisamos descrever-analisar. Movimentamo-nos, em síntese, para multiplicar sentidos, forma, lutas (Meyer; Paraíso, 2012, p. 16-17).

É fato que aqui há vida pulsante, com intensidade e diversos sentidos e formas na escrita. Aí está a beleza na construção da cartografia, enquanto aposta possível para a composição de um rizoma. Conforme afirma Deleuze e Guattari (2012a), um rizoma não se sustenta por nenhum modelo estrutural ou unidade pivotante, sob a qual se constrói camadas sucessivas. Ao contrário, a proposta de um rizoma é desterritorializar um território, sem que isso presentifique a partir de uma norma, ou argumento histórico fundante.

“Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 25). São os atravessamentos que perpassam as matizes do presente, como possibilidades de criação, que denotam uma sucessão de composições que me mobiliza para a criação deste alinhavo. Portanto, corroboro a ideia de que “O rizoma é uma antigenealogia.” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 28). Esses autores afirmam que é estranho ao rizoma qualquer tipo de eixo estrutural.

Cerco-me da ideia de rizoma, pela referência manguezal com suas raízes escoras que se amplificam, para afirmar que esse conceito é um dos princípios da cartografia. Conforme afirma Deleuze e Guattari (2012a), o rizoma conjuga os fluxos desterritorializados e amplia os territórios. “Ele tem como finalidade a descrição de um estado de fato, o reequilíbrio de

correlações intersubjetivas, ou a exploração de um inconsciente já dado camuflado, nos recantos obscuros da memória e da linguagem” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 30).

Esses autores afirmam que o mapa se opõe ao decalque porque se ancora em uma experimentação advinda do real. O decalque restringe a realidade à uma representação dela, enquanto o traçar de um mapa envolve acompanhar os processos de forma aberta à diferença. Segundo Deleuze e Guattari (2012a, p. 30), “Diferente é rizoma, *mapa e não decalque*. Fazer o mapa, não o decalque”. Nesse sentido, o mapa aqui traçado não se restringe a um decalque, faz parte de um rizoma.

Por isso mesmo, escolho um referencial epistemológico pós-estruturalista, buscando essencialmente um diálogo possível e contínuo de dentro e para fora e vice-versa no alinhavo. “Estimular, em matéria de identidade, o impensado, o arriscado, o inexplorado, o ambíguo, em vez do consensual, do assegurado, do conhecido e do assentado. Favorecer, enfim, toda experimentação que torne difícil o retorno do eu e do nós ao idêntico” (Silva, 2009, p. 100). Esse é meu desafio...

Construí a pesquisa, respeitando as Normas do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS)²⁸, com abordagem qualitativa. Toda concepção de pesquisa requer um par que a leve no desenho dos seus passos. Escolhi um viés qualitativo, com o objetivo de fazer com que meu objeto ganhasse potência, sob a ótica do referencial teórico pós-estruturalista. Busquei valorizar as pessoas por aquilo que elas podem, não por aquilo que elas são, e como elas se relacionam com aquilo que podem. Portanto, essa escolha não foi feita pautada apenas em técnica, mas em ritmo, na fluidez com o que busco investigar.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 1994, p. 21-22).

Por ser um tema de caráter inovador – posto que não identifiquei na feitura do estado da arte pesquisas semelhantes, que discutam a *Identidade Autista*, tampouco um *Devir Autista* – tendo como protagonismo os dizeres das pessoas autistas. Segui explorando... tateei caminhos

²⁸ A pesquisa foi submetida à análise da Plataforma Brasil em 10 de janeiro de 2023 e foi recebida para análise do Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe em 19 de janeiro de 2023. Foi aprovada pelo CEP em 17 de abril de 2023 (Ver Anexo I – p. 287).

e possibilidades. Com o desenrolar da minha investigação, comecei a perceber a existência de uma composição interessante formada por jovens e adultos autistas em ambientes virtuais, especialmente nos espaços das redes sociais. A forma como os mesmos interagem em seus perfis, a exposição de partes de suas vidas, dúvidas e insatisfações em torno das questões que permeiam suas existências, indicaram-me esse universo como uma possibilidade real de campo a ser explorado.

Percebi que, nesses espaços, pessoas autistas estavam elaborando estratégias de diálogos com perfis diversos, lidando diretamente com o controle social e algorítmico e, ainda assim, buscavam encontrar possibilidades moleculares de lidar com as limitações impostas não só pela sociedade, como também pelo poder que a medicina exerce sob seus corpos. A partir dessas análises iniciais, o que se apresentou para mim, é que, nesse universo existe produção de conhecimento e processos de aprendizagem que ocorrem no campo virtual. Portanto, elaborei inicialmente uma questão: quem são esses jovens e adultos autistas que criam saberes, a partir de suas vozes nas redes sociais? Para tanto, cito a linha de compreensão de Massimo Di Felice (2020, p. 20), quando afirma que:

O processo de digitalização produz uma alteração ontológica da matéria e do estatuto da realidade; um mundo e uma realidade que não são mais dados e objetivos, mas que estão como eventos e em eterno devir; sobretudo, um mundo e uma realidade a serem construídos pelo diálogo com dados, com arquiteturas digitais interagentes e por meio das conexões a redes inteligentes maiores, por extensão e eficiência, do que aquelas humanas.

Após escolher o campo e selecionar os perfis, de forma complementar, foi ofertado previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – ver Apêndice VI, p. 279) para a realização das entrevistas semiestruturadas (ver roteiro de entrevistas no Apêndice I, p. 273), de forma presencial e *on-line*. As entrevistas foram realizadas após o exame de qualificação do texto e autorização do Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe. Enquanto estratégia de pesquisa, a entrevista “[...] é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (Gil, 2002, p. 117). Meu objetivo era ter um guia de perguntas e problematizações, mas com liberdade de abordar o tema proposto, conforme a fluidez da conversa com os participantes da pesquisa.

Para elucidar esses acontecimentos, pensei em uma maneira possível de buscar elementos múltiplos. A minha imersão no universo da cibercultura foi feita ao longo de 2 meses (março e abril de 2024), aproveitando o engajamento do termo “Autismo”, nas redes,

proporcionado pelo Dia Mundial de Conscientização do Autismo, dia 02 de abril. Esse alinhavo se deu a partir do acompanhamento de perfis de 5 jovens e/ou adultos autistas, maiores de 18 anos e plenamente capazes, que se enquadram na categoria de influenciadores digitais, da rede social *Facebook* e/ou *Instagram*. A amostragem foi composta da seguinte forma: 2 autistas sergipanos, matriculados na Universidade Federal de Sergipe, com os quais foi feita a observação de suas redes sociais e entrevistas semi-estruturadas presenciais, e 3 autistas de outros estados, com os quais também realizei o acompanhamento das postagens nas redes e entrevistas semiestruturadas – nesses casos elas foram realizadas na modalidade *on-line*.

Segui o seguinte roteiro para o convite dos participantes: solicitação de amizade, através dos perfis públicos das redes sociais; apresentação da pesquisadora e da pesquisa via mensagens privadas nos *directs*; convite informal para participação na pesquisa; caso haja aceite, envio via *e-mail*, com apenas um remetente e um destinatário, dos documentos e termos para assinatura e aceite formal de participação na pesquisa. O processo de produção de informações foi iniciado apenas após aceite formal dos participantes, conforme garantia de sigilo de suas identidades.

Convidei 2 participantes regularmente matriculados na Universidade Federal de Sergipe (UFS), a partir de informações disponíveis nas suas redes sociais públicas, com os quais realizei a entrevista semiestruturada na sala da Divisão de Ações Inclusivas (DAIN) da UFS, a qual disponibilizou Termo de Anuência para a realização da pesquisa (Apêndice II, p. 274). Os demais 3 participantes, convidei a partir de suas redes sociais públicas.

Todos os participantes têm suas identidades protegidas e recebem codinomes de cores. Para realizar esta escolha levei em consideração os seguintes critérios: protagonismo de ideias; diversidade étnica e de gênero; capacidade de engajamento; potencial na difusão de informações sobre expressões do autismo, dentro e fora das redes.

O discurso como ferramenta analítica possibilita sistematizar a geração dos dados empíricos de maneira a compreender os sentidos atribuídos à sociedade em que vivemos. Um processo de análise que lança um olhar em como as realidades se tornam de determinada maneira, sem recorrer a essencialismos do que está escondido ou de como deveriam ser as realidades (Silva, 2020, p. 290).

Após o processo de produção de informações, com a realização das entrevistas semiestruturadas, realizei a seleção de postagens nas redes dos participantes e parti para a transcrição das entrevistas, tabulação e seleção dos dados que se relacionam diretamente com o principal objetivo da pesquisa: alinhavar a composição do conceito da *Primavera Autista*. Em seguida, fiz as análises dos mesmos. Busquei o confronto com o enunciado sugerido

inicialmente e estabeleci diálogos com o caminho percorrido, a fim de elucidar interpretações dos meus achados, como “[...] atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 168).

Sobre esse delineamento da pesquisa, também acredito ser importante destacar a vontade de não querer mais caber em “molduras”, que atualmente jovens e adultos²⁹ autistas têm protagonizado, especialmente através dos espaços de convivência e de aprendizagem que estão inseridos na esfera de largo alcance das redes sociais, através do net-ativismo. Para Di Felice (2019), esse fenômeno é fruto da explosão do acesso à internet dos últimos anos. A partir disso, são organizadas diversas formas de conectividade, que por sua vez suscita novas formas de participação, construindo um novo formato de organização e atuação. É neste *locus*, denominado ciberespaço, que localizo os participantes desta pesquisa.

As transformações tecnológicas nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e uma tendência heterogenética, quer dizer, um reforço da heterogeneidade e da singularização dos seus componentes (Guattari, 1992, p. 15).

Entendo que a busca pela contraposição entre a identidade e a linha de devir encontra um ambiente propício a partir das estratégias de comunicação que circulam nas redes. É lá onde tem ocorrido as principais disputas, questionamentos e tensionamentos de ideias, onde está atualmente presente novos processos não-universalizantes de ensino e aprendizagem, novas músicas, novos versos, novas palavras, tudo que é transitório das formas de dizer o delírio, ou seja, o caos. “O caos, ao invés de ser um fator de dissolução absoluto da complexidade torna-se o portador virtual de uma complexificação infinita” (Guattari, 1992, p. 78).

A elaboração das possíveis conclusões é uma das etapas mais importantes da pesquisa, visto que me depararei com a minha trajetória metodológica, com o que foi definido preliminarmente como instrumentos de pesquisa e com o que foi possível ser realizado,

²⁹ “Não é ao acaso que o movimento de pessoas com deficiência adota o lema: nada sobre nós, sem nós, afinal suas vozes não são ouvidas e as escolhas e decisões políticas específicas para esse público terem sido definidas, na maioria das vezes, por pessoas sem deficiência – “iguais em capacidades físicas e mentais”. (Machado, 2021, p. 16). No entanto, para esta pesquisa, levo como princípio o pensamento desenvolvido por Rosângela Machado (2021), “[...] pensando que o lema ‘nada sobre nós, sem nós’ significa o apelo daqueles que não foram incluídos nas decisões dos princípios políticos, cabe dizer que o outro lema **tudo sobre nós, com todos nós** significa que pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência têm o compromisso de fazer parte de uma comunidade moral preocupada com a garantia dos direitos humanos fundamentais de todo e qualquer cidadão” (Machado, 2021, p. 21-22) (grifo nosso).

juntamente com os dados que tinha em mãos. Em todo esse processo existe um movimento, um alinhavo concebido essencialmente pela palavra.

A palavra que se toma não é uma palavra que se possa ter ou da qual alguém possa se apropriar, mas é, melhor dizendo, uma palavra que vem ou que advém quando alguém se abandona à palavra, quando alguém se coloca em disposição de escutar a palavra que vem. A palavra que se toma é imprevista e imprevisível, escapa a qualquer vontade a qualquer domínio, é sempre surpreendente, sempre nos surpreende. Por isso, a liberdade de tomar a palavra não deve ser entendida como poder ou como propriedade, mas como uma abertura para o novo e para o desconhecido (Larrosa, 2019, p. 182).

A busca pelos contextos, contextualizações e processos de subjetivações, em torno dos meus personagens, é o principal foco nesta pesquisa. É importante ressaltar que não tenho objetivo de desenhar uma representação, e compreendo que “No centro da crítica da identidade e da diferença está uma crítica das suas formas de representação” (Silva, 2009, p. 91). Meu objetivo é alinhar a multiplicidade de ideias, corpos, interesses e potências que podem existir no universo das pessoas autistas. Com isso, reitero que não objetivo estabelecer generalizações no estudo, mas intenciono expor a trilha exploratória, refletindo sobre possibilidades de caminhos, deixando linhas soltas para a continuidade das pesquisas acerca do objeto apresentado neste desenho metodológico, o qual não é, não pode, não deve e nem quer ser estático.

2. FIXANDO A IDENTIDADE AUTISTA: a modelagem da forma

“Não és bom, nem és mau: és triste e humano... vives ansiando, em maldições e preces, como se, a arder, no coração tivesses o tumulto e o clamor de um largo oceano. Pobre, no bem como no mal, padeces; e, rolando num vórtice vesano, oscilas entre a crença e o desengano, entre esperanças e desinteresses. Capaz de horrores e de ações sublimes, não ficas das virtudes satisfeito, nem te arrependes, infeliz, dos crimes: e, no perpétuo ideal que te devora, residem juntamente no teu peito um demônio que ruge e um deus que chora”

(Olavo Bilac)

Mundo azul, anjo azul, quebra-cabeça, eterna criança especial, benção que um Deus consolador só dá a quem merece³⁰... pena. É seu fardo, carregue isso como um castigo, siga rumo ao discurso cristão da glória eterna, penitenciando-se todos os dias como se sofrimento fosse motivo de orgulho. Sinto dizer, mas não o é. Não acredito que ninguém vai ao céu por ter um filho autista, ninguém é tão santo assim: nem os pais mais abnegados que precisam abandonar o trabalho para cuidar do filho, nem as famílias azuis que não conseguem vagas em escolas regulares para seus filhos, nem as mães azuis abandonadas por seus maridos, ou devotadas a eles, por terem parido anjos azuis³¹. É como os versos de Caetano (2006) “Todo corpo em movimento está cheio de inferno e céu”.

Não há romantismo, nem invocação de fé representada pela imagem da Sagrada Família, nem roupa, que comporte a enxurrada de absurdos e de surtos coletivos que atualmente giram em torno do autismo – muitos deles com tom puramente moral. Gente mal-intencionada, que enriquece às custas de famílias desesperadas por um tratamento eficaz e de curto prazo; mentiras amplamente divulgadas nas redes, para milhares de seguidores, bancadas, muitas vezes, por associações de pais de pessoas autistas, sob a justificativa de estarem baseadas em evidências científicas.

³⁰ De todas as elucubrações que envolvem o autismo – e muitas delas beiram o preconceito bizarro, a irresponsabilidade social e o crime – talvez a ligação do diagnóstico de autismo à culpa cristã seja para mim a pior de todas, por que isso não deveria nunca, sequer, ser citado como uma possibilidade. Nesse sentido, corroboro a afirmação de Ivan Illich (1975, p. 164): “A invocação do sagrado está fora de questão na crise que vivemos atualmente. O recurso à fé decerto forneceria uma escapatória aos crentes, mas não poderia fundar um imperativo moral já que a fé ou se tem ou não se tem. O crente não pode desaprovar o não crente por não tê-la”.

³¹ A expressão “anjo azul” é comumente utilizada para denominar pessoas diagnosticadas autistas, especialmente pelo imaginário construído acerca do tema. É comum ouvi-la sob a justificativa de que “autista não mente”, “não mascara sentimentos”. Além do conceito criado em torno das famílias que convivem com o autismo, que de tão desafiador e incompreensivo, torna-se uma “benção”, que no mais coloca essa família em um patamar “sublime” e “puro”.

O autismo se transformou em um palanque para falsos profetas que generalizam o termo e vendem uma possível “cura” ou saída do espectro. Ideias distorcidas como a ligação direta do autismo a uma imagem de genialidade dos *savants*³²; a definição de Síndrome de Asperger, utilizada até os nossos dias por médicos “desavisados”, feita pelo pediatra austríaco Hans Asperger (1906-1980)³³; o conceito de “autismo virtual”³⁴, contraído a partir do uso excessivo de tecnologias; a divulgação de uma “máquina para diagnosticar autismo em bebês”³⁵. Pesquisas feitas por mensageiros do apocalipse que anunciam o aumento de diagnósticos como uma “epidemia de autismo”, que o determina como algo contagioso que deve ser combatido para ser extinto, entre tantas outras situações que desafiam a minha paciência e disponibilidade de tempo para elencar. De acordo com Donna Haraway (1985, p. 47), “A consciência da exclusão que é produzida por meio do ato de nomeação é aguda. As identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas”.

O que se rompe a partir das identidades, que demarcam a forma, nas teias de uma linha molar, que desumaniza pessoas, em nome de distorções de suas singularidades, é efetivamente um projeto da modernidade. No caso do autismo, todo o arcabouço epistemológico que concebe essa categoria se pauta em imagens, símbolos, definições biomédicas, um uno, que, em grande medida, descarta o múltiplo, que é a principal característica do humano. É aquilo que está posto, na ideia descrita por Silvia Ester Orrú (2020, p. 102), como “Paradigma da distorção”:

Em meio ao paradigma da distorção, a diferença é concebida como um feito ao invés de ser agregada como um valor, um atributo próprio da espécie humana. A extirpação das diferenças pelas próprias diferenças se configura o mote das representações imagéticas por meio dos agrupamentos de pessoas conforme as características que configuram a categoria à qual são encaixadas.

³² O savantismo, que durante muito tempo esteve ligado de forma equivocada à Síndrome de Asperger (termo que entrou em desuso e foi aglutinado ao espectro do autismo), é caracterizado pela definição de genialidade em pessoas com altas habilidades em áreas específicas e/ou superdotação. Essa ideia de que por trás de todo autista há um gênio, com comportamento desafiador, é retratada em obras como o filme *Rain Man* (1988) e a série *The Good Doctor*, lançada em 2017.

³³ De acordo com estudo, realizado em 2018, publicado no periódico *Molecular Autism*, o médico Hans Asperger, um dos primeiros pesquisadores a descrever o autismo, cooperou com o regime Nazista, estando envolvido com o envio de dezenas de crianças para a morte, enquanto defensor de uma política de eutanásia para algumas doenças e deficiências, que tinha como principal objetivo realizar uma “limpeza” entre o povo germânico, expressando com essa prática uma concepção eugênica.

³⁴ Ficou conhecido também como “autismo de tela”. Essa teoria surgiu durante a pandemia do Covid-19, momento em que muitas crianças ficaram expostas às telas, de forma excessiva e abusiva, e, por conta disso, começariam a “manifestar sintomas” do Autismo. O grande problema dessa formulação é que me coloca diante de um possível “autismo adquirido”, como se fosse possível “tornar-se autista”.

³⁵ Em 18 de janeiro de 2023, o Prof. Dr. Lucelmo Lacerda, também pai de autista, publicou no Canal do *Youtube* “Saber Autismo” um vídeo com o seguinte título “O diagnóstico do Autismo vai mudar em 2023”. Na descrição do vídeo está informado que acabava de ser registrada uma máquina com a tecnologia *Eye-Tracking*, na instituição norte-americana FGA (*Food and Drug Administration*), cujo objetivo seria fazer rastreamento de autismo em bebês de até 30 meses, facilitando assim o diagnóstico precoce, especialmente em países que ele denomina como “subdesenvolvidos”, a exemplo do Brasil.

Para essa autora, o efeito psicológico, causado pela necessidade de pertencimento, é bastante efetivo e coaduna, em grande parte, com o que está posto como “Paradigma da distorção”, o qual se cerca de imagens para produzir discursos que, muitas vezes, ferem a existência humana. Orrú (2020) define imagem como “[...] representação perceptível de uma ideia” (Orrú, 2020, p. 16-17) ou “[...] recurso de significação” (Orrú, 2020, p. 21). Para ela, a imagem resguarda sentidos que dialogam com o momento histórico-social, no qual se produzem e reproduzem identidades.

As imagens escoltadas pelas frases curtas e convincentes, projetadas pela mídia, estampam o enunciado pretendido pela alta-roda dominante que patrocina o controle social. Produzem sentidos. Imagens que se espelham e representam, ardilosamente, realidades alternativas. Uma realidade costumeiramente espelhada de modo romanceado, impessoal, distante do cotidiano, apartada dos fatos históricos, uma realidade colonizada pelos seus colonizadores (Orrú, 2020, p. 36).

Quando penso em autismo, algumas imagens, em geral, saltam de caixas para elucidar suas marcas e modulações. É o que Charles Sanders Peirce (2012) denomina como signos – que representam basicamente um determinado objeto, coisa ou alguém – que se abre em uma chave composta por ícones, índices e símbolos, que denotam espécies de coisas. De acordo com esse autor, “Um *Símbolo* é um signo naturalmente adequado a declarar que o conjunto de objetos que é denotado por qualquer conjunto de índices que possa, sob certos aspectos, a ele estar ligado, é representado por um ícone com ele associado” (Peirce, 2012, p. 72).

Peirce (2012) afirma que um símbolo é um signo, que só possui significação por existir um interpretante, “[...] nada é signo a menos que seja interpretado como signo” (Peirce, 2012, p. 76). É como se sua existência fosse necessária para afirmar com cientificidade um lugar determinado, para lidar com compreensões “falíveis”, fruto tão somente da observação. “A palavra Signo será usada para denotar um objeto perceptível, ou apenas imaginável, ou mesmo inimaginável num certo sentido” (Peirce, 2012, p. 46).

Para esse autor, o signo é determinado por características do seu objeto. É a exibição de um traço que faz com que seja possível ver no signo um ícone. De acordo com Julio Pinto (1995, p. 52), “[...] o signo é da ordem da relação, o que quer dizer que ele é uma intersubjetividade baseada na representação, que é o fundamento da relação *sínica*”. No caso do autismo, a vinculação de ícones são centrais na determinação da *Identidade autista*. É a partir dessas imagens que a mesma é reconhecida, constituída, do ponto de vista científico estruturalista. “A única maneira de comunicar diretamente uma ideia é através de um ícone; e

todo método de comunicação indireta de uma ideia deve depender, para ser estabelecido, do uso de um ícone” (Peirce, 2012, p. 64).

De acordo com Félix Guattari (2024), quando Charles Sanders Peirce se refere aos signos, denota que é como se as máquinas de signos diagramáticos renunciassem à polissemia que pode existir nos sistemas simbólicos ou significantes. “Os signos funcionam no lugar dos objetos aos quais são referidos, e isso independentemente dos efeitos de significação que possam existir lateralmente” (Guattari, 2024, p. 194).

As imagens, às quais vinculo o autismo, pretendem comunicar um “como se fosse”, busca representação pela semelhança, uma convenção, ou seja, pela repetição, que se mimetiza com a realidade. É para gerar uma proposição de referência que as imagens são postas e modulam as identidades. “Ao exibir seu caráter de primeira, de signo (todo signo é um primeiro dentro da relação de representação), a imagem como que se absolutiza. Ao eclipsar o objeto, a imagem emerge como um **como se**, quer dizer ela aparece **como se** fosse um como se, não como se fosse **algo que é**” (Pinto, 1995, p. 27).

No tocante ao símbolo, Pinto (1995, p. 54) afirma que “[...] o símbolo é aquele signo que será representado em seu interpretante como signo do seu objeto. Em outras palavras, o interpretante de um símbolo é previsível porque seu objeto já é conhecido”. Afirmar que há um símbolo em um signo significa que há uma regularidade, que reflete o objeto. O universo autista, que apresento neste capítulo é repleto dessas referências de controle de significados, que, efetivamente, territorializam as pessoas autistas em condicionantes previsíveis.

No caso do autismo, considerando o campo da semiótica – imagens, signos, símbolos e conceituações, nomeações e categorias – ou você humaniza os termos e os corpos, muitas vezes “grifados” por abordagens comportamentais que custam pequenas fortunas – acessadas apenas pelos “escolhidos”, sob o *status* de serem as únicas comprovadas cientificamente. Essa concepção constitui uma indústria que envolve medicalização e formação de terapeutas, assistentes terapêuticos, mediadores, cuidadores, entre outros profissionais e cria assim subcategorias de autismos e autistas, que variam de acordo com o poder aquisitivo familiar. Ou você percorre um caminho, quase sempre de uma militância solitária, que é muitas vezes silenciada, muitas vezes mal vista – que exige aparato intelectual, financeiro e rede de apoio. Portanto, muito difícil de ser acessado – longe dos holofotes de uma elite, que não está disposta a abrir mão dos seus privilégios e lutar pela democratização do acesso a políticas públicas de inclusão.

O que me proponho a fazer neste capítulo, que chamo de linha molar da pesquisa, é construir um mosaico de referências genéricas que me levem à epistemologia do que atualmente

a sociedade entende e aceita como o que denomino de *Identidade Autista*. Compreendendo que há uma dimensão complementar entre o saber e o poder, na qual tudo é político. Diante disso, apresento uma gama de dispositivos e agenciamentos, que envolve a temática do autismo, enquanto estratégias de gerenciamento de corpos autistas.

Essas composições, que estão cercadas de simbolismo, demarcadas sob a proteção legalista da ciência, enquanto instrumento de poder, figuram aqui como composições de signos. Deleuze (2002), inspirado pelos preceitos espinozistas, afirma que “É próprio das ideias inadequadas serem signos que solicitam as interpretações da imaginação e não *expressões* submetidas às *explicações* de entendimento vivo” (Deleuze, 2002, p. 112). Portanto, aqui está a tentativa de demarcar o que entendo pela relação entre identidade, a fixidez da *Identidade Autista* e seus signos que funcionam como pilares de sustentação para a categorização da ciência moderna – que rotula na “prateleira da estante”, lauda os corpos e os excluem para poupar a sociedade de fios de loucura, como se fosse possível.

2.1. IDENTIDADE: alfinete que demarca

“[...] toda identidade tem necessidade daquilo que lhe falta – mesmo que esse outro que lhe falta seja outro silenciado e inarticulado”

(Tomaz Tadeu da Silva)

Segundo Deleuze (1988, p. 198), “[...] a identidade de um conceito só qualifica uma repetição se uma força negativa (de limitação ou de oposição) impedir ao mesmo tempo que o conceito se especifique e se diferencie em função da multiplicidade que ele subsume”. Nesse sentido, afirmo que há uma possibilidade de identidade que é sustentada pela exclusão, que está nos discursos, em fatores sociais, classistas, simbólicos, referências e em fragmentos de vida que não estão apenas no uno, mas também no todo e nas entrelinhas.

Lemos *et al* (2021), seguindo os postulados de Deleuze, em “Diferença e Repetição”, afirmam que “[...] postula-se que a identidade é uma armadilha resultante das forças reativas da existência, em especial, da vontade de nada presente na moral do escravo, subsidiada pelo desejo de justiça pela via do reconhecimento” (Lemos *et al*, 2021, p. 192). Termos como pertencimento, lugar de fala, em certa medida, são conceituações atuais sustentadas no conceito

de identidade, tendo como pano de fundo uma perspectiva fixa, linear, imóvel, objetiva, classificatória, genérica, que está sob a égide das leis.

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de representação quanto por *simbólicos* meios de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, mesmo em parte, por meio de *sistemas classificatórios* (Silva, 2009, p. 39-40).

A reivindicação da identidade, que se apropria do discurso do “Sou, porque nós somos”, tem seu fundamento centrado em uma linha de segmentaridade dura que nos garante um respiro momentâneo, mas também nos traga para um caminho de baixa saturação que é excludente, linear, generalizante, de sujeição, isolamento, aprisionamento, de representação, que tem semeado o sectarismo. Para Lemos *et al* (2021, p. 200), “As identidades fecham e segregam, encerrando a invenção na repetição de representações, em um teatro reprodutivo, o que gera angústia, ressentimento, culpa e moralismos”. De acordo com Orrú (2020, p. 24),

Assim, há um enfraquecimento e um desapossar contínuo de representações sociais estabelecidos por ideários identitários, onde a ideologia não faz mais sentido, pois os discursos são rasos e não avançam para a condição de ações concretas. Essa fragilização das lutas identitárias não é por acaso e nem acidental, mas sim intencional, para serem absorvidas pelo ideário liberal que mina a articulação entre a relação capital e trabalho.

Antônio Flávio Pierucci (2013) reforça esse pensamento quando afirma que o enfoque atual ofertado à ideia de “diferença” tem produzido um efeito perverso sob movimentos de gênero, cultura, raças – que em sua grande maioria são encapados por uma parcela da esquerda no Brasil³⁶. Ele considera que os direcionamentos atuais produzem um “[...] embaçamento de foco ou obscurantismo ainda maior das diferenças definidoras dos campos adversários na guerra ideológica” (Pierucci, 2013, p. 28). Para esse autor, a atual celebração das “diferenças”, das “singularidades culturais”, das “especificidades sociais e contextuais” causam muito pouca ou quase nenhuma preocupação na direita. Ele considera que “Trata-se de um discurso absolutamente palatável, familiar mesmo, à direita popular” (Pierucci, 2013, p. 29).

³⁶ Sobre a definição de “esquerda brasileira”, afirmo que nesta tese não me refiro especificamente a um partido político ou a um governo personificado pela figura de um governante. Com essa expressão, estou me referindo a uma postura política que se pauta na criação de direitos, conforme afirma Gilles Deleuze (1988), e na defesa dos mesmos em favor de agrupamentos sociais minorizados. De acordo com Deleuze (1988, p. 31) “A esquerda é o conjunto dos processos de devir minoritário. Eu afirmo: a maioria é ninguém e a minoria é todo mundo. Ser de esquerda é isso: saber que a minoria é todo mundo e que é aí que acontece o fenômeno do devir”. Acrescento que ser de esquerda no Brasil é também lidar com as contradições que se impõe na realidade do regime democrático, que, na atualidade, perpassam diretamente pelas questões identitárias.

Conseguir admitir que o horizonte tem em si um desafio princípio que é repensar a forma como as organizações sociais e a militância política têm dialogado com concepções de identidade, igualdade e diferença é uma tarefa urgente do nosso tempo. Outra problemática relevante é o tom intelectualizado, que, muitas vezes, parte da esquerda brasileira, concede a essas temáticas. Fato que tende a causar distanciamento do diálogo e segregação dessas temáticas em pequenas “bolhas”, que por mais que sejam encantadoras, rapidamente deixam de existir quando soltas em meia às adversidades da atmosfera.

De acordo com Pierucci (2013, p. 31), “[...] o trabalho com os conceitos precisa ser mais cuidadoso, mais refinado e matizado, mais atento e mais crítico, o que, convenhamos, intelectualiza em excesso a opção diferencialista de esquerda”. Para esse autor, um dos efeitos que esse trajeto pode gerar é a elitização, causando formulações binárias, que podem recair em ciladas e atingir diretamente os grupos mais frágeis, que são discriminados e estigmatizados na sociedade. Nesse contexto, a cautela é defendida por Pierucci (2013, p. 49), “[...] para não oferecer a própria arma ao assaltante”.

Asad Haider (2019), em sua obra “Armadilhas da identidade: raça e classe nos dias de hoje”, toma como exemplo a discussão de raça, no contexto dos Estados Unidos da América, para tecer considerações acerca da temática apresentada no título. Ele afirma que a identidade se torna uma armadilha quando ela se converte em uma “política de identidade” ou “identitarismo”. Para esse autor, a “armadilha” está em afastar esses termos das determinações materiais da vida social. Somente a partir dessa aproximação é que esse debate adquire capacidade de superação de narrativas fragmentadas, que se esvaziam por si mesmas, e que não avançam em perspectivas concretas de transformação social.

A política identitária, sem um sustentáculo social que lhe dê suporte, consegue tão somente fazer com que “alguns escolhidos” melhorem de vida e celebrem seus louros, sem que de fato o processo emancipatório alcance a todos. E o pior, coloca essas pautas e bandeiras diante de risco de cooptação pela política rasteira de uma direita liberal, que exalta o individualismo, o consumismo e o poder. De acordo com esse autor,

“Identidade” é um fenômeno real: ela corresponde ao modo que o Estado nos divide em indivíduos, e ao modo que formamos nossa individualidade em resposta a uma ampla gama de relações sociais. Ela é, no entanto, uma abstração. Uma abstração que não nos diz nada sobre as relações sociais específicas que a constituíram (Haider, 2019, p. 32).

A tentativa de Haider (2019) é fazer com que a discussão sobre “política identitária” não se torne uma camisa de força de classificações para o “sujeito”. É um desafio, segundo esse

autor, fazer com que essa política avance de um lugar de apropriação do ideal burguês – que defende um “multiculturalismo” e que enfraquece possibilidades de auto-organização coletiva – para de fato se inserir em lutas que confrontem diretamente as políticas neoliberais e o capitalismo, pensando em mudanças estruturais. Considerando esse perigo, ele afirma:

O paradigma da identidade reduz a política a quem você é como indivíduo e a ganhar reconhecimento como indivíduo, em vez de ser baseado em seu pertencimento a uma coletividade e na luta coletiva contra uma estrutura social opressora. Como resultado, a política identitária paradoxalmente acaba reforçando as próprias normas que se propõe a criticar (Haider, 2019, p. 46).

Diante dessas questões, volto meu olhar para o *locus* de pesquisa desta tese, que são as redes sociais, enquanto multiplataformas de exibição de tribos digitais, que prezam, entre outras questões, pela fixação em uma identidade e pertencimento. Conforme o pensamento de Byung-Chul Han (2022, p. 61): “O tribalismo atual, que pode ser observado não apenas na direita, mas também na política identitária de esquerda, divide e polariza a sociedade. Faz da identidade um escudo ou fortaleza que rechaça toda outriedade”.

Pessoas performam nas redes, através de seus perfis, identidades possíveis para caber em um determinado grupo, ou tribo; para emitir opiniões e discursos; para exibir suas derrotas e vitórias e serem reconhecidas por isso. De acordo com Orrú (2020), isso acontece em meio a uma dinâmica na qual tudo nos afeta e nos movimenta em redes de conexões múltiplas, “[...] onde o real e o virtual se mesclam e no momento em que a capacidade de duvidar e questionar são depreciadas pela vontade própria de crer no que se quer acreditar como informação e conhecimento” (Orrú, 2020, p. 25). Esse jogo, naturalmente, é desigual, de trocas que acontecem em uma suposta “zona de conforto”, que jamais serão suficientes, e que podem liberar o que temos de pior no território do humano, fortalecendo, apenas, a exclusão social.

Assim, questões surgem em meio às minhas reflexões: para onde vão os processos de subjetivação? Em que lugar as singularidades cabem nas identidades? Se as identidades são fundamentais para a garantia de direitos, é possível se despir totalmente delas? Que luta por igualdade é essa que não pode ser coletiva? Talvez Deleuze me ajude com possíveis respostas a partir dessa passagem: “Pode-se ‘abrir’ a lista das categorias ou mesmo tomar infinita a representação, mas o ser continua a dizer-se em vários sentidos” (Deleuze, 1988, p. 283).

De acordo com Silva (2009, p. 73), “[...] a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e diferença”. Mas, por que é necessário reivindicar respeito pelas diferenças? Talvez pelo fato de que quando se é alguma coisa, também não se é uma porção de outras. Pedir respeito, para caber

simplesmente no que se é, é a mais estúpida das contradições, e é nela que estamos morando. Isso se justifica pela preguiça social do nosso poço raso e sem fundo, no qual todos querem receber do tempo ideias, mas poucos tentam compreender, em sua gênese, como elas são produzidas. Para Deleuze e Guattari (2009), que do meu “ponto de ver” pensam também uma teoria social, a sociedade moderna promove uma segmentaridade dual, como uma organização suficiente. Resta apenas me questionar qual o caminho que essa perspectiva percorre.

O sistema político moderno é um todo global, unificado e unificante, mas porque implica um conjunto de subsistemas justapostos, imbricados, ordenados, de modo que a análise das decisões revela toda espécie de compartimentações e de processos parciais que não se prolongam uns nos outros sem defasagens ou deslocamentos (Deleuze; Guattari, 2012, p. 94).

A vida social binária, tal qual a conhecemos, necessita de invenções da modernidade como os sistemas de classificação para manutenção da diferença. “A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nas quais adquirem sentido” (Silva, 2009, p. 78). Profano e sagrado, veneno e cura, guerra e paz, velho e novo, pouco e muito, eu e o outro, repulsa e desejo, loucura e sanidade, ódio e amor, no fundo são figurações cambiantes e interdependentes, uma não existe sem a outra. Elas coexistem.

A definição do dicionário simplesmente nos remete para outras palavras, ou seja, para outros signos. A presença da coisa mesma ou do conceito “mesmo” é indefinidamente adiada: ela só existe como traço de uma presença que nunca se concretiza. Além disso, na impossibilidade da presença, um determinado signo só é o que é porque ele não é um outro, nem aquele outro etc., ou seja, sua existência é marcada unicamente pela diferença que sobrevive em cada signo como traço, como fantasma e assombração (Silva, 2009, p. 79).

Georges Canguilhem, em sua obra “O normal e o patológico” (2009), afirma que é possível reconhecer que a doença não deixa de ser uma espécie de norma biológica. Por conseguinte, o estado patológico não pode ser chamado de anormal em sua concretude, mas anormal apenas na relação com uma situação específica. Portanto, ser sadio e ser normal não são equações equivalentes, considerando que o patológico é uma espécie de normal.

Ser sadio significa não apenas ser normal em uma situação determinada, mas ser, também, normativo, nessa situação e em outras situações eventuais. O que caracteriza a saúde é a possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal momentâneo, a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir normas novas em situações novas (Canguilhem, 2009, p. 64).

De acordo com o sociólogo Nikolas Rose (2008), a invenção da norma se enraíza em palavras que compõem significados do “normal”, regular, desejável e saudável. Ainda, de acordo com esse autor, para os psicólogos, por exemplo, “[...] a norma não foi derivada de

nenhum conhecimento do funcionamento orgânico da mente humana, como foram as normas da medicina em relação à regulamentação do corpo” (Rose, 2008, p. 157). A psicologia, enquanto ciência social, construída sob os pilares da modernidade, tem como objetivo a regulação da existência humana.

Segundo a racionalidade típica de democracias liberais de governo, noções abstratas da liberdade do indivíduo são acompanhadas pela proliferação de práticas racionalizadas que procuram moldar, transformar e reformar indivíduos. Assim, não era apenas a ética do individualismo, mas também as práticas de individualização na prisão, na fábrica, na escola e no manicômio que forneciam condições-chave para disciplinar a psicologia (Rose, 2008, p. 158).

Rose (2008) reconhece que Georges Canguilhem (2009), em sua obra “O normal e o patológico”, talvez seja o principal autor da epistemologia histórica que afirma que, “Não se ditam normas à vida, cientificamente. Mas a vida é essa atividade polarizada de conflito com o meio, e que se sente ou não normal, conforme se sinta ou não em posição normativa” (Canguilhem, 2009, p. 75). Nessa mesma compreensão caminha Rose (2008), quando afirma que, “É a própria vida, e não o julgamento médico, que faz do normal biológico um conceito de valor e não de realidade estatística” (Rose, 2008, p. 157).

A doença difere da saúde, o patológico, do normal, como uma qualidade difere de outra, quer pela presença ou ausência de um princípio definido, quer pela reestruturação da totalidade orgânica. [...] A identidade real dos fenômenos vitais normais e patológicos, aparentemente tão diferentes e aos quais a experiência humana atribuiu valores opostos, tornou-se, durante o século XIX, uma espécie de dogma, cientificamente garantido, cuja extensão no campo da filosofia e da psicologia parecia determinada pela autoridade que os biólogos e os médicos lhe reconheciam (Canguilhem, 2009, p. 12).

Portanto, não estou lidando com fatos e sim com valores. Esse contexto, para Canguilhem (2009, p. 76), “[...] reflete a relação da ciência da vida com a atividade normativa da vida e, no que se refere à ciência da vida humana, com as técnicas biológicas de produção e de instauração do normal, mais especificamente com a medicina”.

A busca de uma ciência que lauda os corpos, pautada em critérios médicos e psicologizantes pressupõe exatamente a atribuição de um valor de “normal”, “normalidade”, “normativo”, que é quase servil às exigências do funcionamento da nossa sociedade. Por todos os lados, há cobrança pelos papéis: sejam eles físicos, com diagnósticos para fixar pessoas em “caixinhas”, sejam eles sociais, que designa *status*, espaços e limites. Quem ousa trafegar fora disso, torna-se uma monstruosidade, uma “anomalia”. A anomalia é a consequência de variação individual que impede dois seres de poderem se substituir um ao outro de modo completo. [...] No entanto, diversidade não é doença. O anormal não é o patológico. Patológico implica *pathos*, sentimento direto e concreto de sofrimento e de impotência, sentimento de vida contrariada (Canguilhem, 2009, p. 44).

O autor Ivan Illich (1975) dialoga com esses autores quando afirma que cada idade tem como correspondente um meio ambiente especial para otimizar a saúde-mercadoria. Para ele, espaços especializados como a escola, a rua e a clínica-médica, ao se enriquecerem de prescrições profissionais, empobrecem as vidas das pessoas que estão encerradas neles, nessas celas especializadas, que têm como objetivo a domesticação dos homens.

O homem fica encaixotado num meio feito para os membros de sua categoria, conforme a concebe o especialista burocrático encarregado de sua gerência. Em cada um desses lugares, o indivíduo é instruído para seguir o comportamento que convém a uma administração de pedagogos, de pediatras, de ginecologistas, de geriatras e às suas diversas classes de servidores (Illich, 1975, p. 43).

Georges Canguilhem (2009, p. 43) afirma que “Viver é, mesmo para uma ameba, preferir e excluir”. Talvez essa seja a “ordem natural das coisas”, considerando a concepção de saúde questionada por Canguilhem (2009), ou seja, a que busca a normatização mental e física. Por isso considero que cruzar as fronteiras das identidades implica a criação de um processo de sequestro daquilo que é “esperado”, restando apenas o campo da “anomalia” – o descabido, incoerente, desconfortável – que gera uma composição em desalinho, que naturalmente também contraria as instituições, o organismo social e biológico.

2.2. A IDENTIDADE AUTISTA: a linha molar

“Não basta, pois, à representação, fundar-se na identidade de um conceito indeterminado; é preciso que a própria identidade seja representada cada vez num certo número de conceitos determináveis. Esses conceitos originários, em relação aos quais o Ser é distributivo e ordinal, chamam-se gêneros do ser ou categorias”

(Gilles Deleuze)

A gênese desta pesquisa está no ponto, exatamente aquilo que soa como primitivo, princípio, localização de partida, que aqui denomino como sendo o diagnóstico. Da imagem figurativa geométrica do ponto, surge aquilo que liga um ponto a outro, uma linha “É que as forças aparecem em ‘toda a relação entre um ponto e outro ponto’” (Deleuze, 1987, p. 69). Não por acaso a linha é infinita e pode adquirir diversas formas, assim como a fumaça. Nesse contexto, localizo a linha molar, de segmentaridade dura, descrita por Deleuze e Guattari (2012d) como o que determina a dureza da vida humana.

Não é o caso de preferência ou escolha pelo bom ou ruim. Ainda que o homem, quase sempre, seja um animal segmentado binariamente que busca territorialidades, como espaços de poder. Mas de proporção, de intensidade: quanto mais segmentada está uma vida, mais molar ela se apresenta socialmente. Quanto maior é a admiração da árvore, e mais profundas suas raízes, será maior o esquecimento da beleza do rizoma. “Por isso, as linhas de rizoma oscilam entre as linhas de árvore, que as segmentarizam e até as estratificam, e as linhas de fuga ou ruptura que as arrastam” (Deleuze; Guattari, 2012d, p. 235-236).

Partindo desse pressuposto, localizo definições de autismo, que fazem a composição de uma *Identidade Autista*, em um viés de linha molar, que me garante a previsibilidade dos manuais, laudos e rotulações, sob a perspectiva do poder da ciência e do controle político dos corpos pela medicina. Deleuze e Guattari (2012d) afirmam que essa linha é subordinada ao ponto, também à diagonal e à vertical, formando o que eles chamam de sistema arborescente, binário e segmentado.

“O autismo é um distúrbio de desenvolvimento a tal ponto complexo que nenhum modelo, nenhuma abordagem clínica, metodológica ou terapêutica poderia, por si mesmo, abranger a verdade” (Leboyer, 1995, p. 07). De acordo com esse autor, a tentativa de definição do autismo tem como precursor Leo Kanner, em 1943, em seu artigo “Distúrbios autísticos do contato afetivo”, no qual descreveu o caso de 11 crianças. Eram consideradas autistas as pessoas denominadas inaptas para interações com o outro, que possuíam atrasos na aquisição da linguagem e na comunicação, que viviam em isolamento social peculiar.

A grande originalidade de Kanner foi, pois, a de individualizar, em um grupo de crianças que lhe foram encaminhadas, seja por debilidade mental ou esquizofrenia, uma síndrome nova reunindo sinais clínicos específicos, formando um quadro clínico totalmente à parte e diferenciado das síndromes psiquiátricas pré-existentes (Laboyer, 1995, p. 10).

De acordo com Orrú (2016), Kanner realizou a categorização do autismo e a construção do seu conceito no século XX. Foi o primeiro pesquisador a publicar sobre o Autismo. Em 1948, escreveu um “Manual de Psiquiatria Infantil” que tinha esse assunto como um dos temas principais. Esse autor revisou essa conceituação por diversas vezes “[...] mas sempre destacando como características as dificuldades no relacionamento com as pessoas, a obsessão por objetos, o apego à rotina, as alterações no desenvolvimento da linguagem, o mutismo” (Orrú, 2016, p. 14). Kanner afirmava que era possível perceber essas características já nos primeiros dois anos de idade.

Laboyer (1995) reforça que o foco de Leo Kanner está na identificação do autismo, como síndrome que se apresentava ainda na vida intrauterina, com a noção de afastamento social, ausência de imaginação e na ligação com a esquizofrenia em adultos. O voltar-se para si, da origem da palavra autismo, está pautado na ideia da inaptidão para interações sociais e, de certo modo, conforta os seus pares sociais, transferindo as possibilidades de comunicação para um território da impossibilidade, devido ao inato “isolamento autístico”, que seria uma forma de reação e adaptação da criança autista ao ambiente familiar hostil e frio.

É relevante ressaltar também as contribuições de Grunya Efimovna Sukhareva, professora e psiquiatra soviética, que desenvolveu pesquisas na área da psicologia infantil. Orrú (2024) relata que Sukhareva foi a primeira mulher a escrever sobre o autismo de forma mais elaborada, em um artigo que foi publicado entre 1925 e 1926, cerca de duas décadas antes das publicações de Kanner e Asperger sobre o autismo. “Sua descrição se alinha substancialmente ao que hoje se encontra posto no DSM-5 (APA, 2013)” (Orrú, 2024, p. 48). Fato relevante para a história da concepção do termo “autismo”.

De acordo com Bruna Alves Lopes (2020), nas primeiras décadas de estudo do autismo – entre 1940 e 1960 – as teorias de base psicanalítica predominaram na explicação da origem do autismo. Entre tantas teorias, que descrevem seu possível “surgimento”, destaco a “Teoria da mãe geladeira”³⁷, divulgada inicialmente por Leo Kanner. Orrú (2024) afirma que este autor concebia que o autismo, apesar de ser inato, sofria diretamente a influência do comportamento afetivo da família, que funcionava tal qual “Refrigeradores emocionais”, “Geladeiras que não descongelavam”. Segundo essa vertente teórica, a origem do autismo recaía sob a responsabilização, especialmente das mães, que eram vistas como “frias”, pouco afetuosas e até más.

O termo “mãe-geladeira” surgiu em 1949, tendo como inspiração um artigo de Leo Kanner em que ele dedicou maior ênfase nas relações familiares de seus pacientes – relações por ele compreendidas como pouco afetuosas – para explicar o surgimento do fenômeno. Ao se referir às crianças, Kanner disse que estas eram mantidas em uma “geladeira que não degela” (Lopes, 2020, p. 512).

³⁷ De acordo com Lopes (2020), ficou a cargo de Bruno Bettelheim propagar essa discussão, a partir da publicação do seu livro *The empty fortress* – intitulado no Brasil de “A fortaleza vazia” –, em 1967. “A partir de três estudos de caso (Laurie, Marcia e Joy), o psicanalista defendeu a tese de que o autismo seria uma patologia de ordem emocional, em que a criança – por não se sentir amparada e acolhida por aqueles que com ela conviviam – optaria por habitar uma “fortaleza vazia” e entregar-se a um estado de não existência. Em suas palavras: ‘Ao longo deste livro mantenho minha convicção de que, em autismo infantil, o agente precipitador é o desejo de um dos pais de que o filho não existisse’ (Bettelheim, 1987, p. 137). “Apesar de o psicanalista Bruno Bettelheim não ter sido o pioneiro (nem o único) a culpabilizar as mães, a fortaleza vazia catalisou vários pensamentos que estavam presentes desde a década de 1940: a preocupação com a psique infantil; a psicanálise como teoria capaz de explicar os fenômenos relacionados à mente e de ofertar conselhos sobre o cuidado com as crianças; e a associação entre transtornos e patologias de ordem mental com o exercício de uma ‘má’ maternidade” (Lopes, 2020, p. 513).

Por seu caráter culpabilizante dos pais, especialmente da mãe, para o atraso no desenvolvimento dos seus filhos, esse pensamento marcou uma época e vez ou outra, equivocadamente. De acordo com Jurandir Freire Costa (1979, p. 258), “A culpabilização da mulher foi uma faceta importante em sua relação com a higiene”. Essa perspectiva moral é ainda lembrada por alguns pesquisadores e terapeutas desavisados, causa constrangimento e exposição desnecessária às famílias de pessoas autistas. Essa teoria derivava de uma corrente psicanalítica, que trazia como fonte casuística do autismo a ausência de afeto e estímulo das mães para com seus filhos. Orrú (2012, p. 21), afirma que:

A psicanalista inglesa, Frances Tustin, chamava os autistas de “crianças encapsuladas”, baseando-se na hipótese de que o desenvolvimento psicológico teria paralisado em um estágio prematuro da vida do bebê, em virtude de um trauma oriundo da percepção sobre a separação do corpo da criança do corpo de sua mãe, provocando uma experiência psíquica fantasmática.

Por outro prisma é importante destacar as pesquisas de dois psicanalistas, alunos de Jacques Lacan, que se debruçaram sobre a temática do autismo, a partir da década de 1980, distinguindo o autismo das demais psicoses, especialmente da esquizofrenia. Rosine e Robert Lefort (2017) afirmam a existência de uma “estrutura autista”, destacada por meio de elementos estruturais claramente reconhecíveis, destacando uma certa articulação entre a linguagem e o corpo. De acordo com Orrú (2016, p. 17),

Atualmente, grande parte dos autores adeptos à psicanálise não convergem com o antigo pensamento de seus antecessores baseados na culpabilização dos pais: essas concepções e crenças foram deixadas de lado, embora ainda possam ser encontradas em algumas partes da Europa e América Latina.

Vale ressaltar também que, de acordo com Lopes (2020), no que diz respeito ao Brasil, apesar de haver algumas publicações – principalmente na mídia impressa – sobre a temática desde a década de 1950, o autismo como objeto de mobilização política surgiu na década de 1980. Data desse período o surgimento das primeiras associações de mães e de pais em defesa da causa autista.

Alguns exemplos são: a Associação de Amigos do Autista (AMA), criada em 8 de agosto de 1983, em São Paulo; a Associação de Pais de Autistas do Rio de Janeiro (APARJ), oficialmente fundada em 17 de julho de 1985; e a Associação Terapêutica e Educacional para Crianças Autistas (ASTECA), aberta por familiares de autistas no Distrito Federal, em 1986. Inspiradas em associações semelhantes de outros países, tais aparelhos tinham como propostas auxiliar os familiares, divulgar, compartilhar e produzir informações sobre o tema, além de cobrar ações efetivas do Estado. É nesse momento que mães e pais de autistas – seja individualmente ou por meio das associações – usaram a mídia, principalmente a imprensa, para publicizar suas

experiências e percepções acerca do autismo e cobrar do Estado políticas públicas voltadas a esse público, sendo os principais elementos de suas reivindicações: a capacitação dos profissionais, principalmente os médicos, sobre o assunto – uma vez que eram raríssimos os que conheciam o tema; e a crítica à ausência de instituições capacitadas no atendimento das demandas desse público e ao preconceito vivenciado pelos autistas e por seus familiares (Lopes, 2020, p. 514).

Sobre esse tempo histórico, Lopes (2020) destaca também a importância das autobiografias e das publicações, de pais e mães de autistas, familiares, médicos, professores, amigos que objetivavam pensar estratégias para compreender/atribuir um sentido à trajetória pessoal. De alguma forma, entendo que a definição do molde da *Identidade Autista* levou a um processo posterior de desterritorialização do autismo, a partir do reconhecimento de que se produz conhecimento, sob a perspectiva desses lugares particulares com o uso da escrita como um instrumento para registro de outras perspectivas sobre o autismo, na busca por garantias de direitos e melhores condições de vida para essas pessoas.

No entanto, ainda que, naturalmente, existam mudanças de compreensão epistemológica e avanço nas pesquisas acerca do tema, é possível entender ideias que ainda circulam como verdades absolutas e que colocam as pessoas autistas em um mundo particular, singular, em um universo próprio e as tornam ainda mais inalcançáveis pelas pessoas ditas “normais”.

Traduzir o autismo exige, aparentemente, mais do que atender às necessidades de uma pessoa, ou às expectativas sociais; exige o engajamento na cocriação de um mundo compartilhado possível, no qual as diferenças entre as pessoas – não apenas do “espectro autista”, mas do amplo espectro humano – possam ser mais bem aproveitadas por elas mesmas (Ferreira, 2018, p. 05).

Inclusive, é importante lembrar que no tocante aos fatores causais do autismo e devido a sua heterogeneidade e complexidade – que até hoje dividem pesquisas e teorias, entre uma etiologia genética plurifatorial e fatores exógenos – seria ingenuidade trazê-los como algo definitivo. Portanto, especialmente considerando que a pesquisa está localizada no campo da educação, não objetivo me ater às condições de causa ou cura do autismo.

Quando falo em diagnóstico médico, conforme afirma Orrú (2016), é relevante afirmar que vivemos em um momento de efervescência de avaliações e paradigmas diagnósticos para as mais diversas patologias e condições clínicas. “Neste momento da humanidade ocidental, também se prolifera a fé de que a partir dos diagnósticos são encontradas as respostas para o tratar e o curar” (Orrú, 2016, p. 41). Acrescento que, com o autismo, não tem sido diferente, mas confiro a devida importância à conceituação do mesmo sob a perspectiva da medicina.

Atualmente, podemos defini-lo, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5³⁸, da seguinte forma:

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos (DSM-5, 2013, p. 31).

Não obstante a inexistência de dados oficiais no Brasil, temos números divulgados pelo CDC (*Centers for Disease Control and Prevention* – Centro de Controle de Doenças e Prevenção do governo dos EUA), em 2021. Essa estatística demonstra uma prevalência de casos nos Estados Unidos da América que indica que 1 a cada 44 crianças recebe o diagnóstico de autismo até os 8 anos de idade. A pesquisa demonstra também prevalência semelhante entre crianças pretas e brancas, bem como apresenta uma proporção de TEA em 4 meninos para cada menina.

Destaco que existe uma discussão bastante atual sobre o aumento dos diagnósticos de autismo. Algumas hipóteses possíveis, que podem ser consideradas, sobre a ampliação de diagnósticos são: aumento de pesquisas e produções científicas sobre o autismo, maior divulgação midiática acerca dessa condição e, principalmente, a reformulação do conceito de autismo no DSM-5, com o surgimento da perspectiva do espectro. Esses fatores também contribuem para que os diagnósticos aconteçam cada vez mais precocemente.

A partir de janeiro de 2022, o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) passou a constar como um diagnóstico unificado, sob o código 6A02, na nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID-11³⁹ (*International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems*), lançada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Essa nova formulação, em parte, atendeu aos interesses de uma parcela de autistas, na medida em que universaliza o termo Transtorno do Espectro do Autismo, que já consta no DSM-5, desde 2013, e traz apenas algumas especificações⁴⁰, relacionadas à linguagem funcional e deficiência intelectual, no mesmo universo do autismo. Todavia, em

³⁸ O DSM-5, publicado em 2013, é utilizado por psiquiatras e psicólogos com o principal objetivo de classificar os diversos transtornos mentais, dividindo-os em categorias. Traz também a descrição dos sintomas, da prevalência de casos e da evolução dos temas abordados.

³⁹ Documento válido para identificar e classificar questões relacionadas à saúde em todo o mundo, a partir do ano de 2022. No entanto, por conta de questões referentes à tradução do texto para a língua portuguesa, não teve seu uso utilizado pelos médicos brasileiros neste mesmo ano.

⁴⁰ Apenas a Síndrome de Rett, segue em separado, como aparecia anteriormente na CID-10, agora com o código LD90.4.

termos de definição, seguiu a mesma linha do DSM-5. Mantém o foco nos déficits e nas definições generalizantes, além de seguir também a estratégia de patologizar comportamentos.

O transtorno do espectro autista é caracterizado por déficits persistentes na capacidade de iniciar e manter interação social recíproca e comunicação social, e por uma série de padrões de comportamento, interesses ou atividades restritos, repetitivos e inflexíveis que são claramente atípicos ou excessivos para o indivíduo, idade e contexto sociocultural. O início do transtorno ocorre durante o período de desenvolvimento, geralmente na primeira infância, mas os sintomas podem não se manifestar totalmente até mais tarde, quando as demandas sociais excedem as capacidades limitadas. Os déficits são suficientemente graves para causar prejuízo no funcionamento pessoal, familiar, social, educacional, ocupacional ou em outras áreas importantes do funcionamento e geralmente são uma característica abrangente do funcionamento do indivíduo observável em todos os contextos, embora possam variar de acordo com o social, educacional ou outro contexto. Indivíduos ao longo do espectro exibem uma gama completa de funcionamento intelectual e habilidades de linguagem (CID-11, 2022, *on-line*).

O DSM-5 (2014) caracteriza o Transtorno do Espectro do Autismo em 3⁴¹ níveis: nível 1 (N1), “Exigindo apoio”, popularmente conhecido como autismo leve; nível 2 (N2), “Exigindo apoio substancial”, o chamado autismo moderado; e, por fim o nível 3 (N3), “Exigindo apoio muito substancial”, o denominado autismo severo. Nesse contexto, o DSM-5 (2014) foca, mais uma vez, sua caracterização nos déficits e nas incapacidades das pessoas com diagnóstico de autismo. No tocante à comunicação social, o DSM-5 (2014) define os níveis de autismo da seguinte maneira:

Nível 1 “Exigindo apoio”: Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente mal sucedidas.

Nível 2 “Exigindo apoio substancial”: Déficit graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.

Nível 3 “Exigindo apoio muito substancial”: Déficit graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas

⁴¹ “Em janeiro de 2022, foi publicado um artigo pela comissão da *The Lancet*, uma das mais antigas e prestigiadas revistas científicas sobre medicina, fazendo uso pela primeira vez do termo “autismo profundo” (Lord *et al.*, 2022, *on-line*). O termo diz respeito a crianças a partir dos oito anos de idade e adultos com autismo cuja singularidade demanda que tenham cuidadores ao longo das 24 horas do seu dia por não terem condições de se cuidarem sozinhas, inclusive com risco de se machucarem. [...] conforme a *The Lancet* muitos se encontram completamente segregados em suas casas e, por isso, também sofrem por serem invisibilizados na sociedade” (Orrú, 2024, p. 124-125).

palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades (DSM-5, 2014, p. 52).

Para esse manual, as cores que compõem o espectro do autismo irão precisar invariavelmente de suporte e mesmo os seus exemplos são vinculados às impossibilidades e limitações das pessoas com esse diagnóstico. O mesmo não aponta possibilidades de suporte para viabilizar as habilidades comunicativas, nem mesmo no autismo leve (N1). Fato que, por conseguinte, relega a pessoa autista à exclusão, deixa-a à margem da convivência com as pessoas chamadas de “neurotípicas”. Sobre este termo, é importante ressaltar que, ainda que eu tenha reservas em relação ao uso dessa terminologia, a mesma é utilizada para denominar pessoas que estão fora do espectro autista e/ou que não possuem questões que implicam no seu desenvolvimento neurológico e cognitivo. Acredito que é urgente iniciar a discussão sobre a utilização de termos que binarizam o desenvolvimento entre “típicos” e “atípicos”. Dentro desse universo da “atipicidade”, o DSM-5 caracteriza os 3 níveis de autismo, a partir dos comportamentos restritos e repetitivos apresentados por cada pessoa. São eles:

Nível 1 “Exigindo apoio”: Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Nível 2 “Exigindo apoio substancial”: Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.

Nível 3 “Exigindo apoio muito substancial”: Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações (DSM-5, 2014, p. 52).

No discurso da caracterização desses padrões de comportamentos aparecem palavras frequentes: problemas, sofrimento, dificuldade. Entendo a importância dessa caracterização, mas questiono a forma como a mesma é feita, na medida em que delibera às pessoas autistas um caráter negativo de seus comportamentos, das suas estereotipias⁴² ou dos seus *stimmings*⁴³, como alguns autistas preferem denominar. Diante desses dados, penso ser importante trazer

⁴² Movimentos repetitivos do corpo da pessoa autista, causados na maioria das vezes pelo excesso de estímulos sensoriais.

⁴³ Movimentos do corpo feitos de forma repetitiva. Atualmente, há um questionamento sobre a total correção desses movimentos, posto que muitos autistas afirmam que os mesmos auxiliam no processo de autoregulação dos seus corpos, tornando-se algo positivo e não apenas um comportamento a ser corrigido por terapeutas.

uma reflexão, elaborada por Orrú (2013), sobre a rotulação de pessoas autistas, a partir de um diagnóstico médico.

A partir do instante que se atribui um diagnóstico, muitas vezes compreendido como um rótulo, as condições que eram vistas como abstratas passam a ser “coisas” concretas, pois o diagnóstico tem a função de nomear algo no indivíduo. Por vezes, os efeitos sociais gerados no indivíduo, em sua família, em sua comunidade, na sociedade, se mostram irreversíveis. [...] A partir da coisificação é comum o desenvolvimento de estigmas e preconceitos expressados por percepções de menos-valia, incapacidade, infantilização, subestimação, piedade, medo, rejeição, marginalização e exclusão do indivíduo pela sociedade (Orrú, 2013, p. 1424).

Constato que os avanços das pesquisas, acerca da temática, foram fundamentais para ampliar o conhecimento, facilitar a identificação e realizar o diagnóstico. Entretanto, também vivemos um momento em que algumas avaliações atuam de forma genérica no reconhecimento e na classificação. É como se o “tratamento do autismo” pudesse estar indicado em uma bula, um rótulo ou em uma receita na qual os déficits fossem os pontos de partida e, as “caixinhas”, seus destinos.

De alguma forma, a busca pela identificação, pela fixidez, também traduz disputas e demandas da grande parcela de autistas, no caminho de alcançar visibilidade e direitos, conforme afirma Silva (2009, p. 81), “A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo de diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado a bens sociais”. Isso posto, é importante destacar que, quando trato de autismo, os recortes de gênero, classe e aspectos simbólicos elucidam a interseccionalidade.

O termo “interseccionalidade” foi apropriado da autora Kimberlé Crenshaw, representante do feminismo negro, que publicou um artigo em 1989 afirmando que a interseccionalidade me auxilia na compreensão de como atuam e se articulam múltiplos eixos de subordinação e as formas que posso buscar para a superação desse fato. Dessa palavra, que teve seu uso atualizado no nosso contexto, deriva a compreensão de que existem questões diversas (raça, gênero, sexo, classe, religião) que compõem a experiência individual de ser autista. De alguma forma, reconheço que essas categorias nomeiam, dão visibilidade, ao passo que também fraturam, através do excesso de especificação. No entanto, ressalto que é nessa linha tênue que está localizada a problemática da minha tese.

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e desestabilizá-la. [...] Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando (Silva, 2009, p. 84).

Dentro da categoria de pessoas autistas, identidade e diferença flutuam de forma independente. Nenhuma pessoa autista possui as mesmas características que outra com o mesmo diagnóstico, nunca há uma norma. Nesse contexto, as demandas sensoriais e motoras são essenciais para compreender o funcionamento dos seus corpos. No entanto, é comum ouvir as seguintes afirmações: autista não gosta de abraço; não gosta de toque; não faz contato visual; pratica autoagressão e automutilação; tem movimentos estereotipados e repetitivos; corre de um lado para o outro; pula; anda na ponta dos pés, enche os dedos de calo pelo movimento incessante; pratica agressões a terceiros em momentos de crises... ou seja, uma enxurrada de generalizações, que se desconectam totalmente das subjetivações das pessoas autistas. Nesse sentido, foi criada uma complexidade de categorizações – que servem para emoldurar subgrupos de definições e proporciona agenciamentos dentro da própria categoria do que pode se definir como Transtorno do Espectro do Autismo.

2.3. TECIDO MOLDADO COM COR AZUL: retalhos, fitas, corantes e marcadores

“Basta que o ódio esteja suficientemente vivo para que dele se possa extrair alguma coisa, uma grande alegria, sem qualquer ambivalência, não a alegria de odiar, mas a alegria de querer destruir aquilo que mutila a vida”

(Gilles Deleuze)

Aqui chego a uma definição, a qual constitui aquilo que designo como *Identidade Autista*: construída com linhas e corantes em tons de azul; semente que germinou o espectro do autismo, espaço que contém o poder científico acumulado, de um saber constituído pela ciência moderna, que afirma o orgulho autista como algo singular e que constitui o aparato legal que atualmente beneficia as pessoas autistas e suas famílias⁴⁴. “A afirmação da identidade e a enunciação da diferença é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são

⁴⁴ Destaco aqui, como iniciativas mais recentes, a publicação de literatura infanto-juvenil, por pais e mães de autistas, com o objetivo de conscientizar pessoas sobre o autismo. Cito como exemplos 3 livros: “Meu amigo faz iiiii”, de Andréa Werner (2017), mãe de Theo; “Um livro diferente”, de Anita Brito (2015), mãe de Nicolas; e “A escova de dentes azul”, de Marcos Mion (2016), pai de Romeo.

produzidas” (Silva, 2009, p. 81). Afirmações, posições, passagens, instituições e dispositivos que preciso relatar, até mesmo para me desfazer ou assumir.

Erro, hipocrisia, será acreditar que o saber não aparece senão onde os relacionamentos de forças estão suspensos. Não existe modelo de verdade que não remeta para um tipo de poder, não existe saber, nem mesmo ciência, que não exprima ou não implique em acto um poder em vias de se exercer (Deleuze, 1987, p. 64).

Aqui apresento marcas, capturas, dispositivos que criam agenciamento para o autismo e para os corpos autistas. Há poder nessas categorias. Deleuze (1987) afirma que Foucault denomina “dispositivos”, os agenciamentos concretos, uma espécie de mistura composta pelo visível e pelo enunciável. “Os agenciamentos concretos da escola, da oficina, do exército... operam integrações em substâncias qualificadas (crianças, trabalhadores, soldados) e funções finalizadas (educação, etc.), até se chegar ao Estado, que visa uma integração global” (Deleuze, 1987, p. 62). Para Foucault (1987), é relevante destacar os avanços desses dispositivos de poder, cujo principal objetivo é a normalização.

Os agenciamentos concretos estão, portanto, fendidos pelo interstício segundo o qual a máquina abstracta se efectiva. [...] essa causa encarada em cada caso, em cada dispositivo concreto, não cessa de medir as misturas, as capturas, as intercepções entre elementos ou segmentos das duas formas, se bem estas últimas permaneçam irredutíveis, heteromorfas (Deleuze, 1987, p. 63).

Deleuze (1987, p. 69) afirma que “É ‘no’ de-fora, ou por exclusão, que os agenciamentos enclausuram, e isto é assim tanto para a interioridade psíquica como para o enclausuramento físico”. De acordo com Foucault (1987), ciências como a psicologia, a pedagogia, a psiquiatria, a criminologia – que encantam a humanidade – “[...] têm sua matriz técnica na minúcia tateante e maldosa das disciplinas e das suas investigações. Estas são talvez para e para tantos outros estranhos conhecimentos (Foucault, 1987, p. 186). Portanto, é desse lugar que parto para apresentar um corpo autista que é fragmentado e alcançado por modelos que o emoldura em compartimentações executadas por dispositivos.

2.3.1. Recortes de retalhos e fitas sobre a deficiência

Como retalho inicial, trago o tecido da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)⁴⁵. Este é um exemplo representativo da construção de uma instituição através da luta

⁴⁵ A APAE é uma instituição que executa também o atendimento às pessoas autistas.

de familiares, amigos, profissionais e pesquisadores, que tem como missão: “[...] educar, prestar atendimento na área de saúde e lutar por seus direitos na perspectiva da inclusão social” (APAE, 2022, *on-line*). Seu principal combustível é o descaso do Estado brasileiro quanto à existência de pessoas com deficiência e a necessidade de incluí-las. É nesse espaço que ela se cria e se fixa.

A Apae – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais nasceu em 1954, no Rio de Janeiro. Caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência, prioritariamente aquela com deficiência intelectual e múltipla. A Rede Apae destaca-se por seu pioneirismo e capilaridade, estando presente, atualmente, em mais de 2.200 mil municípios em todo o território nacional (APAE, 2022, *on-line*).

O movimento Apaeano deriva da lacuna das políticas públicas de Estado para a assistência de pessoas com deficiência intelectual e múltipla, bem como de pessoas diagnosticadas autistas. Se por um lado entendo que há pontos soltos na exequibilidade da legislação sobre a temática e quanto à aplicação das políticas de inclusão e assistência para pessoas com deficiência, por outro também percebo que há uma fragilidade na compreensão teórica de inclusão pelas famílias e por alguns seguimentos de pesquisadores na área da inclusão. É nesse ponto de tensão que redes como as APAE ganham espaço e questionamentos sobre as possibilidades efetivas de inclusão dessas pessoas são discutidas.

Atualmente o Movimento congrega a Fenapaes – Federação Nacional das Apaes, 24 Federações das Apaes nos Estados e mais de duas mil e duzentas Apaes distribuídas em todo o País, propiciando atenção integral a mais de 700 mil pessoas com deficiência intelectual e múltipla. É o maior movimento social do Brasil e do mundo na sua área de atuação (APAE, 2022, *on-line*).

De acordo com Silva e Melo (2018), as atividades das APAE abrangem os setores sociais da saúde, educação, assistência social, trabalho e lazer. Essas entidades têm seu funcionamento garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDBEN/96), sancionada no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), apoiando-se especialmente no tocante ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) – no Capítulo V: Da Educação Especial, em seu artigo 58⁴⁶, § 2º⁴⁷.

⁴⁶ “Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida **preferencialmente** na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” [grifo nosso] (Brasil, 1996, p. 19).

⁴⁷ A Educação Especial pode acontecer, de acordo com o art. 58, § 2º da LDBEN, em “[...] classes, escolas ou serviços especializados [leia-se instituições privadas-assistenciais], sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular” (Brasil, 1996, p.19).

A LDBEN 9394/1996 atualmente é a legislação que arregimenta o funcionamento dos sistemas de ensino no Brasil, em todos os níveis. Esse documento acompanha os preceitos da Constituição Brasileira, promulgada em 1998 que, sobre o Atendimento Educacional Especializado, determina em seu artigo 208, em seu inciso terceiro: “III—atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, **preferencialmente** na rede regular de ensino” [grifo nosso] (Brasil, 2016, p. 124). Ressalto que a utilização do termo “preferencialmente” nas legislações brasileiras, quando se referem ao AEE ou à Educação Especial é uma espécie de concessão legal para a existência de permissões para a institucionalização das pessoas com deficiência. Assim, convivemos sempre com o risco da exclusão.

Os retalhos aqui apresentados dessas legislações demonstram que se por um lado possuímos aparato legal⁴⁸, já suficiente para levar à frente a execução da inclusão, por outro ainda engatinhamos no desenvolvimento de metodologias que possibilitem a sua efetivação nas escolas. Fator que também abre espaços para que discursos excludentes contaminem a sociedade.

O que existe é um projeto de Estado neoliberal, em um território de capitalismo periférico, para garantir que a política de inclusão não se efetive – considerando a falta de investimento na formação de professores para trabalhar com alunos com deficiência; a responsabilização desses alunos na escola, quase sempre somente ao AEE; e a ausência de políticas públicas intersetoriais, em diálogo permanente com a família e com a sociedade.

Cumpra acrescentar que, entre 2003 a 2015, a Fenapaes disputa a hegemonia nas políticas educacionais da área da Educação Especial, tendo presente novos arranjos e direcionamentos dados pelo sistema capitalista, em função da recomposição da hegemonia do capital, visando redirecionar os investimentos nas áreas sociais (Silva; Melo, 2018, p. 03).

De acordo com Silva e Melo (2018), a Federação Nacional das APAES (FENAPAES) remodela seus programas para se adequar aos preceitos da política de inclusão. No entanto, essa disputa se dá em um território minado, composto pela ausência de políticas públicas inclusivas de educação encabeçadas pelo Estado, que por sua vez abre espaço de forma sistemática para a

⁴⁸ Mais recentemente é importante destacar a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Esta se propõe, no seu Artigo 1º, “[...] a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (Brasil, 2015, p.01). A LBI traz em seu bojo avanços significativos na garantia dos direitos das pessoas com deficiência, especialmente no tocante à inclusão.

participação da sociedade civil no cumprimento de suas demandas, através do chamado terceiro setor, financiado por parcerias e convênios pelo Estado.

Dessa forma, o neoliberalismo captura “bandeiras” dos movimentos sociais, como direito social, retirando do Estado sua responsabilização em relação à educação das pessoas com deficiência. “É preciso compreender que a Fenapaes faz uso do discurso de que defende o direito à educação, porque esse direito é o princípio garantido pelo Estado para efetivar e legitimar suas políticas públicas” (Silva; Melo, 2018, p. 07).

Sobre os retalhos das políticas educacionais, da área da educação especial, destaco a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, elaborada em 2007, no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010). Essa política teve como principal objetivo:

[...] assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (Brasil, 2008, p. 14).

Esse documento traz em seu bojo o pensamento educacional inclusivo de uma de suas formuladoras, Maria Teresa Eglér Mantoan. Essa teórica reafirma, como perspectiva para a educação, uma escola acolhedora para todos, a partir de uma perspectiva de inclusão que vá além de rampas e banheiros adaptados: “É para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo” (Mantoan, 2015, p. 01). Ela defende a superação da centralidade na deficiência, que durante muito tempo esteve institucionalizada⁴⁹, para focar na dimensão pedagógica, pautada no espaço escolar comum, independentemente da cor da pele, gênero, fenótipo, funcionamento cerebral ou da ausência de algum membro do corpo.

De acordo com Mantoan (2005), o que faz a inclusão, em primeiro lugar, é um bom projeto pedagógico, que começa por um processo reflexivo organizado dentro da escola, mas

⁴⁹ “No Brasil, o atendimento às pessoas com deficiência teve início na época do Império com a criação de duas instituições: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos, em 1857, atual Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, ambos no Rio de Janeiro. No início do século XX, é fundado o Instituto Pestalozzi – 1926, instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954 é fundada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE e; em 1945, é criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff” (Brasil, 2008, p. 06).

não fechado em si. É este documento proposto e escrito pela comunidade escolar que pode auxiliar na construção efetiva da escola inclusiva. Nesse sentido, o suporte psicopedagógico especializado é fundamental para que o processo de inclusão avance. Ela afirma que para construir, efetivamente, a escola para a “Turma toda”, é preciso rever seus conceitos de “qualidade” e buscar a efetivação da sua função social central: a aprendizagem dos alunos e a construção do conhecimento de forma compartilhada.

Contudo, quando trato de formulação de políticas, falo também de relações de poder. Por isso lembro que há sempre um tensionamento, uma relação de forças opostas que se contradizem, chocam-se, e tentam se engolir mutuamente. E que, nesse caso, não fugiu à regra e não tardou a acontecer.

Um relacionamento de forças é uma função do tipo “incitar, suscitar, combinar...”. No caso das sociedades disciplinares, dir-se-á: repartir, seriar, compor, normalizar. A lista é indefinida e é variável para cada caso. O poder “produz real”, antes de reprimir. E também produz o verdadeiro antes de ideologizar, antes de abstrair ou de mascarar (Deleuze, 1987, p. 51-52).

Com a eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro, no ano de 2018, a discussão acerca da pessoa com deficiência e sua escolarização ganham novas fitas. É relevante ressaltar que alguns grupos vinculados à causa da deficiência, especialmente por pessoas surdas, APAE e familiares⁵⁰ de pessoas autistas, com grande número de seguidores nas redes sociais, apoiaram a candidatura de Bolsonaro, que foi contrário à Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, trazendo à tona pautas como a implantação das classes especiais para pessoas com deficiência, em escolas regulares.

O que se evidenciou após a eleição do mesmo foi um embate no campo teórico, nas redes e nos movimentos sociais acerca das práticas inclusivas realizadas nas escolas, até aquele momento, e quais seriam os caminhos possíveis a seguir, sob a justificativa de que as mesmas não estavam de fato promovendo a inclusão. Portanto, os pais poderiam decidir onde seria mais adequado matricular seus filhos, fazendo uso de um dos motes do seu governo: a liberdade.

A Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva foi salva pelo gongo, após a decisão do Plenário do Supremo Tribunal Federal que reconheceu a inconstitucionalidade do Decreto Nº 10.502, de 30 de setembro de 2020. Esse documento instituiu a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida e, entre outras coisas, deliberava a possibilidade de escolha pelas famílias. Como se fosse possível, considerando que, mesmo com a obrigatoriedade de matrícula, convive-se

⁵⁰ A exemplo do apresentador Marcos Mion, como estrela midiática dos pais da comunidade autista, e do professor Dr. Lucelmo Lacerda, como propagador de pesquisas que estudam “Práticas baseadas em evidências científicas”.

com constantes negativas das escolas, sob a alegação do não preparo, da falta de vagas, entre outras justificativas injustificáveis.

O Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF), por maioria, referendou a liminar deferida pelo ministro Dias Toffoli na Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) para suspender a eficácia do Decreto 10.502/2020 que debilita o dever de as escolas incluírem alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na rede comum de ensino a todas e todos os estudantes. O decreto se constitui um retrocesso à Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva construída a muitas mãos pelos movimentos sociais pró-inclusão (Orrú, 2022, p. 1049).

Corroborando essa decisão, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 1º de janeiro de 2023 – simbolicamente, em um dos primeiros atos do seu terceiro governo – editou o Decreto 10.502/2020 com o objetivo de revogar, em definitivo, o conteúdo excludente e segregador do documento. Essa revogação teve como base a reivindicação de uma parcela significativa dos movimentos sociais, que militam em defesa dos direitos das pessoas com deficiência, e demarca o tom do terceiro governo Lula acerca da formulação de políticas de inclusão. No mesmo contexto, também assinou decreto que recriava a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI/MEC) – que havia sido extinta no governo anterior.

Esse ato princípio assume grande importância. Demarca o tom da política inclusiva que, àquele momento, o governo desejava expor na vitrine. Essa disputa de hegemonia sobre o modelo de inclusão escolar me coloca diante de duas frentes: a inclusão das pessoas com deficiência em classes regulares e a inclusão excludente dessas pessoas em escolas ou classes especiais. Nessa discussão – que não é isenta de interesses políticos e econômicos – a APAE, entre outras instituições, tem sido uma das principais questionadoras do atual modelo de política de inclusão, que em que pese os ataques feitos pelo governo do presidente Jair Messias Bolsonaro, seguiu em vigor. Sobre isso me saltam questões: o atendimento de pessoas em uma rede específica para PcD's configuraria inclui-las na sociedade? Como pensar uma escola, efetivamente para todos, sem tensionar as problemáticas que envolvem a política de inclusão?

Após a posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2023, em seu terceiro mandato, ressalto que o contorno político da inclusão escolar, na prática, mostra-se ainda bastante incerto. Contudo, destacamos a publicação do Decreto Nº 11.793, de 23 de novembro de 2023, que institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Novo Viver Sem Limite. Esse documento tem como principal objetivo funcionar como uma possibilidade de proporcionar o exercício pleno e equitativo dos direitos das pessoas com deficiência,

combatendo diretamente o capacitismo⁵¹. Esse Plano deve ser executado pela União em colaboração com os Estados, com o Distrito Federal, com os Municípios e com a sociedade civil.

Art. 2º São diretrizes do Novo Viver sem Limite: I - o enfrentamento do capacitismo, do preconceito e da violência contra pessoas com deficiência; II - o reconhecimento da participação e do protagonismo das pessoas com deficiência; III - a garantia de acesso das pessoas com deficiência aos produtos, aos serviços e aos equipamentos públicos e privados; IV - a ampliação da participação das pessoas com deficiência nas várias dimensões da vida social, mediante a diminuição das barreiras e das desigualdades sociais; V - a prevenção das causas de deficiência; VI - a identificação tempestiva da deficiência; VII - o reconhecimento da interseccionalidade como componente constitutivo das identidades de pessoas e grupos; VIII - o respeito pela diferença e pela plena inclusão das pessoas com deficiência como parte da diversidade humana no País; IX - o compartilhamento pactuado de ações e estratégias com os entes federativos e com organizações e movimentos da sociedade civil; e X - a promoção da igualdade equitativa de oportunidades e de adaptações razoáveis para as pessoas com deficiência (Brasil, 2023, *on-line*).

Para mim, essa legislação dialoga diretamente com os jovens e adultos que alinhavam a *Primavera Autista*. Exalta o protagonismo e a participação social das pessoas com deficiência na defesa de direitos e reconhece a interseccionalidade como parte constitutiva das identidades. Entendo que esse plano tem relevância para o atual momento histórico. Apresenta uma sinalização política interessante e importante para as pessoas com deficiência para apresentarem, construir e acessarem políticas públicas inclusivas.

2.3.2. Para além dos corantes em tons de azul

Continuo pela cor azul, que por si só tem seu encanto, inspirando poetas em composições de versos e melodias... como Djavan (2005) em “Azul”, Tim Maia (1970) em “Azul da cor do mar”, Wilson Simonal (1967) em “Vesti azul”. Há quem diga que o azul transmite tranquilidade, na busca da harmonia com a espiritualidade, e que tenha efeito calmante. Cor da ciência e da inteligência. Dizem também que ela foi a última cor a ser

⁵¹ Capacitismo é um termo que denota os diversos tipos de preconceito – sociais, culturais, históricos - relacionados às pessoas com deficiência. Em geral, falas capacitistas tendem a reduzir essas pessoas a condições incapacitantes, com o objetivo de generalizar discursos que nivelam suas vidas e invisibilizam seus corpos. De acordo com Nogueira (2022), “Capacitismo: é a discriminação ou violências praticadas contra as pessoas com deficiência. É a atitude preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional. Com base no capacitismo, discriminam-se pessoas com deficiência. Trata-se de uma categoria que define a forma como pessoas com deficiência são tratadas como incapazes (incapazes de trabalhar, de frequentar uma escola de ensino regular, de cursar uma universidade, de amar, de sentir desejo, de ter relações sexuais etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais como o sexismo, o racismo e a homofobia” (Nogueira, 2022, p. 155-156).

enxergada. Cor de céu, cor de mares profundos, cor que a natureza pega emprestado para pintar flores raras, borboletas e pedras preciosas.

O índigo, derivação do azul, está associado ao signo de peixes, último signo do zodíaco e que, de acordo com a astrologia, reúne em si um misto de características de todos os outros signos. O azul é considerado uma cor fria, e também está associada à depressão, à monotonia. Pablo Picasso, em sua fase azul (1901-1904)⁵² – que teve início após o suicídio do seu amigo Carlos Casagemas – trouxe a melancolia monocromática azul em suas pinceladas. Temas como a morte, a solidão, a dor, o abandono, a pobreza, a tristeza e o desespero marcaram suas produções⁵³ dessa época. Por outro lado, não há nada mais bonito que o azul nas pinceladas de “Noite estrelada” de Van Gogh. Essas referências me mostraram que o tom azul divide opiniões de especialistas, artistas e poetas – seja quando mareja os olhos emocionados, quando descortina o céu no amanhecer do sertão nordestino ou quando é tocado em notas de “blues”.

De acordo com Eva Heller (2013), em sua obra “A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão”, o azul é a cor preferida entre todas as cores⁵⁴. Ela afirma que é a cor da compreensão mútua. Porém, também é considerada a cor mais fria, que pode revelar um lado sombrio. Por isso mesmo não é uma cor “aconchegante”, e não é das mais recomendadas para decoração de ambientes.

Os deuses vivem no céu. Azul é a cor que os rodeia; por isso, em muitas religiões o azul é a cor dos deuses. As máscaras douradas dos faraós têm cabelos e barba azuis. É o azul da pedra semipreciosa chamada lápis-lazúli, uma pedra sagrada. [...] Entre os romanos, Júpiter era o senhor dos céus, e azul era a cor de seu reino. Como planeta, na astrologia, o azul pertence à constelação de Sagitário; por isso, muitos astrólogos conferem aos nascidos sob esse signo o azul como cor típica; como Sagitário dispara suas flechas no céu, essa é a cor ideal (Heller, 2013, p. 53).

O azul, de tantas nuances, também é conhecido por ser a cor que representa o autismo, especificamente porque os dados apontam para uma maior prevalência de casos no sexo masculino – indica também um viés de gênero na concepção da *Identidade Autista*. De acordo com o DSM-5 (2014, p. 57), “O transtorno do espectro autista é diagnosticado quatro vezes mais frequentemente no sexo masculino do que no feminino”.

⁵² “Os quadros de Picasso de seu ‘período azul’ (1901-1904) mostram o azul passando exclusivamente um efeito de frio. A crítica de arte Helen Kay descreveu assim: ‘O famoso azul de Picasso é o azul da miséria, dos dedos frios, das friciras, dos lábios exangues, da fome. É o azul do desespero... o azul dos blues’” (Heller, 2013, p. 54).

⁵³ Algumas das obras mais conhecidas da fase azul de Picasso são: Mãe e Criança (1902), A tragédia (1903), A vida (1903), O mendigo e o menino (1903), O velho guitarrista (1903) e A Celestina (1904).

⁵⁴ “É a cor predileta de 46% dos homens e 44% das mulheres. E não existe quase ninguém que não goste de azul: apenas 1% dos homens e 2% das mulheres citaram o azul entre as cores de que menos gostam” (Heller, 2013, p. 46).

A atribuição da cor azul ao sexo masculino é algo relativamente recente. De acordo com a historiadora Jo B. Paoletti (2012), essa definição de cores para vestimentas de bebês não existia. O branco era a cor normalmente utilizada independentemente do sexo. Tintura de tecido até o século 19 era algo muito caro e o branco é uma cor que pode ser utilizada com alvejantes. Todavia, no pós Primeira e Segunda Guerra, os tons começaram a se definir para os sexos, especialmente como estratégia de *marketing*. A princípio, o rosa era utilizado para o sexo masculino e o azul para o feminino. De acordo com essa autora, a transição aconteceu gradualmente e teve sua definição atual consolidada a partir da década de 1980, com a popularização dos exames de identificação de sexo durante a gravidez. Quando também o capitalismo e o mercado, representado por lojas de departamento norte-americanas, apropriaram-se do conceito azul para meninos x rosa para meninas⁵⁵.

É nesse ínterim que o azul, por estar associado culturalmente ao sexo masculino, torna-se também a cor do autismo. Daí deriva o Abril Azul. Desde 2008, a Organização das Nações Unidas (ONU) determinou o dia 02 de abril como Dia Mundial de Conscientização do Autismo. Assim, nesse mês, monumentos em cidades são iluminados de azul; a mídia se dedica ao tema como forma de conscientizar a população sobre o autismo e as pessoas circulam em passeatas e manifestações individuais com roupas em tons de azul para demonstrar o apoio à causa autista e aos seus “anjos azuis”.

Mais uma vez, a cor azul aparece com um forte apelo espiritual, ser anjo é algo que conforta e santifica as pessoas autistas. Blinda-as, juntamente com suas famílias, do pecado, da dor, do sofrimento, do ódio. Dar assim um caráter santificado às pessoas autistas e traz um tom moral para a descrição da *Identidade Autista*. Suscita uma ideia de compaixão disfarçada de admiração social seletiva e classista, que em contrapartida oferece às suas famílias a restrição do convívio social, gerando a necessidade de permissão para a convivência na terra com os “mortais”. Para mim, o objetivo é claro: disciplinar e docilizar os corpos das pessoas autistas.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também uma “mecânica de poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que se operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (Foucault, 1987, p. 119).

⁵⁵ Nesse contexto de definição de cores, a partir da identidade fixa do sexo, é importante lembrar a fala desastrosa, preconceituosa, sexista da Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do Governo Bolsonaro (2019-2022), a pastora evangélica Damarens Alves. Afirmou em um dos seus primeiros discursos que estava chegando uma nova era no Brasil onde “Menino veste azul e menina veste rosa”. O discurso dela, celebrado pelos seus pares da extrema direita, virou uma espécie de mote desse governo, quando o assunto era a crítica à temida “ideologia de gênero”, “criada” por parte da esquerda brasileira para “doutrinar” crianças nas escolas. Entendo que essa “doutrinação” de crianças para uma suposta “escolha de gênero”, é algo tão antiquado e tão absurdo quanto definir qual cor um bebê deve vestir, com base no seu órgão genital.

O que está em jogo é a discussão da autonomia do corpo da pessoa com deficiência e aqui, mais especificamente, do corpo autista. A denominação “anjo azul” me remete à infantilização dos corpos dessas pessoas, distintos e classificados entre o sexo masculino ou feminino, através de definições que não dialogam com as diversas possibilidades existentes nas atuais discussões de gênero e interseccionalidade. Muitas vezes identificam homens autistas adultos como “gênios”, “privilegiados”, enquanto as mulheres são “desqualificadas”, tratadas tão somente como “loucas”, “dispersas”, “preguiçosas”. O que se evidencia nesses elementos também faz parte de marcas da nossa organização social patriarcal, que privilegia o “sofrimento” masculino e nega o feminino.

Quando se trata do diagnóstico, Orrú (2024) afirma que o autor Baron-Cohen valoriza sobremaneira as questões biológicas em detrimento dos aspectos culturais. Dá função à expressão “cérebro autista” que se vincula diretamente à sua “teoria do cérebro masculino extremo do autismo”. Dessa forma, esse autor desconsidera o gênero feminino em suas análises. Orrú (2024) também afirma que grande parte dos diagnósticos femininos ocorrem tardiamente, cercea o direito de meninas e mulheres autistas acessarem possibilidades de suporte desde cedo.

Essas distorções também se apresentam quando considero critérios de raça. Crianças, jovens e adultos negros, muitas vezes, são negligenciados em seus diagnósticos, tanto pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde, quanto pela desumanização de seus corpos. É relevante ressaltar que, em geral, a personificação do autismo está vinculada a uma imagem masculina e branca, como se essa fosse a única forma, ou a predominante, de ser autista. Essas informações denotam o caráter excludente e classista dos critérios médico-psicologizantes nos quais está centrada a *Identidade Autista*. Em geral, quando se pensa em autista, prontamente se apresenta o estereótipo de uma criança, branca e do gênero masculino. Essa compreensão claramente aponta preconceitos de gênero, raça e classe em metodologias de pesquisa e técnicas de diagnóstico.

Outra imagem associada ao autismo é o quebra cabeça em forma de fita – símbolo mundial da conscientização do autismo – que tem seu uso legalizado na Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo. Conhecida como Lei Berenice Piana⁵⁶, sancionada no governo da presidenta Dilma Rousseff (2011-2016). A utilização do quebra-cabeça em forma de fita tem como principal objetivo representar a diversidade infinita do autismo. No entanto,

⁵⁶ Mãe de Dayan, um rapaz autista, e militante da causa autista. Considerada uma das co-fundadoras da Lei nº 12.764/2012.

seu uso atualmente tem sido bastante rediscutido por uma parcela das pessoas autistas, pela possível associação do quebra-cabeça a algo complexo, de demorada elaboração, o que pode denotar ao autismo uma marca de problema com difícil solução.



Figura 2: Quebra-cabeça em forma de fita

Fonte: <https://www.autismoemdia.com.br/blog/simbolos-do-autismo>

O elemento que considero mais relevante da Lei Berenice Piana é conceder às pessoas autistas os mesmos direitos das pessoas com deficiência, quando afirma em seu Art. 1º, § 2º “A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais” (Brasil, 2012, *on-line*). Penso que é um fator de grande importância, porque também insere o autismo nas pautas da garantia de direitos, assim como as demais pessoas com deficiência, e, especialmente, da inclusão social e educacional das pessoas autistas. É inegável a importância histórica da militância das associações de pais de autistas na concepção e aprovação dessa lei.

Em contrapartida, em 17 de julho de 2023, foi sancionada a Lei 14.624/23 que formaliza a utilização não-obrigatória do cordão do girassol, acompanhada de documento comprobatório, para identificar pessoas com as chamadas deficiências ocultas ou não-visíveis, como autismo, transtorno de déficit de atenção (TDAH), deficiência intelectual, doença de *Crohn* e fobias extremas. O *design* do cordão de girassol é composto por um fundo verde com girassóis amarelos. Pode vir acompanhado de um crachá com informações sobre a pessoa que faz uso do mesmo. “[...] foi criado pela equipe de Acessibilidade do Aeroporto de Gatwick e estabelecido no Reino Unido em 2016. Desde então, foi adotado globalmente por organizações para apoiar seus colegas e clientes.” (Academia médica, 2023, s/p). A justificativa para a adoção desse

símbolo é que o mesmo remete à ideia de confiança, de força e de positividade, tendo boa aceitação entre as pessoas com deficiência, no sentido de evitar constrangimentos em locais públicos, garantindo o atendimento prioritário.



Figura 3: Cordão de girassol

Fonte: <https://www.autismoemdia.com.br/blog/simbolos-do-autismo>

Outro símbolo que foi capturado por uma parcela da comunidade autista, como elemento identificador, dentro de uma perspectiva de rompimento com o monocromático azul, é o infinito com as cores do arco-íris, que representa a neurodiversidade. Esse símbolo, de alguma forma, também adquire *status* de representação da *Identidade Autista*, não obstante sua apropriação seja uma necessidade de evadir dela. É a partir dessa compreensão que apresento a contraposição entre pessoas com funcionamento neurocognitivo típico, adequado aos padrões de normalidade, e atípico ou neurodivergente, inadequado ou fora dos padrões de normalidade.

Neurodiversidade é um conceito que foi proposto por Judy Singer em 1998. De acordo com esse conceito, as diferenças neurológicas existentes entre os indivíduos da nossa espécie não devem ser vistas como doença, e sim como variações normais. [...] Pessoas diagnosticadas com dislexia, TEA, TDAH e síndrome de Tourette são exemplos de pessoas consideradas neurodivergentes (Santos, 2023, *on-line*).

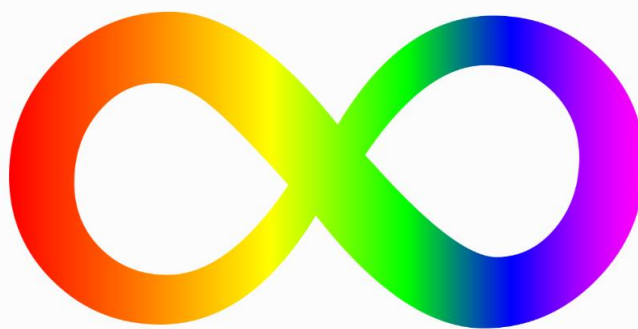


Figura 4: Símbolo da neurodiversidade

Fonte: <https://www.autismoemdia.com.br/blog/simbolos-do-autismo>

O elemento simbólico do girassol, bem como o símbolo do infinito multicolor, desencadeia uma discussão que questiona a utilização deliberada acerca do uso do corante azul do mês de abril – que está também na lei que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo – que ao longo dos anos capturou a constituição da *Identidade Autista*. Esse elemento tem sido fortemente rebatido, especialmente por pessoas que foram diagnosticadas já adultas e que, em sua maioria, estão no nível 1 de suporte, também conhecidas como autistas de grau leve. Fato que demonstra que existe uma pluralidade de pensamento, diversas concepções de identidade em torno do autismo, e que hoje está exposta fortemente na potência do alcance das redes sociais.

Assim como em qualquer comunidade, a formada por autistas e seus familiares expressam múltiplas linhas de pensamento. Desde o início do século 21, vem se fortalecendo o ativismo protagonizado por autistas, especialmente pelos de grau 1. No Brasil, essa comunidade tem entre seus expoentes: Willian Chimura, Luciana Viegas, Tiago Abreu, Tabata Cristina, Polyana Sá, Gian Martinovic (que também atende por Gia ou Giulia), Lucas Pontes e muitos outros autistas, ativos especialmente nas redes sociais. Neste contexto, há uma série de críticas apresentadas ao Abril Azul. Ativistas autistas defendem, por exemplo, o uso de um símbolo com a forma do infinito, que englobe todas as cores do arco-íris para lembrar a diversidade não só do autismo enquanto espectro, mas da diversidade de raça, identidade de gênero e sexualidade. Segundo esses ativistas [...] há uma necessidade de enxergar o autista para além de um estereótipo que ainda hoje está muito ligado a uma figura branca, masculina, heteronormativa, pura e infantil (Autismo e realidade, 2022, *on-line*).

A busca de desumanização dos corpos das pessoas autistas não é algo sem propósito, é um projeto que se encaixa na conjuntura vigente. Não caber na moldura sociopolítica do corpo com funcionamento “padrão”, “normal”, “neurotípico”, implica diretamente a exclusão e a imposição de sanções como o silenciamento, a invisibilidade e, muitas vezes, a inexistência ou a imposição de marcas identitárias. De acordo com Michel Foucault (1999, p. 10),

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer — sejam atos ou palavras.

Para esse autor, o espaço relegado a esses corpos é restrito, é “apertado”, é desconfortável, é difícil ter cabimento sob o exercício da disciplinarização. Ele afirma que a anatomia construída é política, e, portanto, uma “mecânica de poder”. Para que essa engrenagem funcione, os corpos necessitam de molduras. Aqui elenco algumas delas amplamente difundidas nas escolas e nos consultórios de intervenção comportamental, que vigoram sob o confortável *status* de possuir comprovação científica.

Ademais, em que pese a atual disseminação de conhecimentos acerca do autismo, que se colocam sob a marca da ciência, é relevante ressaltar os aspectos classistas no tratamento dessas pessoas. Muitas vezes, as intervenções, programas e terapias são caras, porque exigem treinamento de uma equipe multidisciplinar. São pouco acessíveis para a grande parte da população, o que causa um abismo entre o desejável e o possível, frustra as famílias, causando ainda mais sofrimento às pessoas autistas. Sob inspiração deleuzo-guattariana, Marlon Miguel (2015, p. 69-70) afirma que:

Os regimes de signos são verdadeiras funções de existência da linguagem funcionando como agenciamentos de enunciação. Diferentes régimes de signos se cruzam e fazem aparecer no tempo e no espaço certas estruturas. A semiologia, por exemplo, é apenas um regime de signos entre outros. Da mesma forma que somos atravessados por diferentes linhas em diferentes velocidades, somos atravessados por diferentes semióticas – pré-significantes, significantes, pós-significantes, subjetivas, paranoicas etc. O trabalho da pragmática ou da própria esquizoanálise é de traçar mapas que deem conta dessas diferentes relações. Mas em seguida, trata-se mesmo de criar novas semióticas ainda desconhecidas. A língua criada por Deligny, seu agenciamento de enunciação, e o trabalho das presenças próximas nos serve assim como uma aplicação concreta e explícita desse programa no qual análise e criação se encontram. Busca de uma nova semiótica onde o código da normalidade (e da patologia), assim como a relação ao corpo e aos gestos já não se deixam significar pelo modo habitual do discurso psiquiátrico e psicanalítico mais clássicos.

De acordo com Deleuze e Guattari (2012b), um regime de signos forma uma semiótica. Eles afirmam também que a rede de signos é circular, ou seja, os signos resistem a muitas coisas, como também a seu significado. “A um signo ou a um grupo de signos corresponderá uma parte de significado determinado como conforme, consequentemente conhecível” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 67). Alguns elementos, que aqui apresento, compõem o arcabouço semiótico, que confere significado e significação à *Identidade Autista*. Os signos aqui elencados se consolidam na contemporaneidade vinculados ao autismo de forma ostensiva. Muitos deles

ocupam espaços em vestuários, adesivos, objetos de uso cotidiano e logomarcas, contribuem para a consolidação do ideário que rotula a *Identidade Autista*.

2.3.3. Marcadores de papel

Quando abro, ainda mais, o tecido do autismo, encontro marcas. A primeira delas é feita pelo psicólogo norte-americano John Watson, o qual é o teórico responsável pelo desenho da teoria behaviorista, que tem como principal objetivo estudar o comportamento humano e dar um caráter científico à psicologia. De acordo com Silvia Ester Orrú (2012), Pavlov e Watson “[...] contribuíram para o surgimento dessa teoria por meio do método de trabalho centrado na observação e na experiência laboratorial, pelos quais os estados mentais são influenciados e se constituem de forma lógica, a partir de disposições do comportamento” (Orrú, 2012, p. 54).

Segundo essa teoria, a aprendizagem advém da mudança de comportamentos, que podem ser observados, mensurados, avaliados e tabulados, com precisão e rigor científico. A previsibilidade e o controle dos comportamentos humanos são a matéria orgânica que alimenta as abordagens comportamentais da psicologia e abrem espaço para autores como Burrhus Frederic Skinner, que foi aluno de John Broadus Watson.

Skinner procurava trabalhar cientificamente com o que era observável, dando maior atenção para a definição de como o comportamento era provocado pelas forças externas. Em sua concepção, todas as nossas ações e nossa maneira de ser são formadas como resultado de experiências de punição, reforçamento ou extinção (Orrú, 2012, p. 54).

Para esse campo teórico, os acertos e erros humanos podem ser reforçados ou extintos, de acordo com o objetivo do pesquisador, psicólogo ou professor. “Assim, com relação ao homem, este é entendido como um ser passivo, um organismo que é reativo, definido, controlado e manipulado pelo meio e suas forças externas” (Orrú, 2012, p. 55). E é exatamente essa tentativa de controle das ações e corpos de pessoas autistas que tem sido objeto de ramificações cognitivistas da máquina behaviorista.

Em uma abordagem comportamental, os procedimentos para o trabalho com autistas compreendem avaliação comportamental, treino de repertórios de apoio, verbais e perceptivo-motores, treino em interação social, comportamento verbal e comportamentos acadêmicos, cujo objetivo é a redução de comportamentos excessivos e a ampliação da atenção ao sujeito. Como procedimento do treinamento de comportamentos dos repertórios citados, são utilizadas as ações de imitar e de

observar instruções apresentadas (repertórios de apoio), nomeação, posse de objetos e descrição de ações diversas (verbais) (Orrú, 2012, p. 58-59).

Nesta pesquisa, que se concentra no campo da educação, opto por citar dois exemplos de abordagens que se pautam na formatação e estruturação de comportamentos humanos, a partir de modelos e moldes pré-definidos de aprendizagem. Início pela Análise do Comportamento Aplicada (ABA) – *Applied Behavior Analysis* – termo advindo do campo do behaviorismo.

ABA é um termo “guarda-chuva”, descreve uma abordagem científica que pode ser usada para tratar muitas questões diferentes e cobrir muitos tipos diferentes de intervenções. Educação, especificamente Educação Especial para crianças com autismo, é uma das aplicações dessa ciência. [...] Para ensinar crianças com autismo, ABA é usada como base para instruções intensivas e estruturadas em situação de um-para-um. Embora ABA seja um termo “guarda-chuva” que englobe muitas aplicações, as pessoas usam o termo “ABA” como abreviação, para referir-se apenas à metodologia de ensino para crianças com autismo (Lear, 2004, p. 05).

A ABA, enquanto prática terapêutica, tem como principal propaganda se basear em evidências científicas e demonstrar resultados, “prometendo e cumprindo”, mensurando dados acerca do desenvolvimento da pessoa autista. Essa prática se realiza através de treinamento de habilidades, com ajudas e dicas, por treinos e repetições. A ABA se propõe a quantificar habilidades e modelar comportamentos através de tabelas, aplicativos ou *softwares*, objetivando eliminar comportamentos lidos como “indesejáveis”, através da observação e mensuração, “maneja” demandas para eliminá-los com o uso de reforçadores negativos e positivos. Pode ser aplicada no campo educacional em crianças, de forma precoce, e também em jovens e adultos.

O currículo usado será dividido em uma série de categorias, ou “programas”, tais como habilidades de cuidados pessoais, habilidades sociais, habilidades de linguagem, habilidades acadêmicas etc., organizadas em níveis de dificuldade, de maneira que você comece com habilidades básicas, muito simples, e depois as use para desenvolver as mais complexas (Lear, 2004, p. 10).

Nas escolas, a referência que deriva epistemologicamente da ABA, tida como receita de sucesso, é importada dos Estados Unidos da América, chama-se programa comportamental de ensino estruturado, o TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*). Esse aparato pedagógico, que possui uma marca registrada e requer licença para ser ensinado, acompanha a linha behaviorista de estímulo do ambiente para a execução de respostas comportamentais, colocando aprendizagem e

desenvolvimento no mesmo lugar, como se fossem equivalentes. Orrú (2012) afirma que esse tratamento

[...] surgiu, em 1966, como uma prática psicopedagógica, a partir de um projeto de pesquisa desenvolvido na Escola de Medicina da Universidade da Carolina do Norte, pelo Dr. Eric Schopler que questionava a prática clínica de sua época – a mesma que concebia a origem do autismo segundo uma causa emocional, devendo ser trabalhado pela concepção da psicanálise (Orrú, 2012, p. 60).

Maria Elisa Granchi da Fonseca e Juliana de Cássia Baptistella Ciola (2016) declaram que o Programa TEACCH possui como fundamento a abordagem desenvolvimentista de Jean Piaget para a organização dos níveis de trabalho. Assim, essas autoras definem seu funcionamento: “[...] uma habilidade somente irá aparecer quando a anterior já estiver instalada e completamente dominada pela pessoa. [...] no momento em que está em determinada fase, esta continua em estimulação na busca do aprimoramento e alcance do nível posterior” (Fonseca; Ciola, 2016, p. 63).

Sobre os níveis de trabalho, as autoras descrevem a organização do programa em 4 níveis. No nível I, a aprendizagem apresenta-se em estados primitivos e concretos, “[...] as atividades de nível I são basicamente atividades de triagem e deslocamento/transporte simples e depósitos de elementos” (Fonseca; Ciola, 2016, p. 63). O nível II é caracterizado pela presença das habilidades do nível I, com maiores exigências cognitivas, utilizando elementos concretos. “[...] as atividades de nível II exigem da pessoa a discriminação de elementos concretos e o reconhecimento de objetos, mas ainda não a ponto de fazer tal identificação planificada em imagens e figuras” (Fonseca; Ciola, 2016, p. 66). No nível III, aparece a função simbólica e evocação de conceitos abstratos e imagéticos.

[...] a criança já consegue usar as habilidades dos níveis anteriores I e II (que são cumulativas), além da sobreposição, associação, seriação com uso de imagens e objetos, completar figuras, categorizações, classificações, mas recursos ainda insuficientes para o processo de leitura (Fonseca; Ciola, 2016, p. 67).

Por fim, no nível IV do Programa, é possível observar o domínio da leitura com significado, abstração e simbolismo. De acordo com as autoras, as atividades exigem menor estrutura e podem se aproximar do currículo comum, introduzindo o uso de agendas escritas e leitura. “Neste nível são propostas atividades de emparelhamento, associações, seriação com uso de textos, operações matemáticas, frases, equações, situação-problema, leitura, completar lacunas e qualquer outra atividade/jogo cujo processo seja necessária a leitura” (Fonseca; Ciola, 2016, p. 67-68).

Segundo as autoras, o Programa TEACCH pode ser usado em todas as idades, dentro e fora do ambiente escolar, mudando apenas a apresentação de materiais, os próprios materiais, o currículo e os objetivos para cada faixa etária, com o foco no desenvolvimento da autonomia da pessoa autista, na estimulação de habilidades a serem alcançadas e não na repetição de tarefas de forma mecânica. Elas afirmam que:

O programa é, nesse caminho, um sistema de orientação de base visual com apoio na estrutura e na combinação de vários recursos para aprimorar a linguagem, a aprendizagem de conceitos e a mudança de comportamento. [...] O TEACCH trabalha com os princípios de organização, rotina, tarefas estruturadas, material visualmente mediado, ensino de relações causa e efeito, comunicação alternativa, espaços com suas funções, delimitações físicas, eliminação de estímulos concorrentes e controle do comportamento (Fonseca; Ciola, 2016, p. 16-17).

Essas autoras descrevem que, por meio de uma “estrutura externa”, é possível criar mentalmente “estruturas internas”, utilizando, principalmente, apoios visuais. Esse programa de ensino pauta-se na aprendizagem através da regulação de comportamentos entre níveis, em um ambiente que pressupõe a organização das atividades com áreas separadas de início, meio e fim (da esquerda para direita ou de cima para baixo), sem estímulos concorrentes, com o objetivo de compensar déficits cognitivos, sensoriais, comportamentais, sociais e comunicativos.

[...] alunos com autismo podem aprender de forma intensiva e eficaz quando o professor organizar todos os sistemas de sua metodologia: adequar o ambiente, preparar material, adequar o material às tarefas, selecionar objetivos adequados e funcionais, integrar o trabalho da escola com a família, favorecer a comunicação alternativa e registrar todas as evoluções e dificuldades (Fonseca; Ciola, 2016, p. 51).

Reconheço que o Programa TEACCH alcança seus objetivos e, por isso mesmo, tem sua importância validada e reconhecida por grande parte de pessoas autistas. Todavia, entendo que seu uso indiscriminado, não-problematizado e não-reflexivo, transforma apenas na reprodução de uma técnica. Mecaniza a relação com o sujeito singular e, efetivamente, não é apenas o autismo. É um retrato paralisado que reflete tão somente o espectro e seus déficits como ponto de partida.

Na pedagogia, o método TEACCH foi pensado para adequar-se à lógica de funcionamento cognitivo e sensorial característico do espectro e estruturado supostamente de acordo com o que o sujeito esperaria em termos de segurança psicológica (Freitas, 2015 p. 88).

Para lidar com o excesso de estímulos sensoriais, ausência de rotina, momentos de ansiedade, estresse, frustrações e limitações na capacidade de se comunicar com o outro e com

o mundo ao seu redor, o corpo autista pode enfrentar grandes desafios. A busca por uma moldura social, muitas vezes quase inatingível para o funcionamento do cérebro dessas pessoas, repercute diretamente em comportamentos, que recebem o cunho de “inadequados”.

Essa inadequação, nada mais é do que expressão da influência das teorias behavioristas, no tratamento terapêutico e na formulação de abordagens de programas de ensino estruturados, específicos para pessoas autistas, que miram na correção dos padrões comportamentais “desviantes” para revertê-los em condutas sociais e corporais dentro de um padrão admitido pela sociedade. Nesse sentido,

O programa TEACCH visa indicar, especificar e definir de maneira operacional os comportamentos que devem ser trabalhados. Ele possibilita o desenvolvimento de repertórios que são usados para avaliar os aspectos referentes à interação e organização dos comportamentos, além do desenvolvimento do indivíduo nos diferentes níveis. O ambiente é totalmente manipulado pelo professor ou pelo profissional que atua com o autista, visando o desaparecimento ou à redução de comportamentos inadequados a partir do reforço positivo. O método TEACCH utiliza estímulos visuais e audiocinestésicos visuais para produzir comunicação. As atividades são programadas individualmente e mediadas por um profissional (Orrú, 2012, p. 61).

Entendo que existe uma decisão de silenciamento das subjetivações de pessoas autistas, sistematizada e deliberada, pela via do treinamento, repetição, estruturação e indução de comportamentos, para evitar erros, sob a justificativa da produção de autonomia. O trabalho, dentro do Programa TEACCH, pode estar ligado à moldura do corpo para que o mesmo se adeque aos estímulos recebidos em busca de uma resposta pré-definida, através de atividades que nem sempre dialogam com os processos de subjetivação de alunos autistas.

Conceber e valorizar o aprendiz com autismo como sujeito que aprende é, de certo modo, compreender o próprio aprendizado como um discurso único e significativo que é marcado pela singularidade de cada aprendiz enquanto sujeito/protagonista de seu próprio processo de aprender (Orrú, 2016, p. 169).

De acordo com Orrú (2016), é possível pensar em outras possibilidades de ensino e aprendizagem para alunos autistas, a partir de suas potencialidades, hiperfocos e eixos de interesses. Para isso, é preciso reconhecer as limitações dos laudos diagnósticos e das categorizações dos manuais, especialmente no tocante às questões de aprendizagem e desenvolvimento. É necessário conhecê-los com propriedade, aproveitando ao máximo “aquilo que eles podem” e respeitando suas limitações e subjetivações, objetivando compartilhar conhecimentos com o aprendiz, através de projetos que tenham como base, individual e coletiva, o prazer pelo aprender, que deve “[...] favorecer a troca de experiências, a articulação

de saberes, o confronto de ideias, a curiosidade, a criatividade no expor o que está aprendido” (Orrú, 2016, p. 167-168).

Esse exercício perpassa também pela superação do modelo tradicional de ensino, pelos dogmas sociais, incapacitantes e classificatórios que pairam sob as pessoas autistas. É um esforço que cabe não apenas a toda comunidade escolar, mas também depende do acompanhamento das famílias e de políticas públicas intersetoriais, que envolvam aparelhos do Estado e profissionais da educação, saúde e assistência; concebendo a inclusão para além da modelagem do espaço da instituição escola e que seja, de fato, uma realidade cotidiana na sociedade.

A aprendizagem escolar não precisa ser massificante, exaustiva, repetitiva, rígida, muitas vezes ríspida, “dolorida”... Ela pode e deve ser fluída, prazerosa, baseada em trocas, experiências, também “imperfeita” na construção de comportamentos “adequados”. Por que não? Posso educar pessoas autistas, sem a ilusão do certo e do errado dos seus comportamentos, respeitar o simples fato de elas serem também de carne e osso. É utópico? Talvez... Mas muito pior é o desterro de aceitar sem opção o que está posto.

2.4. EM TRÂNSITO: cortando ou desatando laços

“A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito. Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas”

(Manoel de Barros)

A poesia de Manoel de Barros, como diria Gilles Deleuze (2011), em sua obra “Crítica e clínica”, gagueja⁵⁷ aqui nas minhas palavras, referências, entrelinhas e cores. Uma gagueira de criação, balbúcio de ânima – palavra que vem do latim *anima*, que significa sopro, ar, brisa, que a partir daí, possivelmente adquiriu o conceito de alma, como princípio vital. Talvez Manoel de Barros, o poeta das insignificâncias, seja o princípio vital desta tese, o artista das

⁵⁷ “É uma pintura ou uma música, mas uma música de palavras, uma pintura com palavras, um silêncio nas palavras, como se as palavras agora regurgitassem seu conteúdo” (Deleuze, 2011, p. 145).

coisas desimportantes, das coisas que rastejam, do apaixonamento pelo movimento das coisas cotidianas, menores, que efetivamente compõem a vida.

Tudo o que faço e penso é parte de minha própria vida e sempre há escolhas, desejo, querer. “O querer alça voo” (Deligny, 2015, p. 54). Vou me apoiando em pessoas e autores que também querem dizer aquilo que para a gente é mais fácil falar, ou não. E isso não significa dizer que a construção deste alinhavo seja algo simples para mim, definitivamente não o é. Mas são posições, decisões, que implicam essencialmente o questionamento do que está posto. E tenho sorte (ou talvez azar). Meu tempo histórico de vida presente é de saveiro pronto para partir do cais⁵⁸, é um tempo de rachaduras, de transição, de colapso.

[...] o “*self*” psicológico “profundo”, inventado durante o século XX – o interior profundo que habita cada um de nós, o depósito da história de nossas vidas, o assento dos nossos desejos, o local de nossos prazeres e frustrações, o alvo do conhecimento, invenção, administração e terapia, a base de nossa ética – que este espaço profundo está se achatando. Novas e diretas relações estão sendo estabelecidas entre nossos pensamentos, sentimentos e desejos, nossa normalidade e nossa patologia e nossos “cérebros”, este visto como um órgão de carne a ser anatomizado e entendido em nível molecular. O corpo biológico é agora crescentemente tido como o assento de nossos problemas e o alvo de trabalhos éticos de melhoria do indivíduo. Na visão de alguns, ao menos, nós ultrapassamos o dualismo cartesiano em cima do qual a psicologia se apoiava – mente é apenas o que o cérebro faz (Rose, 2008, p. 163).

E é exatamente esse caminho, que evade do cartesianismo da ciência moderna, que me dá a quase certeza do não: não querer, não fazer sentido. Contraditoriamente, não compreender a complexidade do não me leva ao desespero do sim... Por isso, seria mais fácil ficar até aqui, mas é a simplicidade que busco, o incompleto, o infinito que aparece nas matizes da loucura, os versos de “Infinito desejo”, compostos por Gonzaguinha e interpretados por Maria Bethânia (1979). Tão somente a poesia que faz com que as palavras de Manoel de Barros digam sentidos, “Poema é lugar onde a gente pode afirmar que o delírio é uma sensatez” (Barros, 2010, p. 374).

⁵⁸ Referência à letra da música “Cais” de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos (1972).

3. A LINHA DE DEVIR OU DESALINHO

“Apesar de todos os medos, escolho a ousadia. Apesar dos ferros, construo a dura liberdade. Prefiro a loucura à realidade, e um par de asas tortas aos limites da comprovação e da segurança.

Eu sou assim. Pelo menos assim quero fazer: a que explode o ponto e arqueia a linha, e traça o contorno que ela mesma há de romper. A máscara do Arlequim não serve apenas para o proteger quando espreita a vida, mas concede-lhe o espaço de a reinventar. Desculpem, mas preciso lhes dizer: EU quero o delírio”

(Lya Luft)

As noites em que eu escrevia iam assim, na busca duvidosa do sim, no talvez, e às vezes na certeza do não – por tantas e todas as vezes que quis o sim, mas eu só sabia o que fazer com o não. O sim tinha o peso do desespero, só o não tinha certezas. Fico com Millôr Fernandes (2012) “O desespero eu aguento. O que me apavora é a esperança!”. Por isso, eu desejava o desespero... Queria com o desespero achar um caminho, mas que facilmente não dialoga com a esperança. Mas eu precisava tanto da esperança? A que era muito mais fácil de aceitar e muito mais exata para viver? Foi aí que eu precisei aceitar o não, para me desfazer da dúvida e do desespero do sim.

A minha história está no ponto, mas também no devir. Eu me roubei de mim para estar aqui. Fui atrás do que não me cabia, do que não me preenchia mais, a identidade existente no copo cheio transbordando a sede. Eu morri dezenas de vezes para entender que não era sobre o outro, mas sobre mim. Morrer é melhor que a quase morte, que agonizar de palavras. Eu não vou sufocar aqui, eu vou regurgitar todas elas. Comecei a perceber que sofria de desencaixe, um desajuste, um atraso conotativo, e aí estava meu troféu: ser curva e não reta.

Minha intenção não é refundar o autismo ou desconstruí-lo, por si só, mas rediscutir palavras estéreis fabricadas por um modelo de sociedade excludente e que está plastificada com embalagem de loja barata, com seus anúncios débeis, em que tudo é mais do mesmo, tipo “pague um e leve dois”. Até porque não faz nenhuma diferença levar um ou dois, tanto faz, é só um número. Assim me parece coerente, após escrever sobre o que captura na forma da identidade, que normatiza as vidas das pessoas diagnosticadas autistas, trazer elementos que possam argumentar para além do saber médico, para fora dos papéis que os embrulham. O que faço aqui, é pensar as identidades como pontos de partida, que dialogam com demandas sociais, mas devem representar marcas a serem superadas, entendendo que as políticas de identidade seriam apenas um meio e não um fim.

Ousadia minha querer falar sobre algo que não sou, sobre um campo que não me pertence... Foi difícil aceitar que não era sobre isso, não era sobre representação, não era sobre representatividade, não era sobre o que os outros esperavam que fosse, não era sobre dar voz, não era sobre meu aprendizado, minha experiência de mãe de um garoto autista, não era sobre meu caminho individual e insignificante... O que efetivamente desejo é “Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 17).

Então, só consegui achar um trajeto possível e confortável para a minha criatividade, ainda que nem sempre, quando decidi me desfazer do julgo e seguir pelo caminho da espontaneidade. “A doutrina livresca do juízo só é suave na aparência, pois nos condena a uma escravidão sem fim e anula qualquer processo libertatório” (Deleuze, 2011, p. 164-165). Este é meu espaço de contar histórias, para isso, sim, desejo pedir licença. E reafirmo que aqui, antes de qualquer traço, existe o mais absoluto respeito às cores que compõem este alinhavo.

3.1. DEVIR, DIFERENÇA E REPETIÇÃO

Quando Manoel de Barros (2010) escreve “Eu queria que minhas palavras de joelhos no chão pudessem ouvir as origens da terra” (p. 461), “Eu queria pegar na semente da palavra” (p. 463), “Não tenho bens de acontecimentos, o que não sei fazer desconto nas palavras. Entesouro frases” (p. 263). Penso que talvez esses versos, que tentam personificar a palavra “palavra”, combinem com um tom de balanço, movimento, quando apenas um único conceito me vem à cabeça para definir esses arroubos e sobressaltos das palavras: o devir, de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O devir é uma palavra que desestabiliza as outras palavras, causa disputas, dispersão, rasuras, rasgões, arranhões, balbucios, gagueira, desalinho. “[...] o devir e a multiplicidade são uma só e a mesma coisa. Uma multiplicidade não se define por seus elementos, nem por um centro de unificação ou compreensão” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 34). O devir consegue deixar as outras palavras nuas, ainda que vestidas – especialmente as que aqui pretendem capturar as identidades – algumas delas ficarão envergonhadas por isso, outras sem vergonha nenhuma. E de alguma forma a escrita, que até aqui apresento, é isso também.

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. [...] A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, nem devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível. [...] Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de *uma* mulher, de *um* animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam em uma população (Deleuze, 2011, p. 11).

Se já disse que a produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade, numa condição de linha molar; de outro, estão os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la, representado pela instabilidade do devir. Nesse sentido, corroboro a ideia de Silva (2009), quando afirma que “[...] A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade” (Silva, 2009, p. 84).

Sobre essa impossibilidade, Michel Foucault (2013) fala de uma utopia que é feita para apagar corpos, petrificando-os, tornando-os sólidos: “Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico” (Foucault, 2013, p. 10). Sei que há quem decida se encaixar no mais do mesmo, em padrões de normalidade, de segmentaridade dura, como se fosse possível, sem saber que fica mais interessante no caos que só o múltiplo oferece, e faz até parecer simples estar em movimento.

Mas Deleuze e Guattari (2012d) vão além, quando afirmam que toda a sociedade e todas as pessoas são atravessadas por essas diversas segmentaridades, molares e moleculares. De acordo com esses autores, elas são fluídas e ainda que haja um possível tensionamento físico entre as linhas, isso é também parte do próprio funcionamento delas. Portanto, a andança do alinhavo é rizomática, é de ida, mas também é muitas vezes de retorno.

Estas linhas não param de se remeter umas às outras. É por isso que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nelas organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem o sujeito (Deleuze; Guattari, 2012, p. 26).

Para eles, todos os devires são moleculares. É na construção de sistemas alternativos e subversivos de existência que, de acordo com Guattari (2024), encontram-se as “revoluções moleculares”. Esse autor considera que as mesmas são sinônimo de luta em meio a sistemas cada vez mais sofisticados de repressão. São formas de resistir que, de algum modo, dialogam com a concepção de devir. Devir não se propõe a imitar algo, identificar-se com alguém, em relações formais. Devir é o desejo de um tornar-se. “Devir é a partir das formas que se tem, do

sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instalamos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 67). Partindo desse pressuposto, esses dois filósofos afirmam que devir não produz evolução, nem filiação, é o encontro, a aliança.

Portanto, ainda que objetivamente exista aqui um tensionamento entre uma linha molar – que representa a *Identidade Autista*, em tons no espectro do azul – e as cores em forma de linhas de fuga do *Devir Autista* – que vão além dos estereótipos – em algum momento, elas se inter cruzam. De acordo com Deleuze e Guattari (2011), há retratos, interpretações e significações que intervêm por todos os lados em forma de linhas de fuga: “A linha de fuga é como uma tangente aos círculos de significância e ao centro do significante” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 70). Assim, entendo que não é uma questão de polarização de cores opostas, mas sim de observar o movimento caleidoscópico do alinhavo, com sua multiplicidade de tons.

Não basta, pois, opor o centralizado e o segmentário, mas também pouco basta opor duas segmentaridades, uma flexível e uma primitiva, a outra moderna e endurecida, pois as duas efetivamente se distinguem, mas são inseparáveis, embaralhadas uma com a outra, uma na outra (Deleuze; Guattari, 2009, p. 98).

E é a partir desse entendimento que recorro ao devir que, segundo Deleuze (2011), está justamente no meio, nos meandros, em um vir a ser, que não funciona em contraposição ao estabelecido, mas que também reivindica seu espaço. “O ser, de fato, está do lado da diferença, nem uno nem múltiplo” (Deleuze, 2004, p. 25). Para esse autor, a diferença, de fato é o imprevisível, ela apenas existe e é. A multiplicidade em si se mantém indiferente a questões coloquiais do uno e do múltiplo.

É desafiador pensar que, sobretudo no nosso tempo histórico, algumas camadas do senso comum, que objetivam exaltar a singularização por meio dos movimentos identitários, ignoram que a multiplicidade não é uma sentença, um axioma, um rótulo, com a função de repetir uma tipificação. Deleuze e Guattari (2012) afirmam que a multiplicidade não está nas identificações, mas nas linhas que compõem suas intenções. Se mudam as intenções, também se mudam as multiplicidades.

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, de maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre **n-1** (é somente assim eu o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a **n-1**. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma (Deleuze; Guattari, 2012, p. 21) [grifo nosso].

Para esses autores, as multiplicidades são rizomáticas, estão em aliança, em anéis e adquirem velocidade nos seus meios. Escrever em n-1 nesta tese é um esforço feito em um momento de transição de conceitos; de tensionamento de “verdades”; de reordenamentos socio-históricos. Pensar a multiplicidade sem partir de uma unidade, ainda que ela esteja presente, mas, principalmente, sem tentar encerrá-la em uma totalidade, no caso da minha pesquisa, especificamente em um diagnóstico. Segui em busca do singular no plural.

Escrever a n, **n-1**, escrever por intermédio de slogans: faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno, nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite um General em você! (Deleuze; Guattari, 2011, p. 48) [grifo nosso].

O que Gilles Deleuze (1988) me dá como substrato de criação, para argumentação do meu objeto, produz em uma concepção de diferença que tem como premissa que a repetição não é generalidade, não é mais do mesmo. Não obstante a semente da identidade – centrada na semelhança, que advém de uma dinâmica linear – que aqui é considerada fundante da categoria autismo, a qual reconheço a importância, o crescimento do meu pé de ideias se dá em rizoma, em n-1, em devir, especialmente porque a minha defesa é de que ser autista é apenas uma identidade, que está posta pelo paradigma médico. Para esse autor, a identidade:

Caracteriza sobretudo a ideia como sendo a coisa “mesma”. Mas, na medida em que ele desempenha o papel de um verdadeiro fundamento, não se vê bem qual é seu efeito, a não ser o de fazer com que o idêntico exista no fundado, o de servir-se da diferença para fazer com que o idêntico exista. Na verdade, a distinção do mesmo e do idêntico só é proveitosa se se leva o Mesmo a submeter-se a uma conversão que o refira ao diferente, ao mesmo tempo em que as coisas e os seres que se distinguem no diferente sofram de modo correspondente uma destruição radical de sua identidade. É somente sob esta condição que a diferença é pensada em si mesma e não representada, mediatizada (Deleuze, 1988, p. 71).

No entanto, para além do diagnóstico, existe a desterritorialização, existe o singular no múltiplo e uma tensão, quase harmônica, entre linhas que não são contínuas, que não necessariamente lutam umas contra as outras, mas se inter cruzam, coexistem. Para Deleuze (1988), a repetição é a diferença sem conceito e exclui a identidade de conceitos subordinantes.

Como conduta e como ponto de vista, a repetição concerne a uma singularidade não trocável, insubstituível [...] Repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente. Como conduta externa, esta repetição talvez seja o eco de uma vibração mais secreta, de uma repetição interior e mais profunda no singular que a anima (Deleuze, 1988, p. 11).

Segundo Deleuze, a diferença não necessita ser literalmente explicada, ela apenas existe, é parte da pessoa. É na compreensão da diferença, proposta por esse autor, que nada é igual, nem pode ser igualada, nem mesmo consigo mesma, rompendo com a identidade. “Explica-se a diferença, mas, precisamente, ela tende a se anular no sistema em que é explicada. Isso apenas significa que a diferença é essencialmente implicada, que o ser da diferença é a implicação.” (Deleuze, 1988, p. 206 e 207).

O corpo singular torna-se um elemento, que se pode deslocar, mover, articular com outros. Sua coragem ou força não são mais as variáveis principais que o definem; mas o lugar que ele ocupa, o intervalo que cobre, a regularidade, a boa ordem segundo as quais opera seus deslocamentos (Foucault, 1987, p. 138).

De acordo com Lemos *et al* (2021), em sua tese “Diferença e Repetição”, Gilles Deleuze coloca em xeque a concepção de sujeito moderno, edificado por Platão e Aristóteles, que está construído sobre as bases do pensamento identitário e representacional. Esses autores afirmam que a principal crítica da tese de Deleuze é em relação à “[...] centralidade da identidade na sociedade moderna enquanto instância crucial para a realização do pensamento, do entendimento, da vontade, do juízo, do sentimento e do conhecimento” (Lemos *et al*, 2021, p. 193). No campo teórico da Filosofia da diferença e da repetição, Martins (2021) afirma que:

A Filosofia da diferença e da repetição, proposta por Gilles Deleuze, é a afirmação da multiplicidade, do devir, do acaso. Isso a partir da elaboração de problemas e conceitos resistentes, combatendo sempre as forças essencialmente morais de julgamento e depreciação da vida (Martins, 2021, p. 46).

É nesse campo que localizo o *Devir Autista*, que não despreza o saber acumulado acerca da identidade, especificamente da *Identidade Autista*. Tampouco a sua caracterização genética fundante, mas que pretende se desfazer da primazia desses condicionantes, para dizer que existem outras expressões possíveis dentro do espectro – que compreendem modulações de formas de existir e ser autista, de viver e conviver com o autismo culturalmente e socialmente – e que, definitivamente, não estão centradas nos déficits dos manuais médicos, mas na lógica da repetição. “A repetição, portanto, é uma espécie de diferença, mas uma diferença sempre no exterior de si, uma diferença indiferente a si. Inversamente, a diferença, por sua vez, é uma repetição” (Deleuze, 2004, p. 53).

Assim, descrevo o *Devir Autista*, como uma possibilidade de criação, de indeterminação, de fuga das formatações das identidades. Evade-se de pressupostos, daquilo que está posto hermeticamente pela ciência – que pré-determina um conceito, comportamentos

e inaptidões, em detrimento das multiplicidades e dos processos de subjetivações. De acordo com Deleuze (2011, p. 87-88), “A imagem não é só trajeto, mas devir. O devir é o que subteme o trajeto [...] é o trajeto que faz do imaginário um devir”. Essa terminologia performa nesta tese, a partir de uma realidade emergente e que está localizada em um espaço de transição de compreensões, que se dispersam da literatura médica.

A possibilidade de construção epistêmica do *Devir Autista* é elaborada a partir da compreensão de que o fundamento da palavra autismo também pode estar em novas formas de interpretação do “autós”. Deleuze (2016) traz uma reflexão interessante sobre essa definição, falando sobre a estranheza de chamar uma condição de íntima coexistência com o mundo exterior usando uma palavra que significa isolamento em si mesmo. Nesse ínterim, corroboro a defesa de Deleuze (2016).

Na atualidade, são os jovens e adultos autistas, que estão saindo dos seus casulos de identidades fixas para tecer por si mesmos o devir, com outras possibilidades de vir a ser. “[...] devir não é uma evolução, ao menos uma evolução por dependência ou filiação. O devir nada produz por filiação; toda filiação seria imaginária. O devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 19). O que faço agora não é uma romantização sobre o modo de vida das pessoas autistas, mas um redirecionamento do foco para as infinitas possibilidades de ser autista.

3.2. PERSONIFICAÇÕES DE *DEVIR AUTISTA*: os apliques

“O poente onde, há pouco, o sol ardia, se tingiu de cor de ouro, luminosa. Tons desmaiados de lilás e rosa listram o puro azul do firmamento”

(Jacinta Passos)

O aplique no bordado nada mais é do que a inserção de um tecido sobre o outro, como se aquele vestisse este para compor, em camadas, novas possibilidades de existir, enquanto peça artesanal. O aplique aqui figura tal qual uma decoração estética do autismo, para compor o que chamo de *Devir Autista*. É a linha utilizada que destaca o efeito do aplique, personalizando o mesmo tecido a partir das infinitas possibilidades de transformar o uno no múltiplo dentro de um mesmo campo.

Esse aforismo destaca a compreensão de Foucault (2013) acerca da ciência “Sonho com uma ciência – digo mesmo uma *ciência* – que teria por objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos” (Foucault, 2013, p. 20-21). Esse excerto me fala que Foucault (2013) se propõe a pensar uma outra ciência, para fora das heterotopias biológicas e das de desvio, que circunda tudo aquilo que é destoante da média, da norma, do esperado.

O que apresento nesta seção é a demonstração de que por entre as histórias contadas por autistas, estão os afectos que se apresentam e se esvaem da *Identidade Autista*, propondo diferenciações, devires. De acordo com Deleuze e Guattari (1992, p. 225-226), “O afecto não opera certamente um retorno às origens como se se reencontrasse, em termos de semelhança, a persistência de um homem bestial ou primitivo sob o civilizado”. Portanto, há um transbordamento de categorizações nas identidades, que está localizado na forma como os afectos se expõem nessas histórias.

Dos desvios, desalinhos e distoâncias, entendo que cabe a apresentação de um conceito que ganhou espaço nas discussões de uma corrente denominada “autismo crítico”: a interseccionalidade. De acordo com Orrú (2024), essas características podem desencadear sofrimento físico e psíquico e para superá-los, é necessário produzir informações que busquem a transformação dos processos de pesquisa, objetivando reduzir preconceitos e discriminações.

Diante disso, nesta seção apresento alguns personagens que buscam, com suas histórias de vida, espaços outros – ideia que Foucault (2013) denomina de contraespaços “[...] lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los” (Foucault, 2013, p. 20). Com esses relatos, acerca da autocompreensão do que é ser e o vir a ser autista, abro espaço para observar algumas imbricações presentes nos debates contemporâneos acerca do autismo – a exemplo da discussão de normalidade, interseccionalidade e capacitismo – que se desenham na sequência.

Você gostaria de ser “normal”? O que faríamos se existisse um jeito de nos tornarmos “normais”? Bem, aposto que as pessoas ao nosso redor — pais e professores — ficariam cheios de alegria e diriam: “Aleluia! Vamos fazer com que eles fiquem normais agora!” E durante muito e muito tempo eu também queria mesmo ser normal. A vida com necessidades especiais é muito deprimente e impiedosa. Eu achava que a melhor coisa que poderia acontecer na minha vida era ser igual aos outros. Mas agora, mesmo que criem um remédio para curar o autismo, acho que vou querer continuar do jeito que sou (Higashida, 2014, p. 46).

Naoki Higashida, um jovem autista, em 2007, escreveu a obra “O que me faz pular”, após desenvolver um método de comunicação por escrito. Aos 13 anos de idade, Naoki desejava responder perguntas sobre como ele se sentia, em diversas situações, sendo um garoto autista.

Com ele, é possível entender que o funcionamento cerebral de pessoas autistas é peculiar e que a dificuldade da compreensão das outras pessoas, em relação a essa característica, pode ser dolorido e extremamente estressante sensorialmente. A escrita do livro de Naoki Higashida demonstra que em um corpo, que muitos entendem como sendo “incapaz”, “desalinhado”, mora um cérebro atento, criativo e cheio de potência. Quando perguntado sobre “Quais são seus pensamentos em relação ao autismo?”, ele responde:

Acho que os autistas nasceram fora do conceito de civilização. Claro que isso é só uma teoria que inventei, mas acho que há uma profunda crise, resultado de todas as matanças que existem no mundo e da devastação egoísta a que a humanidade submeteu o planeta. E, de alguma forma, o autismo surgiu daí. Mesmo que sejamos fisicamente parecidos com os outros, somos na verdade diferentes de muitas maneiras. Como se fôssemos viajantes que vieram de um passado muito, muito distante. E, se a nossa presença servir para ajudar as outras pessoas a lembrar o que é mesmo importante para a Terra, isso nos dará satisfação interior (Higashida, 2014, p. 89).

A obra de Higashida (2014) desfaz alguns dos principais mitos sobre o autismo: que as pessoas com esse diagnóstico são solitárias, que vivem alheias em relação ao mundo ao seu redor, que gostariam de deixar de ser pessoas autistas, que são antissociais e desprovidas de empatia. Através da escrita do livro, Naoki sugere como um dos seus principais objetivos, que as pessoas possam se tornar um amigo melhor para alguém com diagnóstico de autismo. Na minha apropriação de suas palavras, Naoki me fala essencialmente da necessidade de uma sociedade inclusiva e capaz de conviver com as diferenças, considerando-as como um dos princípios basilares do humano.

Outro exemplo significativo da mudança de prisma, em torno do debate sobre o autismo, é o aumento da representatividade feminina nas discussões acerca do autismo e das suas simbologias, que durante muito tempo estiveram vinculadas à maior prevalência de casos de autismo no gênero masculino. Com esses relatos, objetivo desromantizar o autismo, retirá-lo do rótulo que se materializa na ideia de que o diagnóstico tardio em homens pode ser visto como confirmação de uma genialidade, enquanto em mulheres pode atuar como uma desqualificação, uma marca do reconhecimento de delírios. Também desejo expor uma captura do tema que expõe a genialidade tipificada no masculino (altas habilidades em áreas específicas e hiperfocos), que giram em torno de signos que envolvem gênero, raça e classe social, traduzida em uma ideia de autismo branco infantil, que por si só é extremamente excludente.

A importância das falas de mulheres acerca da temática é central na discussão de *Identidade Autista*, pois quebra um dos principais pilares dos estereótipos do autismo: a cor azul. Raquel Del Monde (2022) afirma que as estatísticas que já foram de 1 mulher, a cada 10 homens autistas, de acordo com estudos de metanálise, atualmente está em 1 mulher, a cada 3

homens, indicando uma hipótese de capacidade de camuflagem do cérebro de mulheres autistas⁵⁹.

Na obra “Autismo no feminino: a voz da mulher autista” (2022), treze mulheres autistas, que durante anos foram capturadas, silenciadas e invisibilizadas, trazem relatos pessoais sobre “O que você pensa que a sociedade precisa saber sobre autismo no feminino”. Sophia Mendonça (2002), autista, jornalista, escritora, Mestra em Comunicação Social e mulher transgênero, propõe um avanço social, no que tange à prevalência do autismo em homens, especialmente no tocante à temática da camuflagem social, também chamado de *masking*⁶⁰. Para ela, as mulheres possuem equipamentos de sobrevivência em um ambiente social, que em geral é hostil para mulheres, o que faz com que a hipótese diagnóstica de autismo seja reduzida para as mesmas. Mendonça (2022, p. 126) propõe também:

[...] o acréscimo de viés social para encarar a camuflagem social no autismo no feminino, longe de querer desmerecer a importância de estudos neurológicos e psíquicos. Não se trata de reconhecer as estratégias de mascaramento como “escolhas” da mulher autista, mas de constatar que estamos inseridas em uma rede textual sobre feminilidade e as maneiras como construímos novas discursividades a partir desse complexo emaranhado que compõem as expectativas, tanto pessoais quanto coletivas, de como uma mulher deve se comportar.

Naty Souza (2022), possivelmente um caso clássico de camuflagem social do autismo, é moradora de Belém/PA e recebeu o diagnóstico de autismo apenas aos 31 anos. Atualmente trabalha com redes sociais, contando suas experiências de vida a partir do seu diagnóstico de autismo. Naty é um exemplo contemporâneo de como jovens autistas se organizam, a partir da capacidade de alcance das redes sociais, para contar suas próprias histórias e, com isso, constroem um espaço de aprendizagem acerca do tema, a partir das suas próprias percepções. Naty Souza (2022) tem consciência da importância do seu net-ativismo e afirma que “Hoje estou construindo uma diferença para as próximas gerações de mulheres autistas que poderão se encontrar nos meus relatos e textos sobre autismo” (Souza, 2022, p. 61).

⁵⁹ Del Monde (2022, p. 04) afirma que “Em relação às pessoas com TEA, resultados obtidos em grupos de treinamento de habilidades sociais envolvendo homens e mulheres sugerem que as mulheres aprendem os conceitos com maior rapidez e são mais hábeis em mimetizar expressões faciais, corporais, aspectos de prosódia e da troca social. Portanto, muitas delas aparentam ter boas habilidades sociais graças a sua maior facilidade em compreender aspectos chave da interação social e da capacidade de copiar comportamentos socialmente desejáveis observando outras pessoas. É isso que denominamos camuflagem”. A autora também justifica essa capacidade de camuflagem do cérebro feminino, a partir da maior presença, desde a primeira infância, de brincadeiras simbólicas como casinha e bonecas, bem como aspectos culturais na criação de meninas.

⁶⁰ Muitas vezes para evitar o julgamento da sociedade, meninas e mulheres autistas desenvolvem a capacidade de fazer o chamado “*masking*”, ou mascaramento da sua condição de autista, em seu meio cultural e social. O *masking* nada mais é do que a capacidade de mascarar, de forma voluntária e involuntária, características e sintomas que advêm do autismo.

Para Geuvana Pedro Nogueira (2002), mulher autista, moradora de Campo Grande/MS, professora, graduada em Pedagogia, Especialista em Neuropsicologia e Psicologia da Educação, é urgente permitir que as pessoas autistas possam viver suas próprias experiências, para desenvolver todas as suas habilidades e potencialidades. Para ela, descobrir o autismo na fase adulta, soa para muitas mulheres como uma libertação. Afinal, a partir desse marco diagnóstico, é possível iniciar um processo de autoconhecimento. Geuvana nos fala de seus conflitos internos e faz críticas assertivas sobre o capacitismo da sociedade. São reflexões que questionam os modelos e padrões, os quais lhe são impostos, dentro da concepção que está ligada à corponormatividade. Segundo ela,

Ninguém deve ser criado em uma bolha ou fora da sociedade. [...] Não seremos modelos de perfeição, mas de onde tiram esses modelos? Geralmente é de algo inatingível, então ao analisarmos de perto os tais modelos de perfeição, veremos que são inexistentes, inalcançáveis. Foram produzidos para que ninguém jamais pudesse alcançar (Nogueira, 2022, p. 147).

Nessa mesma obra, Adriana Torres Ferreira (2002), autista, moradora de Belo Horizonte/MG, Bacharel em Administração com ênfase em *Marketing*, autointitula-se esquerdista, feminista e defensora dos direitos humanos. Ela entende que o autoconhecimento é a chave para ser mais feliz e tolerante. Ferreira (2002), define loucura como:

Qualidade de louco: desprovido de razão. Para a medicina, insanidade. Gosto da ideia de “qualidade”. Bem ao encontro da música que Ney Matogrosso⁶¹ cantava. Loucura como algo bom, algo que nos remete às pessoas corajosas. Livres, leves, soltas. Eu sempre sonhei com essa liberdade, sempre odiei me sentir presa, amarrada (Ferreira, 2022, p. 97).

Essas mulheres falam de muitas coisas, para além do autismo, do espectro. Elas falam de suas relações, de como se veem diante do mundo, da arte, da música, da estética, do trabalho, dos conflitos, dos sonhos, dos amores por pessoas e animais, da loucura... Seus relatos são, acima de tudo, políticos, são gritos de corpos que não aceitam mais o julgo do diagnóstico e das impossibilidades que lhes são impostas.

A cada ano de nossas vidas mais amarras em nosso corpo são colocadas, nossas mentes são forçadas a pensar da mesma maneira, mas para nós não faz sentido algum. Mesmo não fazendo sentido para nós, somos convencidas de que esse é o padrão certo a se seguir. Nos colocam regras, moldes, mordanças e tentam a todo custo nos transformar nas bonecas perfeitas que um dia nossa família sonhou ter. Nossos membros doem, nosso corpo grita dentro de nós. Queremos movimentar nossas mãos, nossas pernas do nosso jeito, mas não podemos, pois nos é proibido (Nogueira, 2002, p. 148).

⁶¹ A música a que esse trecho faz referência é “Balada do louco” de Arnaldo Baptista e Rita Lee (1972).

Desses pedidos do corpo por liberdade, derivam linhas de fuga, há visivelmente um frescor no debate sobre o autismo. Vejo o festejo da novidade, um ar mais umedecido pela coragem, um respiro. No entanto, também vejo revolta, revide, necessidade de contar sua própria história, sem intermediadores; sem uma mãe atípica zelosa e castradora na frente; sem o olhar vigilante-comportamental de terapeutas e cuidadores. Se fosse possível, eu cantaria um verso de Chico Science (1996) para celebrar esse momento: “Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar”. São essas mudanças que me colocam em frente ao espelho da história que tentou encarcerar a diferença, a loucura e seus personagens, como se fosse possível...

3.3. O BORDADO DA LOUCURA

“A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente”

(Machado de Assis)

Trago aqui fios soltos, imperfeitos por si só ou em conjunto, em uma existência diversa e descabida. Percebo que há uma animosidade neles, de onde nascem meus questionamentos primários e minhas assombrosas dúvidas acerca de como as categorizações modulam e rotulam a vida. Do lado de fora pode haver estranhamento quando relaciono meu objeto central, o autismo, com a loucura. Do lado de dentro, talvez também tenha... Mas observo que nenhum tom poético no mapa serviria para alinhar a gênese do meu problema tal qual a loucura, ela mesmo, em seu estado bruto, como categoria que está em trânsito e que sustenta a lógica da normalidade.

Em todas as sociedades, as pessoas de atitudes ou comportamento estranhos constituem uma ameaça, enquanto seus traços singulares não são designados de maneira formal e desde que sua conduta anormal não seja assimilada num papel conhecido. Ao atribuir-se um nome e um papel às anormalidades que atemorizam, essas pessoas se transformam em membros de uma categoria formalmente reconhecida [...] Ao catalogar os portadores de anormalidades, o Poder os coloca sob o controle da linguagem e dos costumes; assim, transforma quem é uma ameaça à ordem estabelecida em sustentáculo dessa ordem (Illich, 1975, p. 56-57).

Ao passo que se patologiza as pessoas autistas, seus comportamentos e modos de vida, através de laudos e relatórios, de alguma forma, também é possível dizer que essas pessoas não são bem-vindas no convívio social e junto com suas “anormalidades” podem e, devem, ser

descartadas. Resguardas raras exceções, é o exercício constante de controle sobre os corpos que tem regido o psiquiativismo e os consultórios de terapeutas, que se especializam em manter a normatização do seu trabalho. Tudo isso se traduz na demanda por corpos higienizados, pelo “manejo” dos mesmos, especialmente, nas famílias que compõem a elite burguesa. De acordo com Costa (1979), para os desclassificados de todo tipo, restava o código punitivo de sempre. “Escravos, mendigos, loucos, vagabundos, ciganos, capoeiras etc., servirão de anti-norma, de casos-limite de infração higiênica. A eles vão ser dedicadas outras políticas médicas” (Costa, 1979, p. 33).

Entretanto, considero que a loucura, a “doença mental”, subverte uma lógica de uma possível trivialidade imbecil de esquadrinhamento do seu corpo, para evocar, através da existência – permeada pela razão e desrazão, uma potência de resistir a toda e qualquer padronização e obediência às normalidades pressupostas. Aqui há um cuidado especial com o poder do delírio na sua relação com a loucura, e como esse *duo* pode influenciar discursos políticos, sociais, religiosos. De acordo com Deleuze (2016, p. 30), “O que o delírio urde são as raças, as civilizações, as culturas, os continentes, os reinos, os poderes, as guerras, as classes e as revoluções. Não há necessidade alguma de ser erudito para delirar nesse sentido”. Portanto, aqui não faltam palavras que justifiquem minha entrega à loucura e ao delírio, para também pensar o autismo, pelo mesmo prisma.

Sobre essa temática, as palavras pulsam na genialidade de Machado de Assis, no conto “O Alienista”. É do delírio do seu personagem principal, o Alienista Simão Bacamarte, que nasce as reflexões para esta seção, especialmente quando esse autor questiona de forma irônica o poder político da ciência médica, forjada em seus rituais tecnicistas reconhecidos e respeitados, dos quais a sociedade da modernidade é dependente. De acordo com Ivan Illich (1975, p. 94),

A ciência médica, em seu estágio de avanço atual, aplicada pela medicina científica ao caso que lhe cai nas mãos, se limita a fornecer o tratamento adequado, pouco importando se o resultado é a cura, a morte ou nenhuma reação do paciente. Sua legitimidade está inserida nos mapas estatísticos que predizem a probabilidade desses três resultados com precisão matemática.

Assim, nada me parece absurdo na escrita de Machado de Assis, exatamente porque tudo foi justificado pelo interesse irrestrito na ciência do seu personagem. Tudo foi aceito pelo médico Simão Bacamarte, pelo bem do que ele toma como científico, fazendo a cidade de Itaguaí seu universo de experimento.

Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência; e se alguma coisa o preocupava naquela ocasião, se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a ideia de que algum demente podia achar-se ali misturado com gente de juízo (Assis, 2021, p. 27).

E foi com base na ciência, que o alienista conseguiu reter na Casa Verde – um cárcere privado, localizado em Itaguaí – quarto quintos da população local, “doidos com perfeito juízo”, mas que ficaram encarcerados diante de um governo que reconhecia que não devia se meter em questões científicas, “[...] mas pode entrar no ânimo do governo eliminar a loucura? Não. E se o governo não a pode eliminar, está ao menos apto para discriminá-la, reconhecê-la? Também não; é matéria da ciência” (Assis, 2021, p. 79-80). Assim se realizou o aprisionamento de quase toda uma cidade, sob a justificativa da patologização e da classificação dos seus enfermos. “Dividi-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas” (Assis, 2021, p. 20).

Como a elucidação proposta por essa obra, penso: será o delírio que leva à loucura, ou vice-versa? A loucura, enquanto um conceito, é uma criação que só existe sob o julgo de quem a caracteriza para classificar pessoas, com base em paradigmas médicos, inventados e “normativamente” aceitos pela sociedade. Em contraposição a essa ideia, Illich (1975, p. 53) diz que “Em grande medida, as culturas que desenvolveram o sentido da compaixão pelos infelizes, a hospitalidade para com o enfermo e a tolerância para com o louco podem integrar o doente à vida cotidiana”.

Nesse ponto, afirmo que falhamos, enquanto sociedade. Não lidamos bem com a anormalidade, com a animosidade, sequer com as diferenças coletivas, quanto mais com as individuais. Vivemos em busca da normatização, da territorialização, da cura ou do isolamento do fora do padrão. Criamos uma indústria da loucura que cerceia comportamentos “inadequados” do corpo, na busca de um padrão de funcionamento, que, em grande medida, é utópico, é a busca por algo inatingível. Diante disso, Illich (1975, p. 164) afirma que:

A luta política nesse campo, para a liberdade de informação, para a liberdade do exercício dos cuidados de cada um e para a livre disposição de seu corpo, poderá desempenhar o papel de faísca, desencadeando um processo geral de liberação em outros domínios.

Entendo que estamos vivendo imersos à indústria da loucura. De acordo com Paulo Amarante (1996), “A loucura é entendida como ‘alienação’, como o estado de contradição da razão, portanto, como o estado de privação de liberdade, de perda do livre-arbítrio. Se alguém é alienado, isto é, se não lhe pertence, não há razão, não há liberdade” (Amarante, 1996, p. 44).

Vem a calhar, para minhas reflexões, o questionamento do vereador dissidente de Itaguaí, Sebastião Freitas: “– Nada tenho que ver com a ciência; mas, se tantos homens em quem supomos são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?” (Assis, 2021, p. 56). Surpreendentemente, o revés da história se dá quando o ilustre e abnegado médico põe todos os loucos da Casa Verde na rua e a Câmara de vereadores de Itaguaí lança um ofício que admite a propositura de uma nova experiência científica, na qual o alienista poderia agasalhar na Casa Verde, ao longo de um ano “[...] pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais” (Assis, 2021, p. 98). Assim, cidadãos que reuniam um conjunto de excelentes faculdades mentais e morais foram proibidos de serem deixados nas ruas.

Os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria de modestos; isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de simplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros etc. (Assis, 2021, p. 102).

Simão Bacamarte justifica sua decisão enquanto questão científica, o que lhe confere a credibilidade necessária para o estabelecimento de uma nova doutrina na qual ele seria teoria e prática. Na crônica de Machado de Assis, a perfeição moral ganha status de loucura e no “absurdo” permitido pela criação artística, o próprio alienista “cura” os cidadãos, que pelos novos critérios haviam sido reclusos, e em uma atitude “sublime” resolve que apenas ele era digno de ficar na Casa Verde.

Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto (Assis, 2021, p. 111).

O médico finda sendo considerado o único louco que houve em Itaguaí, morre internado nessa instituição e é enterrado com honrarias de herói. A loucura a ele serviu até mesmo como um troféu referendado pela “retidão” da ciência. À luz da alegoria trazida no conto de Machado de Assis, trato a loucura enquanto um conceito, uma criação, que só existe sob o julgo de quem a caracteriza para classificar pessoas, com base em paradigmas médicos, inventados e “normalmente” aceitos pela sociedade.

[...] a tentativa de codificar a loucura é feita sob três formas. Primeiramente, as formas da lei, ou seja, do hospital, do asilo – é codificação repressiva, é o confinamento, o antigo confinamento que será chamado no futuro a tornar-se uma última esperança de salvação, quando os loucos dirão: “Bons tempos em que nos confinavam, pois hoje em dia se passam coisas piores”. Em seguida, houve uma espécie de golpe formidável, que foi o golpe da psicanálise, entendia-se que havia pessoas que escapavam à relação contratual burguesa tal como ela aparecia na medicina, e essas pessoas eram os loucos,

porque estes não podiam ser partes contratantes, eram juridicamente “incapazes”. [...] E, em seguida, existem ainda as tentativas mais recentes, cujas implicações políticas e às vezes ambições revolucionárias são evidentes, as tentativas ditas institucionais. Encontra-se aí o tríplice meio de codificação: ou bem será a lei, e se for a lei será a relação contratual, e se não for a relação contratual, será a instituição. E sobre essas codificações florescem a nossa burocracia (Deleuze, 2004, p. 320-321).

Na sua obra *História da Loucura*, Michel Foucault (2002) se encarrega da tarefa de criar uma genealogia da loucura, partindo dos leprosários na Idade Média. Essa concepção de internamento é delegada também às pessoas com doenças venéreas no século XVII, e a esse modelo de exclusão logo se integra também à loucura.

O mundo contemporâneo torna possível a esquizofrenia, não porque seus acontecimentos o tornam inumano e abstrato, mas porque nossa cultura faz do mundo uma leitura tal que o próprio homem não pode mais reconhecer-se aí. Somente o conflito real das condições de existência pode servir de modelo estrutural aos paradoxos do mundo esquizofrênico. Resumindo, pode-se dizer que as dimensões psicológicas da doença não podem, sem algum sofisma, ser encaradas como autônomas (Foucault, 1975, p. 67).

Assim, de acordo com Foucault (2002), a loucura e o louco se tornam personagens que “ameaçam” desatinar o mundo e, por conseguinte, expor a mediocridade ridícula dos homens e por isso eles são cercados e cerceados da convivência social.

O corpo do louco é vitimado com a exclusão tal qual os leprosos⁶² e os heréticos o foram em outras épocas, mas essa não é a vitimização única que se abate sobre a loucura: Foucault demonstra com clareza que a loucura, após o Renascimento, foi capturada por um discurso amplo que a desqualificava enquanto linguagem, pois a enredava em um jogo de forças com a razão, razão essa que se tornava o ponto alto do regime de verdades ocidental. Enquanto isso, a loucura se tornava uma linguagem falsa, incapaz de falar a verdade (Providello; Yasui, 2013, p. 1520).

Foucault (2002) afirma que é possível encontrar nas palavras finais de Nietzsche, nas últimas visões de Van Gogh e na obra de Antonin Artaud, traços de loucura, enquanto uma figura fragmentária, com consciência trágica. Assim, essa conotação, que se inicia no século XVI e chega à modernidade consolidada, torna-se um contraponto à razão, sendo uma a medida da outra. Para Foucault (2002, p. 33), “De todos os modos, a loucura só tem sentido e valor no próprio campo da razão”. Sobre a ideia defendida por esse autor, em *História da Loucura*, Providello e Yasui (2013), complementam que:

[...] vale salientar que a loucura é de certa forma aparentada da arte, e ambas seguem sob um domínio comum que é o Fora, a desrazão, e que subentende a experiência

⁶² “O leproso é visto dentro de uma prática de rejeição, do exílio-cerca; deixa-se que se perca lá dentro como numa massa que não tem muita importância diferenciar; os pestilentos são considerados num policiamento tático metucioso onde as diferenciações individuais são os efeitos limitantes de um poder que se multiplica, se articula e se subdivide” (Foucault, 1987, p. 164).

trágica da loucura: partem da dimensão que é o não pensável, o caos, a ruína, o transgressor da racionalidade, a ininteligibilidade da natureza, o exterior ao homem... E esse domínio, ao longo do tempo, tornou-se constitutivo da loucura e da arte. A esse domínio, a partir de certo momento, não foi cedido nenhum outro meio para se fazer sentir que não a loucura, a arte e a escrita (Providello; Yasui, 2013, p. 1522).

Se, por um lado, encontro dispositivos de controle, como o saber médico, que é chancelado pela ciência moderna e cria suas categorizações em manuais; o aparato legal, que legisla sobre os corpos e delega os espaços que “podemos ocupar”, de acordo com os desatinos ou escândalos que é possível causar na sociedade; as instituições, sejam elas nomeadas por manicômios ou travestidas de comunidades terapêuticas... Por outro, há possibilidade de conceber outras compreensões acerca da loucura, ou seja, aquilo que se nomeia atualmente como “transtornos mentais” – no que está rotulado o Transtorno do Espectro do Autismo. Conforme Foucault (2002, p. 147), “O desatino se ocultava na discricção das casas de internamento, mas a loucura continua a estar presente no teatro do mundo. Com mais brilho que nunca”. Portanto, existem outras palavras que podem ser ditas, há possibilidades.

O conceito de saúde mental que nos traz Canguilhem relaciona-se ao sujeito e ao meio, referindo-se a certa habilidade do sujeito de superar crises psíquicas para instaurar uma nova ordem mental. Por outro lado, nem se pode reduzir o portador de anomalias mentais ao “louco”, pois a anomalia pode ser a forma de demonstrar a normatividade psíquica frente a um determinado meio sociocultural (Tonello, 2016, p. 43-44).

Essa citação me coloca diante da necessidade de pensar acerca da questão do conceito de doença mental, que é desenvolvido com base nos mesmos paradigmas e classificações de uma doença orgânica, a qual considera que “[...] a doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal” (Foucault, 1975, p. 49). Tratando a mesma como uma alteração da personalidade, uma desorganização ou desvio do seu funcionamento e desenvolvimento, conforme afirma Foucault (1975). A doença mental que é compreendida como um conjunto de sintomatologias isoladas e separadas se desconecta da totalidade fisiológica e psicológica do humano, em busca de uma possível “cura”, que para Foucault (1975), não é externa à doença. Ao contrário, está intrínseca aos processos da mesma. “O que se chama ‘doença mental’ é apenas loucura alienada, alienada nesta psicologia que ela própria tornou possível” (Foucault, 1975, p. 61).

Se se define a doença mental com os mesmos métodos conceituais que a doença orgânica, se se isolam e se se reúnem os sintomas psicológicos como os sintomas fisiológicos, é porque antes de tudo se considera a doença, mental ou orgânica, como uma essência natural manifestada por sintomas específicos. Entre estas duas formas de patologia, não há então unidade real, mas somente, e por intermediário destes dois postulados, um paralelismo abstrato. Ora o problema da unidade humana e da totalidade psicossomática permanece inteiramente aberto (Foucault, 1975, p. 09).

De acordo com Amarante (1996), o saber médico, nesse caso inerente à psiquiatria, que determina o que é “normal” e patológico, estigmatiza o “louco”, o “doido”, o “maluco” como um “não-sujeito” e, por conseguinte, um “não-cidadão”, destituindo essas pessoas de direitos, desejos e projetos. O psiquiatrismo tende a descartar os demais saberes que lhe são externos ou que questionam a sua “verdade”. Assim, campos que envolvem as ciências sociais e humanas que discutem a doença mental, sob o pano de fundo do antipsiquiatrismo, são invalidados e ditos não-saberes, por não aderir fielmente aos parâmetros científicos necessários ao questionamento da ciência médica.

No entanto, aqui defendo a capacidade que o “louco” tem de desterritorializar agenciamentos, que são variadas linhas, para confundir os promulgadores dos dispositivos médicos e institucionais, muitas vezes contra tudo e contra todos... apaixonando os defensores da loucura, como bicho que deve correr solto, nunca preso, medicalizado, normalizado, encarcerado.

3.4. OS INTERCESSORES: em busca de fios soltos

“Loucura é loucura e é fundamental. Deixa por aí solta, como o diabo gosta, e a gente vai catando um pedaço daqui e um pedaço dali e vai se reformulando e de repente, quando os hómi perceberem, eles tão com a cabeça feita”

(Elis Regina)

Considero que a licença poética da poesia de Belchior (1976) – quando canta “O que transforma o velho no novo, bendito fruto do povo será” em “Como o Diabo Gosta” – e a concepção de escrita de Deleuze, permite-me alinhar perfis, notas, frases, que em mosaico se agrupam para, talvez, formar um outro olhar, trazer outras palavras à tona, fugir das expectativas, criar novos fluxos. Quem sabe até causar surpresa? Não em mim, mas no outro.

Em sua obra “O Elogio da Loucura”, Erasmo Desidério (2011) exercita sua capacidade criativa materializando a personificação da loucura, em tom satírico. A entidade loucura reivindica um lugar de privilégio e reconhecimento, sob a justificativa de que é graças a ela que as diversas relações sociais – a exemplo da amizade, casamento, maternidade – existem e são mantidas. Tirar a loucura é tirar alguns dos principais pilares que sustentam a vida: a alegria, a

felicidade, o prazer. Falando pela loucura, esse autor afirma também que é impossível defini-la com palavras,

Não espereis de mim nem definição, nem divisão de mestre de retórica. Nada seria mais despropositado. Definir-me seria dar-me limites, e minha força não conhece nenhum. Dividir-me seria distinguir os diferentes cultos que me prestam, e sou adorada por igual em toda terra. Além do mais, por que querer vos dar, por uma definição, uma cópia ideal de mim mesma que não seria mais que minha sombra, se tendes diante dos olhos o original? (Desidério, 2011, p. 13-14).

Nenhuma definição seria o suficiente para apresentar aqui a loucura e os contrapontos que decidi explorar para sustentar a tese de que os laudos, “caixinhas”, os rótulos são incapazes de capturar as subjetivações das pessoas e a beleza estética da fluidez de interpretações que há nas não-definições. Segundo Deleuze (1992), o fundamental é o pensamento, e este pode estar em diversos lugares, pessoas, escritos, movimentos artísticos, em outras coisas, que não versem diretamente sobre aquilo que está por dizer, mas também está.

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, [...] Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. [...] Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalham em vários, mesmo quando isso não se vê (Deleuze, 1992, p. 160).

São os intercessores que me permitem pensar e me inspiraram com imagens, vultos, personagens e não apenas com palavras, para compor com conceitos como: Corpo sem Órgãos (CsO), agenciamento, rizoma e cartografia. Aqui farei uso da liberdade estética na escrita. Posto que o pensamento deleuziano me permite usar e ousar, mas nunca sozinha, sempre em par ou em bando. Por isso, decido buscar para a construção do alinhavo três intercessores – Antonin Artaud, Arthur Bispo do Rosário e Fernand Deligny – que se inebriaram com a arte, totalmente fora da “normalidade” dos padrões, dos seus tempos históricos de vida, que têm a loucura como ponto de intersecção das suas histórias e que, certamente, entendem muito mais de crítica aos moldes impostos pela identidade que qualquer autor que realize esse contraditório diretamente. Para além dos conceitos, há a vida.

3.4.1. A loucura por Antonin Artaud

Quem sou eu? De onde Venho? Sou Antonin Artaud e basta eu dizê-lo como só eu o sei dizer imediatamente verão meu corpo atual voar em pedaços e juntar-se sob dez mil aspectos notórios. Um novo corpo no qual nunca mais o poderão esquecer”

(Antonin Artaud)

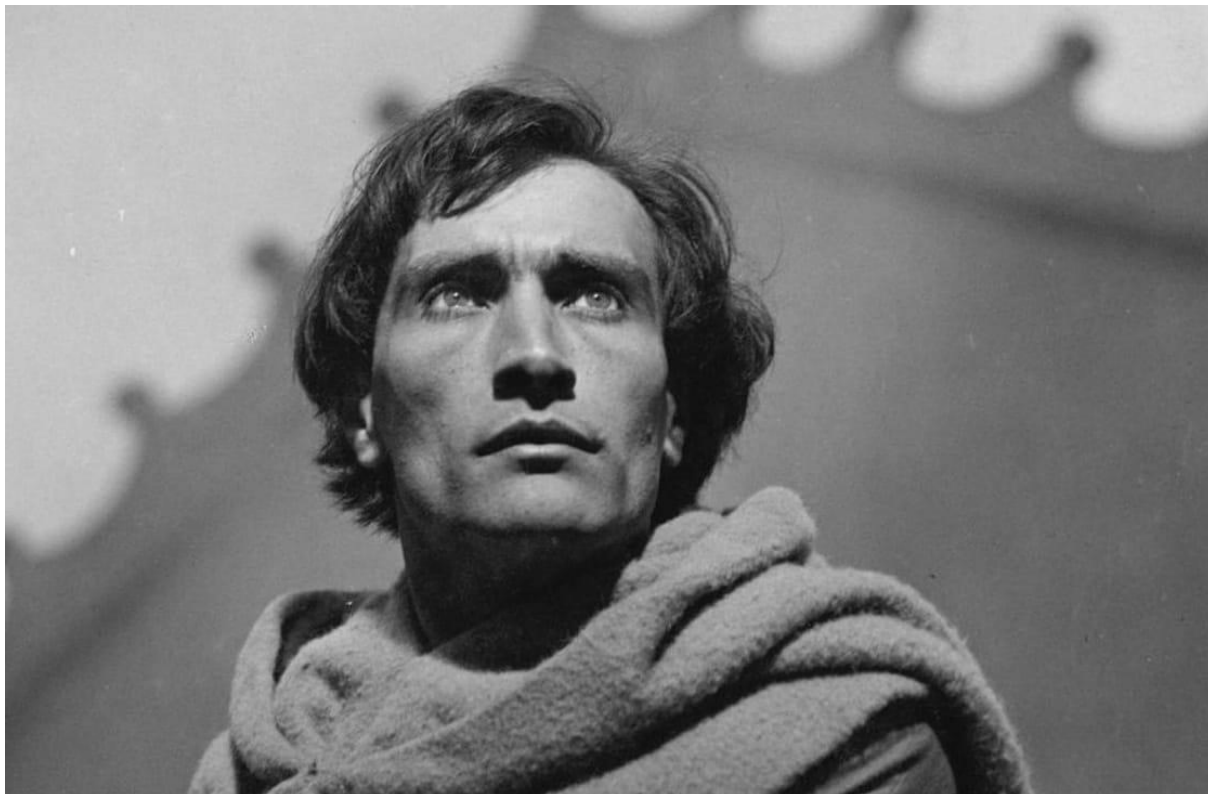


Figura 5: Antonin Artaud

Fonte: <https://www.listal.com/viewimage/18064256>

Antonin Marie-Joseph Artaud (1896-1948), meu primeiro intercessor, escreve sobre poesia, arte, linguística, semiologia, teatro, psicanálise, antipsiquiatria, cultura, contracultura, pensamento, crueldade, morte e vida... Dores de seu espírito de artista incontestavelmente radical, inteligente, enérgico, sensível a tudo e, por isso mesmo, apaixonante. Seja pela beleza dos seus traços ou pela repugnância de suas palavras, Artaud aparece aqui, tal qual afirma Susan Sontag (1986, p. 57), “[...] um autor a quem a cultura tenta assimilar, mas que permanece profundamente indegirável [...] ele permanece furiosamente fora do alcance, uma voz e uma presença inadmissíveis”.

Na obra “Escritos de Antonin Artaud” (1986), Cláudio Willer escreve, em Nota biográfica, parte da história de Artaud, aproximando-me do contexto histórico em que o mesmo viveu e da grandiosidade de suas obras. Artaud nasceu em Marselha, em 4 de setembro de 1896, descendente de gregos, tanto pelo lado materno, quanto pelo lado paterno. Teve diversos problemas neurológicos, fracassos profissionais, dificuldades financeiras, ao longo de sua vida.

Em 1937, perde seu “bastão mágico”, que carregava como se fosse uma espécie de talismã místico e esotérico de bruxo, e é deportado para a França, preso em uma camisa-de-força. Era conhecido e reconhecido por sua beleza na juventude e por seu humor “louco”, que para muitos era considerado assustador. De acordo com Susan Sontag (1986), para ele não havia distinção entre arte e pensamento, poesia e verdade.

Eis o que eu penso do pensamento: CERTAMENTE A INSPIRAÇÃO EXISTE. E há um ponto fosforescente onde toda a realidade se reencontra, mas transformada, metamorfoseada — e por quê? — um ponto de mágica utilização das coisas. E eu acredito nos aerólitos mentais, nas cosmogonias individuais (Artaud, 1991, p. 56).

Artaud vivia imerso às angústias do seu pensamento e inquietações do seu corpo. Mas, para além disso, reconhecia também a missão “revolucionária” da arte. “Na medida em que Artaud se opõe à separação entre arte e vida, opõe-se a todas as formas teatrais que implicam uma diferença entre realidade e representação” (Sontag, 1986, p. 33). Através de seu fazer artístico, especialmente o teatro⁶³, ele era acometido pela ideia de uma sociedade que agonizava, ofertando às artes cênicas o poder revolucionário de dar sentido à vida.

Willer (1986) afirma que Artaud tinha pavor de hospícios e psiquiatras, mas passou nove anos internado em diversos hospícios, enfrentando inclusive fome e risco de vida em *Ville-Évrard*, local para onde eram levados loucos irrecuperáveis. Esse personagem vive todos os tipos de desumanidades ao longo do seu “tratamento”, feito inclusive com eletrochoques. De acordo com Sontag (1986), sua doença advém de uma “consciência partida”, através da qual ele internaliza uma cisão corpo e mente. No fim de sua vida, seus escritos lembravam tentativas de saltar para fora da própria pele e se desprender do corpo físico. No entanto, Sontag (1986, p. 50) afirma que “Na feroz batalha de Artaud para transcender o corpo, tudo é eventualmente transformado em corpo”.

Em 04 de março de 1948, Artaud é encontrado morto em *Ivry*, caído aos pés da sua cama e agarrado a um par de sapato. Há hipóteses que giram em torno de sua morte: câncer no reto, suicídio e intoxicação por ópio, heroína, morfina e coral, que fazia uso para reduzir suas dores. De fato, o vanguardismo e o caráter revolucionário das obras de Antonin Artaud só ganham destaque após sua morte. Muitos outros autores pós-estruturalistas bebem na fonte da criação libertária e inovadora de Artaud, um deles é Michel Foucault.

Para Foucault, Artaud virou pelo avesso, subverteu completamente as noções tradicionalmente aceitas sobre a relação entre criação e loucura: não são mais as obras dos loucos e malditos que precisam justificar-se diante da psicologia, mas sim a

⁶³ Com destaque para suas produções que foram concebidas, entre outras experiências, para o Teatro da Crueldade. Nesse espaço, todos os seus “fracassos” se tornaram símbolos de sucesso.

psicologia que agora deve tentar justificar-se diante de suas obras (Willer, 1986, p. 14-15).

Essa afirmação se torna concreta quando leio a “Carta aos Médicos-chefes dos Manicômios”, na qual, ironicamente, Artaud expõe o seu repúdio contra a repressão executada contra os loucos pelo poder da medicina.

Senhores,

As leis e os costumes vos concedem o direito de medir o espírito. Essa jurisdição soberana e temível é exercida com vossa razão. Deixa-nos rir. A credulidade dos povos civilizados, dos sábios, dos governos, adorna a psiquiatria de não sei que luzes sobrenaturais. O processo de vossa profissão já recebeu seu veredito. Não pretendemos discutir aqui o valor da vossa ciência nem a duvidosa existência das doenças mentais. Mas para cada cem supostas patogenias nas quais se desencadeia a confusão da matéria e do espírito, para cada cem classificações das quais as mais vagas ainda são as mais aproveitáveis, quantas são as tentativas nobres de chegar ao mundo cerebral onde vivem tantos dos vossos prisioneiros? Quantos, por exemplo, acham que o sonho do demente precoce, as imagens pelas quais ele é possuído, são algo mais que uma salada de palavras? [...] Não admitimos que se freie o livre desenvolvimento de um delírio, tão legítimo e lógico quanto qualquer outra sequência de ideias e atos humanos. A repressão dos atos anti-sociais é tão ilusória quanto aceitável no seu fundamento. Todos os atos individuais são anti-sociais. Os loucos são as vítimas individuais por excelência da ditadura social; em nome dessa individualidade intrínseca ao homem, exigimos que sejam soltos esses encarcerados da sensibilidade, pois não está ao alcance das leis prender todos os homens que pensam e agem. Sem insistir no caráter perfeitamente genial das manifestações de certos loucos, na medida da nossa capacidade de avaliá-los, afirmamos a legitimidade absoluta da sua concepção de realidade e de todos os atos que dela decorrem. Que tudo isso seja lembrado amanhã pela manhã, na hora da visita, quando tentarem conversar sem dicionário com esses homens sobre os quais, reconheçam, os senhores só têm a superioridade da força (Artaud, 1986, p. 30-31).

Lins (1999) afirma que essa carta é considerada um dos textos fundadores da Antipsiquiatria, na qual Artaud critica veemente a Medicina da “técnica”. De acordo com Lins (1999), Artaud a define como uma máquina fria, que não consegue mais lidar com corpos vivos, mas apenas “se-parados”. Artaud vê a doença como um espaço aberto para a criatividade, novas descobertas e passeio. Ele se recusava a ser assujeitado pela loucura, utilizando-a como estratégia para aguçar sua sensibilidade. Sua postura questionadora coloca em xeque toda a estrutura que envolve o tratamento da loucura, enquanto lugar de dor, inaptidão, limitação, finalidade. Para ele, o que há é uma espécie de “burocratização” da exclusão de pessoas que não cabem em rótulos, um julgo e governo dos corpos. De acordo com Sontag (1986), ele sabia que as noções de sanidade e loucura são arbitrárias e, de forma ampliada, políticas.

O que Antonin Artaud suscita, a partir da sua vida, é uma espécie de aflição intelectual, um sofrimento mesmo, advindo da sua sensível autoconsciência do “não-cabimento” e sensibilidade diante da arte que lhe tocava de forma visceral. De acordo com Susan Sontag

(1986, p. 22), “A premissa da escrita de Artaud é sua profunda dificuldade em combinar ‘ser’ com hiperlucidez, carne com palavras”.

Essa autora afirma que a aflição intelectual que Antonin Artaud demonstrava era reflexo do seu sofrimento físico, carnal. Assim como cada declaração que ele fazia sobre sua autoconsciência pesava na mesma medida sobre seu corpo, sobre sua carne, uma espécie de dor sentida como literal. Artaud se recusava a separar a mente de sua carne, ou seja, do seu corpo. “As dificuldades de que Artaud se queixa persistem porque ele está pensando o impensável – sobre como o corpo é mente e como a mente é também um corpo. Esse paradoxo inesgotável reflete-se no desejo de Artaud de produzir arte que seja ao mesmo tempo antiarte” (Sontag, 1986, p. 23).

Artaud critica os dispositivos de controle dos corpos e se coloca para o mundo sempre na perspectiva de enfrentá-lo, de frente, e faz isso como poucos através da sua auto-expressão em forma de cartas, textos para peças de teatro, poesias – parafraseando Manoel de Barros (2010, p. 263), “Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos, retratos. Outras de palavras. Poetas e tontos se compõem com palavras”. Antonin Artaud (1986, p. 139) afirmava que “Em todo demente há um gênio incompreendido, cujas ideias, brilhando na sua cabeça, apavoram as pessoas e que só no delírio consegue encontrar uma saída para o cerceamento que a vida lhe preparou”.

Com suas angústias e agonias, esse intercessor me faz questionar a ideia da doença mental de nossos tempos, a “loucura”, o “louco”: “[...] faziam parte da extensa família daqueles de pouca serventia para a sociedade – os tuberculosos, os portadores de sífilis, os alcoólatras, os doentes mentais, as prostitutas e os que não podiam trabalhar” (Rose, 2008, p. 157). E é exatamente da sua perspectiva, a partir da loucura, que fluem reflexões desconcertantes, conforme observo na passagem abaixo:

Se não houvesse médicos nunca haveriam doentes, nem esqueletos mortos doentes para serem esfolados e retalhados. Pois a sociedade não começou com os doentes, mas sim com os médicos. Aqueles que vivem, vivem dos mortos. É preciso que a morte também viva; e nada como um manicômio para carinhosamente incubar a morte e para manter os mortos em incubadeiras (Artaud, 1986, p. 126-127).

De acordo com Daniel Lins (1999), a escrita de Artaud é uma “escrita-fogueira” que busca uma palavra clara e que diz tudo, carregando em si dilaceramentos, estrias, nervuras, angústias, vibrações, agonias, crueldade... É no “Teatro da crueldade”⁶⁴, como linguagem, que

⁶⁴ “Todas as linhas traçadas no caos se transformarão em germes para uma outra arquitetura do pensamento. Ao mesmo tempo, Artaud se metamorfoseará num estranho ator que recoloca sua crise interior num teatro de dimensão

sua vida se expressa e que, de alguma forma, sua sanidade e loucura se fundem. “Artaud inventou a palavra e com ela engendrou a loucura, nervura e intimidade de pensamento” (Lins, 1999, p. 12). As linhas de Artaud, conforme ele mesmo denuncia, é uma “escrita masturbatória”, tem cheiro de vísceras... é cheia de vida, com tudo de bonito e de repugnante que nela há.

A escrita artaudiana é uma mescla de gritos e sussurros, lágrimas espermáticas, urina, sangue e sêmen que trituram, torturam o corpo, e produzem uma escrita de corpo e carne queimada, flutuando como um bezerro sacrificado na superfície ensanguentada, numa produção de marcas, escarificação no corpo e não nas páginas (Lins, 1999, p. 10).

Para Deleuze (1987, p. 41), “Ciência e poesia são, ao mesmo título, saber”. Traço essa passagem, como um rito, nas palavras de Manoel de Barros (2010, p. 172):

Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco; ao ponto de ninguém e de nuvem. Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na sarjeta. Sou mais a palavra ao ponto de entulho. Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las pro chão, corrompê-las até que padeçam de mim e me sujem de branco.

A relação de Antonin Artaud com sua escrita poética é visceral. Ela explode nas páginas, implode conceitos, tendo com a loucura uma relação de tatuagem, um apaixonamento, uma condição para a sua criação.

O ato de escrever é sempre um ato de violência corporal, uma revolução que estupra a epiderme e busca desesperadamente construir outra anatomia, um outro país onde a filosofia, a arte e a poesia poderão, finalmente, eclodir longe das amarras de um corpo estrangulado pelo organismo, que é, para Artaud, risco, aniquilamento, morte anunciada de uma escrita orgânica (Lins, 1999, p. 23).

O fio de Antonin Artaud me leva a uma compreensão do corpo que precisa expulsar de si todos os seus excrementos, que precisa vomitar, expelir suor pelos poros, romper a carne, liberar tudo pelos orifícios... é uma ideia de esvaziamento, é uma rebelião contra o “corpo biológico”. Ele defende o “Triunfo do corpo contra o organismo” (Lins, 1999, p. 32), para fazer surgir um “verdadeiro, novo corpo”, “pura intensidade”: o Corpo sem Órgãos⁶⁵. Eis a definição poética de Lins (1999, p. 62):

O corpo sem órgãos, é sertão e vegetação, é caatinga ressuscitada molhada pelo velho rio São Francisco ou ressequida pelas risadas escancaradas das bocas-abismos, morada do céu e da chuva, da seca e das caretas-linguagem, dos berros de animais

muito ampla que acabará abrangendo o problema de uma civilização ou de toda uma sociedade na qual ele nasceu” (Uno, 2012, p. 108). De acordo com esse autor, Artaud precisa do teatro. Ele o quer, mas não de qualquer jeito. Ele considera que pelo seu caráter seria muito mais uma *performance*, do que teatro.

⁶⁵ “A visão de uma arte total tem a mesma forma que a redenção do corpo. (‘O corpo é o corpo/ ele é sozinho/ não necessita de órgãos’, escreve Artaud em um de seus últimos poemas)” (Sontag, 1986, p. 48).

famintos e risos de meninos gulosos [...] O deserto é por sua vez sua vez o corpo sem órgãos: o não lugar, a não estabilidade; o oposto do conforto histérico advindo de uma opinião sem pensamento, sem clorofila, sem vitalidade.

De acordo com Deleuze (2016), o verdadeiro inimigo do Corpo sem Órgãos não são estes, mas sim o organismo, que figura como uma “[...] organização que impõe aos órgãos um regime de totalização, de colaboração, de sinergia, de integração, de inibição e de disjunção” (Deleuze, 2016, p. 25). Esse autor afirma que “Artaud descreve a luta viva do corpo sem órgãos contra o organismo e contra Deus, senhor dos organismos e da organização” (Deleuze, 2016, p. 25).

Segundo Kunichi Uno (2012, p. 43), “Artaud opõe seu corpo ao corpo orgânico como objeto biológico, médico, higiênico etc., o corpo, para ele, é algo que sempre se distingue do corpo como objeto determinado, contornável”. Segundo esse autor, o corpo descrito por Artaud designa uma diferença que vai se evidenciando, que se espessa em matéria flutuante, abrindo-se aos agenciamentos, conexões e crueldades que lhe atravessam.

Quando ele diz em um texto escrito em 1925: “eu me libero desse condicionamento de meus órgãos tão mal ajustados ao meu eu”, manifesta muito claramente seu ódio aos órgãos, isto quer dizer que ele cultua a carne, mas detesta os órgãos. Através deste culto paradoxal, ele problematiza o corpo de uma maneira completamente original. E a crueldade de Artaud nunca será compreensível se for concebida fora desta problemática do corpo, insustentavelmente paradoxal (Uno, 2012, p. 38).

Deleuze e Guattari (2012b) compreendem rapidamente a importância dessa criação e a recria, a partir das referências de Artaud. De acordo com esses autores, o Corpo sem Órgãos representa o não-desejo, mas também o desejo. “Não é uma noção ou conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao corpo sem órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 12). O Corpo sem Órgãos não é tangível, palpável, porque não está enclausurado, modulado, engarrafado num conteúdo físico, é a matéria sem matéria. Artaud afirmava que era uma guerra “para acabar com o julgamento de Deus”.

Uma parada incompreensível e certa no meio do processo, como terceiro tempo: *Nem boca. Nem língua. Nem dentes. Nem laringe. Nem esôfago. Nem estômago. Nem ventre. Nem ânus.* Os autômatos param e deixam sobressair a massa inorgânica que articulam. O corpo pleno sem órgãos é o improdutivo, o estéril, o inengendrado, o inconsumível. Antonin Artaud o descobriu, lá onde ele se encontrava, sem forma e sem figura (Deleuze; Guattari, 2011, p. 20).

Para esses autores, é um corpo feito de intensidades, nunca é um organismo, o organismo é o inimigo do corpo, tem prazer, produção de desejo, é fluído, deslizante, tem poesia e dança. “Artaud apresenta esse ‘corpo sem órgãos’ que Deus nos roubou para introduzir o

corpo organizado sem o qual o juízo não se poderia exercer. O corpo sem órgãos é um corpo afetivo, intensivo, anarquista, que só comporta polos, zonas, limiares e gradientes” (Deleuze, 2011, p. 168).

Conforme afirma Deleuze e Guattari (2012b), não há uma oposição de Artaud aos órgãos, o que há é a contraposição à organização dos mesmos, que se denomina organismo. É contra uma ideia sistêmica de corpo, que opera de acordo com as funções dos órgãos, que Artaud se revolta. Para ele, o corpo é capaz de operar sozinho. Segundo esses autores, para Artaud, “O organismo já é isto, o juízo de Deus, do qual os médicos se aproveitam e tiram seu poder” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 24). De acordo com Antonin Artaud, o CsO grita e denuncia o roubo de seu corpo.

Deleuze e Guattari (2012b) afirmam que é o juízo de Deus que arranca a imanência do corpo e lhe concede um organismo, um sujeito que é estratificado. Fato que considero ser importante para compreender categorizações elaboradas em manuais médicos, em torno das pessoas autistas, que privilegiam o biológico, desestabilizando também um campo social. Essas classificações, quase sempre, compartimentam seus corpos e lhe retiram potencialidades, privilegiando a análise pela via do “Ponto”, ou seja do diagnóstico, e não do corpo.

Arquiteto de um corpo sem órgãos, Artaud viveu em constante guerrilha contra o organismo, criação imperfeita de um Criador, inventor de um corpo impossível e inútil; o corpo do começo, o corpo sem história, nem cronologia, nem tempo humano ou divino, o corpo da terra (Lins, 1999, p. 44).

De acordo com Lins (1999), Artaud definia o Corpo sem Órgãos como um corpo pleno. “Artaud, o ruminador, produtor de um som que deve ser situado, muito mais na esfera do sentido pleno, do acontecimento, como escopo do devir é, na sua essência, o sentido e não a oralidade” (Lins, 1999, p. 60). Conforme Artaud, é fundamental que cada um faça e refaça seu corpo, sem isso, o mesmo não vale de nada.

A vida é de queimar as questões. Eu não concebo nenhuma obra separada da vida. Eu não gosto da criação separada. Cada uma das minhas obras, cada um dos planos de mim mesmo, cada uma das florações glaciais de minha alma interior baba sobre mim (Artaud, 1995, p. 207).

“Artaud, ‘identidade infinita’, cria o encontro entre os opostos assinalados pelo senso comum, céu e inferno conversam, numa comunicação entre contrários” (Lins, 1999, p. 61). É o rompimento das polaridades, dos contrários... Seria um delírio? Minha hipótese é que talvez...

Mas é exatamente isso que a vida, a arte e a loucura me proporcionam. E é bom que seja assim! Talvez também não seja para entender, mas apenas para sentir.

3.4.2. “Pise forte neste chão, Arthur Bispo do Rosário está de volta”⁶⁶

“Temos direito ao delírio”

(Eduardo Galeano)



Figura 6: Arthur Bispo do Rosário vestido com o “Manto da Apresentação”

Fonte: <https://museubispodorosario.com/home/arthur-bispo-do-rosario/>

⁶⁶ Na placa instalada aos pés de sua estátua inaugurada em 11 de junho de 2002, na entrada da cidade de Japaratuba/SE, consta os seguintes dizeres “Pise forte neste chão, você está na terra de Arthur Bispo do Rosário”. Um pouco mais abaixo há uma portinha branca, uma espécie de lápide em mármore, com parafusos encaixados, onde estão guardados os restos mortais de Bispo. Nessa placa, já bem desgastada pelo tempo, é possível ler “Pise forte neste chão, Arthur Bispo do Rosário está de volta”.

Sob a licença poética, permitida por Eduardo Galeano, trago os delírios do meu segundo intercessor, o artista sergipano, natural de Japaratuba/SE⁶⁷, Arthur Bispo do Rosário⁶⁸. Não obstante a escassez de informações sobre o nascimento e a infância de Bispo, não tendo sido achado sequer o registro do seu nascimento, há notícia sobre ele apenas no Livro de Batismo da Igreja Nossa Senhora da Saúde, localizada em Japaratuba/SE. A partir desse documento, infere-se que ele pode ter nascido em 14 de maio de 1909, filho de Adriano Bispo do Rosário e Blandina Francisca de Jesus, descendente de escravos.

De acordo com Tonello (2016), Bispo serviu à Marinha na sua juventude, sendo afastado por indisciplina. Há registros fotográficos que comprovam que ele também lutou boxe, enquanto esteve nessa instituição e ganhou um título sul-americano. Trabalhou ainda como segurança na companhia elétrica *Light*, já no Rio de Janeiro, e em casas de família como uma espécie de “faz tudo”. Bispo tinha um comportamento espontâneo e não apresentava agressividade, até que...

Com 29 anos de idade, na noite de 22 de dezembro de 1938, o jovem Bispo teve alucinação e nela viu a imagem de Cristo acompanhada de sete anjos azuis que desciam no quintal de casa, imerso ao facho de luz radiante. Após esse episódio, vagou por dois dias pela rua 1º de Março no Rio de Janeiro, inclusive na Igreja da Candelária, até chegar ao Mosteiro de São Bento, quando anunciou ao grupo de monges que era o enviado de Deus e encarregado de julgar os vivos e os mortos. Em seu delírio místico, considerava ter recebido a missão de recrear o universo para apresentar a Deus no dia do juízo final (Tonello, 2016, p. 19).

Esse autor afirma que consta no prontuário de Bispo que ele foi detido no dia 26 de dezembro de 1938, sendo levado como indigente, considerado “insano”, para o Hospital dos

⁶⁷ De acordo com Jorge Anthonio e Silva (2003, p. 13-14), “No século XVI, seis tribos indígenas povoavam a região, uma delas comandada pelo cacique Yaparutuba. A palavra é a junção de ‘y’ (rio), ‘apara’ (volta) e ‘tuba’ (frequência, repetição). Sua leitura final remete a ‘rio de muitas voltas’, o que se explica pela topografia local, que faz Japaratuba chegar ao mar já sem a força das corredeiras, formando meandros, sinuosidade de cursos d’água comuns à linearidade das planícies”. Esse autor afirma também que a cidade se desenvolveu a partir das relações de trabalho entre senhores, proprietários de terras e escravos vindouros da Guiné e do Congo, para produção de açúcar nos engenhos. Em seguida, ao território chegaram também padres carmelitas, sob o comando do Frei Antonio da Piedade, com o objetivo de fundar a Missão dos Carmelitas para a evangelização dos povos e fundação do Hospício Japaratuba.

Vivi parte dos melhores momentos da minha infância e juventude, em Japaratuba. Terra de meus pais, onde meus avôs paternos, José e Perolina, e maternos, João e Joelina, viveram. Só aos 20 e poucos anos me deparei com a figura de Arthur Bispo do Rosário, em uma exposição que visitei em São Paulo, no ano de 2004. A obra minuciosa, composta por miniaturas, de Arthur Bispo me encantou pela construção artística e estética feita com linhas. Para minha grata surpresa descobri também em SP que esse artista era sergipano, mais precisamente japatubense. Anos depois, o nome de Arthur Bispo ficou conhecido com mais força aqui em Sergipe. Atualmente, o Museu da Gente Sergipana possui uma exposição, de caráter permanente, sobre a vida e obra de Arthur Bispo, com réplicas das peças utilizadas no filme “O Senhor do Labirinto”.

⁶⁸ A vida e a obra de Arthur Bispo do Rosário estão retratadas em duas obras cinematográficas: “O Senhor do Labirinto” – obra de ficção, com extensão de 1 hora e 20 minutos, produzida em 2010 e lançada em 2014, com direção de Geraldo Mota Filho e Gisella de Mello – e o documentário “O Prisioneiro da Passagem” – com duração de 29 minutos, produzido em 1982, com direção de Hugo Denizart.

Alienados, na Praia Vermelha. Após um mês nesse espaço, foi transferido para a Colônia Juliano Moreira⁶⁹, localizada também no Rio de Janeiro, onde foi diagnosticado com “esquizofrenia paranoide”. Curiosamente, no seu prontuário, constava que “Com certa liberdade, passa muito bem”.

Bispo, esse quixotesco ser em luta com a realidade asilar, como um Sísifo cristão, abre sua época a outro prisma para a interpretação, que não aquele da formulação artística, apenas. Lê o pecado, essa entidade moral fundadora da crença histórica na alma como redenção do ser, e tenta uma nova taxonomia do universo. Não a do demiurgo, concreta, mas uma gramática se não uma classificação do universo por meio de representações. Bispo é o ser de expressão pura, por isso, um artista (Silva, 2003, p. 110).

A partir de 1960, Bispo já contava com a simpatia de muitos médicos e funcionários dessa instituição. No entanto, muitas vezes, recusava-se a se alimentar e a tomar remédios. “Na cela-forte, mesmo isolado do meio naturalizador, Bispo não se afirmava artista, mas construiu um mundo, me dando pistas de que a ação de criar e a espontaneidade são fortes aliados e necessários para a sobrevivência” (Tonello, 2016, p. 27). Bispo se ocupava com a arte⁷⁰ em sua cela, com *status* de xerife da Colônia, da qual saía e voltava conforme sua vontade, e tinha liberação para usar agulha – não como uma arma, mas como objeto que fazia renascer sua espontaneidade e, em diversos momentos, era fundamental como ponte para a sanidade.

[...] o fazer arte, por mais que se relacione com uma dimensão desarrazoada, é um trabalho de razão. Existem relatos, por exemplo, de Van Gogh dizendo que, quando estava pintando, tinha certeza de sua sanidade, ou de Arthur Bispo do Rosário, que quando sentia “o muro desabando” pedia que o trancassem em seu quarto com muitos materiais para que pudesse produzir (e assim evitar o surto) (Providello; Yasui, 2013, p. 1525).

“Arthur Bispo do Rosário transformou os seus delírios em obra viva, usufruiu da magia da agulha e da pintura, composição organizada e ordenada” (Tonello, 2016, p. 09-10). Utilizava diversos objetos insignificantes como canecas, bonecas, sapatos, sandálias, talheres, pentes, lençóis e fios das roupas azuis de outros detentos.

Uma agulha pode ter desencadeado o pensamento sobre esse processo expressivo incomum: o bordado. Sem as linhas, sem o providencial bastidor, sem o tecido, Bispo desfez os uniformes azuis, tomou os lençóis em uso na cama como base e sobre eles bordou frases patéticas, figuras e símbolos (Silva, 2003, p. 67).

⁶⁹ Já com arteriosclerose e broncopneumonia, Arthur Bispo do Rosário faleceu, com 80 anos, em 05 de julho de 1989, após um infarto do miocárdio na Colônia Juliano Moreira.

⁷⁰ “A maior parte dos trabalhos de Bispo consistiu em diversas miniaturas, entre navios de guerra, automóveis, caixas de música, moinhos de cana, a roda da fortuna, entre tantos outros. Também bordou peças de vestuário da Colônia que revolucionaram conceitos no mundo da moda” (Tonello, 2016, p. 32).

Seus bordados, alegorias de sua cabeça criativa, traziam referências de suas raízes africanas e indígenas. Sua obra lembra uma colcha de retalhos de tecidos diversos, é pulsante de aforismos e alegorias, frutos da sua imaginação e amalgamada de realidade, tendo a loucura enquanto potência criadora. De acordo com Deleuze (2016, p. 18), “É sempre possível confinar o homem do delírio paranoico, ele apresenta todos os signos da loucura, mas, por outro lado, ele não é de modo algum louco, seu raciocínio é impecável”.

Com sua obra-vida-viva, Bispo confunde os defensores dos dispositivos médicos e institucionais e apaixona os defensores da loucura, como eu, como bicho que deve correr solto, nunca preso, encarcerado. Bispo rejeitava remédios, comida, tudo que o desligasse da sua missão, da sua santidade, e sabia, que as medicações não o curariam, nem melhorariam sua vida. Ele era um exímio observador da realidade.

Arthur não se afirmou artista, não se submeteu à sistemática de avaliação, mensuração, exibição e vontades do mercado da arte, que determinava e determina, valora e referenda o objeto artístico. Nunca pretendeu mostrar o que produzia, porque o fazia para si, a partir de uma pulsão interior e sem o desejo da revelação de talento. À propósito, o contato com sua obra era difícil, já que ele não permitia sua contemplação dentro dos parâmetros para o qual está rigidamente educado a olhar. Para se ver os seus trabalhos, a imensa instalação de uma vida, era necessário penetrar em sua intimidade e transitar pela sua loucura, decifrando enigmas perante o enigma gerador (Silva, 2003, p. 57).

Arthur Bispo do Rosário é um artista reconhecido por sua genialidade e expressividade nas suas criações – quando se trata da discussão de saúde mental, nos moldes que a concebo atualmente. Há na obra e vida de Bispo, aquilo que Deleuze e Guattari (2011) definem como agenciamento: um conjunto de condições singulares que operam na produção de um tipo de realidade paralela submetida a coordenadas espaço-tempo e históricas delimitadas. De alguma forma, o seu corpo se mistura com a sociedade “[...] compreendendo todas as trações, repulsões, as simpatias e antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 33). Portanto, entendo que o verdadeiro protagonismo de sua obra está também na potência advinda da loucura e de sua relação com os espaços sociais que Bispo ocupou em vida.

A escultura de Bispo que enfeita a entrada da cidade de Japaratuba/SE, vestida com o “Manto da apresentação” – sua obra mais conhecida – era a roupa “[...] que Bispo deveria vestir no dia do Juízo Final, e com o qual pretendia marcar a passagem de Deus na Terra” (Tonello, 2016, p. 32). No Manto da Apresentação “[...] há inúmeros registros que aparecem em seu lado interno, criando através de nomes próprios, uma memória de futuro” (Tonello, 2016, p. 28).

O Manto da Apresentação é bordado por fora e por dentro, como um contínuo, uma passagem. Por fora, com palavras como universo, meu, céu; números; letras, que aparentemente parecem algarismos romanos; imagens diversas como malas, cestas, tridentes, navios, redes de pescar, aviões, escadas, coroas, rosa-dos-ventos, tabuleiro de xadrez, tambores, gramofones, corações... bordados com linhas e cordões dourados, pretos, vermelhos, prateados. Por dentro, com palavras, basicamente nomes e sobrenomes de pessoas: Angelina, Francisca, Carlota, Luiza, Armando, Vera, Epaminondas, Arruda, Rodrigues, Campos, Wando, Dagmar, Maria...

O Manto é o elemento denunciador do desejo de tornar-se grande, de sobrepor-se ao mero sentido da vida cotidiana. É o objeto que faz do corpo algo inatingível, pois o desmaterializa, como nos santos e reis. [...] O manto quer sobrepor a riqueza, a santidade e o luxo perenes à finitude do corpo que o porta. Pode-se dizer que ele protege o corpo perecível que o enverga. [...] É a fina película, ou a pesada riqueza da separação, o arquétipo da passagem entre a matéria e a essência. [...] Fuga das tentações é, também renúncia dos instintos materiais. Vesti-lo significa entregar-se à sabedoria. [...] quem o veste toma a forma que desejar. Por isso, o manto ou a capa simbolizam a metamorfose, permitindo ao homem a assunção da personalidade que o desejo determinar (Silva, 2003, p. 89).

Talvez essa obra tenha sido a forma que Bispo criou de reverenciar o seu Deus e se aproximar dele, uma possibilidade de representar também sua santidade. Ele mesmo se dizia “Embaixador de Deus” e era vestido com o Manto da Apresentação que decidiu que iria encontrá-lo, era sua melhor roupa, para a ocasião mais importante de sua vida. De fato, é possível imaginar que ele realmente o fosse, especialmente pela grandiosidade e beleza de sua obra. Tudo é uma questão de ponto de vista, como está representado nos versos de Eduardo Lyra Krieger e João Cavalcanti (2007): “Do ponto de vista do mar quem balança é a praia. Do ponto de vista da vida um dia é pouco. Guardado no bolso do louco, há sempre um pedaço de Deus”.

De acordo com Jorge Anthonio e Silva (2003), Bispo faz da loucura uma possibilidade de produção e criação de conhecimento acerca da natureza humana. “Com Bispo, a rasura se faz acabamento e a imperfeição se instala como paradigma” (Silva, 2003, p. 111). Essas linhas em que Arthur Bispo se expressa, preenchendo tudo com bordados, desenhos, objetos, numeração e escrita, faz-me lembrar não somente a beleza estética, quase sempre tridimensional-geométrica-descentralizada-descontínua-fragmentada de sua obra, que definitivamente não se concentra tão somente na arquitetura da forma, como também me dá a certeza que as potencialidades humanas – as que criam, recriam, que dão novos significados a coisas – vão muito além dos dados clínicos e dos laudos que encarceram e catalogam os corpos que não aguentam mais.

[...] uma primeira questão se impõe: o que o corpo não agüenta mais (o que é que o corpo não agüenta mais)? Qual é essa impotência quase-imemorial que parece confundir-se com sua própria condição? A resposta é dupla. Primeiro, ele não agüenta mais aquilo a que o submetemos do exterior, formas que o agem do exterior. Essas formas são, evidentemente, as do adestramento e da disciplina (Lapoujade, 2002, p. 83).

Nesse ponto, considero que a loucura, a “doença mental”, em Artaud e em Bispo, subverte uma lógica de uma possível trivialidade imbecil de esquadramento dos seus corpos, para evocar através da existência – permeada pela razão e desrazão – uma potência de resistir a toda e a qualquer padronização e obediência às normalidades pressupostas. De acordo com Foucault (2002, p. 24), “[...] a loucura só existe em cada homem, porque é o homem que a constitui no apego que ele demonstra por si mesmo e através das ilusões com que se alimenta”. Foucault (1975) afirma que a loucura jamais poderá ser dominada pela psicologia. O que a loucura faz é deixá-la sem palavras.

E nada disso é simplório. Estamos diante de uma sociedade que carrega em si um dos principais fundamentos do Cristianismo: a culpa cristã, assim como estamos sob o governo de uma Medicina “técnica”, que tem o bastão do julgo para categorizar os corpos dos pés à cabeça. Estamos diante de uma luta desigual, na qual perder já é, praticamente, um desígnio.

Pois a questão é: que pode o corpo em face desse sofrimento que é sua própria condição? Ou se preferirmos: como um corpo devém ativo? A primeira condição, como já vimos, consiste em sentir este sofrimento, o “Eu sinto” que é um “Eu não agüento mais”, pois esta exposição ao fora é insuportável. O corpo deve primeiro suportar o insuportável, viver o inviável. É o sentido do Corpo-sem-órgãos em Deleuze: que o corpo passe por estados de torção, de dobramentos que um organismo desenvolvido não suportaria (Lapoujade, 2002, p. 87).

Esse autor afirma que a potência do corpo está em suportar o que não se suporta mais, em reagir às feridas, que são provocadas pelo exterior, pelo fora. Para Deleuze e Guattari (2011, p. 45), “Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que ele pode, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo”. Dessa forma, o “não aguentar mais” não seria sinônimo de fraqueza, ao contrário seria representação de força: “O que faz a fraqueza do forte é que ele se esforça para preservar, e mesmo aumentar, sua vulnerabilidade; controlando seu grau de exposição às feridas do fora; se protegendo das agressões mais grosseiras, ele pode se abrir às feridas mais sutis” (Lapoujade, 2002, p. 88).

Nesse ponto, ousa dizer que a arte de Bispo, assim como a escrita de Artaud, foram o caminho necessário para a criação de um sistema de defesa contra o que não se aguenta mais. Não como um encapsulamento da vida e da própria vida, mas como a Terceira Lei de Newton:

“A toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade”. Portanto, nenhum movimento do corpo será feito sem uma provocação oposta de intensidades. Não há como gerar o tudo do tudo, o tudo só vem do nada.

3.4.3. O auxílio luxuoso de Fernand Deligny: arrematando loucura, autismo e teias

“É preciso voltarmos ao aracniano e olharmos de perto a teia de aranha, de tão perto que ela nos pareça enorme. O que vemos então é que certos fios são muito parecidos com colares de pérolas, nos quais cada pérola equivale a uma gota de visgo. Por aí se vê a engenhosidade do aracniano; alguns fios são tão bem enviscados que a aranha pode se deslocar sem correr o risco de sofrer, ela própria, o destino das presas retidas pelas pérolas”

(Fernand Deligny)

Uma aranha pode levar em torno de 30 minutos para construir uma teia, a partir de um único fio todos os outros são montados em um desenho simétrico e harmônico. A teia é uma verdadeira obra de arte da arquitetura animal. Lembrei de Emicida (2020) quando canta “De madrugada é que as aranha tece no breu...”. Lembrei também de Manoel de Barros (2010, p. 374), quando escreveu: “O dom de esculpir o orvalho só encontrei na aranha. Pelos meus textos sou mudado mais do que pelo meu existir”. E foi, sabe-se lá se já de dia ou de noite, em uma madrugada dessas de leitura, escrita e deletérios – enquanto os dedos deslizavam e as aranhas faziam seu trabalho, ao mesmo tempo que descartavam seus exoesqueletos – que descobri os postulados de Fernand Deligny⁷¹.

[...] falar de teia faz pensar em tela. Onde está o quadro antes de ser feito? [...] foi essa mesma pergunta que me fiz a propósito da teia de aranha: onde ela está, e sob que forma, antes de ser tecida? Teia e tela têm um artesão, é fácil demais suspeitar que cada aranha encerra em seu foro interior o projeto de pôr-se à obra na primeira ocasião (Deligny, 2015, p. 23).

⁷¹ O nome de Fernand Deligny surgiu para mim durante o processo de pesquisa para a construção do estado da arte desta tese. Após revirar bancos de dados para encontrar algo que dialogasse com a abordagem de autismo, que trago no meu objeto. Para minha grata surpresa encontrei uma tese intitulada “Cartografias do olhar: devir-aracniano, autismo e Fernand Deligny”, de Marcele Cristina Teixeira Barbosa (2020). Foi essa pesquisa que me apresentou o nome de Deligny, fazendo relações com conceitos de Deleuze e Guattari, e atua como uma catarse, no sentido de me colocar diante de um autor que questiona padrões de dispositivos normatizadores e tecnocráticos, versando acerca da arte, loucura, processos pedagógicos, teias, tudo isso a partir de sua experiência com crianças autistas.

Na minha tela, foi um acontecimento, da ordem do presente inesperado, encontrar um autor que dialoga com minha temática e se propõe a fazer uma crítica à civilização, em seu aspecto colonizador e mortífero, que busca ocultar e bloquear outras potencialidades do humano. Ele acreditava que “Quando o povo for libertado e ousar andar com seus próprios pés, a obra de arte ganhará para ele formas, cores e músicas familiares” (Deligny, 2018, p. 130). No pensamento de Deligny há a compreensão de que “O que se pode tramar entre uns e outros é, rigorosamente falando, inimaginável” (Deligny, 2015, p. 39).



Figura 7: Fernand Deligny e Janmarri em *Cévennes* (1973)

Fonte: <https://laviedesidees.fr/Fernand-Deligny-ou-l-art-d-etre-hors-sujet>

Aqui meu terceiro e último intercessor será arquiteto em três frentes: o profissional questionador, que abre espaço para elaborar reflexões acerca da saúde mental; o formulador de conceitos, a partir da sua experiência com crianças autistas, em especial com Janmari⁷² (o qual

⁷² “Tanto é que cheguei a me dizer que toda verdade oculta, eclipsa o real, e que essa aura que eu via graças à presença de garoto autista, provido como eu estava então de uma espécie de terceiro olho – como se referiam os monges tibetanos, que tinham o costume de fazer um buraco na fronte – [...] Não sendo monge, nem tibetano, não havia um buraco na fronte. Janmari estava lá, constantemente, com seu ‘**ponto de ver**’ sensivelmente distante e diferente do nosso ponto de vista um tanto unânime, em se tratando de todos os que, desde nascidos mesmo antes disso, foram iniciados à existência simbólica. [...] O autista – este Janmari aqui, no caso – desempenharia, portanto, um papel, sendo sua atitude manifesta a da exibição e sua atração *pela coisa* explicável pelo fato de que seria movido por uma espécie de tropismo identificatório” (Deligny, 2015, p. 178-179). [grifo nosso]

chama de autista consumado e que é adotado por Deligny); e o elaborador da teia do aracniano, a gênese do conceito de rizoma, que abre a caixa de agulhas para o alinhavo da cartografia.

Mesmo a palavra não pode ser fonte de esgotamento do humano, seu fundamento, sua explicação e definição. É por isso que todo indivíduo é primeiro: incomparável humano na sua singularidade, não podendo ser medido senão por ele próprio – e, no entanto, sempre capaz de fazer comum com os outros da mesma espécie. Pois o comum da espécie não supõe a semelhança, mas a diversidade. Esse mesmo ser singular é constantemente apanhado por sistemas que o explicam, enquadram, confinam, definem e o comparam a outros (Rocha; Miguel, 2022, p. 184-185).

Fernand Deligny, em 1936, era professor primário em Paris e tentava utilizar o desenho, o conto, a mímica e o “alfabeto gestual” em classes especiais. Era pedagogo, mas preferia ser chamado de poeta e etólogo⁷³. Somente em 1943 inicia sua experiência, que é possível chamar de piloto, pois rompe com toda a configuração existente ao alcance do seu público. A partir de 1945, ele começara a receber aquilo que ele chama de “Vagabundos eficazes”, no Centro de Observação de Lille. Deligny conta em sua obra “Vagabundos eficazes” que não objetivava transformar sua experiência lidando com os “inadaptados”⁷⁴ – que foram “crianças difíceis”, “crianças à parte”, frutos de uma “infância inadaptada” – em algo que remetesse à proibição, à algema, vigília ou proteção, contra o ideário psicanalítico e o poder de burocratização dos corpos. Sua compreensão legitimava a ideia de “cura livre”.

Gostam da ordem, dos relatórios escritos para se manterem acobertados e das fofocas para se informar. Ignoram o que uma turma de garotos e garotas pode consumir de energia, de pregos, de tijolos, de solas, de tempo, de ideias e de tudo o mais. Um estabelecimento bem “administrado” – será que isso quer dizer que tudo que vive nele em breve vai morrer? Nesse eterno combate dos ativos contra os passivos, faço apelo aos psicólogos, psiquiatras, biólogos e pedagogos que afastam na descoberta do homem, sem ouvir os chamados desesperados dos educadores, que, na aleatoriedade dos estabelecimentos, tentam ajudar as crianças a viver reunidas em torno deles, e se sentem insidiosamente bloqueados – as crianças e eles mesmos – pelas “circunstâncias” antiquadas e mesquinhas impostas pelas atuais administrações (Deligny, 2018, p. 17).

A experiência de Fernand Deligny me faz questionar tanto uma determinada concepção de loucura, quanto a função que a mesma exerce na sociedade. Qual é a real necessidade de categorizações dos seres humanos e que os garantem, ou não, o status de socialmente aceitáveis? Deligny (2018) coloca de um lado os “homens de bem”, que compunham os

⁷³ Pessoa que estuda os comportamentos de pessoas ou animais em seu *habitat* natural.

⁷⁴ “A maior parte deles é constituída por vagabundos que, para fugir da privação da liberdade do trabalho cotidiano, se veem entre dois policiais, entre as paredes de uma cela. Amantes pueris do absoluto, bem mais do que os juízes são capazes de imaginar. [...] vagabundos ineficazes, pequeno povo de solitários, alguns deles incontestáveis resíduos de homens e de outras esperanças de um mundo que corre o risco constante de morrer de docilidade, tal como alguns porcos em sua gordura e alguns homens em sua cama” (Deligny, 2018, p. 55-54).

Conselhos Administrativos, (envolvidos com escotismo, obras de caridade e psiquiatria, que ele considera abusiva) os quais gerenciam instituições, que têm como prerrogativa a exclusão e o aprisionamento da loucura. Do outro lado um manifesto à liberdade, que compreende o homem e sua humanidade, para além das amenidades. Sobre os professores capazes de lidar com a “inadaptação”, Deligny (2018) afirma que é necessário ser:

Meio poetas, meio pintores, meio cantarolantes de belas músicas, meio intérpretes, exibidores de si mesmos e de marionetes, honestos com o instante, chupados de certezas e cuspidores de questões, película viva à flor da sociedade, incontestavelmente inadaptados, inquietos com sua vagabundagem e pacientes como empalhadores de cadeiras – aí estão os companheiros de que as crianças precisam. Exploradores ingênuos e pobres, eles não sobrecarregarão o povo infantil com o peso de sua bagagem pseudocientíficas, pseudo-históricas, pseudomorais, coleção de bibelôs injuriosos, presentes típicos daqueles que vêm do mundo dos adultos (Deligny, 2018, p. 124-125).

Contudo, sua experiência nunca se transformou em um método. Nesse ponto talvez alguns dirão que Fernand Deligny fracassou. Encontrava resistência nos Conselhos de Administração, que eram responsáveis pela manutenção do funcionamento da instituição, tanto no aspecto financeiro, quanto na concessão para o funcionamento. Deligny resistiu às investidas de imposições de setores burocráticos e administrativos da saúde mental. Seus postulados, linhas e mapas de trajeto, reverberam até hoje na compreensão da loucura e na forma como se lida com ela. “Todo esforço de reeducação não sustentada por uma pesquisa e por uma revolta cheira muito rapidamente a trapos velhos ou a água benta contaminada. O que queremos para esses moleques é ensiná-los a viver, não a morrer. Ajudá-los, não os amar” (Deligny, 2018, p. 114).

Fernand Deligny irá pensar outros modos de vida e de existência, a partir de sua experiência de ensino e cuidado de crianças autistas, que não oralizavam. Esses encontros me levam ao fio da compreensão da vida em rede, como em uma espécie de teia de aranha. Sua escrita é poética, experimental, cheia de intensidades e aforismos, nela não cabe interpretações, mas apenas admiração. Assim como é a poesia de Gil, cantada por Gal Costa (1974), em “Barato total”, quando também relaciona pensamento, aranhas e suas teias: “Dez minutos atrás de uma ideia, já deu para uma teia de aranha crescer e prender sua vida na cadeia do pensamento, que de um momento pro outro começa a doer”.

Em “O Aracniano⁷⁵ e outros textos” (primeiro livro de Fernand Deligny que foi traduzido para o português, apenas no ano de 2015), esse autor se comporta como um artesão

⁷⁵ “Seduzido por essa palavra – *aracniano* –, fui procurar a aranha como termo de uma analogia. O inconveniente dessa escolha é que a aranha não é social; é solitária, e sua obra, ela a realiza sozinha, enquanto formigas, cupins e outros trabalham em coro; assim também, o homem” (Deligny, 2015, p. 24).

de palavras que trama sua rede em torno do seu objeto: a presença de crianças autistas⁷⁶ na rede de Cevenas⁷⁷. Ele confessa sua observação apaixonada pelas aranhas, seu encantamento pela palavra aracniano. “[...] uma rede tem trajetos. Também se poderia dizer que esses trajetos têm uma rede, constituem a rede, fazem-se em rede. Assim é com o aracniano: nunca se sabe se ele é trama, ou se consiste apenas em ser tramado” (Deligny, 2015, p. 23). No entanto, ele lembra que a rede pode quebrar, romper-se, apresentar falha no projeto, pode ser engolida. Portanto, “[...] a rede não é uma solução, mas um fenômeno constante, uma necessidade vital” (Deligny, 2015, p. 32). Há no pensamento de Deligny a primazia pelo inoportuno e experimental, um trabalho desenvolvido à espreita, tal qual o trabalho executado por uma aranha. O central para esse autor não é o projeto, mas a rede.

Não, justamente. Crie uma aranha numa placa de vidro: talvez lhe venham esboços de tecer, mas no vazio, pois a placa de vidro é o vazio, simplesmente porque não há suporte possível, e os gestos da aranha, obstinadamente reiterados, exatamente os mesmos gestos que permitiram tecer, tornam-se os tantos espasmos a preludir a agonia do aracniano (Deligny, 2015, p. 40).

Por entre redes e aranhas, Deligny (2015) relata em seus textos o caso de Janmari em detalhes, mas ressalta que quando fala sobre ele, é como se estivesse falando sobre “eles”. Esse autor descreve a criança autista como hipótese para um mundo melhor. Janmari é o guru de Deligny, que ensinou que: “Todo o segredo está em não curar nada. É isso que faz com que nos entendamos bem com Janmari, porque não podemos curar quem não está doente. Aí está: ele não tem nada. Então, por que tratá-lo como se ele tivesse sido atingido por alguma coisa?” (Deligny, 2017, p. 287). Nessa passagem, Deligny fala de um lugar de autismo que não se pretende doença, não-saudável, ou sintoma, fato que corrompe toda e qualquer possibilidade de cura, fato que, em grande medida, subverte o paradigma biomédico. A compreensão de autismo, sob o olhar de Fernand Deligny, contrapõe-se a essa concepção, às certezas fixadas pela *Identidade Autista*, retira o autismo da clínica, da patologização e o coloca envolto às linhas de errância – “[...] que são rastros dos trajetos dos garotos cujo projeto nos escapa” (Deligny, 2015, p. 40).

As bobagens que são ditas a respeito do autismo me informam sobre o que está na moda. Fala-se dos autistas de longe, nunca de perto. Janmari é um elo

⁷⁶ “Quanto ao número de ‘crianças autistas’ que viveram ai a mesma vida que nós, deve beirar o sessenta. Pusemo-nos a transcrever, em folhas transparentes, os trajetos de umas e outras, linhas de errância, e, depois, essas linhas, esses traços, nós os guardamos, nós os fitamos e continuamos fitá-los, por transparência; alguns datam de dez anos, e outros, da semana passada. Quanto à maioria desses traços, faz tempo que esquecemos *de quem* são. Esse esquecimento nos permite ver ‘outra coisa’: o resto, o refratário a toda compreensão” (Deligny, 2015, p. 160).

⁷⁷ Cevenas é o conjunto de cadeias de montanhas localizadas no centro-sul da França. Essa rede de crianças autistas foi criada em 1968.

sagrado. Esquece-se sempre que não é o autista que responde àquilo que lhe propõem. Ele é tido como alguém que caiu do céu dotado de reações. O agir não existe. É uma fórmula zombeteira. Age-se sempre em reação a alguma coisa. Ora, quem materializa isso? O autista. Esquece-se sempre de falar do impacto do meio, da morte, de tudo isso que cerca a diferença. Trata-se de um pensamento destruído. Em 1967, havia a preocupação em escapar da sociedade, não importava qual fosse a ocasião. Era como se Janmari e seus semelhantes – se assim podemos dizer – tivessem encontrado uma chance. Nós queríamos fazer alguma coisa de útil para evitar mais estragos, impedindo que fossem para um hospital psiquiátrico... (Deligny, 2017, p. 291).

O autismo é central na obra de Fernand Deligny, por isso esse autor adquire destaque nesta pesquisa. Considerando o diálogo que esses personagens estabelecem com meu objeto, especialmente quando reverbera o aspecto provocador da argumentação de Deligny, que faz frente diretamente a alguns preceitos da psicanálise, combatendo o encarceramento e construindo possibilidades de sobrevivência para além da normatividade social. De acordo com Marcele Barbosa (2020), em sua tese **“Cartografias do olhar: Devir-aracniano, Autismo e Fernand Deligny”**,

A força do pensamento de Fernand Deligny para se pensar o modo de ser autístico está, justamente, no fato de que ele faz uma crítica à linguagem que enclausura o ‘sujeito’ num único modo de existir, classificando-o com critérios universais de comportamentos (Barbosa, 2020, p. 55).

Um exemplo disso é a seguinte passagem: “Crianças, elas quase não o são, embora tenham cinco ou dez anos de idade. São ‘autistas’, como se diz” (Deligny, 2015, p. 159). A partir da leitura desse trecho, reflito que Deligny (2015) faz uma crítica efetiva sobre a desumanização dos corpos das crianças autistas, bem como a destituição da infância de suas vidas, encerrando as mesmas ao sortilégio de não poderem ter os mesmos direitos à existência que as outras crianças, que não possuem um relatório diagnóstico psiquiátrico.

E os autistas nisso tudo? Para os nazistas, a questão era apenas suprimi-los ou, ao menos, impedi-los de se reproduzirem. Para outros, animados por um forte sentimento de semelhança, isso não existe, e a imagem dada/recebida do homem deve necessariamente se reproduzir tal e qual. Sempre me pergunto se não se trata do mesmo abuso, mas a fronteira que antes, para alguns, separava as raças, foi agora transferida para muito mais longe e tornou-se muito mais sutil: tratar-se-ia simplesmente de uma ética, que seria do inconsciente. Longe de mim a ideia de proceder a um amálgama entre ambas as posições, que provocam atitudes muito dessemelhantes. Para uns, trata-se de ódio; para outros, de amor. O que me alerta é o que alertava Claude Lévi-Strauss, entre outros, a saber, que se os homens decidem que não são semelhantes senão entre si, traçam uma fronteira: têm em comum uma imagem do que são, imagem inveterada. E, talvez, o humano esteja para além dessa fronteira que provém de uma imagem, nem que seja a do corpo (Deligny, 2015, p. 175-176).

Conceitos como o “ponto de ver”⁷⁸ – que está naquilo que escapa, atravessa, desassossega, agonia – e as “linhas de errância” surgem na obra de Deligny. Seu trabalho – registrado em diários com textos, mapas, fotos e imagens – dialoga diretamente com minha busca pela exaltação do *Devir Autista* e reforça o protagonismo das pessoas autistas nesta tese. Arquiteto das palavras e das teias, esse autor estabelece novas possibilidades de diálogo sobre o autismo, com o “agir autista” e não sobre ele, ou a partir dele, como é possível observar no mapa abaixo:

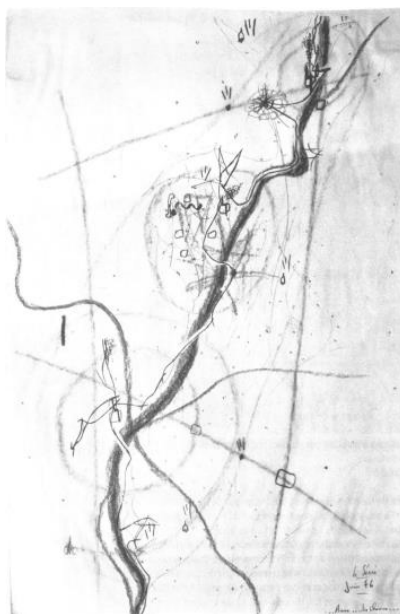


Figura 8: *Le Serret*, junho de 1976

Fonte: O aracniano e outros textos (2015)

Suas linhas – que falavam como possibilidades de surgimento de algo novo – também descritas como ambulatórias, desenhavam mapas, que representavam a forma como os autistas caminhavam, perambulavam pelos espaços. A linguagem em si se fazia na andada de cada personagem, como atores incapazes de imitar gestos, sempre inovadores em seus atos. Ao admirar a obra de Deligny, Deleuze (2011, p. 83-84) afirma que “Nada é mais instrutivo que os caminhos de crianças autistas, cujos mapas que Deligny revela e superpõe, com suas linhas costumeiras, linhas erráticas, anéis, arrependimentos e recuos, todas as suas singularidades”.

⁷⁸ “É notório que uma ‘criança autista’ não olha (para nós); é ‘zoiar’ o que deveríamos dizer para evocar aquela maneira que ela tem de ver sem olhar. Existem ESSE ver e SE ver. Bastam dois caracteres, um dos quais um pouco torto, para evocar o que denomino a fissura entre o ponto de vista nosso – o que se pode ver – e o ‘ponto de ver’ de uma ‘criança autista’ (Deligny, 2015, p. 161).

De acordo com Alvez e Pérez (2018), Deligny via o autismo como uma condição singular de existência. Suas práticas não se dispunham a forçar as crianças autistas (não-falantes) a se adequarem aos padrões da linguagem e comportamento, mas sim inventar um modo que lhe permitisse existir com eles, mesmo que isso significasse mudar seu próprio modo de existir. É importante ressaltar que não existia uma busca pela construção de um “método” ou um “consenso” em suas práticas pedagógicas.

A compreensão de Deligny sobre o autismo é radicalmente diferente dos modelos psiquiátricos e psicanalíticos instituídos. Segundo ele, o autismo é um modo de ser como qualquer outro. No entanto, este outro modo de existir teve suas qualidades e potencialidades sufocadas e suplantadas por discursos políticos e científicos que fundados na medicalização, na vigilância e no controle social conduzem à estigmatização, ao preconceito e à marginalização (Alves; Pérez, 2018, p. 581).

Sobre a obra Fernand Deligny, Félix Guattari (2024) elucida que a grandiosidade do seu trabalho está na possibilidade de crianças e adultos autistas conviverem juntos, segundo seus próprios desejos. Não foi criada uma instituição para essas pessoas, “Ele agenciou uma economia coletiva do desejo que articula pessoas, gestos, circuitos econômicos e relacionais” (Guattari, 2024, p. 246). O que para esse autor é totalmente diferente do que psicólogos e educadores executam diante da categoria “deficiente”. De acordo com Guattari (2024), isso só aconteceu porque “Manifestamente, Deligny gosta das pessoas que são chamadas de autistas. E elas sabem disso. Assim como aqueles que trabalham com ele. Tudo parte daí. E é para aí que tudo volta” (Guattari, 2024, p. 246).

Para Deligny (2015), respeitar os autistas não significa respeitá-los na condição do outro. É importante fazer com que a rede se trame, não com o necessário, mas permitindo que a rede se faça por si. O tramar é o que importa. É o “fazer em fazer”. “Diante do desassossego manifesto das crianças ‘autistas’, é preciso tentar alguma coisa, isto é, o querer” (Deligny, 2015, p. 64). Esse autor confronta diretamente os dispositivos de controle material, institucional, social e discursivo que buscam normatizar o corpo autista e colocá-lo em um lugar de selvageria. Deligny se recusa a fazê-lo e diz que esse lugar é da “civilização”.

Dizer que o corpo de Janmari – autista com mais de vinte anos, e que vive minha vida há mais de onze anos – é fragmentado é pressupor que ELE tem um corpo: em outras palavras, que ele teria incorporado a imagem do homenzinho que ele não digeriria. Para ser, é preciso, portanto, ter, nem que seja um corpo, um corpo “comungado”, por assim dizer (Deligny, 2015, p. 165).

Elaborar uma *episteme* que subverte a lógica da ciência moderna, dos preceitos psiquiátricos de sua época e escrever para uma outra lógica de compreensão é uma tarefa que Fernand Deligny (2015) assume, não só na sua obra, mas na sua prática diante da vida. ASSUME, porque não se furta, não recua, não se curva. Sua obra é marginalizada, provocadora e é de revide, pois (RE) vida. Esse autor me desconcerta... Encontrar algo assim na vida, do alto das certezas dos meus 40 anos, é uma dádiva, uma inspiração, um afago nos pensamentos, um par de asas, quando as suas já estavam meio depenadas, quase provocando a falta de estabilidade aerodinâmica durante o voo. Ele me abriu um novo “ponto de ver”.

Daí ser pertinente que tal pensamento e prática sejam aproximados de um perspectivismo, como experimentação de pensamento no qual se assume o ponto de vista do outro – o “ponto de ver”, como diz Deligny. Essa experiência é literária, cinematográfica, cartográfica, e o que dela resulta não é ficção – mas um encontro com a “singular etnia” dos que não caíram no simbólico, do qual resulta uma “antropologia da alteridade infinita” (Rocha; Miguel, 2022, p. 186).

Uma das principais marcas da obra de Fernand Deligny é o desenho do conceito de rizoma, logo capturado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011). Para esses autores não existem pontos no rizoma, não há uma estrutura fixa na produção do conhecimento, um caule ou uma raiz, há apenas linhas que se inter cruzam entre si. A partir desse conceito, concebo a ideia de alinhavo, construído com fios coloridos, diversos, múltiplos e soltos em uma trama, uma rede. “Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 25). Fernand Deligny (2015) aqui inter cruza arte, loucura, autismo e rizoma. Assim como a teia de aranha, que é construída em rede, que se torna poesia em suas linhas:

Há, portanto, esses acontecimentos que crescem, que cresceram – como se diz de uma árvore que ela cresce ou das paredes da casa que elas sobem; há redes que se tecem e se tramam, como tantas teias de aranha na bifurcação dos galhos ou nos recantos; ainda que passem os pássaros e vassoura da dona de casa. Sempre tive um grande respeito pelas aranhas; hoje posso dizer que se tratava de uma intuição. Deve haver algo de equivocado no zodíaco, segundo o qual meu signo seria Escorpião, enquanto estou convencido que nasci sob o signo de aranha (Deligny, 2015, p. 16).

Segundo Deligny (2015), escrever é traçar e é uma possibilidade para qualquer mão. Se há traçados... há linhas, as “linhas de errância”. Essas linhas são descritas por esse autor como “[...] traços escrupulosos dos trajetos sem projetos aparentes dos ‘autistas’ que vivem, aqui e ali, próximos de nós” (Deligny, 2015, p. 149). Esses traços (feitos à mão, não estão aí por nada,

são traços de crianças, porque as mesmas não têm consciência dos seus atos) que aqui darão potência às linhas de fuga de Deleuze e Guattari (2011) e ao meu procedimento didático-metodológico: a cartografia feita a agulhadas. Nesse desafio há agulhas, há linhas, fios, experimentação, rede, anel, trabalho de tecelão na teia para a construção da escrita do alinhavo em rizoma.

“A recusa a qualquer tipo de interpretação referente a qualquer código é matriz do “método” deligniano, que não toma “[...] o modo de ser das crianças como mensagens codificadas e endereçadas a nós” (Deligny, 2016, p. 304). Desse lugar está a opção pela cartografia. “A cartografia informa tanto suas investigações como sua prática pedagógica (inérita) fundada no registro dos traçados, das linhas e dos mapas dos movimentos e percursos dos autistas” (Alves; Pérez, 2018, p. 579).

De acordo com Deleuze (2011), fazer mapas não é sobre interpretá-los, compreendê-los, não como um geógrafo, mas tal qual um pintor. Ele fala sobre a existência de mapas de intensidades, da necessidade de observação sobre o que preenche o espaço e o trajeto. Por isso a experiência de Deligny lhe parece tão valiosa, porque o que de fato ele fazia era observar e traçar as linhas desenhadas pelos deslocamentos cotidianos das crianças e jovens autistas. Sobre a experimentação de Fernand Deligny, Marlon Miguel (2015) afirma que:

É a partir em primeiro lugar da prática de se traçar mapas e em seguida de uma reflexão e discussão sobre eles que esses conceitos surgem. Do mesmo modo, a reflexão central sobre o humano nasce do encontro e da observação desse “modo de existência outro” em que consiste, para Deligny, o autismo. A cartografia como método de trabalho inverte assim a necessidade de uma reflexão prévia para em seguida agir; antes, ela impede e interdita essa necessidade. Ela é, desse modo, a forma mesma de uma prática que poderia se traduzir em campos políticos, sociais, estéticos e clínicos, mas a cada vez partindo de seu meio, desviando os a priori e premissas; uma prática que, sem dúvida, parte da sua posição para assim poder entender a posição que o observador ocupa e enfim poder deslocá-la (Miguel, 2015, p. 69).

Em sua última entrevista – realizada em abril de 1996 a Jean-Paul Monferran, jornalista do *L’Humanité* – Fernand Deligny (2017, p. 285) afirma que “Quando tudo anda bem, é hora de tentar outra coisa”. Essa afirmação, para mim, apresenta-se como o principal convite do fazer cartográfico, que, por si só, já é algo desafiador, e, ao mesmo tempo, também me dá estímulo necessário para o rompimento de padrões de pesquisa que se pretendem com caráter generalizante. Uma teia, um rizoma, nunca se repete, é trabalho artesanal e criativo.

“[...] fazer mapas e ‘camerar’ são formas de um traçar primordial, travessia de jangada no mar da linguagem que demanda uma bússola não obsoleta” (Rocha; Miguel, 2022, p. 186). Eu diria que para fazer pesquisa em rizoma, construir mapas, alinhavos, é preciso não ter

certezas. Haverá cruzamentos, intersecções, enlaçamentos, mas existirá também dissonâncias, enganchamentos, derivas, rupturas... “As cartografias não são produzidas em extensão apenas, são também intensidades, narrativas e afetos: uma experiência do *entre*” (Alves, Pérez, 2018, p. 586). Então, concluo que para construir esta cartografia – feita a agulhadas sob tecidos coloridos com artefatos artísticos – é necessário se liberta também do medo do erro, talvez até mesmo ter o erro como parte projeto. É pensar conforme Samuel Beckett (2022) convida “Tente de novo, falhe novamente. Falhe melhor”.

4. O LUGAR DA PRIMAVERA AUTISTA EM CALEIDOSCÓPIO: agulhadas sob tecidos coloridos com artefatos artísticos

*“A primavera chegará, mesmo que ninguém mais saiba seu nome, nem acredite no calendário, nem possua jardim para recebê-la”
(Cecília Meireles)*

O movimento primaveril autista, localiza-se em um tempo-espço virtual-real. E ainda que considere todos os vieses possíveis que envolvem a novidade, elaborada por jovens e adultos autistas, no âmbito das nossas redes, híbridas e cambiantes – interseccionalizando territórios físicos e eletrônicos; universos virtuais e reais – é no movimento rizomático das diversas forças e linhas que essas pessoas atuam para compor as cores que nesta tese se desenham. Advirto: não sou eu que digo ou crio um conceito, são os autistas que reivindicam seu espaço para a produção de um saber outro, desterritorializado e apartado do conhecimento biomédico e jurídico.

Parafraseando Manoel de Barros (2010, p. 429), “Os passarinhos é que botavam primavera nas palavras”, para afirmar que meu escrito teria muito pouca serventia sem a estética das palavras emprestadas e os desenhos dos autistas. Não haveria vontade criativa que desse conta da elaboração de um conceito, sem a potência avassaladora de ruptura de uma primavera inteira, que antes de qualquer coisa é um movimento político que condiz com nosso tempo-espço. Dito de outra forma, ainda que se tenha receio ou ansiedade, é certo, a primavera vem.

E vem, especialmente, porque independe de minha vontade... vem porque está na esteira de diversas outras rupturas. Vem porque deseja, gagueja... Vem porque essas pessoas concebem seus processos de subjetivação para o fora. Vem porque se relaciona com a produção de saberes... Vem porque tensiona conceitos. Vem porque derruba cercas algorítmicas. Vem porque tem força de broto na semente que deseja se romper. Vem porque precisa vir! E como versa Itamar Assumpção (1980), “Quando você menos espera ela chega” ... e chega no contexto característico do nosso momento histórico, envolto pela interseccionalidade do ciberespaço, local em que se desenham os marcos que aqui utilizo para compor a cartografia.

4.1. O ALINHAVO DA PRIMAVERA AUTISTA

“Andávamos tão invernos, que qualquer outono nos fazia acreditar não existir primavera. Mas ouvimos, cá dentro, como uma brisa despreziosa: ‘vai passar. Vocês verão!’”

(Carolina Meyer Silvestre)

Sob a inspiração de letras, cacos e artefatos artísticos, bordo a novidade: a *Primavera Autista*. Um alinhavo, feito com linhas de devir, em devir, caracterizada pelo florescimento atual do debate acerca do autismo. Esse é impulsionado por espaços ocupados pelo protagonismo de pessoas autistas – que produzem conhecimento; processos de aprendizagem; elaboram uma literatura qualificada acerca da temática, a partir das suas próprias vivências; e publicam conteúdos nas redes sociais que rompem com estruturas enrijecidas, estimulando o debate através do net-ativismo.

A palavra primavera vem do latim *primo vere* e significa primeiro verão. Primavera também me remete à idade, juventude, aurora. Historicamente, a “Primavera dos Povos” é o nome dado a uma série de movimentos revolucionários de cunho liberal que ocorreram pela Europa durante o ano de 1848. Com a Revolução Francesa de 1789, os princípios libertários se espalharam por esse continente, tirando do centro as monarquias absolutistas europeias. Empregada nesses termos, a concepção da primavera está ligada à busca por mudanças, questionamento do *status quo*, revolução, proposições para o estabelecimento de novos contornos sociais. É a partir dessa analogia histórica que localizo o termo *Primavera Autista*.

As culturas ecológicas contemporâneas, as práticas de sustentabilidade, os movimentos de ativismo digital que marcaram a Primavera Árabe e os protestos continuados em todas as latitudes por meio de formas de conflitualidade realizadas mediante as interações com *social networks* são as expressões de um novo tipo de ação social não mais direcionada ao externo nem apenas resultante de práticas provocadas por um condicionamento informativo ou técnico. Trata-se de um conjunto de ações que já não acontecem simplesmente no interior das molduras políticas, assim como conjugadas pela tradição europeia ocidental, isto é, ligadas à determinação única do sujeito-ator, conceitualmente orientado, mas que se delineiam como resultado de *co-ações* e de interações entre diversos *actantes*, apresentando-se, portanto, como a expressão de uma nova cultura habitativa que se exprime em formas complexas de interdependência (Di Felice, 2017b, p. 22).

Esse escrito de Massimo Di Felice (2017b) traz à luz todo o desenho de como a militância política transformou-se em uma grande teia de relações e trocas que transpassa a

brutalidade do mundo físico, para atingir a fluidez do mundo virtual. É nessa esteira que localizo a militância das pessoas autistas, que criam a partir desse movimento, uma nova intensidade para pensar o autismo e suas existências, dentro do virtual. De acordo com esse autor, “Além do lugar de origem e da complexa ecologia de interação, tais formas de conflitualidade nos diversos âmbitos geográficos, culturais e políticos parecem expressar outra importante característica comum: a forma de rede” (Di Felice, 2017b, p. 08).

Nesse sentido, a *Primavera Autista* se concatena com os movimentos que levam o cunho adjetivo de Primavera. Possui uma ecologia política de ação própria. São algumas de suas principais características: a origem autônoma ou em redes sociais temáticas; grande proporção de alcance, unindo pessoas com opiniões semelhantes, inclusive transpondo fronteiras, como demonstração de força e engajamento para além do circuito que está *on-line*; o frescor da novidade capaz de provocar processos políticos de mudança.

Deleuze (1992, p. 214) defende que “[...] uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo. [...] O povo é sempre uma minoria criadora, e que permanece tal, mesmo quando conquista uma maioria”. Com essa passagem, esse autor reforça que a busca por criação de estratégias de sobrevivência, por uma suposta minoria, perpassa pela sua atuação política. É nesse escopo que localizo a *Primavera Autista*, compreendendo-a como uma possibilidade política de linha de fuga, em um espaço impregnado por estereótipos que fixam as pessoas autistas em um molde de identidade.

Para Michelle Martins (2021, p. 58), “A diferença é a gênese das intensidades e da criação do novo...”. E é a partir daí que, quando se escuta uma vozinha que vem da zona de conforto (se é que ela existe ou só me engana), dizendo “É para ficar aqui neste lugar”. Mas o que a vida dos meus personagens faz é responder “Eu vou ficar onde eu quiser, não onde querem que eu fique”, “Eu vou é sair daqui”. Nem sempre a resposta era porque ali não estava bom, mas, muitas vezes, apenas a justificativa é que a vontade de sair era maior.

Deleuze quer dar voz e vez à diferença, aquela que sempre fora sucumbida e rechaçada. Por intermédio do seu método, ele estabelece uma geografia, selecionando aquilo que lhe convém para criação de territórios férteis à ideia, ao pensamento; e molda, “brinca” com os conceitos (Martins, 2021, p. 41).

Em sua tese, Deleuze (2021) traz a analogia de uma rede frouxa, pela qual os maiores peixes passam através dela. É uma metáfora extremamente propícia para os participantes desta pesquisa, que simplesmente evadem do conceito de *Identidade Autista*, que tende a os encapsular em “caixinhas” de ideias restritas sobre o que é ser uma pessoa autista, para atuar dentro de uma episteme rizomática, que dialoga com seus processos de subjetivação.

Quando a identidade das coisas é dissolvida, o ser se evade, atinge a univocidade e se põe a girar em torno do diferente. O que é ou retorna não tem qualquer identidade prévia e constituída: a coisa é reduzida à diferença que a esquarteja e a todas as diferenças implicadas nesta e pelas quais ela passa (Deleuze, 2021, p. 72).

Portanto, a *Primavera Autista* pode ser conceituada como a destituição do primado da *Identidade Autista* – que fratura corpo e mente. Limita assim a possibilidade da criação da novidade – para a exaltação da força das intensidades que está na destituição da normalidade. A *Primavera Autista* se desfaz dessa fratura, para exaltar o corpo em potência de trocas, de afetações – o mesmo que está no entre, nos processos de subjetivações e nas singularidades de cada pessoa autista. Essa definição problematiza diretamente a categorização do autismo, realizada pelo paradigma biomédico, na medida em que toma para si questionamentos de dispositivos que se apropriam de signos; fórmulas forjadas de tratamento de sintomas; métodos de ensino; e possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem relacionadas às pessoas autistas.

Parafraseando Jonas Muriel Backendorf (2023), quando afirma que, de acordo com Spinoza, “[...] a um cego não falta a visão, pois a função que o olho possui para quem enxerga não faz parte do corpo do cego; a este só falta algo quando o comparamos a outros corpos da natureza, o que não faz sentido para Espinosa” (Backendorf, 2023, p. 15). Afirmando que a um corpo autista não falta um “funcionamento adequado”, dentro de um determinado padrão de normalidade. A função que o corpo possui para o outro não faz nenhum sentido para a pessoa autista.

[...] em geral, quanto mais um corpo é capaz, em comparação com outros, de agir simultaneamente sobre um número maior de coisas, ou de padecer simultaneamente de um número maior de coisas, tanto mais sua mente é capaz, em comparação com outras, de perceber, simultaneamente, um número maior de coisas. E quanto mais as ações de um corpo cooperam com ele no agir, tanto mais sua mente é capaz de compreender distintamente (Spinoza, 2020, p. 61-62).

De acordo com Deleuze (2002), Spinoza institui um novo modelo para os filósofos: o corpo. “‘Não sabemos o que pode um corpo...’. Esta declaração de ignorância é uma provocação: falamos da consciência e de seus decretos, da vontade e de seus efeitos, dos mil meios de mover o corpo, de dominar o corpo e as paixões” (Deleuze, 2002, p. 23-24). Seguindo o fluxo do pensamento de Deleuze (2002), com base em Spinoza, é sobre o corpo que instalo as afecções de criação deste alinhavo. O corpo enquanto criador de ideias, que ao se encontrarem se tornam ainda mais potentes.

4.2. CARTOGRAFIA FEITA A AGULHADAS: tecidos, linhas, redes e rizomas

“Uma formação social qualquer tem sempre o ar de estar dando certo. Não há razão para que não dê certo, para isso não funcione. E, no entanto, há sempre um lado pelo qual isso foge e se desfaz. Nunca se sabe se o mensageiro vai chegar”

(Gilles Deleuze)

As agulhas que se deparam com o real de uma trilha marcada, posta, territorializada, como o desenho de uma casa para um botão, são as mesmas que insistem em coser pontos soltos, em alinhavo. Indo de um ponto ao outro, mas sem marcas fixas, de tal maneira que ali mesmo, no meio do caminho do tecido, é possível, com apenas um movimento - seja pela desistência do projeto, pela impaciência, seja para reutilizar o pano, seja para fazer um ponto diferente. Mas é ali, no momento exato que envolve o processo criativo – que é físico, mas também abstrato – da mão segurando a agulha que vem o movimento, o acontecimento e a novidade.

Os meus personagens estão localizados, considerando a sua geração e a nomenclatura pertinente quando se trata de mundo virtual, dentro da geração denominada *blockchain*⁷⁹ (cadeia de blocos). De acordo com Feixa e Weissböck (2019), a expressão *blockchain* identifica a juventude do nosso tempo, “[...] podemos relacioná-lo com o contexto socioeconômico da saída da crise, a busca de novos nichos econômicos nas redes colaborativas, a deslocalização das culturas juvenis e da própria noção de juventude” (Feixa; Weissböck, 2019, p. 23). Esses autores afirmam que essa geração localiza-se em uma espécie de não-lugar na reconstrução do capitalismo pós-crise. Dentro do contexto da *web 3.0*, tem como significante a interconexão, como alguns dos seus significados, a deslocalização e a transexualidade.

O desenvolvimento de práticas em redes colaborativas, que aqui é possível também denominar de rizomáticas, é a característica que enfoco no desenho cartográfico. É matéria de meu interesse, especialmente, como as relações se estabelecem em prol dos processos de

⁷⁹ Não obstante a existência de diversas definições possíveis para localizar o leitor acerca do perfil desses autistas, considerando a data de nascimento, nesta tese levo em consideração as práticas sociais e culturais realizadas no âmbito do ciberespaço para categorizar os personagens que compõem a *Primavera Autista*, porque compreendo que a idade cronológica é um critério insuficiente para localização dessas pessoas.

subjetivação desses jovens e como isso reverbera em possibilidades de educação não-formal dentro do ciberespaço, mas também por fora do mesmo, dentro de uma cultura participativa⁸⁰.

As plataformas de mídias sociais, que são campo desta pesquisa, compõem o poderoso bloco das *big techs*. *Facebook* e *Instagram*, que atualmente estão sob o controle da *Meta Platforms*, cujo proprietário é Mark Zuckerberg. A Meta detém o domínio das seguintes marcas: *Facebook*, *Instagram*, *Messenger*, *WhatsApp*, *Oculus*, *Mapillary*, *Workplace*. De acordo com Machado (2021), essas plataformas, em sua maioria, têm seus modelos de negócios baseados em vendas de anúncios e impulsionamento de conteúdos. Toda essa estrutura pode ser acessada de qualquer lugar do mundo, via internet e possui moderadores que têm como objetivo analisar e remover conteúdos, de acordo com as políticas de privacidade de cada empresa.

Para localizar os autistas mencionados na categoria “influenciador digital”, levo em consideração os seguintes critérios: capacidade de interação com outros perfis das redes sociais investigadas acerca da temática autismo, em uma perspectiva reflexiva e crítica sobre os critérios médicos, psicologizantes, jurídicos, semióticos, sociais e políticos que compõem a *Identidade Autista*; engajamento no tocante à temática do autismo; relevância dos conteúdos produzidos no seu nicho; alcance dos seus discursos dentro e fora das redes sociais; atuação militante nas redes.

De acordo com Rodríguez (2019), nas redes sociais, são produzidas atualmente publicidades de intimidades, criação de coletivos a partir do público e do privado, movimentos políticos e correntes de opinião que desafiam a circulação unilateral da informação, *locus* atual das singularidades. Nesses espaços as pessoas estão cada vez mais conectadas. Possuem registros, identidades assimiladas por um perfil que, segundo Fernanda Bruno (2016), são simulações porque são modelizações de uma identidade,

O perfil funciona como um mecanismo de triagem algorítmica do acesso a circuitos de consumo, bem-estar, civilidade etc. Os rastros heterogêneos coletados e minerados constituem gigantescos arquivos que operam como “memórias do futuro”, a partir das quais se projetam perfis que pretendem agir antes do ato ou do fato (Bruno, 2016, p. 37).

⁸⁰ O autor Henry Jenkins (2009, p. 29-30) explica que “Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. [...] A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros”.

Para essa autora, um perfil pode ser um espaço privilegiado para a constituição de uma identidade que performa. Han (2022) afirma que existe um sujeito submisso no regime da informação, que não é dócil ou obediente, mas que contraria essa lógica. Coloca-se, produzindo-se e performando como livre, autêntico e criativo. Mas de igual modo, esse sujeito também é foco de uma vigilância algorítmica, como nunca antes observado. “O poder disciplinar se faz invisível, enquanto aos súditos é imposto uma visibilidade permanente” (Han, 2022, p. 11).

A própria pessoa é responsável pelo fornecimento de informações que alimenta essa vigilância – através de troca de *likes*, memes⁸¹, de exposição de comportamentos, gestos e gostos nas redes sociais, por exemplo. Quanto maior a exposição na vitrine do cotidiano, promovida pela exploração da liberdade⁸², mais se gera dados, informações e conexões, mais se intensifica a vigilância. Nesse movimento, de estarmos sempre conectados, ao mesmo tempo somos vigias e vigiados.

[...] os perfis encarnam múltiplas microregularidades no seio de inúmeras variáveis heterogêneas e, de modo algum, apresentam-se como regulamentos. A divisão norma/desvio não se aplica aos perfis, pois eles são padrões resultantes de combinatórias e regras associativas de tipo não valorativo entre muitas variáveis, podendo ser aplicáveis a potencialmente todas as qualidades e comportamentos humanos. O perfil não é nem uma medida nem um valor, mas um padrão de ocorrência de um certo fator (comportamento, interesse, patologia) num dado conjunto de variáveis. As médias e normas eram a referência comum das massas; os perfis são as micro-regularidades dos nichos, tribos, grupos (Bruno, 2018, p. 13).

É nesse universo que jovens e adultos performam perfis e se colocam como influenciadores digitais – pessoas que estão em constante conexão com o mundo real e virtual – tentando romper bolhas digitais⁸³ de engajamento, cujo principal objetivo é a exclusão. De certa forma, eles atuam no ciberespaço como ciborgues⁸⁴ – híbridos de máquina e organismo;

⁸¹ De acordo com Richard Dawkins (2001, p. 214), “Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com “memória”, ou à palavra francesa *même*”. Para Han (2022, p. 44), “Memes são desenhos cômicos, fotomontagens ou vídeos curtos, dotados de uma frase curta provocante, que se propagam de modo viral nas mídias sociais”. Ventura (2022) afirma que os memes são os rejeitos, que apesar disso, pode novamente retornar ao ciclo produtivo, tal qual fazemos com esterco na agricultura.

⁸² “No regime de informação, ser *livre* não significa *agir*, mas clicar, curtir, postar” (Han, 2022, p. 19).

⁸³ “As bolhas digitais devem ser vistas como fronteiras dos territórios informacionais, como zonas de controle para garantir privacidade, segurança e proteção” (Lemos, 2010, p. 86). Assim, elas ditam sobremaneira o território por onde as informações poderão avançar ou não.

⁸⁴ “O ciborgue é um tipo de eu – pessoal e coletivo – pós-moderno, um eu desmontado e remontado” (Haraway, 1985, p. 63-64).

evadidos de conceitos como sujeito e indivíduo. De acordo com Haraway (1985, p. 45), “[...] meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político”. Essa é a tarefa política dos jovens autistas que circulam por minhas linhas.

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo (Haraway, 1985, p. 36).

A “juventude ciborgue” está imersa ao mundo cibernético de produção e consumo de conteúdo 24 horas por dia. Vive o caos da realidade e da ficção criadas nas redes sociais, em simbiose com aparelhos tecnológicos – que tem como principal desafio transpor as bolhas algorítmicas para proferir seus discursos, que se contrapõem à ideia dos dispositivos de vigilância. Para Haraway (1985), o ciborgue transita entre a ficção e a experiência vivida. Aqui neste estudo é um conceito plenamente possível de ser utilizado, considerando que, de algum modo, os participantes também vivem esse trânsito.

Assim como faz a estação primaveril, que interrompe o ciclo monocromático do inverno, para dar espaço às flores em seus diversos tons. Nesta pesquisa, são eles, jovens adultos autistas que constroem em seu fazer diário a novidade, o diverso, o multicolor, um caleidoscópio de cores vivas, através da produção de conhecimento em espaços de educação não-formal como as comunidades virtuais e redes sociais materializando rizomas.

Não basta que o objeto real, que a paisagem real evoque imagens semelhantes ou vizinhas; é preciso que ele desprenda *sua própria* imagem virtual, ao mesmo tempo que esta, como paisagem imaginária, se introduza no real segundo um circuito em que cada um dos dois termos persegue o outro, intercambia-se com o outro. A “visão” é feita dessa duplicação ou desdobramento, dessa coalescência (Deleuze, 2011, p. 85).

Cartografar é desenhar um mapa, com efeito de rizoma, com múltiplas entradas, como a risoflora – vegetação que representa a flor do mangue. Escrever para esses autores significa agrimensar, cartografar, ainda que em um porvir. De acordo com Deleuze e Guattari (2011), fazer um rizoma não significa começar, nem concluir. Ele está entre as coisas, nos cortes, nos meandros. “[...] o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 43).

O que chamamos de um “mapa”, ou mesmo de um “diagrama”, é um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo (as linhas da mão formam um mapa). Com efeito, há tipos de linha muito diferentes, na arte, mas também numa sociedade, numa pessoa. Há linhas que representam alguma coisa, e outras que são abstratas. Há linhas que, abstratas ou não, formam contorno, e outras que não formam contorno. Aquelas são as mais belas. Acreditamos que as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos. Por isso cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama. O que há de interessante, mesmo numa pessoa, são as linhas que a compõem, que ela toma emprestado ou que ela cria. Por que privilegiar a linha em relação ao plano ou volume? De fato, não há nenhum privilégio. Há espaços correlativos às diversas linhas, e vice-versa (Deleuze, 1992, p. 47).

No meu mapa não há espaço para uma produção científica neutra, há implicações, rasgos, rasuras, pontos soltos que advêm da necessidade de produzir um conhecimento que tenha potência para criar novos elementos, em espaços que expõe a coragem e a luta dos meus personagens: especificamente nas redes sociais. De acordo com Sônia Regina da Luz Matos (2022, p. 146), “Os dados são signos que possibilitam inventar linhas de esquivas por meio de textos que fazem da experiência a experimentação”.

Segundo essa autora, no terreno das pesquisas pós-estruturalistas se produz uma virada linguística que “[...] desconfia de todas as produções de saberes-poderes; questiona a proliferação de identidade e suas formas de governar a subjetividade; enfrenta o binarismo dialético e a genealogia da moral cristã e científica” (Matos, 2022, p. 148). Diante do exposto, desejo encontrar um conhecimento que dialogue com as linhas de Deleuze e Guattari (1992), de maneira que cada encontro com os participantes gere também em mim um acontecimento, a surpresa da descoberta, a novidade de um outro gosto e a certeza de que a pesquisa faz sentido, não apenas para mim, enquanto pesquisadora, mas principalmente para as pessoas autistas.

A má consciência sempre cobra a culpa, acusa e estigmatiza, opera por tipologias morais e universalizantes. Já a vida afirmativa pede passagem e se permite experimentar, vivenciar e desdisciplinarizar os saberes, ativando a transdisciplinaridade e materializando as forças virtuais. Descolar-se desses rostos e forjar corpos sem órgãos é um ato de coragem e não muito simples de realizar. Por isso, Veyne afirma a relevância de não fazermos dos conceitos e metodologias tipos ideias universalizados do mesmo modo, pois não é interessante produzir rostos e colocá-los como únicas vias de se fazer e de poder ser como maneiras de sentir, pensar, agir, relacionar-se e viver, conforme Deleuze e Guattari (Lemos *et al*, 2021, p. 197).

O que efetivamente se apresenta, a partir da episteme exposta, são possibilidades de estabelecer linhas de fuga que desenham minha cartografia. O efeito do rizoma foge completamente de representações, símbolos semióticos e demarcações. “Num rizoma, ao contrário, cada traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos

de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc.” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 22).

O que se impõe nesta pesquisa não é, definitivamente, uma perspectiva de superação romântica de um modelo “estruturalista”, “cartesiano”, “binário”. Cesarino (2022, p. 28) afirma que, “[...] o problema não são as dicotomias em si. Binarismos são base de qualquer processo de pensamento e ação, pois delimitam os extremos da experiência possível. Processos de crise e transição histórica não envolvem descartar binarismos, mas rearticulá-los de novas formas”. Para mim, é nesse contexto que a ideia de rizoma figura, enquanto possibilidade transversal de fazer pesquisa. De alguma forma, o processo que inclui modulações, entre territorialização e desterritorialização, perpassa diretamente pelo meu olhar diante da forma que me coloco nestas linhas e, para além disso, diante do mundo.

A produção de um mapa implica acompanhar movimentos de territorialização e desterritorialização. Traçam-se coordenadas, estabelecem-se pontos, identifica-se a trama de forças, acompanham-se os processos de composição das forças e seus agenciamentos. O mapa é uma tentativa de dar corpo ao movimento, mas sem que com isso se impeça o próprio movimento de acontecer. Assim, compõe-se um território. Mapear é traçar o diagrama e demarcar suas processualidades em territórios provisórios (Lemos *et al*, 2022, p. 35).

A minha cartografia tem seus traços alinhavados com as experiências de vida de cada participante – que está desterritorializado de espaços físicos e envoltos às arquiteturas virtuais – e na forma como essas histórias se relacionam também com o ponto, ou seja, o diagnóstico. Efetivamente, a agulha se coloca diante da moldura, do molde da identidade, para só então liberar as linhas coloridas em devir, sob o pano de fundo de artefatos artísticos, que constroem uma ambiência propícia para a criação da novidade.

As nossas pesquisas fazem-se sempre por meio de uma tentativa de apreensão de um agir sem um termo de partida, nem um ao qual se chega ou ao qual se deve chegar, são as intensidades que funcionam ou/e não funcionam, passam ou/e não passam linhas sem cessar (Matos, 2022, p. 154-155).

Utilizo a estratégia metodológica da cartografia, para análise de subjetivações juvenis na contemporaneidade. “[...] o tempo presente é composto por elementos diversos, advindos de diferentes matrizes, em que a cibercultura produzida no ciberespaço exerce papel importante na constituição de modos de existência juvenis” (Sales, 2022, p. 111). É um desafio para o pesquisador, que objetiva fazer uma cartografia, conectar-se *full time* com os saberes e fazeres cotidianos dos seus participantes e com o que é dito e criado no ciberespaço. São perguntas que norteiam o desenho desta pesquisa, para análise do uso das redes sociais, enquanto artefatos

culturais e políticos: por que cada texto é escrito? Por que cada *storie*, vídeo, *reels* é gravado e compartilhado? Qual é o objetivo dos discursos dos jovens e adultos autistas nas redes? A quais ideias e a quais personagens eles desejam se contrapor? Qual o público eles almejam atingir e engajar?

4.2.1. As agulhas: redes-rizomas, ciberespaço, cibercultura, algoritmo, perfis, comunidades virtuais e net-ativismo

“[...] o devir da cibercultura simplesmente não é controlável porque, na maior parte do tempo, diversos atores, diversos projetos, diversas interpretações estão em conflito”

(Pierre Lévy)

Nos versos de Emicida (2020), “A rede social dá o que nós quer, enquanto rouba o que nós precisa”, encontro o contexto de oferta e demanda de necessidades instantâneas em desequilíbrio, no qual localizo o debate das redes sociais. As redes têm se constituído a partir de ramificações das telecomunicações e chega às mediações algorítmicas, em um movimento rizomático⁸⁵. Convida-me a pensar sobre o fenômeno sociohistórico e político de novas formas de se relacionar e de se expressar com outros mediadores, através do uso da internet, que se inter cruzam.

Redes sociais aqui são compreendidas como rizomas, que perpassam a interação; a influência da vigilância algorítmica; o poderio das *big techs*⁸⁶ (que adquirem a alcunha de Estados-plataforma, de acordo com Pierre Levy (2021)⁸⁷; as conexões neurais (que configuram

⁸⁵ Esse movimento rizomático é composto por interações com dados, algoritmos, plataformas, *softwares*, robôs e uma infinidade de interfaces imbricadas às relações de poder não-aleatórias de engajamento.

⁸⁶ Compostas pela sigla GAFAM – *Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft*. De acordo com Cassino *et al* (2021), em 2019 essas plataformas foram responsáveis por um faturamento de cerca de 899 bilhões de dólares. Montante equivalente a 48,8% do PIB do Brasil e duas vezes o PIB da Argentina. Fato que reforça o valor econômico dos dados e o poder das *big techs*. “As plataformas, muitas vezes articuladas junto a Estados ricos e poderosos, são enormes máquinas de captura e armazenamento de dados pessoais, responsáveis por criarem bilhões de perfis de usuários, que depois são usados para promover influência comportamental para fins de propaganda comercial, ideológica ou política” (Cassino *et al*, 2021, p. 08-09).

⁸⁷ Pierre Lévy fala, em entrevista realizada em 2021 para o El País, que essas companhias tecnológicas viraram novas formas de Estado, aos quais ele chama de Estado-plataforma – “[...] já contam com métodos de reconhecimento de identidades mais precisos que os dos próprios governos; já regulam a opinião pública, porque são elas que dominam as redes sociais onde as pessoas se expressam, então se decidem censurar algo censuram e ponto, e se decidem valorizar algo acima do resto, também. Têm um poder ilimitado. E estão formando uma grande aliança com os governos mediante colaborações com os serviços secretos, polícias, exércitos..., sobretudo nos

a inteligência humana); e a inteligência artificial (IA). Byung-Chul Han (2022, p. 66) afirma que “A inteligência artificial não fundamenta, mas calcula. Em vez de argumentos, surgem algoritmos. Argumentos podem ser aprimorados no processo discursivo. Algoritmos, por sua vez, são otimizados continuamente no processo maquinal”.

Segundo Letícia Cesarino (2022), é preciso enfrentar a alienação técnica em torno dos algoritmos das grandes plataformas. Sua função atual, consiste em desestabilizar estruturas que, até parte do século XX, organizavam aspectos da política, ciência, aparato legislativo e mídias. “Por sua própria natureza cibernética, os algoritmos não controlam os usuários de forma linear com que costumamos pensar relações de causa e efeito. Seus efeitos sociais, além de complexos e até paradoxais, só podem ser visualizados de forma indireta” (Cesarino, 2022, p. 17-18).

Nenhum desses aspectos se coloca nesta tese como algo estanque. Todos eles se relacionam de alguma forma e com efetividade com os diversos modos de vida e de como os mesmos pertencem a este mundo. Como mecanismo, que funciona a partir do conceito de multiplataforma, as redes se organizam enquanto palco de interações sociais, em meio às tecnologias da informação e da comunicação, que reagem a partir de uma estratégia de comunicação ubíqua, ao mesmo tempo e em toda parte, de forma síncrona e assíncrona. Suas funcionalidades e possibilidades aumentam de forma veloz, agregando postagens de textos, fotos, vídeos, *stories*, *reels*; espaço de publicidade, vendas; e transmissão ao vivo através das *lives*.

Rafaelle Alberto Ventura (2022) afirma que, atualmente, milhões de pessoas se expressam por plataformas telemáticas (*sites*, *blogs*, grupos de discussão, redes sociais, ambientes virtuais de aprendizagem, entre outros) de variadas formas, para alcançar engajamento e atingir um determinado nicho de público. O que para esse autor configura o novo perfil da indústria cultural, “[...] que transformou os consumidores em produtores e produtores em consumidores, e todos numa terceira grande categoria híbrida: os prosumidores⁸⁸” (Ventura, 2022, p. 157).

A metáfora das redes é recuperada dos escritos de Raquel Recuero (2009), para apreender desse universo possibilidades para pensar questões individuais, coletivas e tecnológicas dos agrupamentos humanos no ciberespaço. “Estudar redes sociais, portanto, é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço. É explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais” (Recuero, 2009,

Estados Unidos e na China” (Lévy, 2021, *on-line*). Nessa mesma entrevista, Lévy (2021) afirma ser bastante pessimista na relação do poder político de Estados-nação frente ao tecnopoder desses Estados-plataforma.

⁸⁸ “[...] neologismo do marketing que produz conteúdos explorados pela empresa” (Ventura, 2022, p. 159).

p. 22). De acordo com essa autora, as redes funcionam a partir de um sistema multiplexo, que compreende várias relações sociais diferentes. “Há multiplicidade de ferramentas que suportam essa interação e o fato de permitirem que a interação permaneça mesmo depois do ator estar desconectado do ciberespaço” (Recuero, 2009, p. 32).

Isabel Babo (2017) afirma que, em meio à tecnologia digital, a rede se desmaterializa e se desterritorializa, em uma combinação de fluxos, mobilidade e ligações imediatas e imateriais. Há uma compreensão do etéreo nas redes e em suas nuances, assim como há um entendimento de urgência nos movimentos primaveris – que de tão emergentes e instantâneos são capazes de romper com estruturas fixas e pontos de captura. Demonstrem os limites de um sistema político que está exposto às novas formas de expressão, que podem surgir inicialmente de forma espontânea no ciberespaço e ganhar as praças através da auto-organização. O que há na rede, de fato, é um inter cruzamento de linhas molares e moleculares. Sobre esse movimento em rede, Babo (2017, p. 78) afirma que:

Tanto no nível das redes sociais, como no das redes técnicas e biológicas, sendo o cérebro o melhor exemplo de conexões, a rede é aplicada de modo generalizado às matérias de circulação, mobilidade, energia, troca de serviços e informações, transferência de bens, transações monetárias etc., ou seja, à interconexão de vias e meios. A rede significa, em suma, circular e interconectar, mas igualmente reter, de acordo com seu uso primitivo, no sentido de que o tecido que junta também entrava e aprisiona.

Há nessa concepção rizomática uma perspectiva de afetação, na medida em que estamos em constante processo de interatividade. Isso causa alterações nos diversos atores⁸⁹ que compõem esse universo. É nesse contexto que está inserido o net-ativismo. De acordo com Babo (2017, p. 83), “[...] se desenvolve nas mídias participativas e nas redes sociais conectadas [...] em que as possibilidades de expressão e disseminação ilimitada de mensagens são usadas para novas modalidades de interação, associação e mobilização pública”. No entanto, é importante ressaltar que esse campo proporciona, por exemplo, tanto mobilizações progressistas, quanto neonazistas, sob a justificativa de uma pretensa “liberdade de expressão”.

De acordo com Di Felice (2020), fazemos parte de um organismo vivo, que se inter cruza com outros organismos. “A difusão das plataformas digitais e redes de interação entre humanos, *softwares*, dados, superfícies e objetos conectados contribuiu para a criação de um novo tipo de ecologia, que não é mais sujeitocêntrica, mas reticular e interativa” (Di Felice, 2020, p. 10).

⁸⁹ “Os atores são o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (Recuero, 2009, p. 25).

Segundo esse autor, estamos regidos por dados e algoritmos que controlam nossas ações e interações, e temos nosso agir hoje conectado.

Di Felice (2020) defende que estamos diante de uma nova ecologia, que tem como um dos pilares o questionamento da participação popular sob a égide “votocêntrica”, afirmando que há uma mudança de episteme⁹⁰ que precisa ser considerada. Para ele há um contrassenso entre as formas de participação social e de ação política dos cidadãos, com as novas formas de relações que atualmente estão imbricadas nas redes e que compreendem possibilidades outras de relacionamentos e participação.

A ideia de humano, a ideia de técnica e a concepção da natureza, entendidas como realidade externa, produzidas ao longo dos últimos milênios e divulgadas e espalhadas pelo mundo inteiro, não são mais adequadas para compreender o mundo que habitamos. O 5G, os computadores quânticos, as realidades aumentadas e ampliadas, o aquecimento global, as mudanças climáticas, a pandemia eliminaram para sempre a ideia do mundo que colocou no centro primeiro Deus, e depois o homem e sua razão. Termina a concepção europeia de mundo, mas talvez seja uma boa notícia, porque, para nascer o novo, é necessário que o velho se afaste e morra (Di Felice, 2020, p. 15).

É no contexto de outras formas de participação social, que é efetivamente rizomática, nas quais estão inseridos os jovens e adultos que pensam práticas políticas opinativas, compondo a *Primavera Autista*, através das redes sociais e do net-ativismo. Sob a inspiração de Gilles Deleuze, Di Felice (2017a) afirma que as dinâmicas de rede possuem características inovadoras, que não são possíveis de encaixar em categorias modernas ou em conceitos antinômicos das ciências sociais. Para esse autor, vivemos a fase de explosão do ativismo global que, em muitos casos, possibilita uma ruptura na estrutura de poder,

[...] por meio dos movimentos pós-zapatistas, que se unem contra o G7, começam a difundir as práticas de conflitualidade *on-line*, que – da Primavera Árabe, passando pelo Occupy Wall Street, pelos Anonymous, pelo 15M, aos movimentos contra a ditadura na China e aos protestos generalizados no Brasil, na Argentina e no restante da América Latina – atribuem à participação um significado anti-institucional, e não mais sujeito-cêntrico (Di Felice, p. 132, 2017a).

De acordo com Rodríguez (2019), a atual distribuição de informações, de alguma forma mais horizontalizada através da lógica midiática, também proporciona novas sociabilidades, capazes de gerar processos políticos imprevistos. Com isso, ele afirma que não quer dizer que a primavera árabe, por exemplo, surgiu graças ao *Facebook*, mas que é possível pensar como

⁹⁰ “Uma ideia de sociedade pobre e simplificada, composta por indivíduos organizados em estados e instituições, localizadas em espaços urbanos, Estados e nações, e, portanto, separadas do mundo não-humano, reduzido a coisa, ‘*res extensa*’ e matéria prima” (Di Felice, 2020, p. 12).

esses espaços de poder podem expor, em vitrines, lutas e produzir sujeitos políticos em disputa. Portanto, localizo atualmente nas redes um espaço determinante para a reverberação de discursos e posturas que se projetam como campo para o embate político. Seguindo a linha de pensamento semelhante, Henrique Antoun (2010) afirma que são inegáveis as transformações, que perpassam pela política e que são propiciadas pelas relações de comunicação proporcionadas pelas redes. Segundo esse autor,

O uso intensivo das interfaces de comunicação da Internet para estabelecer uma verdade narrativa sobre algum acontecimento e disseminar narrativas sem lugar na mídia corporativa foi chamado de guerra em rede (*netwar*). Através dessa guerra movimentos sociais ou pequenos grupos podem disputar a primazia da narrativa verdadeira com Estados, instituições e corporações conversando e argumentando com os mais variados membros que frequentam sua teia de página *web*, grupos de discussão, redes sociais (Antoun, 2010, p. 144).

Pierre Lévy (1999) afirma que o crescimento do ciberespaço⁹¹ é resultante de um movimento internacional de jovens que desejam experimentar, de forma coletiva, novas formas de se comunicar, diversas das mídias clássicas. Nesse espaço de comunicação há potencialidades positivas, mas também há exclusão, realçando as relações de poder e deliberando acerca de perspectivas classistas, que envolvem o básico, ou seja, o acesso. De acordo com Lévy (1999, p. 17),

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que elas abrigam, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Segundo esse autor, o ciberespaço provavelmente será o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade deste século. Portanto, no nosso tempo histórico, é no ciberespaço que as culturas se constroem e provoca novas formas de pensar e de produção de saberes. Gera, assim, a cibercultura,

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno

⁹¹ “A palavra ‘ciberespaço’ foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromancer*. No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural [...] O ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisível. O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores de redes digitais” (Lévy, 1999, p. 94).

de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de cooperação (Lévy, 1999, p. 132).

À proporção que as tecnologias avançam, cresce também a influência da cibercultura e suas infinitas possibilidades, positivas e negativas. Estar conectado nos dias atuais, infelizmente deixou de ser uma escolha, e se tornou uma obrigação do nosso modo de viver e produzir, no contexto do modo de produção capitalista. Nos espaços das redes sociais, perfis são criados, “vidas” são inventadas para serem celebradas com *likes* e comentários. A distância entre o real e o virtual se coloca como algo praticamente impossível de existir.

Não obstante as inúmeras questões, que podem se colocar na balança de forma negativa, em relação ao ciberespaço, há que se ressaltar a possibilidade de ampliação do acesso à informação, como estratégia de difusão de saberes; e a descentralização do poder do fornecimento e divulgação de dados pela grande mídia. Esse fator também exige uma capacidade crítico-reflexiva das pessoas que “navegam” nas redes, em relação ao consumo de informações, engajamento de perfis e embates com o algoritmo. Esses fatores se tornaram o pior ladrão do nosso tempo e, por conseguinte, das nossas vidas.

[...] a vigilância ubíqua e invisível, agora sustentada pelos algoritmos, não é outra coisa senão o incremento, uma sofisticação e refinamento da economia política no capitalismo digital. Assim, a biopolítica, que encontra hoje os algoritmos, no *big data*, seus maiores coadjuvantes, tem a ver com o poder que, regulado pela política científica, medicinal e jurídica, é exercido sobre a biologia, sobre a vida das populações, que crescem cada vez mais, ocupando todos os espaços disponíveis no globo (Santaella, 2016, p. 94).

De acordo com Di Felice (2020), na nossa sociedade tudo é quantificável, mensurável, estamos diante da sociedade do cálculo. “As performances do nosso corpo, nossas preferências musicais, nossas amizades, nossos comentários, nossas transações financeiras e todo tipo de atividade: tudo se tornou dados” (Di Felice, 2020, p. 92). Em 2006, Clive Humby, matemático londrino, resumiu de forma certa a importância dos dados na atualidade com a célebre frase “Dados são o novo petróleo”. Com essa sentença, compreendo que, de fato, é a mineração de dados que tem sido potencial geradora de riqueza e de controle na configuração contemporânea da nossa existência. Nossos discursos, comportamentos, decisões e até nós mesmos nos tornamos dados. Para Byung-Chul Han (2022, p. 24), “Decisivo para o ganho do poder é, então, a posse de informações”.

Trabalhamos e vivemos a serviço dos dados, sob o exercício dos algoritmos que dirigem de forma silenciosa as nossas vidas, direcionando sobremaneira as informações as quais temos acesso nas redes. “[...] nossas relações sociais, cada área do mundo assumiu progressivamente

uma forma algorítmica” (Di Felice, 2020, p. 90). De acordo com esse autor, “Os algoritmos são os procedimentos de sequências de cálculo que nos permitem acessar as grandes quantidades de informações dos bancos de dados e, portanto, a complexidade do nosso mundo” (Di Felice, 2020, p. 91).

Pablo Manolo Rodríguez (2019) afirma que os algoritmos sempre existiram na matemática, sendo definido, nesse âmbito, como uma sequência finita de instruções para executar uma tarefa ou solucionar um problema. Contudo, esse autor afirma que, no ambiente computacional, os algoritmos adquirem o formato necessário para a manipulação de símbolos e das metáforas do pensamento e seus significados.

No contexto multiplatafórmico das redes, “Cada ‘*Me gusta*’ es um acto de gubernamentalidad algorítmica” (Rodríguez, 2019, p. 360). Nossas preferências transitam em torno de uma pequena mão com o dedo polegar levantado, símbolo que designa o “*like*”, que ao passo que nos inclui em possibilidades de acesso aos conteúdos, também nos exclui conforme a demanda viral do momento. Diante disso, Rodríguez (2019) afirma que as máquinas de informação se convertem em máquinas de comunicação, já que, de alguma forma, comunicam.

Decir que las máquinas se comunican supone que no solo gestionan datos, sino también que los transforman en procesos complejos de significación, y esto sin dudas se vincula con el modo en que la noción misma de información se amplía de modo tal que excede en mucho al mero dato (Rodríguez, 2019, p. 98).

Nesse cenário da comunicação e da informação, a vigilância e a disciplina podem estar mais ou menos explícitas, mas isso não impede uma visão do conjunto. Para o autor acima citado, essa premissa compõe uma condição para as variadas possibilidades de vigilância distribuída e participativa propostas pelo uso das tecnologias nas últimas décadas. Tal estrutura funciona por meio de formas de poder, que gestam nosso tempo e nossa vida, que escapam das instituições e dos Estados, mas continua a serviço do capital. Dessa forma, é possível refletir que a linha entre ficar e sair das redes, atualmente, não está mais no campo privado e das liberdades individuais, mas sim no âmbito do controle, que é continuamente ajustado.

De acordo com Gilles Deleuze (1992), as “sociedades de controle” são operadas por máquinas de informática e computadores, com uma linguagem feita por cifras que permite o acesso ou a rejeição à informação. Nesse regime de controle contínuo, nunca se termina nada. “Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como

uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro” (Deleuze, 1992, p. 221). Pontos estes, que aqui considero referência para compor as cifras e os dados na contemporaneidade do capitalismo.

Byung-Chul Han (2022, p. 08) afirma que “O capitalismo da informação, assentado sobre a comunicação e a conexão, torna obsoletas técnicas disciplinares como a isolamento espacial, a regulamentação rigorosa do trabalho ou o adestramento corporal”. Nessa nova fase do capitalismo – que esse autor chama também de capitalismo de vigilância – as formas de dominação se dão através do processamento por algoritmos e pela maquinaria da inteligência artificial. “Não é, então, a posse de meios de produção que é decisiva para o ganho de poder, mas o acesso a dados utilizados para vigilância, controle e prognóstico de comportamentos psicopolíticos” (Han, 2022, p. 07).

Dentro dos moldes da vigilância digital, Fernanda Bruno (2008) elenca os seguintes dispositivos públicos e privados, que se atualizam de forma singular, como determinantes: “[...] os mecanismos de coleta, monitoramento e arquivo de informação; os sistemas de classificação e conhecimento dos dados; os procedimentos de individualização e produção de identidades; as formas de controle sobre as ações e escolhas dos indivíduos” (Bruno, 2008, p. 11). De acordo com essa autora, os sistemas de classificação de vigilância digital geram uma espécie de taxonomia própria, diante de outras formas de individualização que podem ser encontradas em bancos de dados e caracterização de perfis computacionais (*profiling*⁹²) – que não representam nem a norma, nem a média de uma população.

Em grande medida, essa afirmação me leva ao entendimento de que estamos diante de modelos de controle, um sinóptico, pensado a partir dos novos sistemas de informação e de comunicação. É tarefa desta tese também pensar como essas esferas se relacionam com a vida cotidiana, na qual todos podem se ver mutuamente, interagindo de acordo com a sedução que as redes nos proporcionam. De acordo com Rodríguez (2019), esse contexto explicita um novo modelo que evade do panoptismo, das sociedades disciplinares – descritas por Michel Foucault (1987) – para a autovigilância das sociedades de controle – pensadas por Gilles Deleuze (1992) – sem que seja necessário que alguém esteja em um posto central.

Deleuze (1992) afirma que nas sociedades de controle “Os indivíduos tornaram-se ‘dividuais’, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘bancos’” (Deleuze, 1992, p. 222). Tudo isso, atualmente, acontece em “tempo real”, de uma forma muito mais refinada, sutil e elaborada dentro de um contexto contemporâneo de vigilância ao qual nos

⁹² Han (2022) afirma que o *profiling* “[...] torna possível prever melhor um comportamento de uma pessoa do que um amigo ou parceiro poderia.” (Han, 2022, p. 38).

acostumamos e, por isso mesmo, acomodamo-nos e normalizamos a presença “zelosa” dos dispositivos usados como vigias para conter a desordem social.

André Lemos (2010) afirma que quanto mais movimento, maior possibilidade de controle, vigilância, monitoramento de informações, objetos e pessoas. Esse autor lembra também que essas tecnologias têm origem militar – servem à poderes estatais, políticos, comerciais e industriais – o que reforça a ideia da vigilância nas sociedades de controle, conforme afirma Gilles Deleuze (1992). A mobilidade atual provoca um controle dinâmico. “A nova vigilância da sociedade de controle está em todos os lugares e, ao mesmo tempo, em lugar nenhum. [...] os atuais meios de vigilância não se dão mais em espaços fechados, mas nos ‘controlatos’ dos perfis da internet, nos bancos de dados em redes sociais interconectadas” (Lemos, 2010, p. 71). Assim, esse autor desenha a invisibilidade vigilante como um elemento central dos fundamentos do sinóptico.

Thomas Mathiesen propuso hablar de sinóptico (según la etimología griega, el prefijo “sin” – significaría tanto “juntos” como “al mismo tiempo”) para referirse a esta “democratización” de la mirada vigilante, mucho antes de la explosión de los dispositivos móviles, las selfies y los drones. [...] El sinóptico alude al hecho de que, por cierto, hay muchos más datos a disposición que antes, y mucho más integrables por los soportes de procesamiento y circulación digitales, pero sobre todo al hecho de que hay una multiplicación de las miradas que no se puede explicar por mera acumulación tecnológica (Rodríguez, 2019, p. 350-351).

Para Rodríguez (2019), tudo que a cibernética⁹³ e a teoria dos sistemas dizem estão em mundo de mensagens que se relacionam entre si e que tampouco estão limitados ao que alguém “quer dizer”. Portanto, estou diante de afetações simultâneas que se inter cruzam, tal qual fios, para montar uma rede de tendências que demonstram as potencialidades de cada pessoa, mas não limita as identidades individuais. De acordo com esse autor, essa proposição dialoga com o conceito de n-1 de Deleuze e Guatarri (2012), “*Es algo que habla de esos individuos, o algo que se ‘desprende’ de ellos siendo y no siendo ellos mismos, y con lo que interactúan precisamente para construir un modo de subjetivación*” (Rodríguez, 2019, p. 459).

Em meio a essas problemáticas, que atualmente atuam de uma forma muito mais sutil, ressalto a existência, das comunidades virtuais, que são centrais nesta pesquisa. Para Lévy (1999, p. 130), “Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso

⁹³ “Cibernética foi o termo escolhido pelo matemático estadunidense Norbert Wiener (1948) para batizar a nova ‘super ciência’ cujo objetivo era buscar os elementos comuns no funcionamento de máquinas automáticas e no sistema nervoso humano [...] Ele vem do grego *kubernetes*, tem a mesma raiz do termo ‘governo’ e originalmente significa condutor de uma embarcação” (Cesarino, 2022, p. 34).

independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”. É nesses espaços, que podem se auto-organizar em redes sociais (que não estão desconectadas do mundo físico) que destaco também a militância política, afinidades, alianças e construção de amizades – para o bem ou para o mal – que ocorrem nessas comunidades.

Essa configuração de novas formas de participação e auto-organização em redes, que dispensa a existência de instituições, partidos políticos, líderes ou mediadores, recebe o cunho de net-ativismo. É através do primado emergente e temporário do discurso, que o net-ativismo se estabelece de forma autônoma e interdependente. Muitas vezes difusa, mas sempre dinâmica e se consolida enquanto movimento político.

[...] um inédito tipo de ativismo, sempre conectado, originado nas redes digitais, de modo espontâneo e que, embora tomando forma em manifestações e protestos nas ruas, permanecia sempre *on-line*, criando uma ecologia complexa que juntava as ruas e as praças com dados, levando para a *web* cada manifestação, cada evento, cada foto, cada opinião, cada debate. Uma ecologia de interações conectadas, infomaterial, pública e privada ao mesmo tempo, capaz de colocar protestos e ideias de indivíduos nas ruas e de transformar as ruas e os espaços públicos em ambientes informativos digitais, visíveis e acessíveis a todos (Di Felice, 2020, p. 104).

Segundo Di Felice (2017a), o net-ativismo pressupõe a desvinculação do sujeito enquanto centro para o estabelecimento de uma dinâmica ecológica e colaborativa. É relevante ressaltar que o net-ativismo não é uma modalidade que existe pura e simplesmente no mundo virtual, como o ciberativismo⁹⁴ ou o *cyberpunk*⁹⁵, por exemplo. A grande inovação do termo net-ativismo, de acordo com Di Felice (2017a), está no transitório entre o mundo real e o virtual; e no incremento de novas formas de interação e de participação sem líderes.

O net-ativismo e o conjunto de ações colaborativas que resultam da sinergia de atores de diversas naturezas, pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas, apresenta-se segundo essa perspectiva, como a constituição de um novo tipo de ecologia (*eko-logos*) não mais opositiva e separatista, na qual uma dimensão ecossistêmica reúne seus diversos membros em um novo tipo de social, não apenas limitado no âmbito

⁹⁴ “O termo ‘ciberativismo’ surgiu nos anos 1990 para indicar uma ampla e heterogênea quantidade de movimentos, caracterizados por um novo tipo de participação que ocorria por meio do uso das tecnologias digitais e começava a se manifestar em diversas partes do mundo. Esse tipo de ativismo midiático tinha nas tecnologias digitais de comunicação um válido instrumento para reforçar as organizações, seja local ou globalmente, permitindo a coleta capilar de fundos, facilitando a coordenação internacional de campanhas e protestos, obtendo e difundindo informações, denúncias e petições” (Di Felice, p. 139-140, 2017a).

⁹⁵ De acordo com Di Felice (2017a), a origem desse movimento é incerta, assim como não há consenso na sua definição. Tem como referência conceitos como ciborgue e biotecnologia. No entanto, ele o descreve como “[...] uma pluralidade de atividades sem síntese: pessoas, filosofias, visões de mundo diferentes entre si e uma heterogênea matriz de movimentos contrários a qualquer tipo de homogeneidade e difundidos em diversos países [...] a heterogeneidade do *cyberpunk* se difunde em diversos âmbitos das culturas juvenis” (Di Felice, p. 140, 2017a).

humano dos *socius*, mas expandido às demais entidades técnicas, informativas, territoriais, de forma reticular e conectiva (Di Felice, 2017b, p. 22).

Para mim, é no *locus* da antiestrutura – termo que Letícia Cesarino (2022) recupera do antropólogo Victor Turner – que os participantes desta pesquisa atuam para disseminar suas ideias acerca do autismo e seus desdobramentos. Esse movimento não é algo que posso chamar de “natural”, “dado”, ou “esperado”. Quase sempre a inércia, a acomodação, são os caminhos que se apresentam no horizonte, enquanto possibilidade. Por essa razão, o esforço de emergir discursos que se contrapõem ao que está dado como “verdade”, é um exercício que me parece extremamente significativo. Dessas intenções podem surgir outras possibilidades, abrindo espaço para mudanças estruturais. De acordo com Cesarino (2022, p. 15),

A antiestrutura é a antinorma: aquelas camadas marginais, latentes, heterodoxas do sistema numa dada configuração sócio-histórica. Quando o centro organizador dessa configuração entra em crise, a antiestrutura é o que emerge para a superfície, tensionando o sistema como um todo na direção de seus limites estruturais. Como resultado, ele vai se dobrando sobre si mesmo, fazendo os extremos que o delimitavam se tocarem e se recombinarem, invertendo suas hierarquias: o que era marginal vai para o centro, o que estava embaixo vai para cima etc.

A partir da observação dos desdobramentos das redes-rizomas, que circundam os espaços virtuais, entendo os mesmos enquanto espaços de educação não-formal. Ainda que considere o terreno árido, ao qual os participantes desta pesquisa estão expostos, lembro da poesia de Manoel de Barros (2010, p. 450) “A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias. Porque a gente também sabia que só os absurdos enriquecem a poesia”. Portanto, para compor o alinhavo da *Primavera Autista*, decido ter como campo o universo das redes, do ciberespaço, ressaltando o protagonismo das comunidades virtuais de autistas, que realizam o net-ativismo através da primazia da linguagem e do jogo das palavras.

4.2.2. A cibercultura enquanto ambiente de educação não-formal

“O desejo é motor. As formas econômicas e institucionais dão forma ao desejo, o canalizam, o refinam e, inevitavelmente, o desviam ou transformam”

(Pierre Lévy)

Inicialmente, devo afirmar que não há um juízo de valor, especificando uma escala do que pode ser melhor para a educação contemporânea, nos processos de aprendizagem que descrevo como educação não-formal. No entanto, defendo a possibilidade de afirmar que existem formas de construir e difundir conhecimento para além da escola, ainda que considere sua importância central nos processos formativos e de aprendizagem. Para tal, compreendo conhecimento aqui, conforme afirma Rodríguez (2019), como tudo que produz as tecnologias da informação, os meios de comunicação, a educação, os saberes sobre as coisas cotidianas e tudo aquilo que se possa conhecer, ainda que não deseje.

O universo desta pesquisa tem como campo o ciberespaço, o qual é envolto pela cibercultura. De acordo com Rodríguez (2019), a cibercultura é uma cultura atravessada pela cibernética, que significa uma nova lógica socioeconômica, com novas tensões no âmbito cultural e novas formações políticas que vinculam o Estado à sociedade civil. No nosso tempo histórico, existem outras formas de participação política para o exercício da cidadania, dentro da democracia, através de compartilhamentos de informações que emergem da virtualidade. A compreensão desse espaço virtual como ambiente amplificador de práticas políticas e formativas é o principal convite desta seção.

Como noção especulativa, a dimensão cosmopolítica pode ser inspiradora para a elaboração de uma nova ideia de cidadania, não mais compreendida apenas como o conjunto de direitos, deveres e práticas dos seres humanos, mas como o cumprimento de uma complexidade e de uma arquitetura de interações, não mais expressão de um agir de um único ser isolado, nem parte de um social composto somente por sujeitos ou parte de uma natureza formada apenas por objetos (Di Felice, 2020, p. 77-78).

Em outras palavras, é importante ter esse espaço para dizer como funcionam os sistemas de educação não-formal, os quais executam possibilidades de exercício de cidadania, com identidade ideológica, a partir do protagonismo dos jovens e adultos autistas, que se auto-organizam em comunidades virtuais, e que aqui constituem o caráter formativo do que denomino de *Primavera Autista*. O papel dessas comunidades, no contexto atual de criação de conteúdos, nunca foi tão importante, pois, de alguma forma, gera conexão e possibilidades de filiação entre os perfis.

De acordo com Pierre Lévy (1999), a comunidade virtual tem como princípio a interconexão e a reciprocidade, que compõem, em paralelo, possíveis conflitos, manipulações ou alianças intelectuais. “Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de

troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (Lévy, 1999, p. 130). Corroborando essa proposta, Lévy (1999) sustenta a tese de que:

[...] a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes (Lévy, 1999, p. 125).

Lucia Santaella (2016) explicita a ideia de que, a princípio, era possível falar em uma separação entre o real e o virtual. Prognósticos ameaçadores afirmavam a existência de uma suposta “[...] perda da escala humana do tempo e do espaço, sobre o hiper-real e a atrofia do corpo físico, plugado e inerte, enquanto a mente viajava pelos espaços abstratos da realidade” (Santaella, 2016, p. 82). No entanto, para essa autora, a conectividade realizada através de dispositivos móveis, demonstrava a capacidade interseccional dos espaços reais e virtuais e o alcance do ciberespaço.

“O ciberespaço continua mais vivo que nunca, com a diferença de que agora ele nos circunda, em nuvens informacionais cada vez mais densas, a que temos acesso na palma de nossas mãos, bastando para isso delicados cliques com a pontinha dos dedos” (Santaella, 2016, p. 83). Esse contexto histórico é recuperado, a partir de uma abordagem filosófica, por Santaella (2016), denominado como era do “pós-digital”, na qual o “digital” apresenta a sua plena potencialidade rizomática.

Esse conceito surge com Kim Cascone (2000), que afirma que controlar as tecnologias é uma ilusão. A discussão desse autor tem como pano de fundo, a produção de músicas e sonorizações, feitas no computador, e suas imbricações com estética e arte sonora. De acordo com Cascone (2000), a estética “pós-digital” foi desenvolvida como resultado da experiência de trabalhar imersivamente em ambientes saturados de tecnologia digital, à exemplo de chiados de ventoinhas de computador, impressoras a laser imprimindo documentos, o ruído abafado dos discos rígidos. Ele afirma que é a partir das “falhas” da tecnologia digital que novos trabalhos emergem: *glitches*, *bugs*, erros de aplicativos, travamento de sistemas operacionais, *clipping*, *aliasing*, distorção, quantização de ruído, e mesmo o ruído-de-fundo das placas de som, tornam-se matéria-prima que compositores incorporam em suas músicas, inaugurando uma novidade estética na produção artística.

Em volta dessa concepção, apresenta-se contemporaneamente também o estabelecimento de novas relações sociais, outros sistemas de poder e processamento de informações e dados, que influenciam diretamente na política, na cultura, na estética, na

produção de saberes e, conseqüentemente, na educação, que influenciam diretamente no universo da cibercultura.

Sobre a relação de educação e cibercultura, Lévy (1999) considera que toda e qualquer afirmação sobre essa temática perpassa pelas relações contemporâneas com o saber e suas tensões. “[...] o portador direto do saber não seria mais a comunidade física e sua memória carnal, mas o ciberespaço, a região de mundos virtuais, por meio do qual as comunidades descobrem e constroem seus objetos e conhecem a si mesmas como coletivos inteligentes” (Lévy, 1999, p. 166). De acordo com este teórico:

O saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias de inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados do problema da educação e da formação. O que é preciso aprender não pode ser planejado nem precisamente definido com antecedência. Os percursos e perfis de competências são todos singulares e podem cada vez menos ser canalizados em programas ou cursos válidos para todos. Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes “superiores”, a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva (Lévy, 1999, p. 160).

Através do uso de redes sociais, em territórios informacionais, meus personagens criam um espaço de aprendizagem não-formal estratégico para divulgação das variadas formas de ser autista, indo além das demarcações das identidades e dos espaços formais e físicos de aprendizagem. Di Felice (2020, p. 84) afirma que, “Hoje, a cada pessoa física e biológica, corresponde uma outra digital e feita de dados”. Para esse autor, ambas são verdadeiras, existem e estão conectadas.

As redes digitais e a web permitem a criação de novas formas de cidadania, que, como visto, são caracterizados pela inclusão de identidades e substâncias que são agentes diferentes dos humanos. Novos cidadãos povoam nosso mundo e já começaram a interagir conosco e a influenciar nosso convívio, introduzindo importantes mudanças (Di Felice, 2020, p. 130).

Nesse contexto de mudanças de exercício da cidadania, concebo a atuação dos jovens e adultos que compõem a *Primavera Autista* como uma prática que tem o processo educativo como algo de possível associação com a educação não-formal, considerando que nas suas interações, imersas ao ambiente das comunidades virtuais, há produção de informações e saberes. Para Maria da Glória Gohn (2011), essa perspectiva educacional pode levar pessoas a se abrirem para novos conhecimentos, capazes de promover outras formas de pensar e agir

social. “[...] a educação não-formal é uma possibilidade de produção de conhecimento que abrange territórios fora das estruturas curriculares da educação formal” (Gohn, 2011, p. 12).

De acordo com Maria da Glória Gohn (2011), é a partir dos anos 1990 – quando ocorrem mudanças na economia, nas relações sociais e no mundo do trabalho – que a educação não-formal passa a receber maior destaque por valorizar os processos de atividades em grupo, em múltiplos espaços envoltos aos valores culturais⁹⁶. As práticas da educação não-formal se desenvolvem, em geral, para além dos muros da escola, considerando que, para essa autora, a educação na era da globalização demanda outras possibilidades de conhecimento e informação, que podem estar

[...] nas organizações sociais, nos movimentos e nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias e lutas contra a desigualdade e a exclusão social. Essas práticas estão no centro das atividades das ONGs e dos programas de inclusão, especialmente no campo das artes, educação e cultura (Gohn, 2007, p. 13-14).

A educação não-formal não tem como objetivo se configurar como uma alternativa à perspectiva formal de educação, tampouco como substitutiva da mesma. Mesmo porque suas premissas e objetivos são completamente diferentes, assim como a função de seus atores sociais. “Na educação não-formal a cidadania é o objetivo principal, e ela é pensada em termos coletivos” (Gohn, 2011, p. 110). O elemento didático da educação não-formal é o diálogo, sendo papel dos educadores não-formais estimular e mediar debates. Segundo Gohn (2007, p. 19), “Os educadores não-formais do Brasil constituem um painel amplo, rico e estimulante. Trata-se de jovens que realizam projetos inovadores – e renovadores –, levando uma lufada de cultura e educação às comunidades em que atuam”.

Para essa autora, a configuração desse modelo de educação necessita de educadores com consciência social, cultura política e capacidade de comunicação. Longe das instituições, a educação pode acontecer em espaços não-territorializados de construção de conhecimento, a partir de histórias de vida, de saberes individuais e coletivos. Gohn (2011) afirma que o conceito de comunidades educativas deve incluir todos os atores sociais que se envolvem no processo. Transponho essa definição para a atuação dos participantes desta pesquisa, que atuam em

⁹⁶ “A cultura é concebida como modos, formas e processos de atuação de homens na história, onde ela se constrói. Está constantemente se modificando, mas, ao mesmo tempo, é continuamente influenciada por valores que se sedimentam em tradições e são transmitidos de uma geração para outra. A educação de um povo consiste no processo de absorção, reelaboração e transformação da cultura existente, gerando a cultura política de uma nação” (Gohn, 2011, p. 106).

comunidades virtuais, mobilizando modos de produção de saber, através do engajamento, a criação de novos conhecimentos, nos quais estão imersos às relações de poder.

A maior importância da educação não formal está na possibilidade de criação de novos conhecimentos, ou seja, a criatividade humana passa pela educação não-formal. O agir comunicativo dos indivíduos, voltado para o entendimento dos fatos e fenômenos sociais cotidianos, baseia-se em convicções práticas, muitas delas advindas da moral, elaboradas a partir de experiências anteriores, segundo as tradições culturais e as condições histórico-sociais de determinado tempo e lugar (Gohn, 2011, p. 112).

Também relaciono as comunidades virtuais com os processos metodológicos elencados por Gohn (2011), existentes na educação não-formal, que para ela se localizam ao redor da fala, o que me remete à importância da linguagem dos participantes desta pesquisa.

A voz ou vozes, que entoam ou ecoam de seus participantes são carregadas de emoções, pensamentos desejos etc. São falas que estiveram caladas e passaram a se expressar por algum motivo impulsionador (carência socioeconômica, direito individual ou coletivo usurpado ou negado, projeto de mudança, demanda não atendida). Ao se expressar, os atores sujeitos dos processos de aprendizagem articulam o universo de saberes disponíveis, passados e presente, no esforço de pensar/elaborar/ reelaborar sobre a realidade em que vivem. Os códigos culturais são acionados, e afloram as emoções contidas na subjetividade de cada um (Gohn, 2011, p. 113-114).

Reflito, por fim, que a educação não-formal é um processo de aprendizagem e não uma instituição, portanto permite criação e recriação de possibilidades. Na minha pesquisa, esse conceito se materializa pelas mãos de jovens e adultos autistas que produzem conteúdos, dentro de uma perspectiva anticapacitista de net-ativismo, objetivando também promover um processo de aprendizagem, ainda que de forma não-diretiva ou intencional, em torno da ampliação do debate acerca do autismo e da formação de novas compreensões sobre seus corpos e processos de subjetivações. Ressalto que, de modo algum, o espaço virtual, no qual localizei a minha perspectiva de educação não-formal, é substitutivo das instituições de ensino formal. Não há defesa de um versus o outro nesta pesquisa.

5. CARTOGRAFANDO A PRIMAVERA AUTISTA: composição de cores vivas

“Onde está o autor, em todas essas mancomunicações? Ele desaparece, tão apagado como se apaga a ideia de que a arte é representar. Eu ia dizer que se trata de expor, o que não raro é verdadeiro, mas e a música, então? Tratar-se-ia mais de um accorder [afinar, acordar], palavra que deriva, talvez, não se sabe muito bem, de cceur [coração] ou de corde [corda]. Mas então acordar teria de significar criar um acorde, não um consentimento, uma conformidade, mas antes uma discordância da qual vibrarão as relações de frequência”

(Fernand Deligny)

As grandes coisas, as lutas históricas, as mudanças, as transformações não advêm necessariamente de um binômio, um versus, penso que talvez, e isso é apenas uma hipótese, tudo comece a partir de um “pequeno” movimento do desejo... da vontade de não ficar inerte, da angústia, da perversão, do revide, do afronte, de uma rebelião interior que cresce de tal maneira que flui dos pensamentos, transpassa os poros, coloca os corpos para dançar. Portanto, aqui não há diletantismos, há provocação.

Apresentar a primavera perpassa pela sua feitura da estação que, à primeira vista, recai no belo, no gracioso, no lúdico. Período fértil para a reprodução, respiro pós inverno, enfeitado com flores e frutos. Essa perspectiva da primavera serve como inspiração para Antonio Lucio Vivaldi (1678-1741), que compôs “As quatro estações” (*Le quattro stagioni*) em 1723, uma das obras clássicas mais conhecidas pela humanidade e também uma das mais executadas.

O primeiro concerto de As quatro estações, em Mi maior (RV 269), intitulado A Primavera, é o mais famoso do conjunto [...] No soneto que acompanha a obra, anuncia-se a chegada da primavera, com a saudação festiva dos pássaros e o murmúrio das fontes e das brisas suaves (Toscano, 2018, *online*).

Sob o movimento impressionista⁹⁷ recai a necessidade de captura de paisagens, que também dialoga com a urgência de sair dos estúdios fechados, para experimentar a construção de telas esboçadas a partir da realidade advinda da natureza. Nesse intento, a primavera foi inspiração para diversos artistas e telas, dentre as quais destaco a célebre obra Primavera (1886), de Claude Monet (1840-1926), na qual a cor peri destaca-se refletida nos troncos das árvores e nas roupas das duas moças sentadas no gramado e formam uma composição de cores que

⁹⁷ A terminologia “Impressionismo” advém de uma crítica a uma obra de Claude Monet: “*Impressão, nascer do sol*” (1872).

efetivamente objetivam representar o brilho, o colorido diverso e o frescor da primavera. “[...] as duas figuras sentadas no gramado, pintadas com pinceladas rápidas, destacam a maior atenção que o mestre impressionista deu ao mundo natural. Na verdade, essa abordagem visa precisamente fundir o componente humano dentro da investigação naturalista predominante” (Martinelli, 2022, *on-line*). O caráter espontâneo das obras impressionistas demonstra um processo disruptivo na produção artística, dentro de uma necessidade de executar a novidade.

Por outra perspectiva, o historiador Modris Eksteins (2021) captura a temática da primavera em sua obra “A Sagração da Primavera: a primeira guerra mundial e o nascimento da modernidade”, utilizando a composição “A Sagração da Primavera”⁹⁸, de Igor Stravinsky⁹⁹, enquanto fonte de inspiração para seu enredo, como um exemplo clássico de como a arte pode influenciar as mudanças da história. E, sobretudo, como história e arte podem se fundir, estetizando a existência. “A história da cultura moderna deve ser uma história tanto das respostas como dos desafios, uma narrativa tanto sobre o leitor quanto sobre o romance, tanto sobre o público quanto sobre o filme, tanto sobre o espectador, quanto sobre o ator” (Eksteins, 2021, p. 11).

Eksteins (2021) afirma que seu livro, que tem como temas a morte e a destruição, também é uma obra sobre um tornar-se, um vir a ser – que me lembra o devir de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Seu tema é o surgimento, na primeira metade do século XX, da consciência moderna, e por conseguinte sobre o significado da Primeira Guerra Mundial. Em 29 de maio de 1913, momento histórico que antecedia a “grande guerra” iminente, o ballet¹⁰⁰ de Nijinsky¹⁰¹ estreia em Paris, no *Théâtre des Champs-Élysées*, a coreografia “A Sagração da Primavera”, sob o fundo musical da obra de Stravinsky.

A ideia versa sobre nascimento e morte, a representação de um ritual, em uma tribo pré-histórica. Anuncia a chegada da primavera, numa cerimônia que busca, a um só tempo, prestar-lhe uma homenagem e recuperar sua fertilidade. Necessita, para se cumprir o intento, da doação completa de uma virgem, que

⁹⁸ Inicialmente seu título seria “A vítima”.

⁹⁹ “A ideia de *A sagração da primavera* chegou a mim”, Stravinsky disse mais tarde, ‘enquanto eu ainda estava compondo *O pássaro de fogo*. Eu tinha sonhado uma cena de ritual pagão em que uma virgem sacrificial escolhida dançava até a morte’. Perguntado em outra ocasião o que ele mais amava na Rússia, ele respondeu: ‘A violenta primavera russa que parecia começar em uma hora e era como se a terra inteira se partisse. Esse era o acontecimento mais maravilhoso de todos os anos da minha infância’. Portanto, o tema de *Le Sacre* era nascimento e morte, Eros e Thanatos, primitivismo e violência, as experiências fundamentais de toda existência, para além do contexto cultural” (Eksteins, 2021, p. 57).

¹⁰⁰ “[...] o balé, em detrimento do que acontece na ópera, contém em si todas as outras formas de arte, pois, [...] a imobilidade dos cantores e a necessidade de concentração nas palavras interferem na fluidez da arte” (Langendonck, 2004, p. 26).

¹⁰¹ “A escolha de Nijinsky para coreografar “A Sagração” deu-se pela necessidade de Stravinsky de apresentar novas formas para sua composição musical; formas com capacidade de chocar o público por usar ruptura com convenções estabelecidas na época” (Langendonck, 2004, p. 27). Dizem que Nijinsky está para a dança, como Picasso está para a pintura.

dança até morrer. O sacrifício humano marca o primitivismo do tema. A celebração da vida através da morte (Langendonck, 2004, p. 25).

A estreia do espetáculo foi marcada pela presença de uma plateia que se dividia entre um público que queria o mais do mesmo, o contínuo, que vaiaram a apresentação, e outro que queria a novidade, a vanguarda, que a aplaudiram fervorosamente. De acordo com Eksteins (2021), no dia seguinte a imprensa reconhecia o talento de Stravinsky, todavia, ao mesmo tempo afirmava que, dessa vez, ele havia ido longe demais com sua engenhosidade.

Se essas características do balé suscitaram apreciação entusiástica de um segmento do público, uma oposição vociferante também se levantou. Esta exigia que a arte fosse uma visão de graça, harmonia e beleza, em vez de uma expressão de idiossincrasias ou neuroses; que a arte fosse moralmente edificante, em vez de desdenhosa ou indiferente aos costumes prevalecentes; que os patronos da arte fossem respeitados e não insultados intencionalmente. O esforço de Stravinsky lhes pareceu ruído; o de Nijinsky, uma paródia horrível. Ou seja, os insatisfeitos responderam à altura: insulto com insulto, barulho com barulho, sarcasmo com sarcasmo (Eksteins, 2021, p. 72).

Na música, essa obra realiza uma virada do romântico para o moderno, traz um ritmo que deixa de ser regular, desafia os padrões, rompe amarras. Negando a ideia de civilização estabelecida, foi uma provocação, um escândalo, um choque para a época, com a pulsão de morte encerrando um período na sociedade e trouxe uma coreografia agressiva, com saltos, movimentos eróticos de quadris e roupas coladas à pele. “Os corpos dos bailarinos reaparecem, liberados dos tules em que estavam imersos, deixando a coreografia mais clara em seus movimentos, estética que confundia a plateia da época” (Langendonck, 2004, p. 43).

O primeiro ato é o “Beijo da Terra” e o segundo é o “O Grande Sacrifício”. Toda a obra dura 35 minutos. O primeiro representa um rito primitivo de tribos russas, no qual todos dançam apaixonadamente sobre a terra, santificando-a. O segundo representa um ritual pagão russo, de sacrifício, no qual uma virgem deve ser sacrificada para que a primavera aconteça e dança até sua morte.

A força destruidora, avassaladora e agressiva que a primavera precisa ter para romper com o inverno russo, nesse caso, talvez seja uma analogia razoável para imaginar que o nascimento da primavera foi “paga” com uma morte. A proposta de Stravinsky era realizar a celebração da vida por meio da morte, trazendo uma ideia de colapso como algo necessário para a concepção de uma força primitiva que gera o nascimento de novos ciclos.

5.1. “EVOÉ, JOVENS À VISTA”¹⁰²

“Porque todos estávamos abrigados pelas palavras. Usávamos todos uma linguagem de primavera.”

(Manoel de Barros)

A arte, que aqui se faz presente em forma de música e poesia, também inspira Frederick Nietzsche (1992), em sua obra “O nascimento da tragédia”, para contrapor universos elaborados a partir das figuras imagéticas de Apolo e Dionísio. O apolíneo está, nas palavras desse autor, vinculado ao sonho, a uma estrutura corporal racionalizada que revela a busca por uma unidade. Enquanto o dionisíaco reina sobre a embriaguez, tendo a força da imaginação como sua aliada para destruir e libertar o indivíduo.

Transpondo a escrita desse autor para parte do subtítulo desta tese, designo a Apolo o molde da identidade: a linha molar que funciona tal qual uma métrica da representação, de uma definição que está moldada nos corpos das pessoas autistas. Já Dionísio compõe com a linha de devir: a evasão provocada pela linha de fuga, que caotiza o racionalismo humano; que expande a superação e a impermanência, enquanto potência; e introduz possibilidades de um vir a ser autista.

Nietzsche (1992) define a música como uma arte, aparentemente, apolínea, considerando sua configuração de ritmo, arquitetada matematicamente. De fato, a música em si pode ser tocada por qualquer um que domine o saber de ler uma partitura e representar notas, de forma dinâmica, em um instrumento. No entanto, a composição “notas, homem e instrumento” evade de qualquer arquitetura lógica, quando acessa nossas capacidades simbólicas, o que esse autor chama de caráter da música dionisíaca,

[...] a comovedora violência do som, a torrente unitária da melodia e o mundo absolutamente incomparável da harmonia. [...] Para captar esse desencadeamento simultâneo de todas as forças simbólicas, o homem já deve ter arribado ao nível de desprendimento de si próprio que deseja exprimir-se simbolicamente naquelas forças: o servidor ditirâmico de Dionísio só é, portanto, entendido por seus iguais! Com que assombro devia mirá-lo o grego apolíneo! (Nietzsche, 1992, p. 34-35).

Não por acaso, é com um verso de música, uma linha de poema, que nomeio esta seção. Parte da letra de Chico Buarque aqui representa a arte, que perpassa o indizível na tese, mas

¹⁰² Verso retirado da canção “PaRaToDoS”, que tem letra de Chico Buarque, lançada em 1993.

também dialoga com a afirmação de Gilles Deleuze (1992,), sobre a invenção de novas formas de vida, na medida em que pensa “[...] a existência não como um sujeito, mas como uma obra de arte” (Deleuze, 1992, p.120).

A expressão “Evoé” significa exaltação da alegria, também remete ao brado de celebração do Deus Baco, o Dionísio, nas orgias da Grécia Antiga. Aqui, “Evoé” abre caminhos com entusiasmo para a apresentação das cores que compõem meu alinhavo: jovens e adultos autistas, participantes desta pesquisa, que expõem seus processos de subjetivação, enquanto criação de modos de existência. A favor deles concedo a potência dionisiaca, a mesma que figura entre a linha de devir.

[...] ascende do fundo mais íntimo do homem, sim, da natureza, ser-no-á dado lançar um olhar à essência do *dionisiaco*, que é trazido a nós, o mais de perto possível, pela analogia da *embriaguez*. Seja por influência da beberagem narcótica, da qual todos os povos e homens primitivos falam em seus hinos, ou com a poderosa aproximação da primavera a impregnar toda a natureza de alegria, despertam aqueles transportes dionisiacos, por cuja intensificação o subjetivo se esvanece em completo esquecimento (Nietzsche, 1992, p. 30).

Tal qual a música de Chico (1993), com “Evoé” convido e celebro a chegada desses personagens, que trazem a novidade, o frescor, as tensões e a desordem necessária para esta pesquisa. “Evoé, jovens à vista”, a letra repleta de redondilhas de Chico em cima da toada de Jobim, simboliza a exaltação da juventude por sua chegada. Mas também representa um conselho aos jovens sobre as variadas possibilidades do uso da música e da arte, diante de dificuldades que podem nos afetar.

A escolha desse público perpassa também pela aposta que Gilles Deleuze (1992) faz na juventude, como categoria que deve ser capaz de repensar os modelos de servidão que estão postos e de buscar estratégias para sair desse controle. Essa procura está entre novas formas de conexão, nas dobras de outras trilhas cerebrais, nos processos de subjetivação, enquanto acontecimento que, para Deleuze (1992), significa uma possibilidade de acreditar no mundo.

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. [...] É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo (Deleuze, 1992, p. 218).

Para esse autor, a condição revolucionária da palavra requer, nos nossos tempos, uma espécie de “desvio da fala”: “Criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante seja, talvez venha a ser, criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle”

(Deleuze, 1992, p. 217). Sobre meu processo criativo, nesta quinta seção, gostaria de evocar como inspiração o pintor Wassily Kandinsky (1866-1944). Artista nascido em Moscou, que decidiu aos 30 anos que a arte teria muito mais espaço em sua vida, que o direito e a economia. Largou o seu labor convencional para desfrutar, por fim, do seu verdadeiro apaixonamento: as cores e suas composições. Ele acreditava que pintar era como compor músicas, de forma abstrata, e que as cores podem dialogar com um misto de emoções e sensações. Com sua capacidade de reinventar possibilidades e formas de sentir a arte, foi um dos responsáveis pelo surgimento do movimento abstracionista com suas primeiras telas, denominadas de “Improvisações”.

5.2. COMPOSIÇÃO DE CORES VIVAS¹⁰³

“Eis que nos vemos nesse “ponto de convicção”, onde, por conta da presença de crianças autistas, nossas convicções são refratadas, como acontece com a luz no arco-íris. E ao contrário do que se poderia acreditar, nenhum de nós é intelectual, nem mesmo eu, que diz o azul, o verde, o amarelo, o laranja, e o vermelho, simplesmente porque o real não possui nem verdade, nem ética; o real não é a realidade”

(Fernand Deligny)

De acordo com Peter Pál Pelbart (2021, p. 90), “Deleuze parte de uma reflexão sobre as forças para constatar a presença, na Arte, de uma turbulência necessária, que a ameaça e lhe dá corpo”. Para esse autor, Deleuze não trata sobre o limiar da inteligibilidade, mas sobre que tipo de intensidade esse movimento gera. Nesse contexto, apresento os perfis dos participantes que dão cores e possibilidades de criação ao mapa cartográfico, escrito como um alinhavo – em um tecido colorido, adornado com artefatos artísticos. A busca pelos contornos e atravessamentos das linhas que diferem entre si, seja pelos movimentos, velocidades, territorializações e desterritorializações compõem o desenho cartográfico que crio. Juntas, elas dialogam com passagens aqui trazidas pelas cores e suas memórias.

[...] cada cor pode produzir muitos efeitos, frequentemente contraditórios. Cada cor atua de modo diferente, dependendo da ocasião. A cada efeito intervêm várias cores – um acorde cromático. Um acorde cromático é composto por cada uma das cores que esteja mais frequentemente associada a um determinado efeito (Heller, 2013, p. 22).

¹⁰³ O título faz referência à música “Cores vivas”, de Gilberto Gil, lançada em 1981 no álbum Luar. Essa canção é uma das minhas fontes de inspiração para pensar os participantes enquanto cores personificadas.

A apresentação se dará por ordem cronológica de realização das entrevistas. Considerando a importância do sigilo das identidades dos participantes desta pesquisa, conforme requisitado pelo Comitê de Ética da UFS, ao longo das análises não coloco os *links* dos perfis citados, bem como os mesmos não aparecerão nas Referências da tese.

Opto por nomear cada um dos participantes com uma cor, dentro dessa perspectiva, advirto que a nomeação perpassa por alguns critérios. O primeiro, e principal deles, é a associação da cor com as vinculações de preferência do próprio participante. Com isso, quero dizer que a cor foi determinada com a anuência do mesmo. Sempre que estiver falando da cor, de forma genérica, ela estará em letra minúscula, quando estiver tratando do participante denominado pela cor, a mesma estará em letra maiúscula. Todas as vezes que uma fala de algum dos participantes for citada, utilizararei a cor de cada um deles na fonte em itálico, com espaçamento simples.

As opções de cores, que previamente escolho como possibilidades para a vinculação, também perpassam por alguns critérios. O primeiro é o de eliminação. Decidi não usar o azul – pela associação explícita à *Identidade Autista* – como diria Caetano Veloso (1982) “Azul que é pura memória de algum lugar”. Também opto por não utilizar o amarelo (pela associação que sempre fiz desse tom com Ernesto, conforme apresento no capítulo 1).

No entanto, tanto o azul, quanto o amarelo, aparecerão no mapa cartográfico da pesquisa. O azul, representando a linha de segmentaridade molar da *Identidade Autista*, e o amarelo, expressando a presença de Ernesto enquanto grande parte da potência criativa inicial deste escrito. Essas duas cores se somam à Grafite, Cereja, Vermelho, Verde e Rosa para compor o mapa cartográfico, que é formado, assim como o arco-íris, por sete cores.

As possibilidades de cores selecionadas têm em seus nomes aberturas para realização de metáforas estéticas e políticas que combinam com o personagem, sendo capazes de compor o enredo de apresentação de cada um deles. Corroboro o pensamento de Eva Heller (2013, p. 23): “Não existe cor destituída de significado. A impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebo. A cor num traje será avaliada de modo diferente do que a cor num ambiente, num alimento, ou na arte”.

Aproveito a oportunidade para advertir ao leitor que nesta cartografia não enfoco em recortes de raça, tampouco de gênero. No entanto, isso não significa que em algumas passagens esses marcadores não apareçam nas falas dos participantes. Meu objetivo é tratar os entrevistados de forma unívoca. Para isso utilizo palavras como: perfil, pessoa, autista, pessoa

autista, participante. Por decisão pessoal, não utilizo também pronomes neutros, sendo uma escolha política que tem como objetivo não vincular a pesquisa a determinadas questões identitárias – não obstante, reconhecer a importância das mesmas e a forma como tangenciam a temática – aqui prefiro não desfocar do central, que é a *Primavera Autista*.

Lembro também que minha pesquisa não é uma tentativa de apropriação do conceito de “Lugar de fala¹⁰⁴”, mas é um pedestal às vozes de pessoas autistas, que por tantas vezes foram silenciadas e excluídas dos debates em torno de temas como o autismo e interseccionalidade. Conforme observo nas entrevistas dos participantes Vermelho e Rosa:

Quem tem a melhor propriedade para falar de autismo são os autistas. Mas, de uns tempos para cá, perceberem que a arrogância que tá aí e teve um debate sobre lugar de fala, que é um debate complicado, que até mesmo entre os autistas há reprodução de opressão, principalmente no quesito questão de gênero tem uma opressão muito forte, às vezes até mais forte que entre os neurotípicos. Fonte: Vermelho (2024).

Eu acho que uma das coisas mais importantes que poderia, que algumas pessoas entendessem, é que ninguém é uma concha vazia. Fonte: Rosa (2024).

Defendo aqui o direito irrevogável de os participantes se colocarem sobre o tema, mas também sob diversos outros assuntos, seja em suas falas, seja em suas postagens nas redes sociais.

5.2.1. Grafite

*“Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras:
— liberdade caça jeito”
(Manoel de Barros)*

A primeira pessoa que entrevistei surgiu para mim no início de 2023, mais precisamente em um evento realizado na Universidade Federal de Sergipe, quase que fruto do acaso (se é que

¹⁰⁴ De acordo com Djamila Ribeiro (2017), o conceito de “Lugar de fala” tem como objetivo dar voz aos saberes de grupos que durante muito estiveram à margem da sociedade, objetivando questionar o paradigma dominante. É fortemente vinculado a grupos que pesquisam questões referentes ao identitarismo.

ele existe). Daqueles acasos que você agradece a quem interessar possa. Soube no mesmo dia, não lembro exatamente como, que haveria uma pessoa autista matriculada no Programa de Pós-graduação de Letras, que estaria palestrando na UFS. Sai do trabalho e corri para ouvir, apenas ouvir. Chegando lá me deparei com um perfil extremamente interessante, inteligente, de fala limpa, escrita fluída e olhar aguçado. Daí em diante mantive contato via *direct* do *Instagram* e encaminhei o cumprimento dos fundamentos necessários para a realização da entrevista. A personagem se autodefiniu na entrevista como:

Uma pessoa até então socialmente lida enquanto mulher, mas venho questionando essa identidade de gênero, principalmente após o diagnóstico do TEA e uma pessoa que atualmente está bastante hiperfocada nesse assunto. Fonte: Grafite (2024).

Em sua bio do *Instagram* (2024), ela se autoafirma *Atípica, LGBTIAP+, Nordestina/SE, Faixa Preta Karatê Shorin-Ryu e Doutora em Letras*. A entrevistamos no dia 24 de agosto de 2023, no chão de uma sala localizada na Divisão de Ações Inclusivas (DAIN/UFS), entre almofadas e lembranças, sob o olhar da então namorada da participante, também autista. A desenvoltura retórica da mesma me impressionou. Porém, é sabido que a participante não é ótima apenas com a linguagem oral, mas também com a escrita. Em 28 de agosto de 2023, Grafite defendeu sua tese intitulada “Mas você não tem cara de autista: relato autobiográfico, diagnóstico tardio e campo dêitico”¹⁰⁵ pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UFS).

Para nomeá-la escolhi o tom grafite – a mistura de branco e preto, cores totalmente opostas, que talvez me rememore inícios e consegue combinar bem com quase todas as outras cores. Arriscaria dizer que vai bem com todas, ainda que alguns digam que, separados, branco e preto nem cores são. Tenho certeza que não por acaso comecei por Grafite, “Uma bela teia cinza, encurvada, maleável, com uma pequena nassa num de seus ângulos, onde a aranha está encafufada” (Deligny, 2015, p. 23).

¹⁰⁵ Na minha pesquisa eu parti do objeto relatos autobiográficos, na área da linguística, em que faço um estudo de um contínuo que percebi, que estabeleci, quando a gente tem um diagnóstico tardio passa, que seria um contínuo do antes e depois, de como a gente muda a nossa percepção sobre a gente mesmo e sobre como a gente vê o mundo, após ter o diagnóstico tardio, então eu me baseei na fundamentação teórica da linguística de texto a partir do campo dêitico e coletando relatos autobiográficos de outros autistas que infelizmente sempre tem as suas vozes negligenciadas. Então eu quis trazer essa perspectiva, esse deslocamento, de um discurso biomédico, de um discurso em que sempre a voz da pessoa neurotípica impera, para trazer essa representatividade e não só na minha escrita, como uma pesquisadora autista, mas também no sentido de dar protagonismo, de oferecer esse espaço como oportunidade para outras pessoas autistas com diagnóstico tardio também. Fonte: Grafite (2024).

Grafite para a arquitetura é quase sinônimo de charme e elegância. O grafite, enquanto mineral, é um excelente condutor elétrico, muito usado em componentes eletrônicos como baterias. Grafite e diamante são feitos do mesmo elemento químico, o carbono, a única diferença entre eles está na estrutura atômica. Também é material utilizado em lápis, lapiseiras, é com ele que, em geral, aprendemos a escrever as primeiras linhas – portanto, nada mais justo que seja com Grafite o início do traçado que dá movimento a esta pesquisa

5.2.2. Cereja

“Borboletas maduras chegavam de pousar nos seus discursos:

— Eu andei muito para enrugar meu couro”

(Manoel de Barros)

Quando Cereja chega à sala agendada para a entrevista, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), no dia 17 de novembro de 2023, é rapidamente notada sua presença marcante. Dona de uma imagem de árvore – com cabelos crespos, como uma espécie de copa, e um sorriso com aspecto de flor. Cereja conversa comigo se autodefinindo apenas com sua idade e nome: *Eu tenho 23 anos e que quero ser descrita pelo meu nome*. Fonte: Cereja (2024). Na sua bio do *Instagram* (2024) se autointitula como *Autista, arteira e artista*. Nessas linhas, busco enxergar Cereja para além do seu nome e idade. Ela recebeu aqui esse codinome para atender um pedido da própria, fazendo menção à música “Cherry” de Lana Del Rey (2017). De acordo com Cereja, a música fala sobre a dualidade do amor verdadeiro, que apesar de poder ser devastador, é quase sempre almejado. A escolha representa sua doçura e intensidade, assim como diz a música.

A cor cereja está localizada entre o rosa, o roxo e o vermelho, com distância o suficiente de cada um desses tons, fato que garante o seu próprio espaço na paleta de cores e na composição desta pesquisa. É uma cor que me transmite calor e pode dar um ar de elegância ao vestuário e à decoração. Por sua versatilidade, o nome da cor traz consigo parte da identidade da personagem: eclética e mutável.

Ela me traz também a referência da cerejeira, árvore frondosa que encanta os olhares de turistas, especialmente no Japão. A cerejeira faz alusão à fertilidade e quando seu florar brota, apresenta, aos meus olhos, a beleza breve da Sakura. É característica dessa floração a delicadeza e o tom singelo. Assim se apresenta Cereja ao longo da sua entrevista, seja falando sobre seu

diagnóstico, seja desabafando sobre questões da sua infância e adolescência. A cerejeira também é reconhecida por sua madeira nobre, de tonalidade avermelhada e excelente qualidade.

Para além de sua madeira forte, a cerejeira também é reconhecida por fazer brotar cerejas. Esses frutos possuem polpa macia, gosto adocicado e refrescante, com propriedades diversas como, por exemplo, anti-inflamatório natural. Vai bem nas sobremesas e licores, mostrando o quão multifacetada a cereja pode ser. Sua colheita deve ser feita com seu pedúnculo, para garantir que o fruto fique intacto. É um cuidado que reforça a fineza desses frutos e que me lembra o quão delicada é a participante Cereja.

5.2.3. Vermelho

“Na língua dos pássaros uma expressão tinge a seguinte. Se é vermelha tinge a outra de vermelho”

(Manoel de Barros)

Eu tenho me identificado muito com o uso de vermelho. Até por uma questão ideológica, quem já me conhece há mais tempo sabe que eu me tornei socialista. E eu tenho um pezinho no marxismo leninista e eu escolho o vermelho também porque representa o cérebro, o sacrifício da classe trabalhadora. Então, essa cor tem um sentido. A extrema direita tem um slogan ‘A nossa bandeira jamais será vermelha’. A bandeira já é vermelha, o próprio nome do país foi baseado no pau-brasil que quer dizer “pedra vermelha”. Só que a extrema direita é tão burra, esse reações são tão burros, até chamar eles de conservadores virou ofensa, porque alguns conservadores são mais amistosos, digamos assim. Mas essa turma aí é reacionária. Cara, eles são tão burros, eles vão ver comunismo até num grão de ervilha. Fonte: Vermelho (2024).

Em 28 de janeiro de 2024, de forma remota, através do *Google Meet*, entrevistei Vermelho e foi assim que ele tomou para si a cor que tenho o maior apreço entre todas as cores. Por conta disso, a princípio pensei em resguardá-la, já que minha predileção pelo vermelho é paixão pública e declarada, assim como minha admiração pela Orixá Iansã, que, além de tudo, também veste vermelho. Porém, diante do seu pedido, jamais negaria o vermelho a essa personagem que o desejou dessa forma. Na sua bio do *Instagram* estão linkadas as instituições da qual faz parte: @abraca.autismo, @vndi.brasil, @psol50. Ele também coloca um contato para encomendas de seu trabalho como desenhista.

Para descrever Vermelho, seguirei os passos do participante, posto que ele é tão didático em suas colocações, tão firme em sua militância, que não me restou dúvidas, que o vermelho de que devo falar é o mesmo vermelho que ele defende com unhas e dentes, ao longo da entrevista. O vermelho de Lênin, também é citado pelo participante Vermelho, *Vladimir Lênin já dizia “Sem teoria revolucionária, a gente não faz um bom revolucionário”*. Fonte: Vermelho (2024).

O tom que aqui falo vem da cor da bandeira vermelha, símbolo do comunismo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). De acordo com Aleksandra Gúzeva (2022), o Exército Vermelho, formado por trabalhadores e camponeses, apoiou os bolcheviques na Guerra Civil, em sua luta pelo poder contra o Exército Branco dos monarquistas. Em 1946 torna-se o Exército Soviético, tendo como seu símbolo a estrela vermelha de cinco pontas, com a foice e o martelo estampados.¹⁰⁶

A cor vermelha tem vocação revolucionária, a sua beleza está em tirar as coisas do lugar, em transformar espaços, países, histórias e vidas. Gúzeva (2022) afirma que esse tom foi considerado também a cor da Revolução Francesa de 1789, representando o sangue da luta do povo francês por sua liberdade. Vem daí também a expressão do vermelho como símbolo dos movimentos primaveris e a tradicional vinculação à parte da esquerda brasileira.

Vermelho é um artista plástico de 30 anos, militante de um partido de esquerda, participante de um Coletivo, que defende a causa da saúde mental, e servidor público. Por tantas razões, o vermelho é de longe o traço que inspira gerações a romper barreiras, como podemos observar na fala do participante, que se sente livre para se auto-descrever:

Indiscutivelmente, eu sou um homem preto autista, cisgênero, não tem que ter vergonha de fazer essa distinção entre cis e trans, principalmente nessa sociedade contemporânea, a sociedade está pautada na diversidade e na pluralidade, a gente não pode ter medo de falar o óbvio. E, mais do que isso, eu sou um homem autista que está se descobrindo bissexual. É a primeira vez que eu estou falando isso de uma forma mais direta, embora eu ainda não tenha falado sobre isso publicamente. Mas eu tô me descobrindo dentro do guarda-chuva da bissexualidade. Lógico, a gente sabe, principalmente com relação ao guarda-chuva LGBTQIA+ que isso traz alguns riscos, mas se a gente não der a cara a tapa e correr esses riscos para poder transformar a sociedade, quem vai fazer isso pela gente? E não ter que ter vergonha de dizer o que é. Fonte: Vermelho (2024).

¹⁰⁶ Para Aleksandra Gúzeva (2022), o emblema da foice e do martelo representa a união do campesinato com a classe trabalhadora. Já a estrela vermelha de cinco pontas é explicada como um símbolo do triunfo das ideias do comunismo sobre os cinco continentes habitados, excluindo Antártica.

De fato, a beleza de Vermelho está em reescrever paradigmas. O lugar que ele ocupa nesta pesquisa é especial, porque da sua história são traçadas linhas de fuga que me convocam a refletir sobre princípio e sobre o futuro. De acordo com Heller (2013, p. 101), “Foi a primeira cor que o homem batizou, a mais antiga denominação cromática do mundo [...] é a cor entre as cores”. O vermelho é a cor do fogo, do sangue, das paixões. Quando desenho as linhas com as falas de Vermelho, fico com a afirmação de Eva Heller (2013) sobre a identidade dessa cor “É o polo oposto ao passivo, delicado azul e ao inocente branco” (Heller, 2013, p. 108).

5.2.4. Verde

“Ver as árvores verdes do jardim. Lembrar das horas mais apagadas. Por toda parte sentir o segredo das coisas vivas”

(Manoel de Barros)

A cabeça responde rápido, quando a palavra é verde, vou direto ao desejo de esperança. A mesma que reverbera em possibilidades de viver melhor, em um mundo mais leve, justo e igualitário, mais verde. É adequado usar a lupa do verde para entendê-lo como não somente uma cor, mas como um adjetivo. O verde também é adotado como identidade da natureza, ainda que esta possua tons diversos. É o verde que predomina nos movimentos ecológicos e faz essa luta fazer sentido. Verde combina com vida, com vitalidade. É uma cor, praticamente, sem rejeição. Quem, em sua consciência, teria desgosto pelo verde?

O verde aqui também foi escolhido por sua proximidade com o amarelo. “O amarelo pertence ao verão assim como o verde à primavera, de onde vem sua conotação de esperança. O verde é o crescimento, o amarelo é a floração” (Heller, 2013, p. 158). De verão à primavera, as estações do ano, de fato, circundam esta tese. Por proximidade, também é justo que o verde esteja ao lado do amarelo, pois foi a primeira personagem que tive contato quando recebi o diagnóstico de autismo de Ernesto. À época conversei com a mãe dele pelo *Facebook*, fato que me ajudou muito para esclarecer dúvidas e reduzir minhas angústias. Então, afirmo, que foi com o verde que cresci, para poder florescer com a luz do amarelo.

No trânsito, o verde significa permissão para seguir em frente. Não à toa, escolhi o verde para representar um personagem importantíssimo, quando falo de autismo, protagonismo autista e net-ativismo. O Verde se autodescreve da seguinte maneira: *Eu tenho atualmente 24*

anos de idade, vou fazer 25 agora, dia 26 deste mês. [...] eu tenho 4 profissões atualmente [...] eu gostaria muito de ser descrito como palestrante, fotógrafo, escritor e assistente terapêutico.

Fonte: Verde (2024). Na sua bio do *Instagram* (2024) ele se define como *Fotógrafo, escritor, artista plástico, atendente terapêutico e tenho autismo. Photographer, writer, artist, therapeutic assistant, and I have autism.*

Foram necessários alguns dias para conseguir um tempinho na agenda de Verde. O primeiro contato com a família foi no dia 22 de janeiro de 2024 e somente em 16 de fevereiro de 2024 consegui realizar a entrevista de forma remota, pelo *Google Meet*. De fato, Verde é um prodígio, ele vai em um só mês de programa de TV em rede nacional a decerramento de placa em evento com dois presidentes, Luiz Inácio Lula da Silva e Emmanuel Macron. O Verde e sua família cruzam o país ministrando palestras com o objetivo de divulgar o autismo e informar às pessoas sobre como *Tudo só é 100% possível, se você tentar 100%*. Fonte: Verde (2024).

O que efetivamente o verde me traz aqui nesta tese é o símbolo de luta pela via da esperança. O verde, enquanto tom que parte da mistura do azul com o amarelo, apresenta-se aqui também como um divisor de águas perante certezas enunciadas, condizendo com sua característica de cor intermediária. De acordo com Heller (2013, p. 193), “Os extremos são excitantes, perigosos. O verde, em sua mais completa neutralidade entre todos os extremos, atua de uma maneira que acalma e transmite segurança”. Foi com o verde que encontrei o ponto de equilíbrio na minha pesquisa, para entender que todos os tons, inclusive o azul, tem sua importância.

5.2.5. Rosa

“Rosa gostava muito de frases em que entrassem pássaros”

(Manoel de Barros)

Quando pensei em começar a descrever Rosa, prontamente se apresentou uma melodia de Pixinguinha (1997), uma valsa, tocada em solo de flauta pelo seu compositor. A música Rosa, que quase sempre me emociona quando escuto, casa perfeitamente com a personagem. Não só pela leveza da valsa tocada com esse instrumento, mas principalmente pela letra que de alguma forma me acalenta em cada nota... “Tu és Divina e graciosa, estátua majestosa do amor,

por Deus esculpida e formada com ardor da alma, da mais linda flor, de mais ativo odor, que na vida é preferida pelo beija-flor...”.

Ouvindo a música, penso que nunca uma letra casou tão bem com uma cor. Pixinguinha (1997) estava certo quando tratou com toda a elegância a Rosa, inspiração que talvez tenha vindo da flor, talvez tenha vindo da cor, mas que, certamente, veio de um amor lírico, em forma de poesia. Cor-de-rosa me dá memória afetiva de uma boniteza pueril, uma cor que lembra a perfeição da pureza. Rosa, enquanto flor, é tão perfeita que parece uma obra de arte que teve cada pétala colocada em seu devido lugar, minuciosamente, pela natureza.

No entanto, ao contrário do que muitos imaginam tendo como estereótipo, rosa não é uma cor romântica, tampouco apenas a cor que popularmente se vincula ao universo feminino. Não há nada de ingênuo no tom rosado. Localizado entre o branco e o vermelho¹⁰⁷, “O rosa, mistura de uma cor quente com uma cor fria, simboliza as virtudes do meio-termo” (Heller, 2013, p. 398). De acordo com Eva Heller (2013), o rosa pode ser considerada uma cor erótica, pois é lida como a cor da nudez. Para essa autora, quando o rosa está mais perto do violeta e do preto, liga-se à sedução e ao erotismo, “[...] o rosa oscila entre a imoralidade e a paixão, entre o bem e o mal” (Heller, 2013, p. 399).

É justo que a participante tenha me pedido a cor rosa e ainda que sua voz seja firme e coerente, é ao mesmo tempo suave e delicada. Nenhuma palavra dita por Rosa é desconexa do tempo histórico vivido por ela, assim como cada pétala está ali colocada de forma extremamente justa. Rosa chegou para mim depois de diversas conversas, que começaram no dia 12 de janeiro de 2024, via *Whatsapp*. Somente no dia 21 de fevereiro de 2024, enfim ela me surpreendeu com o seu “sim” e no mesmo dia marcamos a entrevista, que aconteceu 1 hora depois do seu aceite, de forma remota, através do *Google Meet*. Lembro que estava no trabalho e corri para casa com o coração na boca, cheia de alegria por imaginar que Rosa estaria nesta pesquisa. Recebi a entrevista de Rosa como presente de aniversário de 40 anos, completados no dia 22 de fevereiro de 2024.

Rosa se autodefine na entrevista como *Mulher, autista, 32 anos, artista autista, arte educadora*. Fonte: Rosa (2024) Na sua bio do *Instagram* (2024), Rosa se intitula como *Artista, autista, fashionista, ativista, sereia alienígena, falando sobre autismo, direitos humanos e videogames*. No entanto, a importância de Rosa para esta tese é sem tamanho. Ela foi uma das

¹⁰⁷ “Vermelho e branco são opostos: a força contra a fraqueza, a atividade contra a passividade, o fogo contra o gelo. O rosa é o meio-termo ideal entre os extremos: um poder brando, uma energia não frenética, a mais agradável temperatura para o corpo” (Heller, 2013, p. 400).

fundadoras, em parceria com outras autistas ativistas, da página “Primavera autista”, no Facebook, em 2015. O nome da página surgiu tendo como referência a Primavera Árabe, com o principal objetivo de *Sair um pouco do azul do autismo, mostrar o autismo mais colorido de todas as pessoas, não só 'Ah, o menino branco classe média alta*. Fonte: Rosa (2024). Para mim, é um sinal de que Rosa tinha total dimensão do seu papel político nas lutas em torno da causa e da importância de levar a fala de autistas para o espaço das redes sociais. Rosa iniciou sua busca pelo conhecimento nas redes, fazendo contatos com outros autistas através de grupos do Orkut.

Ao longo da entrevista, que se deu com uma imagem de fundo do mar em tons pastéis, a Rosa foi crescendo, ficou gigante e extremamente consciente do seu papel de militante da causa autista. Para mim, o ativismo de Rosa, que se deu/dá dentro e fora das redes, expressa exatamente aquilo que entendo como *Primavera Autista*, em pleno exercício da educação não-formal, através do net-ativismo.

5.3. O PONTO QUE SE ESTABELECE A PARTIR DO DIAGNÓSTICO

“Aquilo que causa noite dentro de nós também pode deixar estrelas”

(Vitor Hugo)

O desenho cartográfico que se estabeleceu, após o exercício criativo de descrever as cores, convida-me a iniciar a leitura dos dados por um “Ponto de partida”, ou seja, por aquilo que coloca pessoas como réplicas de si mesmas, que estabelece a coisificação, que aqui é representada pelo diagnóstico. A esse ponto aproximo a ideia de signo proposta por Charles S. Peirce (2012), que afirma que um signo é aquilo que, de alguma forma, representa algo a alguém. Pode ser perceptível ou imaginável. Dirige-se diretamente ao outro, criando na mente do destinatário algo equivalente ou mais desenvolvido. “O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto, não em todos os seus aspectos, mas como uma referência, um tipo de ideia” (Peirce, 2012, p. 46).

É exatamente sob este aspecto que o “Ponto” aqui se apresenta, como algo que é criado para uma destinação certa, fiscalista, classificatória e efetiva, capaz de modificar e se impor como um referente estável na vida das pessoas autistas e de suas famílias. Quando trata de

autismo, Orrú (2024, p. 78-79) afirma que “Kanner, em seus estudos realizados a partir da década de 1940, oscilava entre as conjecturas biologicistas e as psicanalíticas pós-freudianas”. Contudo, os aspectos que se firmaram nas dificuldades e desafios, advindos do diagnóstico, permaneceram quase sempre rígidos, como uma barreira de difícil transposição. Causa danos, muitas vezes, irreversíveis às vidas das pessoas autistas.

A supervalorização do diagnóstico fundamentado na doença e no déficit rastreia explicar tudo pela genética, desde violências, homoafetividade, transtornos mentais, dependências químicas, dificuldades no processo de aprendizagem e tudo mais que possa perpassar o indivíduo. À medida que se espiga a cultura da patologização e da medicalização da vida e da sociedade, é desconsiderada brutalmente a subjetividade do sujeito, suas vivências experienciadas, seu sofrimento psíquico, seu modo singular de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, sendo diferente, sendo quem é (Orrú, 2024, p. 84).

Nesta seção seleciono relatos e *posts* que demonstram o quão o diagnóstico do autismo é um fator preocupante e causa insegurança, preconceito e capacitismo às pessoas autistas e suas famílias. Aquilo que denomino “O Ponto” nesta tese é também um lugar de partida para entender que a moldura que as cerca, traz a categorização e o desafio de partir disso para avançar para além da delimitação e da exclusão. Na sequência trago relatos, colhidos por meio das entrevistas, sobre a descoberta de diagnósticos e suas nuances, começando com Cereja e Rosa:

Eu tenho o diagnóstico, alguns diagnósticos, de Transtorno Global do Desenvolvimento, por exemplo, desde quando eu era criança, porque eu apresentei muitos atrasos. Mas foi sempre tido como, a explicação que a gente teve, eu e minha família, foi sempre como um problema, uma dificuldade, uma coisa que ela vai, que ela não vai ser normal, igual às outras crianças. Mas nunca de fato o quê que era. Eu só consegui ter essa explicação do quê que era quando infelizmente eu fiquei internada por um tempo, até que a equipe do hospital, o Hospital da UFS teve esse cuidado de sentar comigo e me explicar, desmistificar vários tabus, e eu acredito que isso tenha ajudado bastante. Fonte: Cereja (2024).

Mas a questão é que, ao mesmo tempo que é uma questão, já cientificamente comprovada genética, transtorno do neurodesenvolvimento, tem um aspecto completamente biológico aí, que é inegável. Ao mesmo tempo, é uma construção social e, sim, o que não é uma construção da sociedade quando a gente vive em sociedade? Mas assim, o diagnóstico de autismo como a gente conhece surgiu porque existiu todo um contexto histórico do qual a gente selecionou essas pessoas que se comportam dessa forma para cair dentro desse mesmo diagnóstico. Desse mesmo critério, se existisse um universo alternativo, talvez, considerassem TDAH e Autismo no mesmo transtorno, num outro universo, talvez, eles consideram diferentes níveis de autismo com diferentes transtornos. Assim, é muito complicado, porque, embora tenha todo o aspecto biológico que não tenha como se apagar de qualquer forma. Não tem como a gente tirar o aspecto social, que existe muito de como a sociedade decidiu tratar a pessoa que é diferente, como a sociedade decidiu

lidar com o que decidiu que era o típico, que não era o típico que não era típico. Decidiu o que era aceitável ou o que não era aceitável. Fonte: Rosa (2024).

O diagnóstico carrega em si, muitas vezes, uma proposição que evade da ideia de normalidade, daquilo que é socialmente aceitável e que pode ser tolerado dentro de um contexto social determinado. De acordo com Foucault (2002), o que está designado nesses códigos e fórmulas não é apenas a doença ou a patologia, mas formas de loucura – que aqui contextualizo como formulações que nomeiam transtornos – que são percebidas como “defeitos”. Em muitos casos, a escola é a primeira a sugerir à família a possibilidade de busca de possíveis explicações para comportamentos que se apresentam como “indesejados”, “inadequados”, “anormais”.

A escola exigiu que minha mãe me levasse para psicóloga para saber o que tinha de errado comigo, porque eu me machucava, quebrava as coisas na escola, eu gritava, eu saía da sala, eu gazeava aula e ficava na biblioteca, esse tipo de coisa. Aí primeiro foi psicólogo, depois eu tive acesso lá na escola mesmo à sala de recursos da escola, que foi importante para mim também e, depois, outros tipos de terapia. Comecei a fazer atividade física, ballet, comecei a fazer ballet na adolescência, o que me ajudou bastante também. E agora eu faço equoterapia, faço natação e faço a psicoterapia. Fonte: Cereja (2024).

Antes do diagnóstico eu nunca tive acesso a nenhum atendimento terapêutico e até certo ponto é bastante natural porque se hoje a gente não debate autismo com a amplitude que a gente deveria, imagine há 30 anos, em que muitos mitos e até informações inadequadas eram compartilhadas em relação a isso. Então, após o diagnóstico eu fiz acompanhamento psiquiátrico, comecei acompanhamento psicoterapêutico, mas não consegui manter. Inclusive, terapia medicamentosa, com o uso do canabidiol, que ainda não é tão acessível para todo mundo, como eu sou uma pessoa que, além de autista, como muitos, também é TDAH, hiperativa, o uso do canabidiol me ajudou muito e, só no último ano, mas exatamente nos últimos seis meses é que eu consegui manter o acompanhamento terapêutico, psicoterapêutico, mas também não faço todas as terapias que eu fui orientada a fazer por questões de acessibilidade mesmo, são muito caras, ou difíceis de encontrar profissionais aqui que tenham o bom senso de atender autistas adultos porque eles só querem atender crianças. Fonte: Grafite (2024).

Com o relato de Cereja e Grafite, é possível observar que o diagnóstico – que é observado pela escola como uma fuga da “normalidade” – por outro lado se apresenta como uma possibilidade de viabilização de tratamentos terapêuticos e segurança legal, pela via do direito. É relevante ressaltar que aos autistas, independente da faixa etária, são garantidos todos os direitos legais que são devidos às pessoas com deficiência, graças à Lei nº 12.764/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Entretanto, ainda assim, observo que são necessárias campanhas constantes de conscientização, pela garantia do mínimo necessário ao respeito dessa legislação, que afirma em seu Art. 3º, Inciso I, como direito da pessoa com transtorno do espectro autista: “I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer” (Brasil, 2012, *on-line*). O *post* de Verde é um exemplo da necessidade constante da reivindicação em prol do bem-estar de pessoas autistas:

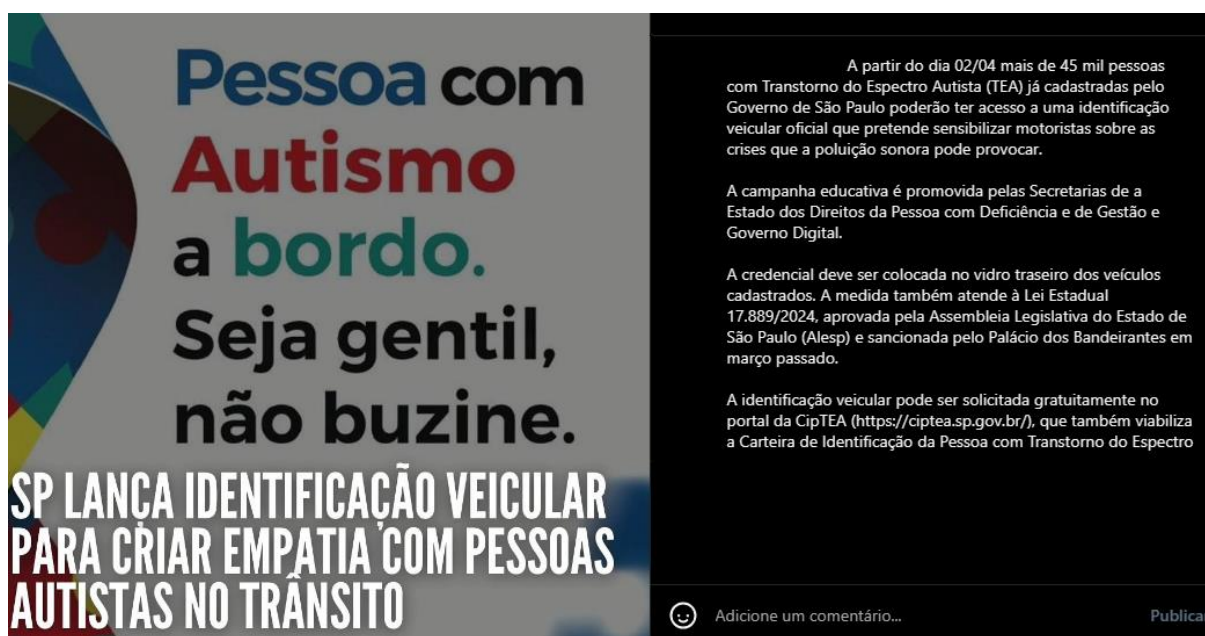


Figura 9: Campanha de conscientização sobre o autismo
Fonte: Instagram de Verde (2024)

Nesse sentido, Vermelho faz uma observação incisiva, quando afirma que sem uma organização coletiva, os autistas seguirão tendo seus direitos negados. Ele defende que os mesmos somente poderão assegurar essas garantias legais, através de uma estratégia de militância e luta coletiva contra a exploração de seus corpos pelo biopoder, conforme dito a seguir:

Cada autista é único, que os autistas têm que se unir para conquistar direitos. Sem uma consciência coletiva, sem a consciência de classe, a gente vai continuar

tomando porrada dessa ABA. [...] O caminho é a organização coletiva e o enfrentamento direto, se a gente for ficar esperando a boa vontade desses caras, não vai adiantar de nada. A gente vai continuar sendo saco de pancada e pior do que isso, a gente vai continuar sendo explorado, porque a gente tá numa situação de exploração. Os médicos especialistas, essas entidades reacionárias, eles vivem de exploração. Fonte: Vermelho (2024).

Saindo do campo do coletivo, através dos *posts* de Rosa, também é possível pensar sobre as dificuldades impostas de forma particular a cada autista por conta do diagnóstico. Deleuze e Guattari (2012c), inspirados pelo pensamento espinozista, que reflete sobre “O que pode um corpo”, afirmam que “Às relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou modificam, correspondem intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes” (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 44). A participante, de forma muito honesta, exhibe em suas redes os limites de seu corpo e como seus afectos funcionam diante dessas questões:

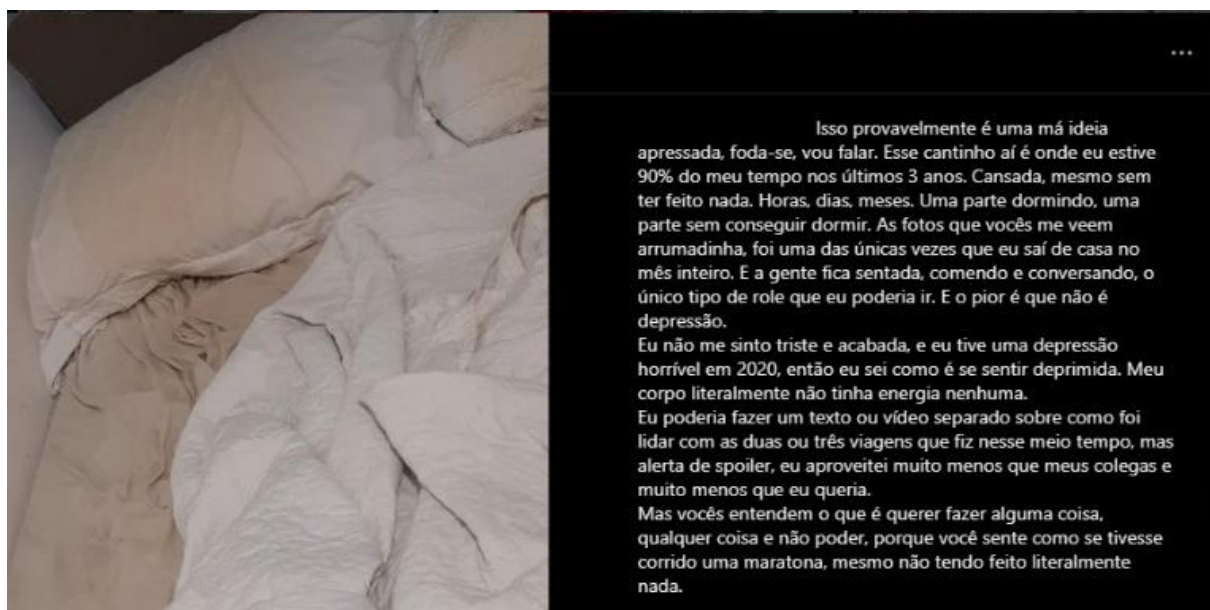


Figura 10: Desabafo de Rosa sobre sua saúde mental 1

Fonte: Instagram de Rosa (2024)

Talvez algumas pessoas saibam que tenho feito streaming na twitch, porque me parece a única forma de ganhar algum dinheiro, já que ter emprego nesse estado é literalmente impossível, porém nem sempre tenho consistência e muitas vezes cancelo a streaming por não estar em condições. Vou repetir pra deixar mais claro: por vezes estou tão cansada que sequer consigo jogar videogame. Sem ter feito PORRA NENHUMA. Eu vivo a base de ifood por não ter energia pra fazer comida, eu nunca mais pinteí um quadro e nem esculpi em biscuit. E é por isso também que minha participação no ativismo diminuiu muito. Eu raramente vou a audiências e reuniões. Não lembro a última vez que dei uma palestra. E eu gosto muito de fazer tudo isso. Sinto muita saudade. Espero no mínimo que esse texto faça alguém na mesma situação que eu se sentir menos sozinho. Pra quem ainda não sabe, leia sobre a teoria da colher. Entender um pouco sobre como é viver desse jeito. Pra não terminar triste, quero dizer que estou sendo acompanhada por médica e tenho esperança de que o tratamento vai dar certo e vou recuperar, pelo menos metade da energia que tinha antes. Só isso já vai estar bom pra mim.

Figura 11: Desabafo de Rosa sobre sua saúde mental 2

Fonte: *Instagram* de Rosa (2024)

Ao ler o relato corajoso de Rosa, é possível perceber o quão desafiador pode ser lidar com as questões que perpassam o diagnóstico e que refletem diretamente no funcionamento do seu corpo. O diagnóstico de autismo quase nunca anda sozinho. É capaz de desenhar uma série de nuances nas vidas dessas pessoas. São sintomas que reverberam em todos os aspectos de suas vidas. É muito cruel esse movimento de mascaramento social para pertencer a um determinado espaço que os autistas fazem, o qual simplesmente se comportam com indiferença. Sobre esses desafios, Orrú afirma (2024, p. 185) que “No desencadeamento desse caos altamente dimensionado pela camuflagem social e em razão do subdiagnóstico, elas recebem menos atenção e apoio de profissionais da saúde”.

É importante salientar que Rosa é uma adulta autista que teve acesso à escolarização, cursou o ensino superior, é reconhecida e respeitada pela comunidade autista. Esse fato me alerta que o “apenas ser autista”, possuir um diagnóstico, é uma condição que, por si só, é preocupante. Pesquisas apontam que “ser autista” é um fator que potencializa, inclusive, a probabilidade de suicídio.

Tendo em vista que o presente estudo trata de jovens e adultos com TEA, dados de pesquisas científicas do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos EUA revelam que o índice de suicídio em jovens entre 15 a 29 anos com TEA tem sido de nove vezes maior do que em jovens sem o TEA. O autoextermínio tem sido mais comum em jovens com TEA considerados leves devido à pressão que eles sofrem em lidar com as dificuldades de estar no espectro e a cobrança por terem uma atitude próxima à “normalidade” dentro da sociedade (Silva, 2022, p. 38-39).

Peter Pál Pelbart (2021) afirma que a patologia mental é uma construção histórica, não é um produto dado. Em cada um dos depoimentos encontro desígnios, rótulos, descabimentos gerados por condições históricas e sociais que nomearam comportamentos humanos e os designaram como doença, patologias, anormalidades. Verde relata que quando ele tinha 12 ou 13 anos, sua mãe escolheu narrar a sua chegada trazendo a ideia da pureza de um anjo, que me remete à imagem do “Anjo azul” (uma das imagens figurativas mais presentes quando falo sobre os estereótipos que contribuem com a criação da *Identidade Autista*) e como isso foi importante para ele:

[...] era um ser humano muito especial e que eu estava em uma reunião com vários anjos no céu e fazendo uma promessa de quando eu ia nascer nessa terra e depois ela me falou que eu era um anjo muito especial que faria um casal muito feliz nessa terra, que no caso são os meus pais. Então, ela me explicou com essas palavras e eu aceitei o autismo super tranquilo e tal. E eu, particularmente, não consigo me ver de outra forma [...] porque isso me ajudou mais a ter a consciência de que isso seria uma comunidade, mais para frente, e que muitas pessoas iriam ter assim, vamos dizer assim, compreensões. Então era só tipo qualquer coisa, se eu tivesse que conviver com a sociedade, eu teria que explicar às pessoas, ‘Ah, eu tenho autismo’. E eu tô ainda aprendendo sabe? Porque eu tenho... eu fui diagnosticado com uma série de coisas né? Eu fui diagnosticado com discalculia, eu fui diagnosticado com DI, fui diagnosticado com deficiência intelectual leve por áreas. Então isso aí já foi essencial meus pais terem me falado, para eu já adiantar para sociedade, para as pessoas terem um pouco mais de paciência né, para trabalhar mais com a inclusão. Fonte: Verde (2024).

É como se o diagnóstico trouxesse consigo também uma ideia de coletivo - de comunidade e pertencimento - no qual as dificuldades e desafios são compartilhados coletivamente na perspectiva de ajuda mútua, fato que considero um dos maiores ganhos da concepção de *Identidade Autista*. Nesse contexto, as redes também se apresentam como espaços abertos que suscitam trocas, um respiro que ocorre por meio da identificação, que é mediada pelo diagnóstico. Nesse contexto, é possível perceber o quão o movimento das linhas, pensadas por Deleuze e Guattari (2012d), é dinâmico, podendo uma linha molar se transmutar em linha de fuga e vice-versa, e a própria identidade ter a intensidade do devir. Como é possível observar no post de Grafite e de Rosa:

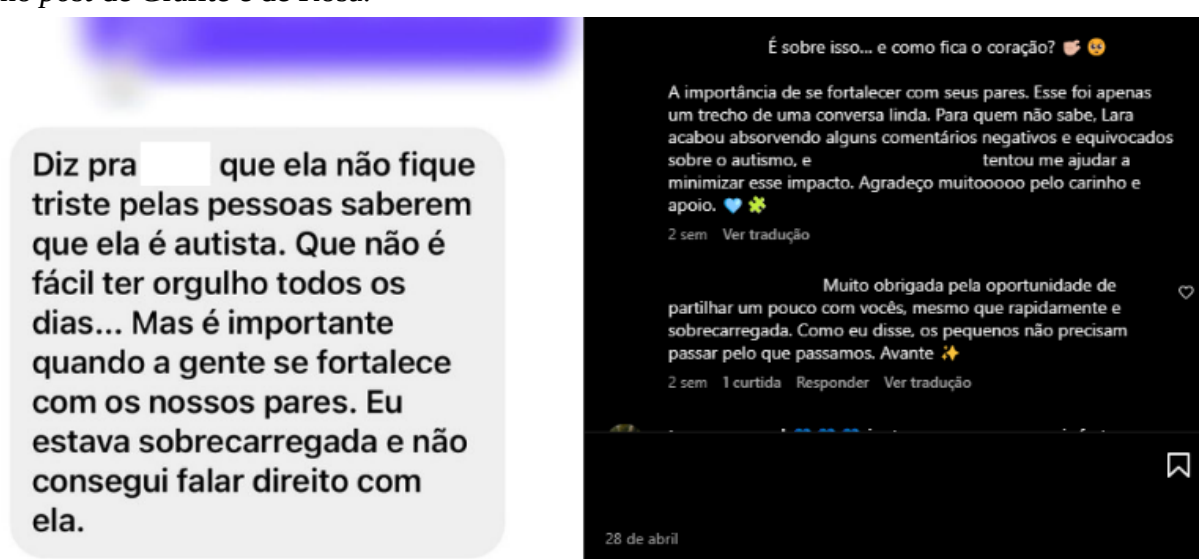


Figura 12: Acolhimento de Grafite a uma pessoa diagnosticada com autismo
Fonte: Instagram de Grafite (2024)

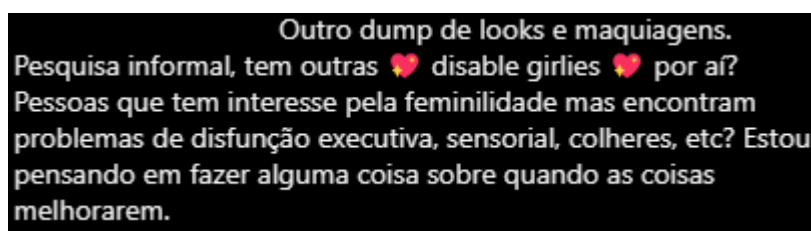


Figura 13: Buscativa de Rosa por pessoas com os mesmos eixos de interesse
Fonte: Instagram de Rosa (2024)

Diante desses dados, percebo que o “Ponto”, advindo do diagnóstico, tem vinculação direta com uma perspectiva de identidade que demarca aquilo que se é. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2009, p. 76), “[...] a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença”. Com suas palavras, Grafite explica o lugar de importância que a

identidade adquire na sua vida, seja na forma como passou a se compreender em relação à sua diferença, seja sobre as possibilidades que se abriram após o diagnóstico:

Foi muito importante em relação a praticamente tudo da minha vida, porque apesar de eu ser uma pessoa que teve alguns privilégios, mas a gente não deixa de vivenciar uma sensação de estranhamento, uma sensação de não-pertencimento ao longo da vida, que obviamente é acentuada em relação a outras marcas sociais. Então, eu costumo dizer que eu não sou o autismo, eu sou autista e também costumo dizer que o diagnóstico não resolve nossa vida, mas ele funciona no sentido de viabilizar para gente o acesso à informações muito importantes, o acesso a outras pessoas autistas com quem a gente pode compartilhar experiências e também às próprias terapias e medicações, se forem necessárias, e no sentido de a gente não se sentir mais tão estranho ou tão culpado por isso, porque quando a gente vivencia o lugar de mulher, por exemplo, e sofre uma situação de machismo, a gente sabe que é porque a gente é mulher, quando uma pessoa negro vivencia uma situação de racismo, ela sabe que é por causa da cor dela, e quando a gente cresce a vida inteira vivenciando uma sensação de não pertencimento, a gente não sabe o que é, a gente não tem um nome para isso, não tem quem buscar, a gente não tem para quem falar, muitas das pessoas ao nosso redor não se sentem assim. Então, é muito importante ter um nome, não para justificar as coisas, mas para gente ter acesso à orientação e para ter uma qualidade de vida melhor. Fonte: Grafite (2024).

O relato de Grafite me lembra que, com a ideia de identidade, com a fixação da mesma, também vem, de acordo com Silva (2009), um binômio que oscila entre inclusão e exclusão. Dizer o que somos também acarreta em dizer o que não somos. Para esse autor, “Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade em geral ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’” (Silva, 2009, p. 82). Essa percepção aparece de forma clara na passagem abaixo:

Antes do diagnóstico a gente não sabe porque né e depois do diagnóstico, inclusive tem algumas pessoas que dizem que a gente acaba ficando mais autista, e não necessariamente é isso, mas ao mesmo tempo também é, na perspectiva dos olhares dessas pessoas, porque como a gente fica mais confortável, a gente tem esse entendimento sobre a gente, que cada autista vai ter de acordo com suas condições, rede de apoio, é um processo de auto compreensão diferente para cada um, afinal de contas, nenhum autista é igual. A gente percebe esses olhares sim, de estranhamento, de julgamento mesmo e principalmente quando você quer usufruir e você está ali para usufruir dos seus direitos e você tem os seus direitos questionados, porque as pessoas nos leem, ao primeiro momento como uma pessoa incapaz, como uma pessoa defeituosa, entre aspas, como uma pessoa que não é funcional, que infelizmente é a base do senso comum da sociedade, quando se pensa em pessoa com deficiência, que nós deveríamos estar isolados, trancados em instituições, a gente ainda escuta isso, infelizmente, ou até trancafiados em casa mesmo. Infelizmente ainda tem pessoas que ainda falam isso, que a gente não devia ocupar determinados espaços e incomoda quando a gente passa a ocupar esses

espaços, incomoda quando a gente passa a autistar sem se importar, ou sem se importar tanto com o que essas pessoas vão pensar. Fonte: Grafite (2024).

A fala de Grafite anuncia um tensionamento que é a raiz desta tese, afirmando que no mesmo lugar que traz alguma segurança, também há uma percepção limitada que emoldura autistas. É exatamente por isso que chamo de “Ponto”, todas as questões que envolvem o diagnóstico. Para mim, o “Ponto” é uma estrutura, que de acordo com Deleuze e Guattari (2012b), ocupa-se “[...] apenas de pontos e de posições, de arborescências, e que sempre fechou um sistema para impedi-lo de progredir” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 84).

5.4. O MOLDE ENQUANTO CONCEPÇÃO DA IDENTIDADE AUTISTA

“Toda gente é interessante se a gente souber ver toda a gente. Que obra-prima para um pintor possível em cada cara que existe! Que expressões em todas, em tudo! Que maravilhosos os perfis todos os perfis! Vista de frente, que cara qualquer cara! Os gestos humanos de cada qual, que humanos os gestos!”

(Álvaro de Campos/Fernando Pessoa)

Em um segundo momento, avanço para afirmar que a Primavera só existe porque os participantes desta pesquisa se reconhecem enquanto autistas, dentro de uma episteme de identidade que sustenta o imaginário do que denomino como *Identidade Autista*. Esta seção tem como objetivo elucidar as tensões que surgem no cotidiano dessas pessoas, pelo simples fato de terem o diagnóstico de autismo, e como as mesmas utilizam essa identidade para se fixar em condições que lhes impõem a autoafirmação. É nesse território cercado que desenho algo próximo àquilo que Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012b) entendem como o funcionamento da identidade, enquanto linha molar, que traduz um sistema linear que é horizontal ou vertical, ou seja, localizável, que fornece estatutos binários bem definidos e um sistema de sobrecodificação que nos domina.

Dentro dessa perspectiva, o molde é o que se apresenta a partir do enrijecimento da linha, o que dá segurança, no entanto também delimita. É dessa classificação, que tem um desenho molar, que surge uma norma, que no caso do autismo está categorizada em manuais médicos. Dessa maneira, o diagnóstico de autismo aqui se configura como um objeto de norma e controle, um dispositivo que molda os corpos das pessoas autistas, fixando-os em uma

identidade. Segundo Silva (2009, p. 83), “Fixar uma identidade como norma é das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças”.

Quando olho pela perspectiva da área educacional, sobre os caminhos que se apresentam para a aprendizagem dessas pessoas, busco refletir até que ponto estou vendo para além do diagnóstico ou nos prendendo a esses “rótulos” da identidade. Conforme afirma Silva (2022, p. 31-32), “É característica do modelo médico ter o profissional da área médica no comando e a pessoa com deficiência tendo de se acomodar às expectativas da realidade posta por este profissional. Ele induz a desconsideração do entorno e da história da pessoa deficiente”. É papel do modelo médico fixar, demarcar “território”, capturar, “criar cercas”, desconsiderando os processos de subjetivação de cada pessoa e sua história de vida. Porém, à escola cabe pensar em estratégias de aprendizagem e, para que isso ocorra, é fundamental acolher cada pessoa e suas singularidades, independente de normativas médicas, sociais e econômicas. De acordo com Orrú (2024, p. 19), nesse modelo

[...] prepondera a âncora fisiológica em detrimento da psíquica nos estudos da psiquiatria que elege constituintes como indicadores de presença de um transtorno mental. Em outras palavras: se preenchidos os critérios de pertencimento por meio de sinais e sintomas de um transtorno, pouco lhes interessa conhecer o sujeito em sua subjetividade, em suas particularidades únicas.

Em contraposição ao paradigma médico, no qual o rótulo tende a prevalecer em meio a relações de força, a fala de alguns dos participantes me lembra a importância de conceber a pessoa, em detrimento do diagnóstico, em detrimento das fronteiras que esse diagnóstico cerca. Assim como está posto no modelo social da deficiência, que tira o foco do poder da medicina, com suas bases neuropsiquiátricas e que inclui termos como evidências científicas, transtorno, neuroatípico, para transpor as âncoras excludentes que são de responsabilidade da sociedade e não das pessoas com deficiência. Portanto, é a forma como nos organizamos, enquanto coletivo social, que impede que as pessoas sejam incluídas. O que o modelo social de deficiência expõe é a base frágil que nos sustenta enquanto sociedade.

O modelo social parte da existência de uma diferença humana, não coloca o corpo humano como uma barreira, porque a barreira é o jeito que olhamos para a deficiência. Por isso, o modelo social é mais sobre como nós pensamos acerca da deficiência. A pessoa deficiente é que está no comando e percebe o que está errado, o que está faltando na sociedade, o que precisa mudar, demonstrando ter uma diferença e uma expertise que realiza para viver (Silva, 2022, p. 33).

Essa proposta foi elaborada pela primeira vez pelo sociólogo Paul Hunt (1966). As principais premissas que acompanham essa definição de deficiência postulam que: a deficiência

é uma situação, algo que sistematicamente acontece durante a interação social; a deficiência deve ser erradicada; insere determinantes advindos das discussões acerca da interseccionalidade, ampliando o olhar sobre a pessoa, considerando que as pessoas com deficiência devem assumir o controle de suas próprias vidas, tendo como principal objetivo o desenvolvimento da autonomia e da independência. O modelo social é um instrumento essencialmente político para a interpretação da realidade, com fins de transformação social. Quando transponho essa realidade para o autismo, é possível compreender que há um claro tensionamento entre duas correntes teóricas que atualmente se chocam quando considero os movimentos sociais que defendem a causa:

O Modelo Médico tenta buscar a cura, consertar, reparar, remediar, melhorar a “deficiência”. Os autistas são aproximados o máximo possível de uma norma ou são ajudados a enfrentar a deficiência da melhor maneira possível. Já o segundo grupo, nomeado de “neurodiversidade”, busca ser aceitos e compreendidos pela sociedade do jeito que são, não aceitando buscas por curas ou outras formas de pesquisa da área médica para atenuar os sintomas do autismo. [...] O Modelo Social da deficiência trouxe fortes questionamentos para o rompimento com a carga de incapacidade posta para a deficiência. Em se tratando do autismo, o movimento chamado de “neurodiversidade” surgiu como resposta ao Modelo Médico, propondo o TEA como formas diferentes de o cérebro funcionar (Silva, 2022, p. 37-38).

Todos os participantes são consonantes ao defender uma escola que preze pela inclusão, com suporte adequado às suas necessidades, e que os enxergue para além do modelo médico da deficiência, como é possível observar nas falas em defesa da escola regular e inclusiva. Quando perguntados se escolheriam estar em uma escola regular ou especial, ainda que ressaltem todas as dificuldades encontradas nos processos de inclusão, responderam da seguinte forma:

Eu continuaria com a escolha de estudar em uma escola regular, mas eu teria escolhido ter mais suporte na escola regular, principalmente do governo. Ter um professor de apoio na escola ia me ajudar bastante, ter questões de conscientização para os alunos, que aí eu não iria sofrer tanto bullying, não vejo como me ajudaria ser afastada dos meus colegas só porque eu tenho autismo, por exemplo. Fonte: Cereja (2024).

Eu acho que eu ainda optaria por uma escola regular com o devido suporte, com o devido apoio e orientações para isso, porque eu não acredito que segregar seja uma opção. Eu vejo outros colegas autistas mais novos, sofrendo muito com adaptações na universidade, por exemplo, e relatando experiências, também, bastante sofridas na escola, geralmente relacionadas a um nível de suporte maior, a características que são mais visíveis. Então, de certa forma, essa pessoa acaba ficando mais exposta e mais vulnerável, principalmente ao bullying, por exemplo, mas se essas pessoas também tivessem tido acesso a uma rede de apoio, um suporte adequado, a gente precisa dessa interação sim, foi muito sofrido para mim vários momentos, mas eu aprendi muito ali também, então eu não acredito que a gente

deva ser segregado, mas que a gente precisa estar nesses espaços sociais para realmente aprender, desde que a gente tenha o suporte adequado para isso. Então eu era uma pessoa que eu odiava apresentar, hoje se eu tiver em um espaço com condições adequadas, tendo passado por todo o procedimento de previsibilidade, de planejamento, de roteiro, estando razoavelmente confortável, eu prefiro apresentar, eu prefiro falar sobre aquilo que é do meu interesse, é claro, quando não, não. Então é outra percepção que a gente tem, que a gente passa ter com o diagnóstico tardio, que a gente aprende, tudo que a gente aprende pagando um preço muito alto por isso. Mas, se eu também não tivesse passado por certas experiências, eu não teria aprendido tudo que eu aprendi. Óbvio que eu não concordo com todo aquele clichê de resiliência. Eu não acho que a gente tem que aceitar o que a gente é, em relação a tudo que a gente passou. Eu acredito sim que eu não deveria ter passado, assim como meus colegas não deveriam vivenciar tantas situações de violência, de sofrimento sim, se tivesse tido o apoio necessário e quando eu falo de apoio necessário eu não estou responsabilizando necessariamente a família, eles também não sabiam, eles não têm culpa em relação a isso. Tô falando de estruturas sociais mesmo, políticas públicas dentro da escola, das universidades, nos espaços de trabalho, que a gente é muito negligenciado, que a gente é muito criticado pelas nossas características e acho que essas são as principais informações em relação a esse tema. Fonte: Grafite (2024).

Escola regular, em primeiro lugar você tem que tá em escola regular, a escola é que tem que se virar para garantir a acessibilidade. O poder público tem que parar de entender a acessibilidade como gasto e eu passei pelos colégios lá, a vida inteira eu estudei em escola regular, eu não me arrependo. É bem verdade que foram vários perrengues, mas se eu fosse passar, por exemplo, por uma sala especial eu ficava isolado, sabe? Fonte: Vermelho (2024).

Eu acho que eu escolheria a escola regular, porque a escola regular ela me deu provas de que eu poderia trabalhar mais a minha independência e fora que teve as lutas do direito da inclusão. Então eu acho que a inclusão misturada no caldeirão junto com a diversidade de matérias para se aprender de uma maneira um pouco mais simplificada, eu escolheria a escola regular. Fonte: Verde (2024).

[...] eu sempre considero importante também o fato de ter estudado em escola que tinha acessibilidade, na maior parte das vezes. De ter tido aula de Artes e Educação física e todas as coisas que eu acho que não são chamadas de terapia, mas que eu acho importante também, entender uma criança, seja autista ou não. Fonte: Rosa (2024).

Em mais uma fala de Rosa, é possível observar a reflexão acerca da importância da oferta de tecnologias assistivas e suporte necessário para garantir a aprendizagem nos sistemas de ensino:

Não é que estão te subestimando, todo o sistema educacional está errado e contra todas as pessoas e o certo seria que isso acontecesse para todo mundo, que o ensino fosse individualizado para todo mundo ok? Isso é para você não ficar tanto em desvantagem em relação às outras pessoas, que não têm os mesmos problemas que

você tem. E aí na faculdade, graças a Deus, eu fiz a UnB, e eles têm DACES. Na época que entrei ainda era chamado de PPNE. DACES é Diretoria de Acessibilidade e PPNE é tipo Programa de Apoio à Portadores de Necessidades Especiais, alguma coisa assim. E aí né, foi justamente por causa disso, que eu tava começando tipo, começando a enfrentar problemas na Faculdade. Eu fui querer ir atrás de entrar nesse sistema de acessibilidade, que eu comecei a pesquisar sobre autismo e isso aí que me levou a todo o ativismo. E aí é uma coisa que tipo se não tivesse, se eu não tivesse entrado com esse programa de acessibilidade, eu não teria conseguido me formar. E eu lembro de outras pessoas na minha família que não conseguiram se formar porque não tinham diagnóstico, ou porque negam que seja autista, pessoas de gerações passadas e o quanto que poderia ter sido diferente na vida deles, se tivesse tido o diagnóstico ou se tivesse se aceitado, ido atrás de adaptações. Fonte: Rosa (2024).

Em outro trecho, Rosa é ainda mais enfática na defesa da inclusão, quando faz uma crítica direta ao modelo utilizado pelas APAE. Afirma que sua experiência, enquanto estagiária dessa instituição, fê-la perceber os processos de infantilização das pessoas autistas adultas e as limitações (que ela chama de “presunção de incompetência”) que as instituições de escolarização especial podem imputar na continuidade do fluxo da vida estudantil:

Pois é, lá na Faculdade, eu fui fazer, eu fiz Licenciatura em Artes Visuais, E um dos estágios obrigatórios que eu fiz foi na APAE. Então, eu fui lá, fui dar aula para eles, eu vi, e assim. Eu vejo que ainda rola muita infantilização, ainda acontece muita presunção de incompetência e a gente tá falando assim de uma das talvez melhores APAES do Brasil, mesmo assim continua acontecendo infantilização. E, tipo assim, quantas pessoas saem de lá para fazer uma faculdade? Eu tenho uma amiga, que ela estudou em escola especial a vida toda e ficava ouvindo as pessoas que nunca ninguém saia de lá para formar em faculdade. Então ela meio que teve que fugir, entre aspas, da educação especial para se formar. E aí também, quanto, quando eu consegui tá numa época mais boa, eu consegui fazer amizades, eu tive experiências muito importantes com o tanto de coisa que eu aprendi mesmo estando lá, quanto que eu teria sido negada de todas as oportunidades de aprendizado e teria aprendido muito menos se eu tivesse em uma escola especial. [...] Se você usar esse argumento a gente acaba com as classes especiais amanhã (risos). Esse argumento é perfeito, eu nunca tinha pensado nisso e é verdade. Se a gente olhar, fizer um panorama, quantas pessoas que estão em APAES, enfim, avançam né, conseguem independência, autonomia, crescer profissionalmente, é muito limitante né? É isso mesmo. [...] É completamente diferente também, tipo, escola especial quando a gente tá falando de criança, adolescente que ainda tá em desenvolvimento, ou um CENTRO DIA, uma pessoa que já é adulta, que já é idosa, são coisas completamente diferentes que a gente não pode misturar também. Quando uma pessoa tá em pleno desenvolvimento a gente tem que estimular. Eu não acho que seja um problema conviver com apenas pessoas com deficiência. Eu acho que isso é um argumento errado também, “Ah, porque se não conviver com gente normal não vai melhorar por assim dizer”. Eu não gosto dele de jeito nenhum. Mas assim, quando a gente também fica encaixotando pessoas, porque tipo, “Ah, porque o autista aprende desse jeito, porque o cego aprende desse jeito,

o neurotípico, sem deficiência, vai necessariamente aprender desse jeito”. E na verdade não é assim, às vezes, sei lá, uma forma visual de você ensinar né, com mais recursos visuais vai ser bom tanto pro autista, quanto pro surdo, quanto pro neurotípico que também tenha um cérebro um pouco mais visual. Às vezes uma forma mais musical vai ser bom pro cego, vai ser bom para pessoa sem deficiência que também gosta de música, vai ser bom pro TDAH. A gente não pode classificar as pessoas entre a forma de aprender e a forma de ter uma deficiência. Não são necessariamente a mesma coisa e às vezes a pessoa sem deficiência, pode se beneficiar da forma como estão ensinando lá nas classes especiais porque ainda insistem em encaixotar as pessoas, a todos os estudantes como uma única forma de aprender. E, sim, das melhores escolas especiais que eu conheço a minha impressão saindo de lá é que ‘Porque não fazem isso também numa escola regular, porque não? Ah, a gente vai ensinar com horta, a gente vai ensinar com música. Ah, porque você não ensina isso nas escolas regulares? Porque não são todas as escolas assim?’ Fonte: Rosa (2024).

Compreendo, a partir dos posicionamentos dos participantes, que a inclusão escolar, enquanto um movimento, imprime tensões diversas, conforme afirma Tatiana Luiza Rech (2013, p. 25),

A palavra *inclusão*, por ela mesma, remete-nos a um movimento que pode ser pensado de diferentes formas, se levarmos em conta as diferentes épocas históricas das quais fez e ainda faz parte. Para alguns falamos de um processo, de um conceito, de uma ideia que denota salvação. Já a meu ver, falamos em práticas, em um movimento que tem se (re) configurado no Brasil.

Atualmente a inclusão, que já possui um arcabouço legal sólido no Brasil, passa muito menos por decretos e leis e muito mais por práticas pedagógicas, que possam ser entendidas como, de fato, inovadoras. O fazer docente deve ser estabelecido a partir de um diálogo constante com a sociedade, funcionando, verdadeiramente, a favor da compreensão dos processos de subjetivação de cada pessoa. O foco da dificuldade não pode estar na deficiência, na pessoa, mas sim na organização, estrutura e funcionamento dos sistemas de ensino, conforme reflexiona Rosa:

É tipo, a lei que tá no papel que eu gostaria que fosse cumprida? Hum, tem tantas, tem tantas... mas eu acho que sim... o que eu queria mesmo era destruir completamente a forma como o sistema educacional existe hoje para todo mundo e reformar para todo mundo, pra ser melhor pra todo mundo. Isso beneficiaria não só o autista, mas literalmente todas as crianças, é isso. Porque tá, eu acho que os direitos às cotas sejam, elas dão vestibular, concurso, escola, qualquer coisa né, se a gente for reconhecido legalmente como PcD em todas as instâncias acho que já ajuda né. Isso vale pra várias coisas também para benefício de prestação continuada, todas as coisas que têm perícia que eles negam à gente, se a gente fosse sempre reconhecido como PcD acho que já ajudaria bastante. Sem precisar ter que

provar né, ter que ficar se provando... Sem precisar ter que ficar esbarrando em um monte de preconceito né de gente que não entende nada de autismo. Fonte: Rosa (2024).

A partir da avaliação de Rosa, acerca do sistema educacional, é possível perceber que a educação aparece entre os participantes como uma das bandeiras de luta, em defesa dos direitos das pessoas autistas. Compreendo que estar inserido nos sistemas educacionais, especialmente considerando os desafios encontrados nos mesmos, também é uma forma de lutar e garantir o acesso à educação para todos. É dentro desses territórios, que são espaços que fazem parte do nosso cotidiano, que o ativismo autista também se apresenta.

Assim como Rosa trouxe em seus relatos estratégias de luta dentro dos espaços educacionais nos quais esteve presente, Cereja também demonstra seu enfrentamento, sob a fronteira que resguarda a *Identidade Autista*, quando afirma que já militou em torno da causa para garantir seu direito à fila prioritária:

Eu tenho muita dificuldade em manter em filas, e eu sempre ando com um crachá de autismo, que é bem visível, e uma carteirinha no meio do pescoço. E uma vez, uma pessoa num estabelecimento grande, numa loja grande, não quis me dar o direito a fila prioritária. Se negou e ainda riu de mim, deu uma risadinha assim, e aí eu gravei um vídeo e expus nas redes sociais como eu tava indignada e que aquilo não podia acontecer e como eu podia ter uma crise por causa daquilo e várias pessoas se manifestaram também e várias pessoas se sentiram apoiadas por essa atitude que eu tive. Fonte: Cereja (2024).

Essa passagem me mostra o quanto o dia a dia de uma pessoa autista pode ser desafiador e cheio de gatilhos, que se apresentam pelo simples fato de ser o que se é. Os participantes expõem problemáticas e desafios que cercam a compreensão sobre o modelo de *Identidade Autista*, como é possível observar na fala de Grafite:

Eu penso que a gente funciona de uma forma bem não convencional e é justamente a partir daí que eu penso que surge o preconceito porque aos olhos das outras pessoas nós não somos normais. Em muitos momentos a gente faz uso do masking, a gente acaba mascarando algumas características, inclusive sem perceber, isso causa um esgotamento muito grande na gente e eu penso que vai muito por esse caminho, então eu acho que as palavras que eu poderia falar estão muito dentro desse campo semântico de, não no sentido de a gente ser estranho, mas de a gente agir, pensar e se comportar realmente de uma forma um pouco diferente, no sentido de perceber, vivenciar e interpretar as coisas do mundo e consequentemente nós somos julgados com base nisso. Aí que somos taxados de estranhos, de chatos ou insensíveis, e coisas afim, porque a gente foge daquele padrão neurotípico e que

não é para ser assim, se nós não somos neurotípicos, a gente não deve ser obrigado a agir ou se comunicar da mesma forma, necessariamente. Fonte: Grafite (2024).

De acordo com Orrú (2024), o mascaramento ou camuflagem é concebido como um mecanismo de defesa, mais utilizado por meninas e mulheres, que pode acarretar em angústia, ansiedade, depressão e questões referentes à aceitação da própria identidade. Infelizmente, “[...] a camuflagem se torna entendida como algo necessário para sobreviver em mundo projetado para uma maioria neurotípica” (Orrú, 2024, p. 208).

Os atravessamentos e enfrentamentos que envolvem a vida de autistas com a sociedade são diversos. É também por meio das redes que eles expõem seus posicionamentos e condutas. Dois participantes se identificaram verbalmente como LGBTQIAPN+, a exemplo de Grafite que dividiu comigo a sua experiência:

Eu só sou uma pessoa que fala sobre as minhas experiências e como nos últimos anos eu tenho exercitado esse movimento de ocupar outros espaços, mesmo com muita dificuldade, alguns outros assuntos que podem estar relacionados, a própria questão da educação mesmo, eu sou professora de formação, linguista, junto a isso a questão da militância LGBTQIA+, até porque muitas pesquisas recentes apontam que a maioria dos autistas são LGBT, então é uma temática que não pode tá apartada, não pode tá separada do tema do autismo, se a sociedade, famílias, já tem essa resistência a aceitar, compreender e estudar o diagnóstico. Essas pessoas também precisam estar preparadas para lidar com o espectro LGBT, somado ao autismo, e fora isso são fases diferentes. Eu tenho fases de publicar e divulgar muitas coisas relacionadas a esses temas, como eu fases de tá mais introspectiva mesmo, não sentir tanta necessidade de tá falando mesmo. Assim como pessoalmente, nas redes sociais eu também tenho esses momentos de silêncio, de precisar ficar mais introspectiva e interagir menos. Fonte: Grafite (2024).

Os participantes, que falaram de forma voluntária sobre questões de gênero, de alguma forma exaltam o conceito de interseccionalidade, com o objetivo claro de romper com as fronteiras, estigmas e padrões molares, existentes na sociedade. De acordo com Orrú (2024, p. 245-246):

Ser uma pessoa LGBTQIA+ com autismo é (re)desenhar todos os dias novas fronteiras para além da cultura patriarcal hegemônica que se encontra, hoje, posta em nossa sociedade. É se arriscar e afrontar as normativas sociais vigentes que controlam o que se pode ou não ser, conforme seus padrões culturais, religiosos, médicos que estão presentes na biopolítica.

Durante o período que observei as redes dos participantes da pesquisa, percebi que a forma que alguns deles encontraram, para assegurar a sua existência, foi por meio da afirmação de suas identidades, com postagens que remetem às bandeiras de luta a serem celebradas, por exemplo, no dia 02 de abril, Dia Mundial de Conscientização do Autismo, e no Dia do Orgulho Esquisito, comemorado no dia 04 de março. Como é possível observar no carrossel alfinetado postado no dia 02 de abril, por Vermelho, no *Instagram*:

Mais um 2 de abril se aproxima...

**DICAS DO DE
COMO APROVEITAR O
DIA MUNDIAL DE
CONSCIENTIZAÇÃO
SOBRE O AUTISMO SEM
FAZER O PAPEL DE
OTÁRIO.**

Arraste para o lado >>>

**1 - NADICA DE AZUL: AUTISMO
DE TODAS AS CORES!**

Pessoas de todos os
gêneros podem ser
autistas, sem essa de
que "é mais comum em
meninos"

Arraste para o lado >>>

**2 - Protagonismo é
REGRA BÁSICA!**

**#nadasobrenóssemnós
é lema básico dos
movimentos
pró-inclusão e dos
movimentos liderados
por PcDs.**

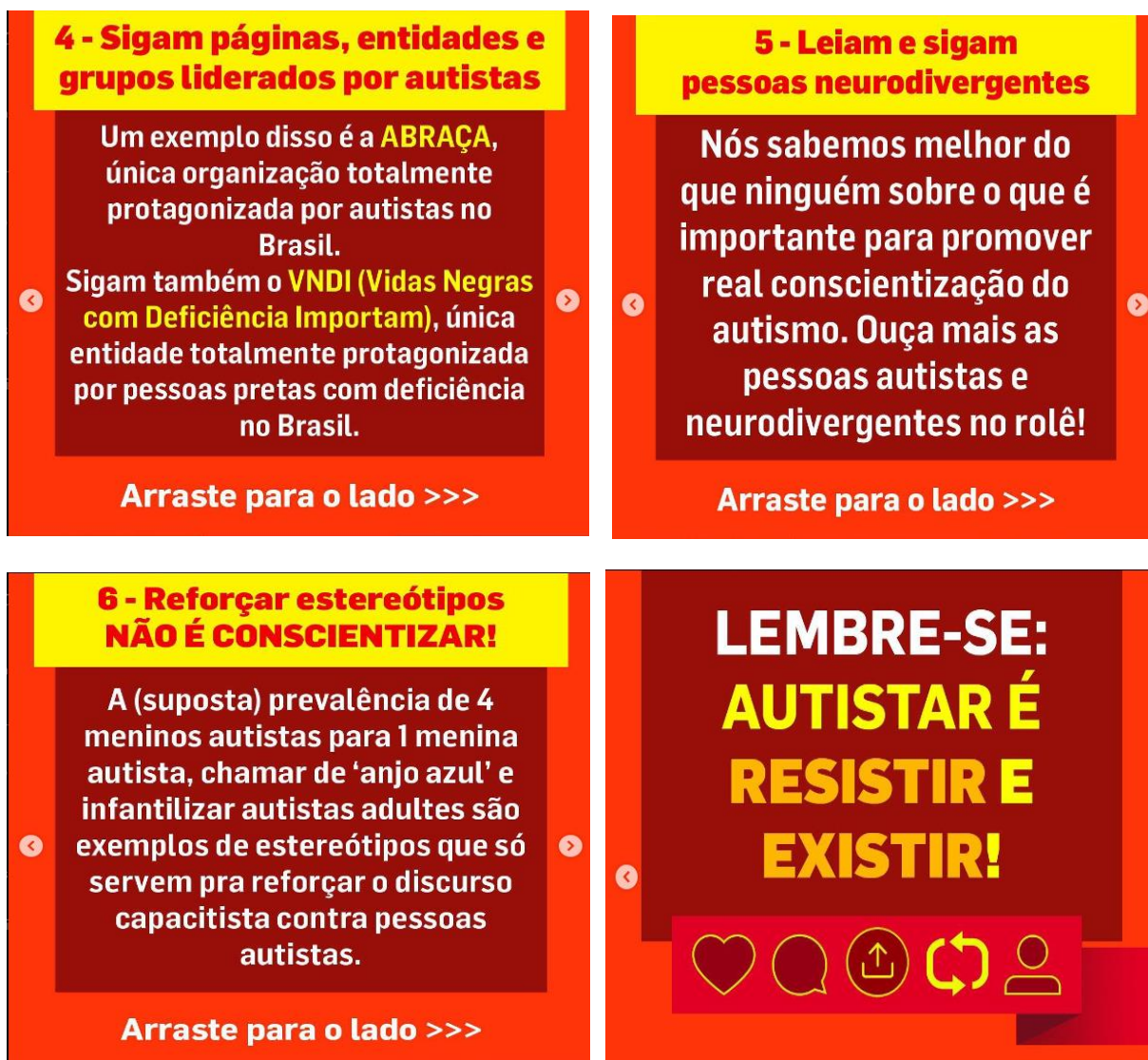
Arraste para o lado >>>

**3 - Infinito colorido, nada de
quebra-cabeça ou coisa do tipo**

Colorir a representação
do autismo é uma
forma bonita e divertida
de chamar a atenção
para grupos que
sempre foram
marginalizados, tais
como mulheres,
pessoas trans, negras,
etc.



Arraste para o lado >>>



Figuras 14-21: Carrossel alfinetado sobre o Dia Mundial de Conscientização do Autismo

Fonte: Instagram de Vermelho (2024)

É interessante observar que eles se apropriam dessas datas como estratégia de demarcação e autoafirmação de uma identidade e seus signos. Mas, ao mesmo tempo reverterem essas capturas a favor dos discursos que fogem do óbvio, daquilo que eles consideram pejorativo. Buscam “Estimular, em matéria de identidade, o impensado, o arriscado, o inexplorado e o ambíguo, em vez do consensual e do assegurado, do conhecido e do assentado. Favorecer, enfim, toda a experimentação que torne difícil o retorno do eu e do nós ao idêntico” (Silva, 2009, p. 100).



Figura 22: Post sobre o Dia do Orgulho Esquisito
Fonte: Instagram de Rosa (2024)

A imagem mostra a "bandeira" do dia do orgulho esquisito, que faz um W, de weird (esquisito em inglês), e foi escolhido esse dia pois a pronúncia em inglês se parece com "marchar a frente". Contem texto alternativo.

edit: percebi que a linha curva da bandeira imita um gráfico de distribuição normal, e o cinza no meio é pra justamente acentuar que normal é cinza e chato, o resto é colorido e divertido. GENIAL!

Figura 23: Legenda sobre a bandeira do Dia do Orgulho Esquisito
Fonte: Instagram de Rosa (2024)

Quando Rosa afirma *Eu era sempre a esquisita, eu sofri bullying na escola, tinha poucos amigos na vida escolar*. Fonte: Rosa (2024), faz muito sentido entender as palavras que ela expõe no *post* acima. A celebração do Orgulho Autista, assim como do Orgulho Esquisito, são estratégias utilizadas para cruzar fronteiras e subverter sentimentos como vergonha, medo,

angústia causados pelo fato de se sentir “estranha”, “esquisita”, “inadequada”. De acordo com Pelbart (2021), essa tecitura tem como objetivo promover

Relação com o estranho, o estrangeiro, a alteridade, com aquilo que irremediavelmente está *fora*, do meu espaço, do meu tempo, da minha consciência, do meu eu, da minha palavra, do meu controle. Estará fora do meu mundo, de forma desconhecida, impessoal, na mais próxima distância, na mais ausente das presenças, como aquilo que excede o meu pensar, convulsiona meu sentir, desarma meu agir (Pelbart, 2021, p. 82).

Isso posto, reforço que o autismo aqui não é tratado como doença, transtorno psiquiátrico ou deficiência. É sobre um terreno movediço que caminho. Compreendo o autismo como um jeito neurodiverso de ser no mundo. Um cérebro que funciona de forma singular. Conforme Verde reforça em seu *post*:

- Puxa vida, as pessoas são tão únicas, tão diferentes, mas insistem em serem iguais e tentarem se encaixar onde não cabem.

Acho que é isso! Ao longo dos anos, tentaram me fazer agir como os outros. Mas eu sempre fui eu mesmo e não aceito padrões. Não porque eu seja rebelde ou porque eu sou autista, mas pq eu realmente sou único e me amo 😊

Seja vc e trabalhe suas potencialidades e entenda suas fraquezas e defeitos. Não queira cortar o cabelo só pq todo mundo está cortando. Ou querer comprar uma coisa muito cara só pq todo mundo tá comprando. Seja único e original, e não a cópia mal feita de alguém.

E deixo aqui minha frase pra vcs: Você não pode sorrir o meu sorriso, nem sentir a minha dor. E nem precisa me admirar! Você só precisa respeitar a minha história, pq eu respeito a sua.

Com muito amor a todos vcs,

Figuras 24 e 25: Post sobre a importância de ser único
Fonte: Instagram de Verde (2024)

Marcos Nalli (2013), inspirado na análise filológica-semântica de Esposito, afirma que mesmo uma comunidade, com sua estrutura enrijecida, revela uma faceta diversa e ao mesmo tempo incômoda, visto que a mesma fala também de sua natureza niilista, conforme Verde disserta no *post* acima. “A comunidade é uma invenção tecnológica que tem por finalidade primeira proteger os indivíduos que abriga de toda e qualquer ameaça, real ou provável, que se pode lançar contra eles” (Nalli, 2013, p. 48). Porém, esse autor adverte que o preço dessa

proteção, que é política, pode ser o roubo da essência, do saber e da potência que são retiradas das suas formas subjetivas de agir. Portanto, a comunidade autista, e seus aspectos identitários, configuram-se como uma estratégia biopolítica. No entanto, também sobre a inspiração espositana, Nalli (2013) lembra que é possível reagir a essas violências, através da criação de um sistema imunitário.

Esposito explicita o modo próprio de funcionamento da proteção por imunização, a saber, de que ele se vale de seus elementos negativos, potencialmente desagregadores da vida comunal, para se proteger deles na iminência de sua intensificação, evitando assim os riscos da desagregação, de dessubjetivação e de morte, que em última instância são produzidos pela própria comunidade (Nalli, 2013, p. 49).

É a partir desse tensionamento entre conservação e negação que os participantes transitam, linhas que traçam as suas vidas e que também definem o que deve ser protegido e o que deve ser suprimido. Portanto, defendo nesta tese que tanto as estratégias políticas de conviver com a linha molar, em um processo de territorialização, que produz a *Identidade Autista*; quanto as possibilidades de traçados de linhas de fuga, que suscitam desterritorializações, por meio do devir, desenhando “expressões de autismo”, são meios possíveis de compreender a *Primavera Autista*.

5.5. A LINHA DE DEVIR E O DESENHO DA PRIMAVERA AUTISTA

“Para ver é preciso esquecer o nome da coisa que estamos olhando”
(Claude Monet)

Não obstante a moldura da identidade se mostre como uma tendência, o que a *Primavera Autista* apresenta é que esse efeito é composto por impossibilidades. Por isso assumi aqui a linha de devir que, de acordo com Deleuze e Guattari (2012c), é um rizoma e não uma árvore classificatória ou genealógica. “Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação” (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 20). Portanto, esta seção tem como objetivo elucidar o que os participantes me mostraram, que a principal atitude política deles é buscar pelas não-correspondências, em um território que é posto para o crescimento de raízes que se vinculam pela tendência de crescimento, contudo, sem um formato molar, mas sim rizomático.

Deleuze e Guattari (2012c) afirmam que uma linha de devir não pode ser definida por pontos, ligados por uma linha, ela passa entre os pontos, crescendo pelo meio. Portanto, saio do “Ponto”, que de acordo com esses autores é sempre de origem, passo pela identidade, para chegar a uma perspectiva de linha de devir que, também pelas palavras deles, não tem partida, nem chegada. “Uma linha de devir só tem um meio. O meio não é uma média, é um acelerado, é a velocidade absoluta do movimento. Um devir está sempre no meio, só se pode pegá-lo no meio” (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 96). Observo, com entusiasmo, a compreensão de Cereja, que indica a ideia de devir em sua fala: *Se entender autista é importante? Foi importante e tá sendo importante. Eu acredito que é sempre um processo, não é nunca algo que foi e que acabou, é que tá sendo.* Fonte: Cereja (2024).

De acordo com Fernand Deligny (2015, p 15), “A rede é um modo de ser. Basta um nada, uma simples passagem do masculino ao feminino, para que o modo se torne a moda; a palavra permanece a mesma, e a coisa evocada já não é mais a mesma coisa”. Refletindo, com base nesse pensamento, penso que essa rede desenha um lugar, no qual o signo não opera, ele se desfaz. Nesse intento, o que Deligny (2015) me proporciona é o roubo da palavra, do seu significante. A partir de sua experiência em *Cévennes*, ele captura a palavra “autismo” dos dispositivos médicos e das narrativas centradas na etiologia.

Sob a guarda do meu referencial teórico, imaginava encontrar um terreno fértil, porém descampado, limpo, liso, pronto. Entretanto, os descaminhos da pesquisa são sempre surpreendentes. Meu objeto é vivo, é pulsante. Ele me fala sobre vida, sobre estar vivo, sobre cores vivas, sobre a vida que não almejo mais ter. Porém, quando transponho barreiras, descubro o que não queremos e desejo vidas outras... especialmente quando sou acalentada pelo tempo, pela certeza que tenho passado, que tenho história. Talvez por isso mesmo, às vezes intenciono retornar a lugares conhecidos, que já visitei e sei que há alguma segurança nesses retornos. Com o autismo não foi diferente. Por maior que fosse minha vontade disruptiva, fiz as pazes com a ideia de que minha pesquisa não é sobre romper, mas sobre compor. É desse movimento que surge o *Devir Autista*, enquanto linha de fuga, por não ser algo facilmente localizável, está na fronteira.

Assim, conhecer um pouco sobre o autismo é entender que ele pode se manifestar de diferentes maneiras na vida das pessoas e, a depender de múltiplos fatores, revela um modo de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, de um jeito singular, que não é igual para todos, mas que bordeia algumas peculiaridades em comum, nos entretons que nos tornam seres humanos, cujo maior atributo é a diferença que se diferencia em sua própria diferença (Orrú, 2024, p. 122).

Para alinhar minhas percepções, busco adentrar em um universo, no qual atualmente debates e tensões sobre o autismo ocorrem com mais afinco. Mas que também se apresenta como um lugar de encontros, de reconhecimento, identificações e achados de semelhantes, gerando uma conotação de pertencimento. Deleuze e Guattari (2012b) afirmam que é comum que um grupo ou um indivíduo funcione como linha de fuga. É nas redes sociais que o ativismo autista performa como tal, operando enquanto um movimento político.

Quanto às linhas de fuga, estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 85).

O mundo, que agora não é mais composto apenas por mediações analógicas, tem se constituído também no espaço virtual, no qual os processos de subjetivação dos participantes se expõem nas interações virtuais. Nesses espaços de insurgência, as pessoas podem tecer novas relações, em busca de uma ideia de libertação de seus medos e constituição de outras vivências. Conforme observo no relato de Cereja e Verde:

Para eu entender depois que eu não tinha de fato um problema foi bem mais difícil. Então, eu precisei ter contato com outras pessoas neurodivergentes, eu precisei me afirmar, me reafirmar enquanto autista, eu precisei ler sobre a inclusão, lutar pelos meus direitos, e isso foi sendo construído pouco a pouco e eu acredito que eu ainda tô nesse processo de construção, porque não é fácil... Fonte: Cereja (2024).

Eu acho que é bem legal esse lance de algumas pessoas com TEA nas redes sociais. Pelo menos algumas delas. Tem pessoas com TEA que são legais e tem aquelas mais radicais que acaba infelizmente não respeitando uma outra e acaba não representando a comunidade, mas tem várias pessoas que se destacam e que eu gosto bastante. Porque mostra o dia a dia delas, mostram como elas são felizes, mostram os direitos delas. E eu acho que isso é bem legal porque mostra mais a independência e mostra que cada autista é único. Que não tem só esse negócio de 'anjo azul', que não tem só esse negócio de autismo de suporte 3 e tals, que autista nível 1 é fácil (que não é, todos nós já sabemos). E assim por diante, mostra ali a diversidade das pessoas com autismo nas redes sociais. Fonte: Verde (2024).

Félix Guattari (2012) afirma que é desafio dos nossos tempos pensar em dispositivos de produção de subjetividades, com o objetivo de ressingularização individual e coletiva. Esse autor me fala que assisto à expansão coletiva de uma “Subjetividade assistida pelo computador” (Guattari, 2012, p. 21). Com efeito, ressalto aqui a prática do net-ativismo, realizado pelos

jovens que entrevistei, como uma intenção de romper com os desafios que se impõem através do poder planificador das mídias e das *big techs*. De acordo com Guattari (2012, p. 14):

A juventude, embora esmagada nas relações econômicas dominantes que lhe conferem um lugar cada vez mais precário, e mentalmente manipulada pela produção de subjetividade coletiva da mídia, nem por isso deixa de desenvolver suas próprias distâncias de singularização com relação à subjetividade normalizada.

Conforme o pensamento de Massimo Di Felice (2017), localizo os participantes da pesquisa dentro de uma perspectiva de “Net-ativismo dialógico” que “[...] exprime-se em uma dimensão de interações participativas complexas que começavam *on-line*, estendiam-se nas ruas e nos espaços públicos, sempre continuando sua dimensão conectiva e digital” (Di Felice, 2017, p. 185). Esse entendimento fica evidenciado nas estratégias de atuação dos autistas nas redes em torno de diálogos sobre assuntos em comum e interações que movimentam arquiteturas, dados e territorialidades.

Meu entendimento sobre a definição de redes se coaduna com a ideia descrita por Isabel Babo (2017, p. 78), “A rede significa, em suma, circular e interconectar, mas igualmente reter, de acordo com seu uso primitivo, no sentido que o tecido que se junta também entrava e aprisiona”. Foi a partir desse sistema que os participantes foram selecionados e que destino a atenção, especialmente porque também se configuram dentro de uma perspectiva de não-linearidade, funcionam com suas conexões de forma rizomática.

Fernanda Bruno (2008) compreende que, na contemporaneidade, é possível observar indicadores de classificação e indexação também em instâncias menores, perpassando por subjetividades que, de acordo com essa autora, são “coletáveis” por padrões, denominados como perfil. “O perfil é, portanto, uma espécie de mosaico de traços que não concernem a um indivíduo particular e suas características intrínsecas [...] expressam relações entre indivíduos, sendo, portanto, mais interpessoal do que intrapessoal” (Bruno, 2008, p. 02). Segundo a autora, o principal objetivo da criação de um perfil é usar um conjunto de informações pessoais para agir sobre indivíduos similares, antecipando um comportamento, um gosto, um interesse potencial.

Ela indica como fator decisivo dessa mudança comportamental o crescimento e a difusão das tecnologias e redes digitais de comunicação e de informação. O movimento algorítmico das redes proporciona a coalisão de pares, de perfis que atuam de maneira performativa, que se movimentam em torno de territórios comuns, fato que os participantes ponderam, em certa medida, como algo positivo. Como é possível observar na fala de Cereja e Grafite:

Eu acho importante, porque para me reconhecer enquanto autista, eu precisei antes de outros autistas que fossem ativistas, que tivessem ali falando sobre a causa. Não que eu não fosse autista antes, mas era um motivo de vergonha e aí depois quando você começa a ver pessoas falando sem tabu sobre isso, você vê que a sua existência não é um motivo de vergonha, por isso que é importante [...] A mensagem que eu tento passar é, eu tento mostrar como é que é o autismo na vida real, porque as pessoas tem muitos pensamentos romantizados do que pode ser, ou que é uma coisa terrível, ou que é uma coisa angelical. Aí eu tento mostrar que não, que não é nem uma coisa nem outra, é só uma coisa. E aí é essa mensagem que eu tento passar, mostrando às vezes meu dia a dia. Fonte: Cereja (2024).

Eu percebo como, assim como em relação a outras causas, existe uma certa fragmentação, o que até certo ponto é natural. Mas, eu também percebo como algo muito positivo, como inclusive um exercício de auto compreensão, um exercício até catártico mesmo, porque a gente percebe a importância do diagnóstico, a gente percebe a importância de compartilhar as nossas experiências ou algumas delas, dentro das nossas manifestações, do nosso possível, do nosso emocional. Então, eu passei muito tempo processando o meu diagnóstico, na fase de luto, como a gente chama, e eu só comecei a dar mais atenção, realmente, quando eu conheci, através das redes sociais outros autistas que falavam sobre si, sobre suas experiências, então foi um momento muito importante que eu fui saindo da fase do luto e entrando na fase da auto compreensão e só depois que eu comecei a interagir com muita dificuldade com essas pessoas, foi que eu tomei coragem de falar abertamente sobre meu diagnóstico e de tentar ocupar um espaço parecido, no sentido de tentar reeducar mesmo algumas pessoas, nessa perspectiva de o quanto o autismo é diverso e esse ativismo é muito importante porque tira a gente de um lugar de culpa, tira a gente de um lugar de subalternidade, tira a gente de um lugar de vítima até, para um lugar de certo protagonismo, de certa representatividade e cada um na sua área fazendo muitas dessas pessoas, um trabalho incrível em relação à divulgação de informação, informação de qualidade, baseada em estudos, em evidência científica, e também nas suas próprias experiências empíricas, porque também é importante, esse reconhecimento e eu acho que isso enriquece muito e tira muito nosso peso, a nossa culpa de ter vivenciado todo esse estranhamento por tanto tempo e eu acho que é a principal função da informação é ajudar a gente, auxiliar nesse sentido de se desculpar, toda uma sensação estranha que a gente cresceu vivendo com ela. Fonte: Grafite (2024).

As redes figuram também como um território de disputa, que perpassa por fatores como enfrentamento de discurso de ódio; pessoas que acreditam que podem invalidar a opinião alheia sob a justificativa do conceito de “Lugar de fala”; e, o principal, o mercado que se sustenta a partir dos direcionamentos algorítmicos. Nesse campo, o autismo, como qualquer assunto, que tem sempre muita gente com algo a dizer, não está isento de se expor a essas influências.

Diante do exposto, são principalmente as pessoas autistas, que se expõem nesses espaços buscando promover diálogos com a sociedade, a partir do net-ativismo, que mais sofrem com todo esse universo. Se por um lado, suas vozes alcançam mais pessoas - aqui

reforço o entendimento de que, através das redes, pessoas que não são autistas também estão juntas nesse processo de inclusão e de rompimento do modelo médico. Por outro, as crises e as sobrecargas sensoriais se tornam mais frequentes em autistas, devido ao excesso de exposição nas redes e nas telas. É possível observar essa problemática na fala de Grafite:

Eu acho que o principal desafio é a falta de bom senso e de interpretação de texto de muitas pessoas, porque a internet como um espaço democrático, um espaço de construção compartilhada, veicula uma série de informações e hoje com tantas redes sociais facilita o acesso e uma certa difusão de informações por algumas pessoas que são extremamente irresponsáveis e mal educadas mesmo, quando não criminosas na sua atuação com outras pessoas. Então, uma das primeiras coisas que me preocupou em falar abertamente sobre meu diagnóstico, seria como algumas pessoas poderiam se comportar em resposta a isso. Tanto que eu tinha um perfil fechado, em que eu não aceitava outras pessoas porque eu tinha esse receio, essa aparente pequena situação de possibilidade de ser confrontada mesmo em um ambiente virtual, já me deixava em situações possíveis de crise. Mas quando eu comecei a falar aos poucos das minhas experiências, de coisas que eu vinha aprendendo e percebendo, outros colegas autistas acabavam me pedindo para abrir o meu perfil do instagram para compartilhar com outras pessoas que eles conheciam e no começo foi muito difícil. Eu tive muita resistência, porque entrar em conflito com outras pessoas, mesmo que seja nas redes sociais, é uma situação que me deixa em crise e, por outro lado, foi um processo que me trouxe experiências positivas. Eu ainda não sei lidar com esses comentários, ou com possíveis situações de confronto, eu tenho uma estratégia para isso, eu acabo bloqueando ou apagando, bloqueando essas pessoas ou apagando determinados comentários ou fico sem usar as redes sociais por alguns dias, até me regular novamente. Mas, foi um movimento interessante e importante também no ganho de experiências positivas, apesar de imprevisíveis, eu conheci minha namorada por rede social, nesse processo de tá compartilhando, a gente se conheceu assim, que também é uma pessoa autista e tem sido um exercício, principalmente nessa questão da imprevisibilidade, não tem como a gente lidar com previsibilidade em relação ao comportamento dessas pessoas, principalmente porque muitas são maldosas mesmo e isso gera uma certa ansiedade na gente, a ponto de acabar culminando em crises. Fonte: Grafite (2024).

A fala de Grafite expõe diretamente questões que trazem à tona desafios atuais no uso das redes. São problemáticas do nosso tempo, que revelam que, por mais que os participantes reconheçam os pontos positivos na utilização das redes sociais, por outro lado a exposição de seus nomes, de partes de suas vidas e opiniões os deixam vulneráveis a ataques, cobranças e expostos à atuação de *hater*¹⁰⁸, entre outras situações. É relevante ressaltar que os participantes, que são tidos como influenciadores, tornaram-se amplificadores de uma causa, como uma

¹⁰⁸ Traduzido literalmente para o português, é possível entender como “odiador”. É um termo utilizado para definir pessoas que fazem uso de discurso de ódio na internet, através de postagem de comentários ofensivos e maldosos.

atividade que, em geral, começou de forma não-intencional, mais intuitiva, estimulados por seus pares. É completamente diferente da compreensão de “*digital influencer*” que possui uma equipe de *marketing*, um *briefing*¹⁰⁹. Abaixo Verde, Cereja e Rosa elencam alguns dos principais desafios na utilização dessas ferramentas:

Eu acho que o maior desafio hoje nas redes sociais é lance dos haters. Até por isso que uma vez ou outra eu fico longe das redes sociais. Meu negócio é mais postar stories, fazer pouquíssimas publicações, o que não é certo né, vamos ser sinceros aqui, realmente, mas eu acho que eu fico mais feliz assim, porque é o seguinte infelizmente a maioria das redes sociais hoje elas estão muito tóxicas e com qualquer comunidade. Então eu acho que o maior desafio são os haters gratuitos que o pessoal dá nas pessoas e eu aceito muito críticas, vamos dizer assim, relacionados a uma coisa que eu digo ou falo de errado e não sabia o que eu falei de errado, vamos dizer assim, porque a gente fala algumas coisas desconstruídas, a gente distorce algumas coisas, ou quando mostram um trabalho meu e eu pergunto se as pessoas gostaram ou não. E aí eu aceito críticas (você pode melhorar isso e tals). Mas hater gratuito é uma coisa que doi muito e não é legal. Então eu acho que isso para mim é o maior desafio das redes sociais que infelizmente é bem difícil de aguentar. Fonte: Verde (2024).

A dificuldade é só lidar com o que as pessoas falam. Por que a partir do momento que você tem uma rede social pública, as pessoas às vezes se sentem no direito de falar o que quiserem e falar coisas que são preconceituosas ou absurdas. Acho que esse é o maior desafio. Já chorei muito por causa de pessoas que vinham comentar coisas estranhas nas minhas publicações. Mas, eu acho que hoje em dia eu sei lidar um pouco melhor com isso. Fonte: Cereja (2024).

Uma questão que às vezes algumas pessoas vêm reclamando para gente ‘Ah, porque o Tik tok, porque é autista de Tik tok’. Eu acho que, a questão, o problema não é o ativismo. O problema é a plataforma Tik tok, é plataforma do Youtube short, essas coisas que hoje em dia a mídia ela tá muito, tipo curta. E como eu disse, o autismo é um tema muito complexo, aí você tem um minuto de vídeo para falar. Ou você divide Twitter com uma limitação de caracteres, aí o Tik tok tem um minutinho para falar, e aí como você vai explicar um negócio super complexo em um minuto, um número pequeno de frases curtas. Você, por exemplo divide em várias partes, aí as pessoas não tem interpretação de texto e vê só um negócio isolado e entende tudo errado. Vê só aquele vídeo que era de uma série e não vê todos os vídeos da série ou vê só essa edição pequena, às vezes no Youtube, às vezes as pessoas fazem isso, tipo pega só um trecho de um vídeo que era maior para colocar lá, só que aí às vezes fora do contexto as pessoas não entendem. Só que é um problema, talvez, da nossa educação, que a gente tem que ensinar as pessoas a ir atrás da fonte, interpretar texto, e aí ela vê só uma coisinha pequena e acha que entendeu tudo, eu acho que existe um problema maior da nossa sociedade, de como a internet e a cultura está indo, que a gente quase que faz isso, porque se a gente questionar a atenção, ser recomendado pelo algoritmo, a gente precisa que as pessoas vejam, que as pessoas comentem, a gente precisa fazer isso de formas que

¹⁰⁹ É um conjunto de informações que servem para construir um produto, que pode ser consumido por um determinado público ou por perfis nas redes sociais.

sejam mais, é, não sei qual é a palavra, relacionável, tipo, você entende, o que a outra pessoa tá passando assim, Então a gente, a gente tem que simplificar para atingir as pessoas, mas ou mesmo tempo são temas super complexos. Então eu acho que existe um grande problema da sociedade em geral. Fonte: Rosa (2024).

O que os dados apresentados me mostram que a vigilância que os participantes desta pesquisa sofrem não é apenas algorítmica, é também de suas opiniões, de seus corpos. Demonstram a incapacidade da sociedade em geral de romper as barreiras atitudinais que podem ser observadas no uso das redes. É como se seus corpos não pudessem manifestar livremente seus processos de subjetivação, sob pena de serem rechaçados desses espaços. Corroboro a ideia de que “Em tais condições, não é de espantar que as ciências humanas e as ciências sociais tenham se condenado por si mesmas a deixar escapar as dimensões intrinsicamente evolutivas, criativas e autopoicionantes dos processos de subjetivação” (Guattari, 2012, p. 18). No entanto, Vermelho enfatiza que também é tarefa dos ativistas causar “incômodos” na sociedade para buscar transformações:

Então, as redes sociais elas podem ser grandes aliadas, mas também podem ser grandes carrascos, aliás, grande parte dos ataques que ativistas adultos têm sofrido advém das redes sociais. Muitas vezes até de outros autistas ligados a grupos de extrema direita. Mas também já está havendo atrito entre autistas criadores de conteúdo e autistas marxistas. Eu vou até evitar de citar nomes porque eu não gosto de expor ninguém, mas infelizmente isso acontece também. Agora o que a gente precisa entender é que o papel do ativista é incomodar, é encher o saco, é puxar a orelha da sociedade para que ela reflita: e eu? A gente não pode ficar achando que só a preocupação, em si ela é suficiente para pressionar, é enfrentamento, é conflito. As grandes transformações, uma coisa que eu aprendi é que ao longo da história, ao longo da organização humana, as grandes transformações sociais só aconteceram porque antes tiveram conflitos. Muita gente teve que se sacrificar para gente fazer transformações coletivas. Muita gente até perdeu a vida. Então, é um negócio, a gente não pode ter medo de dar a cara a tapa, porque se não são os nossos inimigos que vão se beneficiar, porque isso para eles é interessante. Fonte: Vermelho (2024).

Essas repulsas sociais advêm de uma ideia de autismo que parte do princípio de uma disfunção do corpo, uma doença que gera padrões anormais de comportamento. Diante disso, pensar em um remédio, é a primeira coisa que é feito por uma equipe médica. No caso do autismo, se o compreendo pelo viés da loucura, penso na ideia de purificação refletida por Michel Foucault (2002, p. 309), “[...] a loucura invoca toda uma série de terapêuticas, cada uma das quais pode ser associada a uma mesma operação de purificação”. É partindo desse

pressuposto que ele descreve os remédios amargos como estratégia utilizada para purificar enquanto desgasta, corroendo o mal, tudo que é impuro ao corpo e à alma.

Na sequência, Rosa e Vermelho se colocam em relação às abordagens terapêuticas, que invadem clínicas e escolas. De acordo com eles, essas concepções têm como objetivo tão somente a busca pela impressão de uma suposta “normalidade”, e tornam desafiador lutar contra padrões que mercantilizam seus corpos.

As terapias têm como objetivo a normalidade né? ‘Ah, você só pode se comunicar pela fala, você tem que se comunicar de forma padrão, você não pode usar o comportamento como comunicação’. E às vezes até mesmo nos tirando as ferramentas que são necessárias para executar a tarefa né, como por exemplo, tem terapeuta comportamental que vai quer tipo, não querem que a gente não tenha, ou então eu vou ter professores, na área da educação. Vão querer que a gente não tenha acesso aos nossos hiperfocos e interesses especiais, até que a gente tenha completado a tarefa. Mas tipo, o que a gente precisa para fazer a tarefa é a conexão com o interesse especial, a gente precisa se movimentar, fazer a nossa regulação sensorial, para gente ser capaz de realizar uma tarefa. Aí eles dizem ‘Não, você só vai fazer isso depois que você fizer sua tarefa’. E acha o quê? Como eu vejo assim, um texto assim ‘Ah, constrói uma torre aí de lego’. Só que não deixa a gente levantar para pegar o lego. É, acho que é essa tentativa de planificar tudo, uniformizar as intervenções, principalmente quando a gente fala das intervenções comportamentais, é muito delicado. Fonte: Rosa (2024).

Os principais desafios eu entendo que são: a luta por acessibilidade, acessibilidades né, falando no plural, isso voltando para o movimento de pessoas com deficiência de um modo geral; a luta contra o capacitismo e a luta contra violações de direitos humanos; luta contra terapias abusivas, entre elas a própria terapia ABA, o MMS; a luta contra o charlatanismo da Medicina e da Psiquiatria quando o assunto é autismo. Eu diria que a indústria de ABA chegou numa indústria de máfia, um mercado, nós fomos transformados em produtos, em objetos. Nós acabamos virando mercadorias nas mãos de alguns falsos especialistas que tem interesse apenas no lucro. Eu me sinto mal, eu acabo fazendo isso... não é necessário mencionar, até por uma questão de segurança jurídica, porque já teve ativista autista sofrendo ameaça de processo. Fonte: Vermelho (2024).

Desse lugar, pondero que há uma tendência nessas abordagens a priorizar a regulação de movimento como estratégia de controle dos corpos de pessoas autistas que, de acordo com Vermelho, é executado pelo modo de produção capitalista. Sua perspectiva corrobora o pensamento esquizoanalítico de Deleuze e Guattari (2012b, p. 85), “Antes do ser, há a política”. Todas as questões que são abordadas acima não estão desconectadas das leis de mercado, que tratam atualmente o autismo como um produto extremamente lucrativo.

Foucault (2002) afirma que a loucura pode ser tanto uma imobilidade abafada, uma fixação obstinada, quanto desordem e agitação. Isso posto, entender o autismo e suas demandas comportamentais como algo a ser curado, perpassa por uma inadequação dessas pessoas às regras dos movimentos do mundo. O que os participantes reivindicam é que seus movimentos, hiperfocos, linguagens e comportamentos sejam, de alguma forma, também vistos como possíveis neste mundo.

Considerando questões que envolvem desafios do meu tempo, quando trato sobre o autismo, resalto a importância do *post* de Vermelho que se posiciona contra o Parecer CNE 50/2023¹¹⁰. Até o presente momento ainda não foi homologado pelo MEC e segue dividindo opiniões, especialmente no tocante à compreensão do autismo por meio do paradigma médico X modelo social da deficiência. Abaixo, exponho a opinião de Vermelho sobre o Parecer, bem como o carrossel repostado pelo mesmo para expor “5 razões para ser contra o Parecer CNE 50/2023”:

A Conferência Nacional de Educação já deu a letra: o parecer CNE 50/2023 é retrocesso para a educação inclusiva. A CONAE aprovou em peso a recomendação ao MEC de não homologação do parecer.

Por que? Pelas mesmas razões que fizeram os professores defenderem, por unanimidade, a revogação do Novo Ensino Médio: a tentativa de descaracterização dos processos educativos e pedagógicos e a exploração mercadológica da educação. No caso do parecer CNE 50/2023, há, ainda, a compreensão do autismo como problema médico e não como uma característica do estudante, que os professores devem levar em consideração, juntamente com outras informações, para elaborar suas propostas pedagógicas, a partir de condições e infraestrutura de trabalho adequadas.

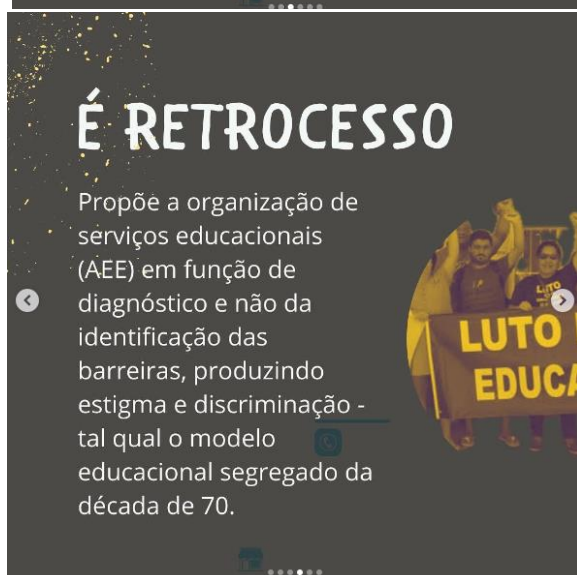
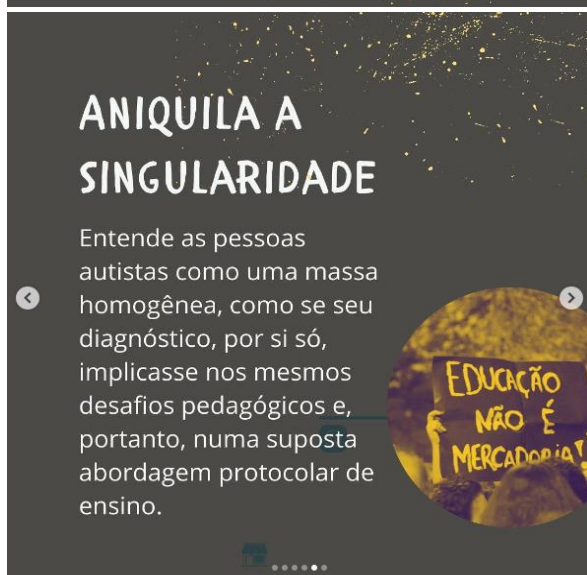
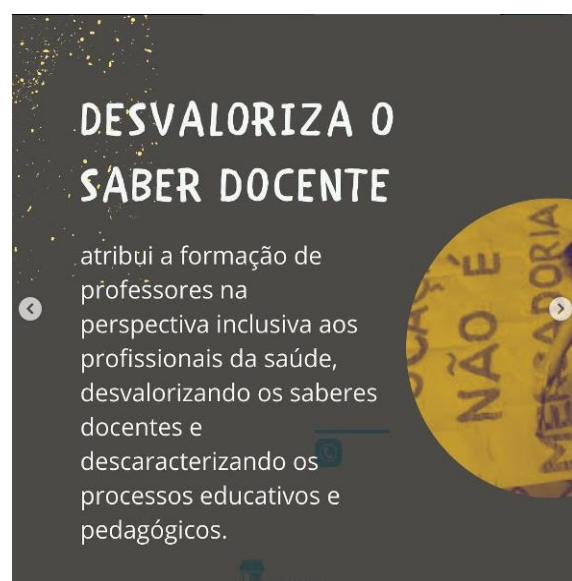
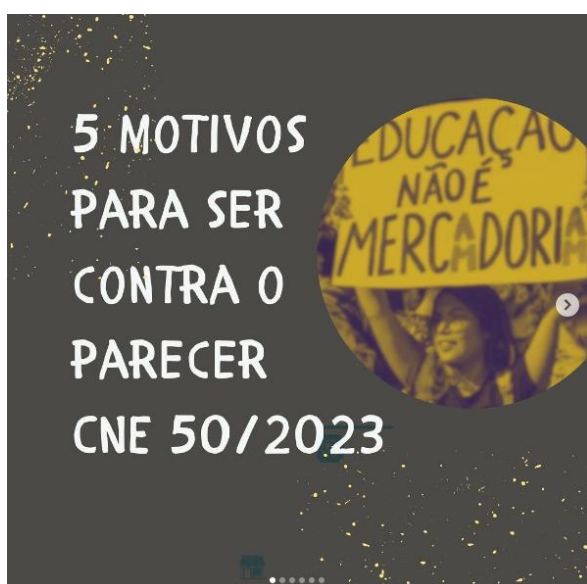
¹¹⁰ O Parecer 50/2023 tem como assunto “Orientações Específicas para o Público da Educação Especial: Atendimento de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)”. Foi aprovado em 05 de dezembro de 2023. Curiosamente o grupo responsável pela elaboração do documento norteador do Parecer finaliza o mesmo com as seguintes perguntas que, de acordo com o grupo de trabalho, foram o mote do mesmo: “Se não formos nós, então quem? Se não for agora, então quando?” (Marçal *et al*, 2023, p. 57). O que demonstra uma declaração manifesta da autocompetência dos “escolhidos” para a redação e o questionamento se haveria mesmo outras possibilidades de pensar a educação para pessoas autistas que não a defendida pelos mesmos. Anulando, de certa forma, a história da construção conceitual desse campo, bem como, reflexões contrárias.

Sabe quem ganha com esse parecer? As clínicas e os empresários da saúde que vendem o milagre da cura e/ou do controle do autismo, explorando o desespero das famílias diante da lacuna deixada pela ausência de investimentos na escola nos últimos anos.

Mas não, autismo não é mercadoria, educação não é mercadoria, escola não é clínica. Queremos a atuação integrada entre a escola, o SUS e o SUAS nos territórios, de maneira a garantir o cuidado e a assistência que todos os estudantes precisam, inclusive os autistas. Queremos o fortalecimento da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008). E queremos já!

Sobre o parecer CNE 50/2023: não homologa, MEC!

Figuras 26 e 27: Opinião pessoal de Vermelho sobre o Parecer CNE 50/2023
Fonte: Instagram de Vermelho (2024)





Figuras 28-33: Carrossel repostado “5 razões para ser contra o Parecer CNE 50/2023”

Fonte: Instagram de Vermelho (2024)

Esse Parecer expõe de forma clara a cisão existente entre militantes da comunidade autista, professores, políticos, ativistas adultos autistas, entidades que defendem a causa e familiares de pessoas autistas. A discussão central tem como foco a composição do Plano de Conduta, Plano Educacional Individualizado (PEI), Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE) e a exaltação do espaço escolar como ambiente de aplicação de abordagens terapêuticas que se auto-intitulam como “Práticas baseadas em evidências científicas”, especialmente a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), em detrimento da autonomia pedagógica de professores e escolas. As entidades que se posicionam contra a homologação do Parecer, a exemplo do que foi proposto pela Conferência Nacional de Educação, conforme *post* elaborado por Vermelho, reivindicam maior participação democrática na construção desse documento. Alega que o mesmo estimula o controle mercadológico sobre instituições escolares e corpos das pessoas autistas. Na sua entrevista, Vermelho também se posicionou contra a homologação do Parecer 50/2023 justificando que:

Esse parecer é uma palhaçada, é o que tenho como resposta, ele é um tiro no pé, uma besteira, e ele tá, praticamente, institucionalizando o manicômio, um ambiente de semi-manicômio dentro das escolas. Primeiro que a terapia à base de ABA, pelo menos para mim e para outros ativistas radicais, não deveria existir. A gente tem outras formas de terapia para TEA. Mas acho que a forma mais eficaz é garantir acessibilidades, garantir comunicação alternativa [...] Então, eu tava falando que ao invés de ficar pensando só em terapia medicalizante, precisa pensar em comunicação alternativa, acessibilidade sensorial, pensar em tecnologias

assistivas. Pensar também em terapias que não violem os direitos humanos. A ABA viola demais os direitos humanos, porque ela basicamente é uma intervenção comportamental que faz o autista ter que manter uma postura de neurotípico e quando o autista chegar à idade adulta, o corpo, o cérebro para tomar conta de tanto impulso sensorial, na verdade eu chamaria de ‘gordura sensorial’ e o cérebro cobra uma conta, trazendo uma série de prejuízos, como por exemplo depressão, síndrome do pânico e até mesmo gatilhos para pensamentos suicidas. Então a gente não pode permitir isso. A gente não pode se calar com relação a esse tipo de coisa.
 Fonte: Vermelho (2024).

As afirmações de Vermelho formam uma ode a toda e qualquer possibilidade de categorização universalizante ou estabelecimento de uma métrica padronizada para o desenvolvimento de uma estratégia terapêutica que anule singularidades e enquadre todos os autistas em uma espécie que funciona da mesma forma. Incluso nessa fala também há uma compreensão de que terapia não é apenas técnica, posto que a clínica também carrega consigo posições éticas e políticas.

Não me parece complexo entender o que há de vibrátil na fala de Vermelho, posto que essa discussão tensiona questões em um lugar que causa muita preocupação e dor aos autistas adultos. As palavras dos participantes têm direção e se remetem à mesma linhagem de pessoas a qual Antonin Artaud (1995), no seu tempo histórico, remeteu-se como “os piores porcos”:

Aqueles para que certas palavras têm um sentido, e certas maneiras de ser, aqueles que mantêm tão bem os modos afetados, aqueles para quem os sentimentos têm classes e que discutem sobre um grau qualquer de suas hilariantes classificações, aqueles que creem ainda em “termos” (Artaud, 1995, p. 210).

As discussões e contraditórios que se antecederam, sinalizaram a necessidade de refletir sobre impossibilidades de unificação de um discurso que categoriza os autistas em um único modelo de tratamento ou em uma única abordagem pedagógica. O argumento científico, que insiste em se evidenciar como verdadeiro e provável, que se centra no biológico, é uma linha tênue quando trato de pessoas que são pesquisadas em amostragens ínfimas.

Está totalmente dissociado da concepção de devir e da necessidade que os autistas demonstram em se colocar dentro das discussões que tratam sobre a vida deles, sobre seus corpos, sobre suas existências, em territórios que muitas vezes negam essa participação. Segundo Deleuze e Guattari (2012b, p. 12) “Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto – O CsO – mas já se está

sobre ele – arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco”. Nesse contexto, que toca minha tese pela via das categorizações, Antonin Artaud (1986, p. 161-162) diz “Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terão libertado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade. Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas como no delírio dos bailes populares e esse avesso será seu verdadeiro lugar”.

Deleuze e Guattari (2012b) afirmam que Artaud amaldiçoa “[...] o corpo canceroso da América, corpo de guerra e de dinheiro; [...] ele conhece também os perigos de uma desestratificação demasiada brutal, imprudente” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 30). É contra essa ideia de organismo que privilegia os órgãos e as estratificações sob o “juízo de Deus”, o qual rotula e fixa pelo poder da medicina, que a obra de Artaud se contrapõe.

O que percebo é que há uma tendência em pensar o autismo, enquanto uma patologia, sob a via do paradigma médico, que emula um comportamento social, que disfarçadamente reproduz preconceito, capacitismo, traduzidos em uma ideia de possível cura para o autismo, quando é compreendido como um transtorno. O que se apresenta são tentativas de controle de “manias” que se apresentam nos seus corpos, uma espécie de higienização de comportamento, tidos como inadequados, que de acordo com Foucault (2002, p. 319), “[...] podem ser corrigidas através de um movimento regular. Não se trata mais, aqui, de recolocar o movimento, mas de ordenar a agitação, deter momentaneamente seu curso, fixar a atenção”.

Esse autor afirma que a noção de cura em pleno sentido advém da era clássica. A cura surge para suprimir toda a doença. “As etapas da cura, as fases pelas quais ela passa e os momentos que a constituem devem articular-se sobre a natureza visível da doença, desposar suas contradições e perseguir cada uma de suas causas” (Foucault, 2002, p. 306). Para esse autor, toda cura é uma reflexão sobre si mesma, sobre a doença e sobre as relações que se estabelecem entre as duas.

Essa concepção de cura coloca os participantes desta pesquisa diante de um impasse entre uma ideia de “pertencimento”, uma dinâmica social pré-existente, e a necessidade de que essa ordem se organize de tal maneira que a existência de cada um deles faça sentido, por si só. Para eles não há outra opção que não seja ser o que são, pessoas autistas que possuem processos de subjetivação que são criados, também, a partir do autismo. De fato, o autismo compõe o que eles são, faz parte de como o cérebro deles funciona. É o que posso observar nas falas dos participantes desta pesquisa:

Hoje a gente tem estudo e acesso à informação suficiente para saber que isso não passa de mentira e golpe e falácia mesmo. Infelizmente pessoas de má índole usufruem desse tipo de recurso para ganhar em cima de pessoas desesperadas, que

têm menos acesso à informação, que têm menos acesso à instrução ou que não necessariamente têm menos instrução, mas estão desesperadas e se preocupam muito com a reputação também de ter uma pessoa com deficiência na família, de ter uma pessoa estranha na família. A gente sabe que historicamente as pessoas com deficiência foram isoladas não só em instituições, mas dentro de suas próprias casas. Sempre tinha um quartinho nos fundos ou no sótão para que essas pessoas fossem isoladas, principalmente as famílias de posses. Essas pessoas eram, nem se tinha conhecimento que aquela família tinha aquele filho ou aquela filha, o famoso, entre aspas, doentinho, doentinha, que não era exposto socialmente para não trazer essa vergonha e isso passa muito por essa estratégia, que algumas pessoas vem utilizando no sentido de curar. Ao mesmo tempo isso também é um movimento que acontece em outros ativismos, em outros grupos, a cura para pessoa LGBTQIA+ já foi sustentada como uma ferramenta possível, porque tudo que foge do padrão precisa ser consertado, precisa ser trazido de volta. Tem a ver de certa forma também com o discurso religioso, principalmente o discurso religioso cristão, de salvar aquele que está perdido, a ovelha desgarrada precisa ser trazida de volta pro caminho da salvação. Essa simples pergunta relacionada à cura é atravessada por uma série de discursos e a gente precisa ter muito cuidado com isso, porque algumas pessoas se aproveitam disso para tirar vantagem de outras e se eu parto do ponto de vista, já falando de uma questão identitária, fugindo discurso biomédico de que qualquer transtorno de desenvolvimento é um defeito e partindo para uma perspectiva social e humana em que essas neurodiversidades constituem o sujeito e são constituídas por ele. Ao mesmo tempo, se eu quero uma cura para mim eu vou deixar de ser eu, porque eu sou quem eu sou por causa do autismo, como eu falei antes eu sou autista, eu não sou o autismo. Mas com certeza isso interfere na construção da minha personalidade, da minha identidade, assim como o TDAH hiperativo, assim como a superdotação em linguística. Então, eu não quero me curar de algo que faz eu ser quem eu sou, são as pessoas que precisam parar de querer curar aquilo que elas não entendem, aquilo que aparentemente, diferente a elas. O preconceito é que precisa de cura, é a discriminação que precisa de cura, são essas pessoas que precisam se curar de todo o capacitismo que elas carregam e não a gente que provoca um certo estranhamento com o que elas não estão habituadas, eu penso nesse sentido. Fonte: Grafite (2024).

Se tivesse uma cura pro autismo... é porque se tivesse uma cura assim, seria como se tivesse como colocar outra que não sou eu, porque eu nasci e funciono assim desde sempre, então, eu acho eu não. Parece assustador a ideia de eu ter que mudar e ser uma outra pessoa totalmente diferente da que eu sou. Fonte: Cereja (2024).

Porque não se cura identidade, não se cura uma identidade neurodiversa. Isso é uma bobagem, isso é besteira. Tá dando outro tiro no pé. Fonte: Vermelho (2024).

Eu já falei para você que eu não consigo me ver de outra forma e também porque eu já nasci com meu autismo e tals. E eu acho que só pelo fato de eu tomar alguma coisa, que tipo faria com que eu não fosse mais essa pessoa que eu sou hoje, que eu não fosse mais essa pessoa que eu já sou hoje em dia, feliz, eu acho que não seria uma jogada muito interessante. Então vamos dizer assim, eu curar o meu autismo eu acho que seria bem perigoso, porque o autismo apesar dele ter tido histórico de atraso de fala e tals, atraso na movimentação, ele também me trouxe benefícios, me trouxe bastante lição de passar para pessoas que existe esperança, que existe esperança, que existe tratamento, fora que eu consegui hoje em dia

trabalhar com minha própria independência e também provar para comunidade que a inclusão é muito importante em diversas áreas de escola, universidade e trabalho. Fonte: Verde (2024)

Como é que isso funcionaria na prática? Porque é tipo dizer que tipo “Ah, você toma esse remédio aqui, vai nascer 20 braços (risos). Quando você compreende realmente o que o autismo, o que é uma neurodivergência e como isso tá tão intrínseco em toda formação, do quê que a pessoa é né? A gente chama de neurodesenvolvimento, neuro de cérebro e desenvolvimento, ao longo da vida inteira, a teoria genética, tipo, daí quando você vai tomar uma pílula, você vai se transformar em uma pessoa diferente? E outra coisa né, que autismo e neurodivergência são ainda mais, tipo assim, já existe essa questão, não que eles dois, depois que houve o avanço da medicina, a gente fez cirurgia para restaurar a visão de algumas pessoas que nasceram cegas, tem pessoas que fazem essas cirurgias e elas continuam cegas, mesmo enxergando porque o cérebro delas se desenvolveu de forma cega. Então elas continuam vivendo de forma cega mesmo enxergando. Então, isso, porque é só o recente ao cérebro, porque o cérebro se desenvolveu de forma a esse sentido. Mesma coisa nas pessoas surdas, às vezes a pessoa nasceu surda, aí ela usa um aparelho, mas continua vendo de forma surda, mesmo com o aparelho escutando, só coisas adjacentes. Então, agora você imagine, isso só coisas adjacentes, agora imagine uma coisa de origem genética, que é a forma como seu cérebro foi construída a sua vida inteira, é tipo, literalmente não faz sentido nenhum, quando você entende o que o autismo é. Algumas pessoas tem um mito de que ‘Ah, existe uma criança escondida atrás do autismo’. Um outro autista... é, agora sumiu o nome dele, o autor do texto ‘Não chore por nós¹¹¹’ eu esqueci o nome dele, mas enfim. Eu acho que vou botar no google aqui e encontro. Mas ele diz assim, ‘Não existe criança escondida atrás do autismo’. A imagem que você tem do seu filho, na verdade é uma criança imaginária que só existe na sua cabeça, isso não é seu filho, você tá imaginando outra pessoa no lugar dele, que não é ele. Fonte: Rosa (2024).

O que é possível observar nessas falas é que os participantes não entendem o autismo como algo patológico, apesar de toda a carga sintomática que advém do diagnóstico. Alguns deles, mesmo com a opção de haver um remédio para tal sintomas, afirmaram que se recusariam a fazer uso. A sinalização da fala de Verde, por exemplo, demonstra que ainda que existam dificuldades, o autismo se apresenta como algo positivo na vida dele, proporciona-lhe acesso a espaços que sem o autismo, ele não acessaria. Nesse sentido, Canguilhem (2009) afirma que modificar constantes em um organismo poderia gerar não uma “ordem”, mas uma “nova desordem”.

Curar, apesar dos déficits, sempre é acompanhado de perdas essenciais para o organismo e, ao mesmo tempo, do reaparecimento de uma ordem. A isso

¹¹¹ O autor desse texto é Jim Sinclair. Foi publicado na Revista da Rede Internacional de Autismo (*Autism Network International*), Nossa Voz, volume 1, Nº 3, 1993. O texto é um fragmento retirado do discurso apresentado na Conferência Internacional de Autismo realizada em Toronto, dirigido especialmente aos pais de autistas.

corresponde uma nova norma individual. Pode-se compreender o quanto é importante reencontrar uma ordem durante a cura se atentarmos para o fato de que o organismo parece, antes de tudo, querer conservar ou adquirir certas peculiaridades que lhe permitirão construir essa nova ordem. É o mesmo que dizer que o organismo parece visar, antes de tudo, à obtenção de novas constantes. Encontramos eventualmente, durante a cura — e apesar dos deficits que persistem —, transformações, em certos campos, em relação ao passado, mas as propriedades tornam-se novamente, constantes (Canguilhem, 2009, p. 63).

Esse autor compartilha do pensamento de que há uma “irreversibilidade da normatividade biológica”. Portanto, partir do pressuposto de que a cura estabelecerá algo próximo de uma ideia de normalidade biológica é um equívoco. Porém, ressalto aqui que entendo que há sintomas que advêm do “ser autista”, que defendo que podem ser contornados por meio de utilização de tecnologias assistivas, adaptações laborais, tratamentos terapêuticos e, também, utilização de fármacos de forma adequada, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas autistas. Ainda que não exista um medicamento propriamente criado para superação direta do autismo, entendendo que, sempre que possível, é necessário que cada caso seja examinado com rigor para reduzir sintomas¹¹² secundários ao autismo em si, pois estes, de fato, podem causar danos extremos e irreversíveis a essas pessoas.

“Se a loucura é fruto de um fracasso moral, temporal e socialmente localizável, sua cura será, inversamente, a introdução do louco na ordem do tempo e das normas sociais” (Pelbart, 2021, p. 179). Considero que na mesma moldura rasa de uma ideia de possível cura, também está o preconceito e o capacitismo exposto por uma parcela da sociedade que insiste na normalização e na categorização. É algo muito presente e doloroso no cotidiano das pessoas autistas, como é possível observar no relato de Cereja:

Eu acho tudo bem falar assim, no geral, não entrar em muitos detalhes porque é um pouco doloroso. Mas, já sofri sim, desde quando eu nem entendia o que era preconceito e que era preconceito, que foi na infância. Mas as pessoas com deficiência têm isso né, de ter um histórico de sofrimento desse tipo desde a infância e para mim não foi diferente. Então, já sim, só não gostaria de entrar em detalhes, mas já sofri. Fonte: Cereja (2024).

¹¹² Como exemplos cito o chamado “*Meltdown*” (que significa derretimento, é uma espécie de colapso do sistema nervoso que ocorre a partir de altos níveis de ansiedade e angústia) e “*Shutdown*” (que significa congelamento, e faz com que o autista fique paralisado ou que se isole).

Os participantes são enfáticos no repúdio em relação a esses temas. Conforme observo no post de Vermelho, que atende não só a um ato contra o capacitismo, como também busca uma ruptura com uma ideia estereotipada do que significa ser autista no Dia Mundial de Conscientização do Autismo:

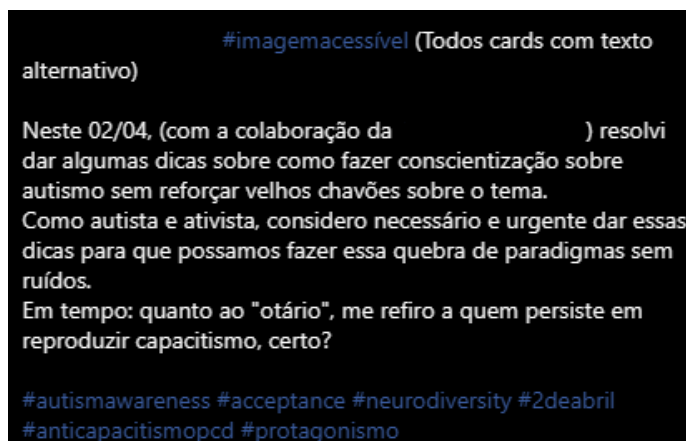


Figura 34: Post contra o capacitismo reproduzido no Dia Mundial de Conscientização do Autismo
Fonte: Instagram de Vermelho (2024)

Ao longo de sua entrevista, Vermelho também se coloca, através de sua fala, como um porta voz da luta de pessoas autistas contra o preconceito que insiste em retirá-los de territórios que lhes são garantidos por lei, como educação e postos de trabalho, por exemplo, diante da negação do suporte necessário a cada demanda específica.

Meu desejo é que os autistas parem de sofrer capacitismo, seria até uma coisa piegas [...]. Mas meu desejo principal é que o capacitismo acabe e que a gente tenha oportunidade de acesso ao mercado de trabalho, ao ensino superior, que a gente tenha direito. Eu posso ter garantido condições de permanência no ensino básico e no ensino superior e no mercado de trabalho. Que a gente possa ter projeto de vida, que os autistas possam escolher por si próprios, sem ter que ficar dependendo do governo de terceiros. Lógico, isso não significa que de vez em quando a gente não precise de suporte. Todo autista precisa de suporte, independentemente do nível, não importa se é um nível de suporte maior, mais intenso ou menos intenso. Todo autista precisa de algum tipo de suporte, independentemente do nível. Fonte: Vermelho (2024).

É de caminhos excludentes que surgem histórias de vida como a de Carlos Teixeira, que teve a sua ceifada, por colegas de escola e pela negligência do poder público e do sistema de saúde. Em matéria da Revista Fórum (2024), seu pai, Julisses Fleming, relata “*Me sinto acabado e destruído. O meu filho estava sofrendo bullying. O meu menino estava em estado de pânico o tempo todo*”. As atitudes recorrentes de violência contra Carlos, chegaram à situação

limite da efetivação de agressões físicas, ocorridas na Escola Estadual Professor Júlio Pardo Couto, que fica no bairro Nova Mirim, em Praia Grande, situada no litoral de São Paulo.

O adolescente, de apenas 13 anos, teve suas agressões filmadas e expostas em redes sociais. No dia 09 de abril de 2024, sua família buscou atendimento na UPA (Unidade de Pronto Atendimento) de Praia Grande, onde o garoto foi medicado e liberado em seguida. Na mesma semana, Fleming voltou mais duas vezes com o filho Carlos ao local, já que ele não parava de apresentar dor no tórax e dificuldade para respirar. No dia 15 de abril, seu pai o levou à UPA de Santos. O médico que o atendeu o transferiu prontamente para uma internação na Santa Casa de Misericórdia de Santos, onde o pré-adolescente foi intubado. No dia seguinte, 16 de abril, Carlos sofreu três paradas cardiorrespiratórias – ocasionadas por lesões no tórax, em vértebras da coluna e sobretudo em costelas – e morreu.

[...] o autismo enquanto transtorno, ou aquilo como decidam nomeá-lo por meio de classificações baseadas em modelo médico, é uma construção social que supervaloriza o déficit, a doença, o sintoma, a anormalidade, a invalidez, o capacitismo, em prejuízo da pessoa COM e EM sua subjetividade, daquele que, em inúmeras ocasiões e contextos, nem sequer é concebido ou visto como sujeito, porém sumariamente definido como indivíduo fora da norma, um patologizado, um incapaz, um estranho que precisa ser tutelado, consertado, normalizado ou, quem sabe, com o avanço da ciência, curado de sua moléstia ou, para os mais incultos, exorcizado de sua maldição. A violência contra o autismo é corpulenta (Orrú, 2024, p. 20).

A história de Carlos representa o que há de pior entre os meus achados, é o que mais causa tristeza e repulsa no que há no preconceito, capacitismo. Demonstra a coisificação dos corpos de pessoas que são vistas como anormais, deficientes. São corpos que podem ser facilmente descartados pela sociedade. A vida de Carlos Teixeira se foi, mas espero que, ao menos, não tenha sido ceifada em vão e que outras vozes possam se levantar contra o *bullying*, a omissão e a cura do preconceito, assim como Verde apresentou em sua fala e em seu *post*.

Eu acho que seria muito legal garantir a cura do preconceito, no geral, tantas pessoas. Porque isso para qualquer preconceito, não só com autismo tá? Qualquer comunidade, eu falo, acho que seria muito legal trabalhar com a inclusão e a gente viver num mundo perfeito, sem nenhum problema, mas isso infelizmente é uma coisa que não acontecerá jamais. Mas é muito importante isso e é muito importante pedir, para que pelo menos a maioria das pessoas tenham paciência e tenham a consciência de que é muito importante a inclusão no autismo e para qualquer outra comunidade. Fonte: Verde (2024).



Figura 35: Justiça por Carlos
Fonte: Instagram de Verde (2024)

5.6. AS CORES DAS LINHAS NA CARTOGRAFIA ESCRITA A AGULHADAS VISTAS POR UM CALEIDOSCÓPIO

“O mundo não é uma coleção de objetos naturais, com suas formas respectivas, testemunhadas pela evidência ou pela ciência, o mundo são cores. A vida não é uma série de funções da substância organizada, desde a mais humilde até a de maior requinte; a vida são cores. Tudo é cor. O que existe, existe na cor e pela cor”

(Carlos Drummond de Andrade)

Sob a inspiração da obra “Flicts” de Ziraldo (2019), inicio esta seção dizendo que todas as cores, que aqui se alinhavam neste tecido e colorem este texto, são essenciais para compor aquilo que denomino como *Primavera Autista*. Em tom poético, Ziraldo faz a defesa de uma cor vista como uma espécie de subcategoria na paleta de cores, na caixa de lápis, impossível de ser encontrada no arco-íris, a qual ele denomina Flicts: “Uma cor muito rara e muito triste” (Ziraldo, 2019, p.11). Uma cor que é comparada ao longo da obra com todas as outras cores e que não é bem quista diante de nenhuma delas. Contudo, o desfecho final de Flicts é surpreendente. Ziraldo revela ao leitor que em visita à lua, o astronauta Neil Armstrong chega à conclusão que “A lua é Flicts” e concede a essa cor o charme e a elegância lunar. E é sobre essa bela obra de Ziraldo que Carlos Drummond de Andrade se debruça para enaltecer ainda mais o valor de cada cor.

A cor ama, brinca, exalta, repele, dá sentido e expressão ao sítio ou à aparência onde ela pousa. Cores são seres individualizados e superpoderosos, que se servem de nosso veículo ótico para proclamar sua verdade. Nossas verdadinhas concretas empalidecem ao sol múltiplo que elas concentram (Drummond, 2019, p. 07).

Esta seção tem como objetivo exaltar a potência das cores que pintam as linhas desta pesquisa, as quais são inspiradas na ideia proposta por Fernand Deligny (2015) no momento que observa o movimento, os gestos e a linguagem de crianças autistas e percebe que as mesmas, de forma não-intencional, produzem mapas compostos por “linhas de errância” e “linhas costumeiras”. “Fernand Deligny abriu suas linhas de escrita para linhas de vida. E constantemente as linhas se cruzam, se superpõem por um instante, se erguem por um certo tempo” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 84).

Esses autores lembram que essas linhas se transformam e podem penetrar uma na outra, compondo o rizoma. Cada uma de minhas linhas possuem contornos, nuances, desvios e desvios que se exibem quando descortino os processos de subjetivação imbricados em cada perfil. Os movimentos das linhas, impressas em cores que caracterizo, dentro de um caleidoscópio, demonstram a intensidade e a potência que cada uma delas imprimiu no mapa cartográfico, um conjunto multilinear:

Ele é composto de linhas de natureza diferente. E essas linhas, no dispositivo, não cercam nem rodeiam sistemas, dos quais cada um seria, por sua vez, homogêneo – o objeto, o sujeito, a linguagem etc. –, mas seguem direções, traçam processos sempre em desequilíbrio e ora se aproximam ora se distanciam umas das outras. Cada linha é rompida, submetida a variações de direções, bifurcações e forquilhada, submetida a derivações (Deleuze, 2016, p.359).

Sobre tudo que se fala atualmente acerca do autismo há que considerar a existência de, ao menos, dois lados de uma mesma moeda. De um lado a importância de existir espaços que divulgam o tema, fazendo com que cada vez mais a sociedade tenha acesso às famílias e a pessoas autistas que falam por si. Por outro lado, o bombardeio de informações acerca da temática se torna um problema, na medida em que muito disso é feito por entre as redes, sem critérios, sem, muitas vezes, um compromisso com a realidade. Diagnósticos preguiçosos e feitos de forma aligeirada também são uma das problemáticas que circundam a temática. De acordo com Silvia Ester Orrú (2024, p. 156-157):

O autismo não pode e não deve ser implicado como modismo na sociedade contemporânea para explicar todo o comportamento que reflete o retiro social do indivíduo ou sua dificuldade de interagir, comunicar e se entrosar com os outros. [...] Autismo não é roupa que se veste e se tira quando se quer.

Desse bombardeio de autismo surgem alguns personagens salvacionistas que pregam a existência de uma única fonte centrada na ciência, capaz de cuidar, tratar e educar, fazendo com que todas as outras abordagens, inclusive as pedagógicas, sejam descartadas, desprezadas e taxadas como ineficazes. Orrú (2024) segue com suas reflexões e afirma que “As pessoas com autismo são heterogêneas e o conhecimento construído até agora, mesmo depois de um século de sua descrição, é incerto, diverso, incompleto e inconclusivo” (Orrú, 2024, p. 103-104).

O campo me mostrou que o ativismo autista, expresso nas redes, possui como intencionalidade ressignificar o caminho percorrido, para que outros autistas não vivenciem as mesmas dificuldades e possam avançar em torno da pauta, conforme é possível observar na afirmação de Rosa: *É, a gente espera que as outras pessoas não tenham que passar pelo sofrimento que a gente passou. Mas essa é a motivação pelo meu ativismo.* Fonte: Rosa (2024).

Diante do argumento de Rosa, defendo a perspectiva da educação não-formal como estratégia utilizada pelos participantes da pesquisa para abordar temáticas que lhes são caras, com o objetivo de promover a difusão de saberes de vida compartilhados coletivamente. É relevante ressaltar que aqui não corrobora a perspectiva de educação não-formal em detrimento da educação formal, escolar. Parto apenas da necessidade de compreensão de que a utilização das redes sociais pelos participantes, também proporciona uma atitude educativa. De acordo com o pensamento de Maria da Glória Gohn (2007), essa modalidade educacional é voltada para questões que dizem respeito ao dia a dia dos participantes, que se apresentam no cotidiano, desafios referentes ao trabalho e a sua capacitação, tendo como foco ações coletivas.

O principal objetivo dessa corrente educativa é a formação de cidadãos aptos a solucionar problemas do cotidiano, desenvolver habilidades, capacitar-se para o trabalho, organizar-se coletivamente, apurar a compreensão do mundo à sua volta e ler criticamente a informação que recebem (Gohn, 2007, p. 13-14).

A reflexão de Grafite evidencia essa perspectiva educacional, especialmente quando a mesma elenca temáticas que a move no exercício do ativismo, com o objetivo de “reeducar” para combater preconceitos, como possível identificar em sua fala:

Eu acho que a mensagem que eu quero passar, apesar de eu não ter pensado necessariamente nisso, dessa forma, é falar um pouco sobre as nossas questões. Para quebrar os mitos, desconstruir algumas percepções muito engessadas que a sociedade tem. Talvez a primeira delas seja justamente essa, o autista falando ele não é percebido como uma pessoa que tem dificuldades, que também tem limitações, como um autista não-falante. Eu não uso as expressões, não gosto das expressões verbal e não-verbal, porque os autistas não-falantes podem se

comunicar por outras ferramentas, principalmente se incentivados, ensinados a utilizar essas ferramentas como comunicação alternativa, o uso de tecnologia assistiva. A própria LIBRAS é um recurso importante para autistas porque tem momentos em que realmente a gente não consegue falar. E não é porque eu sou, ou melhor, estou falando que em outros momentos eu não fui, ou que em outros momentos eu possa não vir a ser. A gente sabe hoje que o nosso nível de suporte depende muito de recurso que a gente está tendo acesso, de orientação, de apoio de terapia e de grana mesmo, não tem como separar o nível de suporte do dinheiro que a gente dispõe para acessar acompanhamentos, medicações, terapias, profissionais específicos. Então, as pessoas, muitas delas, não são ignorantes por maldade, elas não têm acesso a essas informações porque simplesmente não faz parte da vida delas, assim como não fazia parte da minha vida até eu ter o diagnóstico. E como profissional da educação, como professora, foi algo que pesou muito na minha consciência e foi algo que também sustentou a mudança do meu projeto de tese do doutorado. Se a gente que tá na universidade ocupando espaços plurais, discutindo teorias que são interdisciplinares, transdisciplinares não estamos falando sobre isso. Então quem tá? Então, esse conhecimento tá chegando na sociedade? Esse conhecimento tá chegando ao senso comum para substituir todos esses conceitos? Então eu não gosto das palavras conscientizar, eu não gosto das palavras sensibilizar, nem empoderar, porque eu penso que isso apela muito para um movimento individual das pessoas e até emotivo, afetuoso, e eu penso que a nossa responsabilidade com a educação e com a qualidade da informação ela tem que ser independente de qualquer vínculo de afeto, de nada disso. Então, eu gostaria de fazer simplesmente o que eu já tive oportunidade de fazer na sala de aula que é educar e reeducar as pessoas com informações, dicas, baseadas em estudos que eu faço e se fosse para dar uma função a isso seria a partir desse verbo reeducar. Reeducar para gente combater todo o preconceito e discriminação que circula e que a gente sofre na sociedade. Fonte: Grafite (2024).

Gohn (2007) afirma que o exercício da educação não-formal é feito em mão dupla. De alguma forma, observo que, imersos às possibilidades de ensinar, “reeducar”, os participantes, de alguma forma, também aprendem. Essa reflexão é possível ser lida também na fala de Grafite:

Hoje, se eu pudesse expressar um desejo para o futuro, penso que eu gostaria que as pessoas fossem incentivadas a ter um pouco mais de compromisso coletivo, que a gente aprenda a deixar de ser tão egoísta, inclusive eu, óbvio, porque se a gente cresce numa sociedade patriarcal, machista, racista, lgbtfóbica, capacitista, a gente também carrega essas noções dentro da gente. Então, se você diz por exemplo que eu tenho uma perspectiva ativista, que talvez nem tenha começado com esse sentido, eu também reconheço que muitas das quais, pelas quais a gente luta hoje, a gente talvez não alcance e eu não penso nisso a partir de uma leitura pessimista, penso que isso é muito natural e como foi em outros momentos para mulheres que não podiam estudar, que não podiam votar, para pessoas LGBT que não podiam se relacionar, não podiam se casar, por exemplo, assim como vários outros grupos, eu tenho uma sensação de conseguir, de tentar olhar o que a gente vai conseguir e isso depende muito do compromisso coletivo, do engajamento que outras pessoas

tem com as causas, não só essa. Então, eu desejo muito que as pessoas se comprometam mais com, não só essa, mas com outras causas o máximo que elas puderem, que eu penso que é esse movimento que vai abrir espaço para uma sociedade mais respeitosa, para uma sociedade menos preconceituosa, menos discriminatória, porque se a gente continua nesse embate, nessa forçação de barra de ter que obrigar as pessoas, inclusive via dispositivos legais de punir as pessoas que não respondem a esses dispositivos, porque não respeitam as diversidades, isso é muito cansativo também. Então, eu penso que se a gente continuar falando sobre esses e outros assuntos com a perspectiva de reeducar as pessoas e que as próximas gerações cresçam com essa naturalização da diversidade, e não com o receio de serem punidas por desrespeitar, eu penso que esse compromisso coletivo vai ser cumprido de uma forma mais espontânea mesmo, então se eu fosse desejar uma coisa eu desejaria isso: mais compromisso coletivo a partir de educação, de informação de qualidade, sem precisar sensibilizar, sem precisar querer conscientizar ou empoderar ninguém porque a gente não tem esse poder. Mas fazer a nossa parte de ir educando, transformando aos pouquinhos que acho que a gente consegue fazer. Fonte: Grafite (2024).

A partir da observação das redes, foi possível perceber que todos os participantes, cada um à sua maneira, utilizam essas ferramentas como meio de divulgação do seu trabalho e, a partir dele, expressam formas de protagonismo e ativismo. Entre lives, exposições, oficinas, participação em eventos, essas pessoas constroem estratégias de educação não-formal, e objetivam divulgar a causa autista e combater paradigmas de normalidade. Há um princípio pedagógico nessas intervenções e nas suas divulgações, através das redes, esclarecendo dúvidas e tentando “educar” de alguma forma a sociedade dentro e fora das redes. Com esse trabalho ostensivo, os autistas desmistificam categorias de identidade e retiram o primado do diagnóstico de um território determinante e excludente, conforme a reflexão de Orrú (2024, p. 111),

É indispensável investirmos em saberes mais conciliadores, que não reduzam o ser humano a determinações biológicas/genéticas nem o algemem a estruturas psíquicas, muito menos o definam por um diagnóstico médico pautado no déficit, naquilo que falta. Não se é possível universalizar o autismo, tendo em vista sua complexa multiplicidade. Todos somos mais que um diagnóstico, muito mais do que uma condição clínica, seja ela qual for!

Uma das temáticas que mais me chamou atenção entre os achados da pesquisa foi a relação que os participantes desenvolvem com o trabalho. Tornou-se uma das características mais prementes nos jovens e adultos que compõem a *Primavera Autista* a preocupação com meios de manutenção da própria vida. Um dos dilemas da vida adulta é como conquistar formas de provê-la, mantê-la. Para os autistas não é diferente. As redes sociais dos participantes são espaços muito utilizados para expressar temáticas que envolvem o tema “trabalho” – seja para expor suas conquistas cotidianas, que surgem por meio do trabalho, enquanto realização

peçoal; seja para promover seu próprio trabalho, enquanto fonte de renda; seja para divulgar o autismo. Como é possível identificar nos *posts* abaixo, os campos de atuação e participação dos autistas são diversos, assim como suas áreas de interesse.

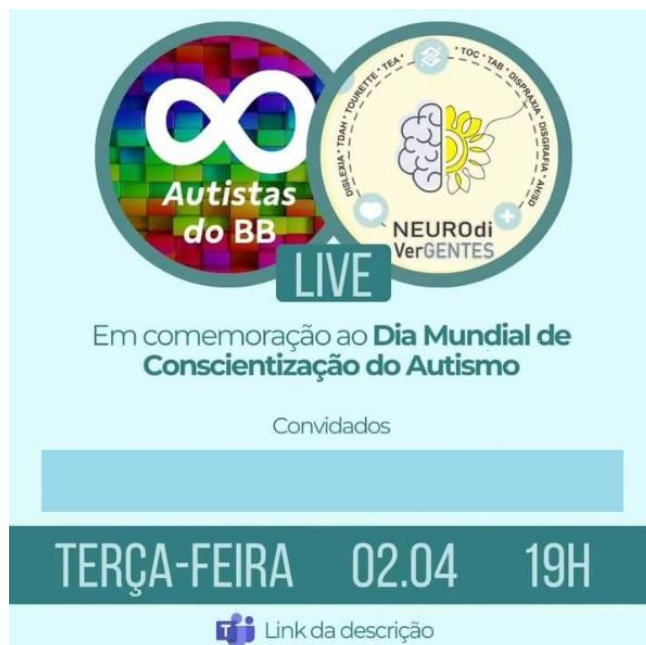


Figura 36 – Divulgação de *live* realizada em comemoração ao Dia Mundial de Conscientização do Autismo

Fonte: *Instagram* de Rosa (2024)

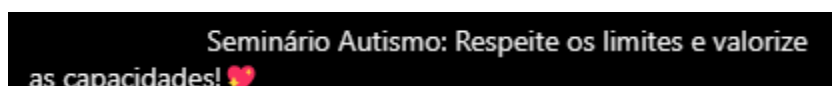


Figura 37 – Divulgação de Seminário sobre Autismo

Fonte: *Instagram* de Cereja (2024)

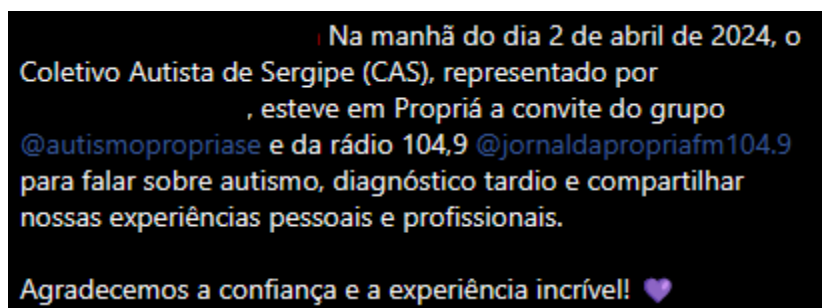


Figura 38 – Divulgação da participação do Coletivo Autista de Sergipe (CAS) em programa de rádio

Fonte: *Instagram* de Grafite (2024)

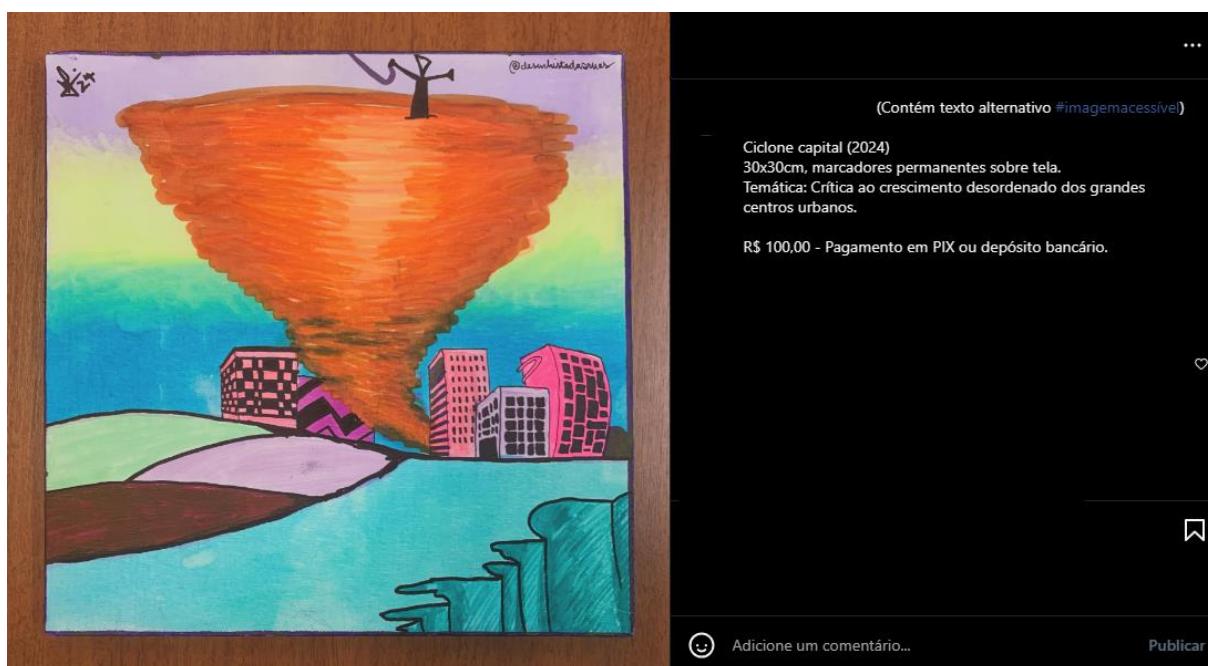


Figura 39 – Divulgação da obra “Ciclone Capital” para venda

Fonte: Instagram de Vermelho (2024)

Valorizando a arte do artista autista.
Respeito e valorização! É disso que precisamos no mercado de trabalho.

Que momento incrível, o evento de autógrafos com
foi um verdadeiro sucesso! 🎨🌈

Agradecemos a presença de todos que vieram prestigiar e
compartilhar desse momento especial conosco. Juntos,
apoiamos a arte, a literatura e uma bela causa.

Nossa exposição segue até o dia 28 de abril, não deixe de
prestigiar essas obras únicas!

Figura 40 – Agradecimento ao público pela participação em exposição de artes

Fonte: Instagram de Verde (2024)



Figura 41 – Cartaz de divulgação da Exposição “Todas as Formas”

Fonte: Instagram de Verde (2024)

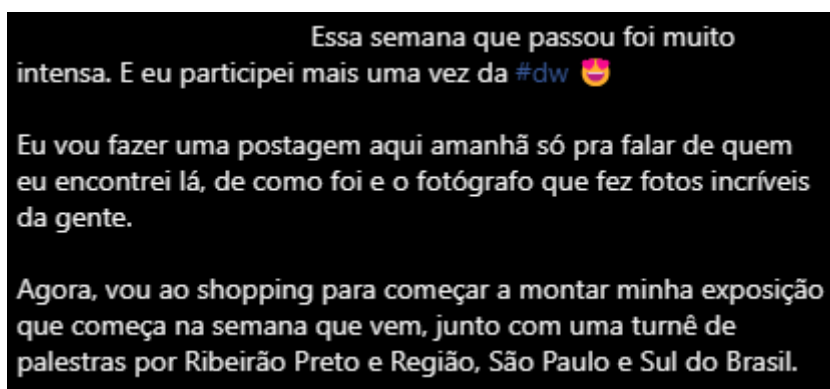


Figura 42 – Divulgação de exposição de artes e palestras

Fonte: Instagram de Verde (2024)



Figura 43 – Post sobre a vida de artista

Fonte: Instagram de Verde (2024)

Muitas pessoas me perguntando como eu faço minhas obras. Bem, de diversas formas, mas uma delas é essa que eu mostro no vídeo.

Eu posso tirar foro da pessoa e fazer uma obra de arte, ou tirar foto de cores que a pessoa goste ou queira.

Nesse vídeo, eu fiz uma obra para minha querida do jeito que ela pediu para combinar com uma obra do meu amigo

Ela gostou tanto que ficou com duas 😊

E aí, vc imaginava que eu poderia usar até cobertores para fazer minhas obras?

Figura 44 – Post sobre o processo criativo

Fonte: Instagram de Verde (2024)

No entanto, também observo considerações extremamente pertinentes sobre a dificuldade que a maioria dos autistas apresentam para conseguir um emprego, ter seu direito à reserva de vaga garantida em um concurso público ou até mesmo ser visto como um detentor de força de trabalho, que pode exercer uma função laboral de forma autônoma. A discussão da inserção dos autistas no mercado de trabalho é quase sempre delicada. Seja quando concorrem pela reserva de vagas e veem seus diagnósticos descredibilizados por comissões médicas e têm seus direitos negados. Seja quando são ditos como incapazes para cumprir a função designada, exatamente pelo fato de serem autistas. Conforme é possível entender a partir da fala de Rosa:

Tem um monte de concursos públicos que, em cargos públicos e concursados, que estão negando autistas como PcD. Por exemplo, se a pessoa faz o concurso e quer tentar a vaga PcD como autista, as perícias estão negando. A pessoa se descobre autista, depois de ter passado num concurso, e quer se colocar como PcD, a perícia também nega. Então, a respeito assim, ou você é autista e não consegue trabalhar, ou você não é autista. É mais ou menos essa mentalidade que existe, que existe milhões de níveis de preconceito nisso, que precisa ser destruído e mesmo com todo esse ativismo que existe, a gente ainda precisa chegar em certas pessoas explicando nosso direito, por que? Porque nossos direitos são negados. É tipo, a gente pode trabalhar se a gente tiver adaptações. Não é muito diferente de várias outras deficiências. É tipo, uma pessoa com deficiência visual que precisa de braille para poder fazer o trabalho dela. Um surdo que precisa de LIBRAS, a gente precisa das nossas adaptações. Não existe esse binarismo de preto e branco, ou você é deficiente e não consegue fazer nada, ou você não é e consegue fazer tudo. A gente tem que quebrar vários binarismos na nossa sociedade. Fonte: Rosa (2024).

De acordo com Luisa Costa (2024), o IBGE estima que 85% dos autistas estejam desempregados no Brasil, embora eles sejam beneficiados pela Lei de Cotas, que determina uma participação mínima para pessoas com deficiência nas empresas e em cargos públicos. Ela aponta que algumas razões para os dados de desemprego são a ausência de suporte para autistas e o preconceito, causado pela falta de conhecimento sobre o próprio autismo.

As dificuldades que os autistas e outros neurodivergentes enfrentam para se adequarem frequentemente colaboram para o desenvolvimento de quadros como ansiedade ou depressão. E esses transtornos mentais são mesmo mais frequentes entre eles. Estima-se que o índice de depressão em autistas, por exemplo, varia de 10% a 50%. Entre neurotípicos, o índice é de 7%. E, quando falamos sobre o autista se adaptar ao ambiente, muitas vezes isso significa despende um esforço para mascarar a condição e não sofrer com o preconceito (Costa, 2024, *on-line*).

Tudo isso pode se agravar em realidades de vida precarizadas, especialmente se considero que aqui estou falando de pessoas autistas que são influenciadoras, que em sua maioria possui nível de suporte 1, comunicam-se bem, expressam sua realidade nas redes e ainda assim demonstram insatisfação em relação ao mercado de trabalho. Imagino como pode ser excludente a vida laboral do autista invisível, que possui um nível de suporte 3, com dificuldade de comunicação e privações... Considero que seja próximo ao inexistente, principalmente pela ausência de oportunidade, com possibilidades de tecnologia assistiva, que possibilitem a entrada e a manutenção desses adultos na vida profissional, enquanto população economicamente ativa. É diante do mercado de trabalho que Verde expõe a existência do preconceito, traduzido em forma de capacitismo, praticado de forma mais ostensiva:

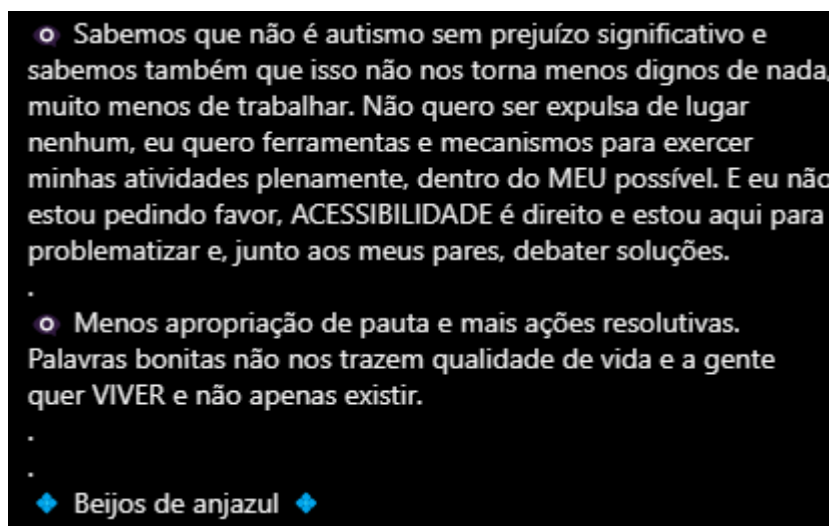
Eu já sofri sim preconceito pelo fato de eu ser autista. Já sofri bullying na escola por um ano, mas eu acho que não é esse o assunto que se destaca mais. Eu acho que o assunto que mais se destaca foi quando eu sofri preconceito por tá numa vaga de emprego, porque teve uma vez que eu tava querendo muito uma vaga de emprego para mim, provar mais a minha independência, vamos dizer assim. Só que aí depois – a gente acabou não tendo provas suficientes, mas uma pessoa falou para gente depois que uma pessoa teve preconceito com capacitismo. Ela disse que não queria pessoa autista trabalhando na empresa. Ela queria uma pessoa, um pouco mais, vamos dizer assim, deficiente física. Mas que ela não queria uma pessoa com TEA trabalhando e isso me deixou muito mal, porque foi um capacitismo, que na minha opinião, foi bem baixo. Fonte: Verde (2024).

Para reverter esse quadro, Luisa Costa (2024) indica como boas práticas para a inclusão de autistas no mercado de trabalho: investir em informação, para combater o capacitismo; instalação de salas de descompressão, espaços reservados e silenciosos para quem precisa se

isolar por alguns momentos; presença de funcionários capacitados para oferecer suporte necessário para cada necessidade de adaptação; manter uma rotina bem estruturada e organizada; atenção especial com as reuniões, que não devem ultrapassar uma hora, para driblar disfunções executivas; adoção de *home office* pode também ser um bom aliado. No dia 1º de maio foi possível observar um *post* de Grafite que reflete sobre as problemáticas que envolvem a inclusão de autistas no mercado de trabalho, corroborando algumas das reflexões propostas por Lopes (2024):

- 1º de Maio é uma data muito importante e reconhecida internacionalmente. No Brasil, é feriado nacional.
- .
- No entanto, o "simples" fato de trabalhar é inviável para muitos Autistas. Muitos de nós não conseguimos dizer às instituições que somos autistas por receio de violência institucional e isso acaba por dificultar a exigência de nossos direitos.
- .
- Além dos recortes de classe, raça e gênero, precisamos MUITO falar sobre deficiências e, principalmente, deficiências ocultas como o Autismo. As pessoas têm falado muito sobre acessibilidade e inclusão que é bom nada. Temos muito discurso para poucas ações objetivas e resolutivas.
- .
- Você sabia que a maioria dos autistas estão desempregados? Pois é.

- Enquanto o foco do autismo se restringir às crianças, jovens, adultos e idosos continuarão sendo negligenciados. Não devemos ser expulsos dos contextos, os contextos que têm de se reformular para acolher pessoas como nós.
- .
- Não adianta viabilizar apenas o nosso acesso aos espaços, precisamos de medidas e estratégias de manutenção nesses lugares .
- .
- Nossas características devem ser vistas com naturalidade, sem nos infantilizar, sem nos incapacitar ou questionar nossas habilidades. Assim como nossas limitações devem ser respeitadas.
- .
- Diante dessa problematização, deixo uma reflexão para desestabilizar o juízo de vocês: o PROBLEMA está no autismo ou na sociedade que nos incapacita diariamente através das estruturas de opressão?



Figuras 45-47: Reflexões sobre os desafios de inserção de autistas no mercado de trabalho

Fonte: Instagram de Grafite (2024)

Grafite finaliza seu post com a saudação “Beijos da anjazul”, com o objetivo que me parece condizente com a necessidade de romper com a *Identidade Autista*, que os compara a “anjos”, que os infantiliza e, por isso mesmo, limita-os, seja na possibilidade de inclusão em postos de trabalho, seja na compreensão de que autistas crescem e adquirem novas necessidades. Assim, coloca-me diante de uma problemática de comprometimento da possibilidade de autistas também viverem suas vidas de forma plena. Vermelho e Rosa lembram que a visibilidade dada à causa do autismo infantil pode ser apenas uma estratégia eugênica da sociedade:

Tem muita gente que fala nas redes sociais, com muita visibilidade para o autismo infantil. Isso é mentira! Eles dão uma visibilidade, mas uma visibilidade equivocada, errônea e repleta de falso moralismo, porque você cria um caminho que pensa a medicalização, que são medidas higienistas, não pode ficar passando a mão na cabeça dessa galera, por mais que a gente deva fazer essa compreensão de base, mas isso não significa também ser leniente, dizer amém para qualquer coisa que fala sobre autismo. De vez em quando a gente tem que se impor, mesmo que seja de uma forma muito dura. Sinto que às vezes eu pago um pouco o preço disso, por se impor de uma forma mais dura, mais enérgica. Eu sei porque perdi algumas oportunidades, em termos profissionais, por conta disso. Aliás, não só eu né, vários outros ativistas autistas já passaram por situações semelhantes também.
 Fonte: Vermelho (2024).

Toda vez que chega abril a gente tem que falar né porque o azul é problemático, porque o quebra-cabeça é problemático, aí quando chega em junho a gente tem que falar da importância do orgulho autista e tal (risos). E aí de vez em quando, acho que um tema que me tocou bastante, por isso até que eu coloquei lá no

Facebook com um texto alfinetado, para sempre tá acima é a questão do mito da idade mental, que isso é um mito criado na época nazista para explorar o trabalho de pessoas com deficiência, tanto que negavam os direitos deles e tem gente que ainda acredita até hoje, entende? Então é um mito muito permanente que causa uma presunção de incompetência muito grande, a gente fica subestimando a pessoa. E é uma subestimação quando você fala em idade mental e você nega as experiências de vida dela, tem toda uma questão de uma série de problemas que isso dá e as pessoas nem sabem no que que é baseado isso, sabe? Se for perguntar em alguns casos o médico só olhou para cara e julgou a idade mental e tal ou então os pais julgaram que não houve evolução da história idade, então ele continua assim. Então é muito você fazer uma acusação a uma pessoa, da qual ela não pode se defender, e tipo isso só traz prejuízo, só traz prejuízo para pessoa. Fonte: Rosa (2024).

O que é possível concluir a partir dos dados apresentados é que os participantes me falam o tempo todo sobre suas vidas, seus corpos. São professores, ativistas, artistas, estudantes, funcionários públicos que buscam o tempo todo lutar por possibilidades de poder existir em uma sociedade que os discrimina, rotula e classifica como inadequados. Pensar o autismo pela via do *Devir Autista* e suas diversas expressões é também refletir sobre o que aponta Orrú (2024, p. 103):

O autismo não é um tipo de pessoa, um tipo de gente, uma filosofia de vida, uma doença, uma deficiência, uma genialidade, uma escolha, uma bênção ou maldição hereditária, tampouco uma manifestação sobrenatural divina ou demoníaca. Não é uma coisa legal ou ruim. O autismo é uma condição que se manifesta de modo não igual nas pessoas por todo o planeta (independente de sexo, gênero, cor, raça, etnia, geografia, crenças, condição socioeconômica, status social), porque as pessoas são únicas e não se repetem, cada uma tem sua própria vivência no autismo.

Diante disso, denoto a urgência do movimento primaveril autista que, em suma, apregoa o fim das categorizações propostas pelo modelo biomédico, para a criação de uma composição sem previsibilidades estanques, para que seja possível alcançar feitos e desejos como os que Verde descreve em seus posts:

ESSE POST NÃO É SOBRE POLÍTICA! Por favor, respeitem meu momento 🙏

Hoje eu tive a honra de participar da inauguração do Institut Pasteur de São Paulo.

Eu nem sei como contar tudo o que aconteceu hoje, mas vou fazer dois posts. Esse será com a reportagem que passou no Jornal Nacional. No próximo post, vou fazer um compilado com as partes que eu entreguei uma obra de arte minha para o Presidente da França, @emmanuelmacron

Figura 48: Post sobre a Inauguração do *Institut Pasteur* de São Paulo

Fonte: *Instagram* de Verde (2024)

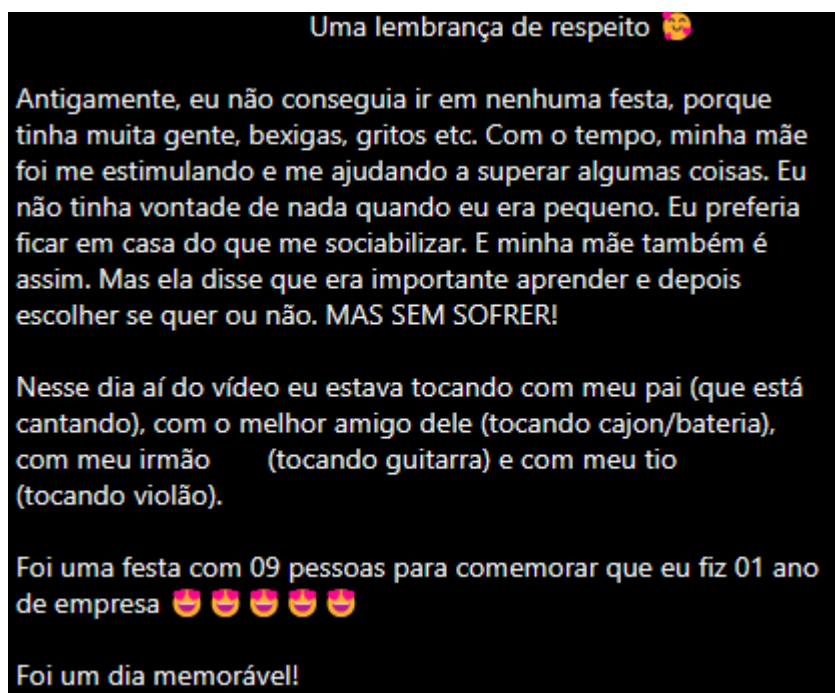
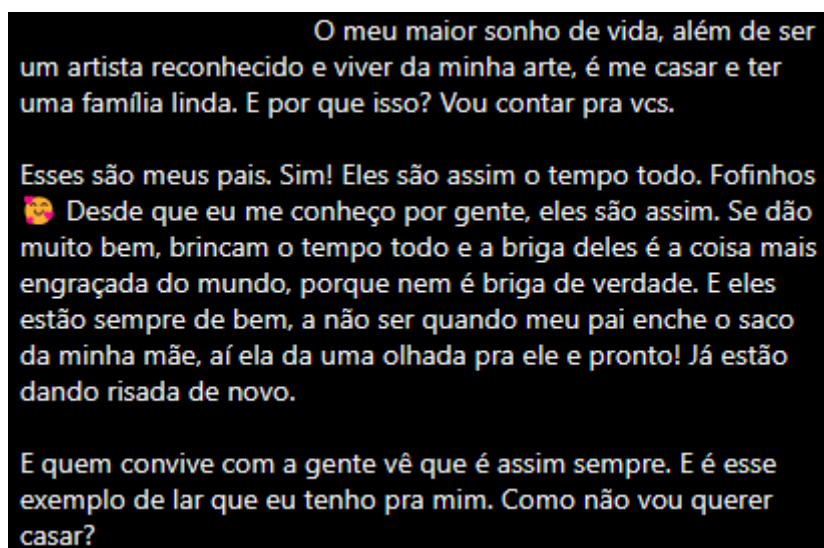


Figura 49: Reflexões sobre o superação de desafios

Fonte: *Instagram* de Verde (2024)



E eu tenho uma frase: eu não posso prometer que minha mulher vai ser a pessoa mais feliz do mundo, pq a gente vai ter problemas mais cedo l mais tarde. Mas eu posso prometer a ela que ela será feliz e respeitada. Que eu jamais vou levantar a mão ou a voz pra ela. É que eu vou amá-la como nunca ameí ninguém. Eu vou acordar todos os dias para fazê-la feliz e para se feliz. E eu vou ter obrigações em casa, porque eu não vou arrumar uma emprega, mas uma companheira que estará ao meu lado para o que der e vier.

Amem-se e respeitem-se. Deem boas gargalhadas e não briguem por bobeira. Sejam felizes sempre ♥♥♥

Obrigado pai e mãe. Eu amo vcs 🍷

Figuras 50-51: Desabafo sobre desejos para o futuro

Fonte: Instagram de Verde (2024)

Abaixo, Rosa e Vermelho reforçam a relevância do ativismo, quando refletem sobre a importância de ouvir os autistas adultos acerca de suas necessidades, para que as crianças não passem por tantas dificuldades como eles já passaram.

Eu gostaria também que as pessoas ouvissem mais os autistas adultos e entender que a gente tá tentando evitar os problemas, para que as crianças de hoje não passem pelos problemas que a gente passou. Tem o respeito terapêutico também, que nossa, a gente nem chegou a tocar nesse assunto de abusos terapêuticos. Fonte: Rosa (2024).

Isso ainda acontece até hoje, tem muita gente que fala que eu não pareço autista, a baboseira de sempre. Então, eu já passei por isso diversas vezes, não que é a primeira vez, nem vai ser a última. Então, sempre vai ter isso aí, sempre vai acontecer. Eu acho que nós que somos autistas ativistas temos obrigação de estarmos, digamos, preparados para lidar com esse tipo de coisa. Então a gente vai tomar porrada para caralho, eu tomo muita porrada, mas a gente sabe que a gente precisa saber qual é a desses caras, eles vão fazer isso sempre. Uma coisa que eu acho muito importante é trazer informação, no caso, entre os ativistas autistas. Eu, como sou socialista, eu acho que essa formação de base tem que ter um viés marxista, antes de tudo, anticapitalista, porque eu entendo que não é apenas você ter um diagnóstico, você faz parte de uma classe social, você ser parte da classe trabalhadora. A gente tem que ter essa perspectiva anticapitalista, até para poder aglutinar mais aliados e poder fazer essa batalha em pé de igualdade, principalmente com relação a temas espinhosos, como o ABA, clínica-escola, a volta dos manicômios. Nos últimos anos, eu acho que a gente tem tido um pouco de dificuldade até de garantir algumas vitórias. Aqui em São Paulo, no ano de 2022, em plena pandemia, eu venho ajudando a fazer o debate sobre a Política Municipal

de Atenção à população com TEA, ajudando os autistas adultos para participarem do debate, porque o debate estava sendo monopolizado. Fonte: Vermelho (2024).

Dentre as problemáticas que envolvem a participação política nos movimentos de protesto que acontecem na rua e na internet, a exemplo dos movimentos primaveris, Isabel Babo (2017) afirma que é importante pensar se a incorporação da Internet nos processos comunicativos do ativismo denota mudanças nas ações coletivas pelos net-ativistas, fato que pode transformar o próprio ativismo. Ela questiona também a dimensão coletiva dessa ação e se a mesma está diante de novas formas de expressão individuais e coletivas. De acordo com essa autora, é importante pensar se o net-ativismo, ao reconstruir formas de militância, pode originar novas experiências de participação individual no coletivo e novas possibilidades de ação em público.

As reflexões dessa autora são consoantes com o ativismo praticado pelos participantes. Durante a sua entrevista, Rosa me conta como iniciou sua imersão no universo das redes sociais, ressaltando o quanto isso foi importante para que ela pudesse estabelecer conexões que a levaram a se tornar uma das responsáveis pela criação da página “Primavera Autista: todas as cores do autismo”, no *Facebook*.

Porque, aí depois né, naquela época do Orkut. Desde que eu soube que era isso mesmo, comecei a ir atrás de grupos que tinha na época do Orkut. Entrei em vários grupos: Autismo, Asperger, como chamava à época. Mas foi somente já adulta, foi em 2014, quando eu tava já sabendo falar inglês, que descobri a comunidade internacional, que aí eu tive acesso a um monte de informações, que não eram disponíveis para mim quando eu era criança, adolescente. Um monte de coisa que

teria mudado completamente a minha vida, que teria sido completamente diferente.
 Fonte: Rosa (2024).



Figura 52: Página “Primavera Autista”

Fonte: Facebook (2024)

Rosa relata que esse projeto foi pensado em 2015, por 5 jovens autistas, para falar sobre “Todas as cores do autismo”, com a seguinte apresentação: “Página dedicada a divulgar falas, escritos e ações de pessoas autistas em português. É gerenciada por pessoas autistas”. Não obstante a beleza impressa pelas cores, a *Primavera Autista*, seja enquanto página nas redes sociais, seja por meio das falas de Rosa, passa longe de toda e qualquer possibilidade de romantização, espetacularização ou glamourização do autismo.



Figura 53: Sobre a página “Primavera Autista”

Fonte: Facebook (2024)

Observo que o principal objetivo da página é expressar – a partir de textos, imagens e vídeos – o net-ativismo realizado por elas em um momento que ainda não existiam tantos jovens e adultos autistas influenciadores no Brasil. Essa ideia partiu de uma necessidade de expor, para a sociedade, pessoas autistas gerando conteúdo como estratégia de luta em torno da causa do autismo, em detrimento de associações ou coletivos de pais de autistas.

Sim, inclusive esse foi o nome de uma página que eu tenho, junto com outras colegas autistas, a gente chama de Primavera Autista. É, porque na época que a gente tava começando a fazer esse ativismo, então, a gente não via em todo lugar assim, não existia ainda tik tok... Foi lá por volta de 2014, 2015, E aí não tinha assim o monte de autista que tem hoje na internet. A gente era uma das pouquíssimas que tinha na época, a gente quer realmente mudar isso aqui. A gente da Primavera Autista também, que tava havendo na época a Primavera Árabe, aí a gente queria pegar esse contexto de também sair um pouco do azul do autismo, mostrar o autismo mais colorido de todas as pessoas, não só ‘Ah, o menino branco classe média alta’. É, a gente ficava colocando textos que a gente achava interessante, referentes à causa. Fonte: Rosa (2024).

Apesar da relevância do conteúdo postado e da importância como referência para esta pesquisa, lamentavelmente observo que a última postagem da página foi feita em 11 de outubro

de 2023. A hipótese que levanto é que outras redes, como o *Instagram*, *TikTok* e o próprio *Youtube*, com o tempo, ganharam mais engajamento e fizeram com que muitos perfis abandonassem o *Facebook* para se dedicar a outras plataformas. O último post da página é um texto traduzido do inglês para o português, chamado “Mãos quietas”, da autista adulta, Julia Bascom (2015, *on-line*):

1. Quando eu era criança, eles seguraram a minha mão numa cola estranha enquanto eu chorava. 2. Eu sou bem maior que eles agora. Ando pelo corredor para uma reunião, e minha mão escapa na direção da parede para sentir sua textura enquanto eu passo. “Mãos quietas”, eu sussuro. Minha mão cai ao lado do corpo. 3. Em uma classe de crianças não verbais, a frase mais comum é uma metáfora. “Mãos quietas!” Um aluno empurra um pedaço de papel, balança suas mãos, finca os dedos na palma, cutuca um lápis, esfrega suas palmas no cabelo. Silêncio, até: “Mãos quietas!” Eu ainda estou pra conhecer um aluno que não aprendeu a instintivamente recuar e colocar as mãos no colo com essa ordem. 4. Quando eu era criança, eu era autista. E, quando você é autista, não é abuso. É terapia. 5. As mãos são, por definição, quietas. Elas não podem falar, assim como metade desses alunos... (Comportamento é comunicação.) (Não poder falar não significa não ter nada a dizer) As coisas, aos poucos, começam a fazer muito mais sentido. 6. Terra pode ler as minhas mãos balançando melhor que o meu rosto. “Você tem um movimento pra cada coisa,” ela diz, e eu queria que todo mundo pudesse olhar para as minhas mãos e ver “eu preciso que você vá mais devagar” ou “isso é a melhor coisa do mundo” ou “posso, por favor, tocar” ou “estou com tanta fome acho que meu cérebro está se auto digerindo”. Mas se eles virem as minhas mãos, eu não estou segura. “Eles vêem as suas mãos,” minha irmã diz, “e você pode muito bem estar girando as mãos quando tudo o que está dizendo é “essa comida é bem gostosa”. 7. Quando estávamos no ensino médio, uma girada acidental de mão da minha parte deu ao meu outro amigo autista ataques de pânico. 8. Me disseram que eu tenho uma fixação manual. Minhas mãos são um dos poucos lugares do meu corpo que eu normalmente reconheço como meus de verdade, posso sentir, e posso ocasionalmente controlar. Sou fascinada por elas. Eu poderia estudá-las por horas. Elas são bonitas de uma forma que me fazem entender o real significado da beleza. Minhas mãos sabem coisas que o resto de mim não sabe. Elas digitam palavras, frases, estórias, mundos que eu não sabia que eu conhecia. Elas se lembram de senhas e sequências que eu nem me lembro de precisar. Elas me contam o que eu penso, o que eu sei, o que eu lembro. Elas nem sempre precisam de um teclado pra isso. Minhas mãos dão um feedback automático, de tocar e sentir simultaneamente. Eu sinto que entendi o mundo inteiro quando eu esfrego as pontas dos meus dedos umas nas outras. Quando eu chego em um lugar novo, meus dedos tocam as paredes, as mesas, os balcões. Eles roçam o papel e me fazem rir, eles se pressionam entre eles e me lembram de que sou real, eles batem e produzem som para me lembrar de causa e efeito. Meus dedos mapeiam um mundo e o fazem real. Minhas mãos são mais do que eu sou. 9. Mas eu devo ter mãos quietas. 10. Eu sei. Eu sei. Alguém que não fala não precisa ser ouvido. Eu sei. Comportamento não é comunicação. É algo para ser controlado. Eu sei. Balançar suas mãos não significa nada pra você, então não significa nada pra mim. Eu sei. Eu posso controlar isso. Eu sei. Se eu apenas pudesse me segurar, você não teria que fazer isso. Eu sei. Eles ensinam no ABA, no treinamento de professores de crianças com deficiências, que o mais importante, mais básico, mais fundamental é o controle do comportamento. A educação de uma criança não pode começar até que ela esteja “pronta para a mesa”. Eu sei. Eu preciso silenciar meu mais confiável meio de compilar, processar e expressar informação, eu preciso me esforçar mais para controlar, matar, reduzir e remover a mim mesma a cada segundo do que você jamais poderia entender, eu preciso ter mãos quietas, porque até que eu me mova 97% na sua direção você não consegue ver que há 3% de espaço para que você se mova até mim. Eu sei. Eu preciso ter mãos quietas. Eu sei. Eu sei. 11. Tem um garoto no supermercado se balançando sobre os calcanhares e chacoalhando as mãos animadamente em frente a uma vitrine. Sua mãe sussurra “mãos quietas!” e olha em volta, constrangida. Eu olho pra ele, e eu não posso evitar, mas minhas mãos

se agitam ao lado do corpo quando ele está olhando. (Balançar as mãos é a nova forma dos “terroristas” se identificarem.) 12. Deixe-me ser extremamente clara: se você segurar as minhas mãos, se você segurar as mãos de uma pessoa com atraso no desenvolvimento, se você ensinar “mãos quietas”, se você trabalhar para eliminar “sintomas autísticos” e “comportamentos de auto estimulação”, se você tirar a nossa voz, se você... se você...se você... Aí eu...Eu...

O escrito é um tratado em defesa dos *stimmings* como uma forma de autorregulação e comunicação, bem como é uma crítica ao controle comportamental realizado pelo sistema educacional e por determinadas intervenções terapêuticas. Enunciamos, a partir desse texto, o conceito a ideia de repetição, defendida por Gilles Deleuze (1988, p. 255) “A repetição não se contenta em multiplicar os exemplares sob o mesmo conceito; ela coloca o conceito fora de si e faz com que ele exista em outros exemplares. Ela fragmenta a própria identidade”.

Esse autor nos coloca diante da impossibilidade da fixação de uma identidade, seja por um comportamento, um gesto similar, um rótulo ou por um diagnóstico. Para Deleuze (1988), a repetição não se oculta em outra coisa, mas se forma pelo disfarce. Portanto, ela não suporta reduções, similaridades, simetrias, definições por generalidades. De acordo com Orrú (2017, p. 32), “a repetição é a força da singularidade, da diferença, contra a totalidade, o universal e esse último contra o singular, o uno. Por conseguinte, a repetição não é da ordem da lei, mas sim um prodígio, é a subversão que se reporta a uma potência única”

Conforme Vermelho me conta, a *Primavera Autista* é um levante contra toda e qualquer forma de opressão de autistas em uma moldura identitária – seja ela de classe, gênero ou raça – que reprime suas potencialidades e excluem autistas de espaços, pela via da reprimenda do poder biomédico e das categorizações limitantes. Refletindo sobre esse movimento, percebo que ele se localiza em um território que lida com a inadequação e com expressões de disforia. Nesse sentido, elucido minhas reflexões a partir de Paul B. Preciado (2023, p. 537),

Até agora, vocês foram ensinados a ter vergonha de sua inadequação e disforia. Mas sua história de opressão é a sua riqueza, é preciso estudá-la e conhecê-la, fazer dela um arquivo coletivo para a mudança e a sobrevivência. A disforia é sua resistência à norma, nela reside a potência de transformar o presente. Somente o saber que brota desse trauma e dessa violência, dessa vergonha e dessa dor, dessa inadequação e dessa normalidade, pode nos salvar.

O entendimento de Vermelho é que a sociedade deve estar atenta às mudanças e às transformações que ocorrem dia a dia, porque os movimentos sociais se renovam, reinventam-se, e com o ativismo autista não é diferente. O que me parece mais condizente com a realidade é a intenção de jovens e adultos autistas capturarem termos que os territorializam, para exatamente, por meio deles, imprimir novas possibilidades de existência para si e para os que virão.

Eu entendo que é um levante. A gente tem que ver esse sujeito, essa Primavera Autista como uma espécie de um levante. E mais do que um levante é um momento em que os autistas estão começando a dar o troco na sociedade que por séculos e séculos de exclusão e silenciamento. É um instrumento de luta coletiva. Mas eu acho que essa resposta coletiva pode ser melhor dada, numa perspectiva que sejamos marxistas, no meio de uma revolução dos trabalhadores, portanto, o fim das opressões passa por uma crítica do sistema capitalista porque gera essas outras formas de opressão: a misoginia, machismo, racismo, lgbtfobia, são apenas tentáculos do sistema capitalista. Não dá para gente fazer, por exemplo, uma discussão antirracista se ela não tiver um viés, um horizonte anticapitalista, um horizonte marxista revolucionário. Vladimir Lênin já dizia “Sem teoria revolucionária, a gente não faz um bom revolucionário”. Isso não significa também que a gente não deva de vez em quando se atualizar, acho que a gente precisa se atualizar, porque as demandas da sociedade vão se transformando dia após dia. Então se transformou de uma forma bem célere, então acho que até mesmo os marxistas precisam se ajustar, se eles quiserem se manter num horizonte de uma vanguarda que se propõe a ser uma vanguarda revolucionária. A mesma coisa o movimento de pessoas autistas. Fonte: Vermelho (2024).

A escrita da *Primavera Autista* é uma escrita ousada, arrojada, provocativa, como é possível observar nas falas de Rosa e Vermelho, bem como nos textos postados na página do Facebook. São linhas que se inter cruzam e que seguem, conforme afirma Deleuze e Guattari (2012a) sobre o Princípio de multiplicidade, quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, como imagem e mundo. Para esses autores, as multiplicidades são rizomáticas, não se cercam de determinações, delimitações... São forjadas sob grandezas e intensidades e desenhadas em n-1.

O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. [...] Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria (n+1). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído (n-1). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 43).

É exatamente essa multiplicidade, que se metamorfoseia, quando falo de autismo, que se apresenta na imagem abaixo, na qual é possível observar uma frase que pretende retirar o autismo de um possível esquadrinhamento, mas ao mesmo tempo o delimita pela moldura do quebra-cabeça. Não há linearidade, espacialmente, conforme afirmam Deleuze e Guattari (2012c, p. 41), “O Uno se diz num só e mesmo sentido de todo o múltiplo, o Ser se diz num só e mesmo sentido de tudo que o difere”. O post de Verde é claramente uma demonstração do tensionamento que existe nas redes sociais em torno da causa autista. O mesmo aglutina uma

frase, que se propõe a retirar o autismo da molaridade, mas paradoxalmente está comprimida por uma moldura desenhada com o quebra-cabeça, que é um dos símbolos que elenco como *Identidade Autista*.



Figura 54: “Nem todo humano é autista, mas todo autista é ser humano”

Fonte: Instagram de Verde (2024)

Deleuze e Guattari (2012c) falam de um sistema multilinear, no qual tudo se faz ao mesmo tempo: “[...] a linha libera-se do ponto como origem; a diagonal libera-se da vertical e da horizontal como coordenadas; da mesma forma, a transversal libera-se da diagonal como ligação localizável de um ponto ao outro” (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 102). Seguindo esse conceito, crio um sistema multilinear que concebo como representação de minha cartografia, que é sustentada pelo enunciado de minha tese, no qual todas as linhas possuem características particulares e se desenham conforme sua própria expressão. Porém, apenas juntas são capazes de criar a ideia de alinhavo que penso para a *Primavera Autista*. Portanto, parafraseio a poetisa Florbela Espanca (2013): “Há uma Primavera em cada vida: É preciso cantá-la assim florida”.

A cartografia, que aqui apresento, concretiza-se como um dispositivo eminentemente político. Nesse ínterim, a mesma adquire adesão à concepção de molecularidade, pensada por Félix Guattari (2024, p. 101): “O que caracteriza o ‘molecular’ aqui é o fato de que *as linhas de fuga abraçam as linhas objetivas de desterritorialização* do sistema e criam uma aspiração irreversível por novos espaços de liberdade”. Pela via das redes, jovens e adultos autistas buscam novas formas de expressão, lidando com uma “multiplicidade de sistemas de

assujeitamento semiótico” (Guattari, 2024, p. 100) e, ainda assim, rompendo fronteiras imantadas pelo capacitismo e por visões limitantes de suas existências.

A inspiração para o desenho dessas linhas advém da obra de Arthur Bispo do Rosário, que nesta pesquisa é celebrada por razões que se apresentam no campo afetivo, pela nossa proximidade ancestral. Mas também pela grandiosidade de sua obra, especialmente quando feita com agulha, bordados de fios que vibravam através de um corpo tido como descabido, inadequado, um despropósito social que subverte toda a lógica do paradigma biomédico, para criar seu próprio fundamento de vida e existência. Jorge Anthonio e Silva (2003) descreve os bordados de Bispo como uma, traduzindo a beleza de suas vivências, mas ao mesmo tempo com princípio aleatório e coerente com o microespaço que ocupa.

Embora esquemático e de feição primitiva nas angulações e nos círculos, o desenho é vivo, pleno de saturação como uma cartografia de memórias. Destaca-se, em sua base expressiva como módulos, dentro dos quais o movimento se ordena. Nunca se estrutura como uma gramática. Novamente, o princípio de preencher está integrado ao espaço do pano, como recortes individuais em que a significação é autônoma e nem sempre dialoga com o recorde contíguo (Silva, 2003, p. 82).

A obra-viva-vida de Bispo me toca, é capaz de desencadear ideias que dialogam com conceitos, linhas, cores, texturas, movimento e compor diretamente com a seguinte passagem: “Deligny evoca um Corpo comum no qual essas linhas se inscrevem, como segmentos, limiares ou *quanta*, territorialidades, desterritorializações ou reterritorializações. As linhas se inscrevem em um Corpo sem Órgãos, no qual tudo se traça e foge” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 84). Nas minhas linhas há muito mais que a tinta que as escreve, há o peso de vida em cada fio, em cada traço.



Figura 55: “O Alinhavo da *Primavera Autista*”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: o espólio

“Quando quis ser fruto, fui fome, não mais do que areia de um chão sem cio. Quando sonhei ser pano, fui agulha. E morri no sono do gesto de enrolar o fio. Quando aprendi a ser poente já não havia céu. Quando quis anoitecer tudo era luz. E assim me condeno em livre vício: no mais derradeiro eu só vislumbro um início”

(Mia Couto)

Admito, esta seção tem um tom melancólico, talvez até fúnebre. Concretizar um desejo no fundo não passa de enterrá-lo também. Enquanto é objetivo, material, ele está vivo, mas ao realizá-lo, logo está liquidado. Quando cheguei aqui eu era o que pode se chamar de espólio, uma espécie de patrimônio morto para ser compartilhado como herança após sua morte. Tinha lá caixas esquecidas, poeira, arquivos, cartas não lidas, crônicas antiquadas e poemas que nunca serão ditos, tampouco lidos. Um antiquário de encontros e desejos sem potência, dentro de um espaço que talvez não me pertencia mais.

Tudo isso guardado em um desvão, um lugar reservado a preservar coisas antigas e sem utilidade, um lugar discreto que passa despercebido aos olhares desatentos. Uma espécie de esconderijo de memórias, com serventia apenas de depósito, localizado no porão de um prédio, no sótão de uma casa, embaixo de uma escada...

Porém, vejam bem, parto daqui com uma frase de Clarice Lispector (1990, p. 94): “Não ser devorado é o objetivo secreto de toda uma vida”. Por meio dessas palavras que fui funcionando, ao longo desses 3 anos, tal qual uma aranha, imitando um pouco o comportamento delas, trabalhando silenciosamente nas minhas teias. Aprendi a admirá-las muito mais, a partir das linhas de Fernand Deligny (2015), que tão bem as descreveu e que, de alguma forma, também me descreve. Tomei para mim seu aforismo. Em certa medida, aqui não escrevo em coro, em grupo... a tessitura dessa rede, é certo, foi um trabalho noturno, quase sempre solitário e, por isso mesmo, aracnídeo. Deligny (2015) afirma que o escrever é aracniano. Por isso faço questão de tomar para mim cada fio dessa teia, os que deram errado e certo, todos eles.

Assim, a aranha faz fios de seda, dos quais se pode dizer que foram projetados e permitiram a urdidura; a partir daí, e fazendo-se a teia, a aranha literalmente engole os fios precursores – não que elas os rebaixe ou desdenhe; a seda que sai de seu corpo lhe é muito preciosa e ela a recupera. Quando esse alinhavo prévio desapareceu, engolido, dele não resta nada ou, antes esses fios se tornaram os da teia tecida que existe e persiste (Deligny, 2015, p. 29).

Objetivamente, achar o meu lugar novamente dentro da universidade, passava diretamente pelo reconhecimento inicial da minha precariedade de vida e de tempo... Mas desse lugar, foi desse mesmo lugar, que percebi que aquilo que parecia arquivo morto, repleto de poeira e teias, poderia me levar a encontros que seriam essenciais para me colocar de pé diante de um bicho gigante chamado “Preciso escrever uma tese”. Com isso, afirmo também que sem meus antigos encontros, sem essas pessoas que abriram suas portas para mim, nos caminhos que nunca esqueci, eu não estaria escrevendo estas linhas. Da mesma forma, afirmo que sem as pessoas que surgiram no caminho para me tomar dos meus próprios monstros presentes e futuros, seria impossível escrever esta tese.

Com o tempo, o meu bicho gigante, antes selvagem, foi se transformando, transmutando... Dei comida, chorei em seus ombros, levei para passear, alguns dias botei para dormir, houve dias que ele me acordava, outros ele me colocava para descansar. E assim fomos nos afetando, acomodando-nos... Quando me dei conta a tese havia se personificado, tinha serenado, estava do meu tamanho, dançando comigo, bebendo vinho na minha taça. Encaixou-se em mim, começou a me fazer carinhos, domou-me, vagamos, divagamos, estávamos pertencendo uma a outra. Aprendi a gostar do carinho da poesia dela, mas também adoro quando sua selvageria me provoca, rompe e consome.

Já mais perto do fim do processo que do início, dei-me conta que a tese, assim como eu, era um espólio. Arquivo que deixo como herança familiar endereçada ao meu filho, Ernesto, que nasceu na primavera, com o desejo de que um dia ele possa abrir esta caixa e pegar para si cada palavra como sua propriedade. Compreendo que cada palavra só adquire sentido de acordo com o uso que faço dela e aqui nenhuma delas esteve solta de sentidos e significados. Nunca foi sobre fazer uma pesquisa acadêmica, sempre foi um pouco sobre mim e um pouco sobre nós.

Não por acaso, escolhi setembro, mês de aniversário de Ernesto, no qual a primavera se rompe, para defendê-la¹¹³. É simbólico que tenha sido possível fazer esta homenagem ao meu filho e às cores que se alinhavaram neste caminho. Aos leitores que chegaram até aqui, deixo a mensagem da canção de Beto Guedes e Ronaldo Bastos (1998): “Quando entrar setembro e a boa nova andar nos campos. Quero ver brotar o perdão onde a gente plantou juntos outra vez.

¹¹³ No dia da minha defesa, em 25 de setembro de 2024, às 14h, na Didática 7, localizada na Universidade Federal de Sergipe, foi reservada uma sala próxima para criação de uma “Sala de regulação para pessoas autistas”. Essa iniciativa foi a segunda já existente em defesas de Programas de Pós-graduação da UFS, sendo que a primeira foi instalada na defesa de doutorado de Lorena Gomes Freitas de Castro, cujo título é “Mas você não tem cara de autista: relato autobiográfico, diagnóstico tardio e campo dêitico”, realizada em 2023.

Já sonhamos juntos, semeando as canções no vento. Quero ver crescer nossa voz no que falta sonhar”.

Ernesto aqui é o amarelo, minha força, minha energia, nascido do meu ventre, de um parto solitário. É meu orgulho. Com esta tese rogo em prece que a vida lhe seja minimamente boa e leve, como possível, que mãe, por mais que tente, é falha, e não protege de tudo. “A gente se inventava de caminhos com as novas palavras. A gente era como um pedaço de formiga no chão” (Barros, 2010, p. 463).

No fim de uma jornada de cerca de três anos, para uma pessoa como eu, há ganhos inestimáveis, bem sei. Mas não falarei aqui de superação. Isto não foi uma guerra, nem uma batalha, eu não entrei em um conflito. Não vivi o que vivi para ganhar nada, para além de um título. Eu não tive concorrente. Eu me desfiz de toda e qualquer possibilidade de ver esta tese como troféu. Portanto, não há pódio, não há medalha, não tenho uma fita para cortar. Meu espólio é sair daqui com os mesmos sapatinhos vermelhos¹¹⁴, que usava quando comecei esta jornada, que são simples, bem sei. Talvez tenham um ar de precariedade, mas que por terem sido feitos à mão, têm grande valor afetivo e minha total admiração.

Apreendi também a admirar a primavera, não como uma estação que colore a vida, mas como época capaz de romper sementes, brotar flores, graças à sua força agressiva que condiciona à morte um ciclo inteiro de inverno, para ver nascer o improvável, tomando para si um pouco de tudo. Pablo Neruda bem sabia disso quando escreveu esses versos:

Sobre ti minhas palavras choveram carícias. Desde faz tempo amei teu corpo de nácar ensolarado. Chego a te crer a dona do universo. Te trarei das montanhas flores alegres, *copihues*, avelãs escuras, e cestas silvestres de beijos. Quero fazer contigo o que a primavera faz com as cerejas (Neruda, 2006, p. 15).

Sendo assim, retomo aqui o objetivo geral desta tese e seu enunciado, para arquivá-los em caixas deste acervo de palavras, que juntas intentaram construir aquilo que conforme versou Chico Buarque (1978), “Canta a primavera”. Dissertei como objetivo geral desta tese de doutorado: Tecer a *Primavera Autista* – com um alinhavo artístico, estético e político – considerando os agenciamentos, tensionamentos e entrelaçamentos existentes entre o molde da *Identidade Autista* (linha molar) e a linha de *Devir Autista* (linha de fuga).

Iniciei minha escrita com a intenção política de criar um alinhavo, um mapa desenhado esteticamente pelo meu referencial teórico, que partiu do ponto (o diagnóstico), passou pela

¹¹⁴ Aqui faço referência ao conto “Os sapatinhos vermelhos”, da obra “Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem”, de Clarissa Pinkola Estés (2018).

molaridade da *Identidade Autista* e chegou ao desenho do *Devir Autista*. Essa mesma composição me levou ao campo, composto pelos perfis dos participantes nas redes sociais, os quais demonstraram que, mesmo diante do controle algorítmico e da vigilância social, é possível subverter processos de desumanização que se estabelecem nesses espaços. “A vigilância controladora nos assombra e é assombrada pelo regime do futuro do pretérito, vivendo sob o signo disto que não se pode aceitar, mas tampouco se consegue evitar” (Antoun, 2010, p. 149). Foi por entre suas falas, que percorri um caminho não-linear que expressa o desejo dos autistas de serem aceitos dentro e fora das redes, indo além da captura das identidades para a composição do devir, em um movimento de capilaridade molecular.

No enunciado problematizei que a definição de identidade para pessoas autistas possui centralidade em abordagens behavioristas de tratamento e aprendizagem, pautadas na correção de déficits e baseadas em paradigmas médico/psicologizantes do DSM-5 e da CID-11, tendo como principal objetivo territorializar os corpos, emoldurar comportamentos e fixar rótulos, dentro de uma *Identidade Autista*. Essa que tem suas bases fincadas no poder biopolítico da ciência, produzindo, por conseguinte, um processo de exclusão classista compulsória e invisibilidades dos processos de subjetivação de pessoas autistas. Em contraposição a essa perspectiva, ressalto a existência contemporânea das redes e seus meandros, enquanto espaços de aprendizagem não-formal, que denotam o protagonismo de ideias de jovens e adultos autistas, inseridos no contexto do net-ativismo. São essas pessoas, que estão desterritorializando conceitos, saindo do uno ao múltiplo, desenhando a linha de *Devir Autista* para a escrita de tendências, de “expressões do autismo”, a partir dos seus processos de subjetivação, que aqui denomino de *Primavera Autista*.

Guattari (2012) afirma que “Um provérbio pretende que a ‘exceção confirme a regra’, mas ela pode muito bem dobrá-la ou recriá-la” (Guattari, 2012, p. 36). Nesse contexto, entendo que há uma ruptura instaurada entre aquilo que chamo de “*Identidade Autista*” e a novidade que se estabelece enquanto “*Devir Autista*”, que se expressa no que nomeio de “*Primavera Autista*”. O meu enunciado é composto, como afirma Guattari (2012, p. 39), por “[...] elementos heterogêneos, tomando consistência e persistência comum por ocasião de passagens de limiares constitutivos de um mundo em detrimento do outro”.

De algum modo, o que enunciei se confirma nesta pesquisa e adquire o desenho necessário para a conciliação e a ruptura em um universo de pessoas que se reúnem pela via de um diagnóstico – um número que os classifica, coisifica-os e os categoriza – mas que, ao mesmo tempo, leva-os para um momento de transposição de dispositivos. A *Primavera Autista* se compõe não apenas através do trabalho protagonista pela via das redes, mas também por essa

via, busca uma forma de sair delas, produzindo linhas de fuga e questionando, através da participação coletiva, a medicina, que reduz o ser humano aos seus déficits elencados em manuais.

É pela via do campo, das redes, dos encontros e das falas que, de alguma forma, a insurgência acontece e seus processos de subjetivação evocam possibilidades outras de também ser autista, por meio do movimento político da *Primavera Autista* – como uma possibilidade conferida pela linha de *Devir Autista*, de liberar-se do Ponto, buscando ir além das questões identitárias. Sobre esse acontecimento, Silvia Ester Orrú (2024, p. 111-112) afirma:

[...] com o advento da Primavera Autista na última década, o autismo foi aprendido como uma particularidade cêntrica e constituinte da identidade de indivíduos que se encontram nessa condição que, agora, é descrita e majoritariamente percebida como um transtorno de neurodesenvolvimento. Todavia, não somos seres restritos a uma única identidade fixa e estática, somos múltiplos, somos plurais, somos singulares.

A chegada me convida à reflexão sobre as extremidades da linha. De um lado ao outro há um tensinamento eminentemente político acerca da compreensão do autismo. Permitir que esses campos dialoguem é um exercício quase sempre difícil, mas não impossível. Há rastros de intenções por toda a tese, há pistas de diálogos possíveis colhidas no campo, na observação do cotidiano, nas redes. A tentativa inicial foi me desfazer do azul, higienizar o autismo de uma cor impregnada em cada letra, em cada pele. Desfazer-me de identidades foi importante, necessário, demanda urgente e absolutamente sensível para muitos jovens e adultos autistas. Conforme afirma Barros (2010, p. 235), “Alguma coisa em azul e profundidade lhes foi arrancada. Há uma sombra de dor em seus voos. Assim, quando vão de regresso aos seus ninhos, enchem de entardecer os campos e os homens”.

Ainda assim, o mapa cartográfico que desenho me mostra que a *Identidade Autista*, representada pelas linhas azuis que entram na agulha juntas e molares, é fundamental para a compreensão atual do que significa “ser autista” pela sociedade. É o que dá visibilidade a essas pessoas pela sociedade, é o que contorna legislações que são fundamentais para a garantia de direitos, validando suas lutas. É a partir da linha azul, do quebra-cabeça e do laudo médico que muitas pessoas autistas conseguem alcançar o mínimo acesso às possibilidades de respeito de seus corpos. Nesse sentido, o “Ponto” não se configura apenas como o diagnóstico, mas também proporciona a identificação pela via da privação social de direitos.

É lamentável que essa realidade se apresente nos dados colhidos, posto que, qualquer pessoa é muito maior, em suas capacidades e possibilidades de existência, que qualquer laudo médico que possa delimitar cercanias, fronteiras, como fim de obtenção de direitos e respeito

perante a sociedade. Justifico a opção por manter uma linha azul saindo do olho da agulha, considerando que, de alguma forma, a linha molar da identidade, aqui representada pelo azul, permanece compondo esta cartografia que descreve a *Primavera Autista*.

Portanto, ressalto, não há aqui uma defesa de uma visão limitante e incapacitante das pessoas autistas. Elas são plurais e demandam de nós o entendimento dos seus desdobramentos em linhas de fuga, que questionam toda uma estrutura de poder biomédico. E, ao mesmo tempo, fornece-lhe um laudo como perspectiva de alcance de garantias legais para sobrevivência, enquanto pessoas com direitos. Também desumaniza seus corpos, na medida em que os classifica em três níveis de suporte sem ao menos reconhecer as potencialidades de cada um deles.

O que me parece mais fiel ao tempo histórico posto é a compreensão de que toda e qualquer identidade padece de insuficiências. Fragilidades que ficam expostas, ainda que discretamente, em uma palavra mal colocada, mal interpretada, em um discurso atropelado pelo tempo presente. É o real que me arrasta até aqui, o concreto, as infinitas possibilidades, o que já é a *Primavera Autista*. Contudo, partir de uma ideia de “n-1” que se adere bem na pele pós-estruturalista, é também um exercício constante de moderar, mediar, poupar desmedidas quanto à capacidade mutante da linha de ser reta, curva, molar, molecular, de fuga, tantas vezes quantas for necessário, para se firmar em devir, constituindo o que nomeio como “*Devir Autista*”.

O que esta tese demonstra, a partir das falas dos autistas e das informações coletadas nas redes, é que o desafio de se reconhecer autista e não ser apenas autista está em uma fronteira que é extremamente tênue. Porém, é um lugar de forte tensionamento, que foi impossível passar despercebido ao longo da pesquisa. Espaço este que nos remete à ideia de repetição “entendida como movimento real, em oposição à representação, entendida como falso movimento do abstrato” (Deleuze, 1988, p. 31).

No contexto que me ative, foi possível perceber que o movimento político, que aqui denomino *Primavera Autista*, tem suas bases fincadas no que Félix Guattari (2024) denomina de “*revoluções moleculares*”, nas quais “As fronteiras permanecem efetivamente difusas e flutuantes no tempo e no espaço” (Guattari, 2024, p. 101). Esse autor afirma que a molecularização das lutas não deve ser confundida com espontaneísmo ou ausência de organização.

Observo também que é um desafio constante que se apresenta para a juventude que constrói a Primavera sair desse lugar identitário, que encaixota paradigmas e preconceitos junto aos autistas. Mas que, muitas vezes, também acaba se tornando um lugar de retorno, especialmente nos momentos políticos em que a luta se enrijece mais. Nesses casos, ser apenas

autista se torna um lugar de segurança e não de repulsa. Demonstra que a identidade também se transmuta em devires. E, conforme afirma Antoni Gaudí (2019), “Nada é inventado, já que está escrito primeiro na natureza. A originalidade consiste em voltar à origem”.

Entender que o autismo pode se configurar como um dispositivo biopolítico, que controla os corpos das pessoas autistas, foi uma tarefa necessária para compreender também que a noção de comunidade pode ser apropriada pelas mesmas, também como uma estratégia de luta, considerando que em condições precárias de vida seus corpos se tornam facilmente descartáveis e seus processos de subjetivação podem ser normalmente relegados a um uno, que foge a um entendimento mais confortável. Especialmente quando considero as questões de classe que envolvem diagnóstico, tratamento, autocuidado e rede de apoio aos familiares dessas pessoas.

São as lutas pela cobrança do mínimo; de respeito ao autismo, enquanto causa; de uma necessidade de conscientização que nunca cessa; de uma sensibilização que nunca ecoa; da urgência de garantias de direitos já assegurados pela legislação brasileira que surgem o reforço da existência do fio azul na minha paleta de cores. Muitas vezes é apenas ele que oferece a segurança ínfima para seguir sendo autista com o mínimo de dignidade. Portanto, não nego a necessidade do olhar para o tom azul e rassalto sua importância nos processos de luta macropolítica e de enfrentamento da precariedade imposta a certas formas de existir pela via do Estado. Isso posto, entendo que a *Identidade Autista* é algo que compõe, junto com as múltiplas outras possibilidades de cores, o que aqui denominamos de *Primavera Autista*.

As tecnologias aqui também transitam entre a viabilização de difusão de conhecimento, por meio de estratégias de educação não-formal, facilitando encontros pela via das redes, como também atuam enquanto instrumentos de mimetização do humano, através da coleta de dados e criação de perfis. De alguma forma, os participantes também se veem indexados em identidades, no ambiente virtual, sob vigilância, com suas subjetividades capturadas e suas vidas precarizadas. A subjetividade humana é tida como um dos mais valiosos bens do nosso tempo e o que é possível observar é que o domínio do capital sobre os processos de subjetivação têm sido uma realidade. O valor daquilo que desejamos, produzimos e consumimos vai muito além do afetivo e é o que, efetivamente, movimenta o mercado financeiro. Esta pesquisa também é um convite à urgência de reflexão sobre estratégias políticas para saída de uma diagramação efetivada pelo controle algorítmico, que dialoga diretamente com riscos das capturas neoliberais de consumo de pertencimento.

Por sua vez, a força primaveril e sua emergência, presente nos discursos dos participantes, suscita o entendimento acerca do poder questionador dessas fronteiras, que os

coloca descolados entre si, classificados por níveis, como se um pudesse ser mais ou menos autista que o outro e, por conseguinte, uns tivessem mais direitos que os outros. Como se alguns tivessem mais direito que os outros de “autistar”, como se a sociedade ouvisse mais o autista nível 1 de suporte, que um nível 3. Como se não fosse possível um autista nível 3 de suporte falar por si e precisasse de representantes, instituições e familiares para os representar.

As formas de contar histórias dos participantes são diversas. Da certeza que tinha que, em se tratando de autismo, nada pode ser generalizado, parto agora para a criação de um distinto lugar que cabe pouquíssimas verdades, aquela é uma delas... a outra fala me diz que tenho direito de questionar as verdades, ainda que sejam absolutas. O autismo, assim como suas possibilidades terapêuticas de tratamento e cuidado, é diverso. Todavia, os participantes me convocaram a refletir sobre uma demasiada humanização neoliberal na direção de uma terapêutica adaptativa, intrínseca às novas psicologias, baseadas em evidências, que se pautam em um realismo que opera à favor da normalidade em tom literal.

Com base nos dados colhidos, aqui afirmo que toda e qualquer abordagem que se destine a uma generalização, quando trato de autismo, seja ela considerada “baseada em evidências científicas” ou não, está fadada ao fracasso. É limitante, cerceando possibilidades de estímulos de potencialidades e interesses, que podem ser encontradas a partir dos hiperfocos de cada autista. De acordo com Orrú (2024, p. 22),

Nenhuma teoria ou abordagem é (pelo menos por enquanto) “dona” ou gerente de modelos de evidências científicas a ponto de estar em um lugar superior que possa des-considerar e des-qualificar a perspectiva de outras, principalmente algumas abordagens subversivas da psicologia e da pedagogia, que não estão cativas ao modelo médico de deficiência e ao comportamentalismo.

A poda nunca é natural, ela geralmente é intencional. Ninguém poda uma árvore que cresce livremente a troco de nada, corta-se com um objetivo claro, seja ele qual for. Em se tratando de autismo, esse galho que incomoda, que cresce sem controle e livremente é o pesadelo das “pessoas da sala de jantar”. “Autistar”, por exemplo, no contexto educacional, coloca em análise toda a engrenagem de um sistema que funciona como articulação entre estratégias de gestão biopolíticas dos corpos, de individualização e de superexploração dos mesmos por políticas neoliberais.

O desencaixe e a subversão, que aqui celebro por entre as falas dos jovens e adultos, participantes desta pesquisa, é algo abjeto para um modelo de sociedade que tem como base a reprodução, o lucro, a exploração da mão de obra, a coisificação e que faz dos corpos das pessoas autistas uma mercadoria e do próprio autismo um produto a ser consumido, exposto

nas prateleiras de lojas entupidas com produtos desenhados com embalagens azuis de quebra-cabeça. Dessa constatação, afirmo que o “problema” não é o autismo em si, mas sim o modo de produção capitalista dentro de uma sociedade que se organiza atualmente sob a governança algorítmica, psiquiátrica e biopolítica, que nos limita em identidades, números e perfis.

Há barreiras que são alicerçadas por critérios financeiros e classistas, que excluem muito mais que qualquer barreira arquitetônica e que impactam diretamente no tamanho e na espessura das demais barreiras. É difícil para qualquer família, que dependa única e exclusivamente do Sistema Único de Saúde (SUS), ter acesso a uma educação de qualidade, com o suporte necessário para a aprendizagem de um autista. É desafiador atualmente contar com a possibilidade de ter todas as terapias necessárias ao pleno desenvolvimento de um autista garantidas pelo SUS, considerando que nem mesmo os planos de saúde garantem as mesmas. O que observo na prática são consultas médicas com preços exorbitantes que excluem qualquer possibilidade de pessoas que não pertençam minimamente à classe média ter acesso.

Reconhecer que existe um abismo entre o autismo romantizado, das propagandas de TV no dia 02 de abril, e o autismo real, que convive com uma série de contingências cotidianas, que vejo todos os dias nas escolas públicas em que leciono, também é tarefa desta tese. Assim como conceber o erro, que aqui foi celebrado cotidianamente, dentro de uma perspectiva de que não foi possível observar um ordenamento lógico no alinhavo. Encontro intenções, intensidades, velocidades... e tento me surpreender com cada achado no meu caminho.

O desenho da pesquisa, enquanto obra inacabada, que imita uma tentativa de fechar costuras, ainda que nem sempre isso seja possível, levou-me a reflexões que “de saída” seria incapaz de ter. Manoel de Barros versa sobre a importância das desimportâncias e me inspirou, nessa trama, a pensar sobre seus versos... Imagino eu que aqui tentei “Entrar por caminhos ignorados. Sair por caminhos ignorados” (Barros, 2010, p. 59). Portanto, esta tese não se propõe a apresentar portas de saída ou caminhos de chegada, ao contrário, o convite que deixo a meus pares é que sigam na contramão de uma visão de autismo que o limita e que sejam capazes de ver potência em lugares que quase ninguém veja.

Tomando como referência a recente virada existencial, que tem como gatilho a pandemia de Covid-19, Paul B. Preciado (2023) afirma que a única tarefa possível de sobrevivência da humanidade é a desintoxicação. Ele propõe uma mudança de corpo, de regime cognitivo. Convida-me a fazer o esforço de amar tudo aquilo que me ensinaram a odiar. Tomando essa referência para a composição que desenho nesta tese, penso que ela se transmuta em um convite a mirar o mundo com outros olhos. Esse talvez seja o principal desafio do nosso tempo histórico: abandonar instrumentos de navegação obsoletos.

Foi surpreendente aos meus olhos perceber como o campo desenhava suas linhas de forma natural, sem que isso se tornasse algo pesado. Ainda que, como uma boa ansiosa, eu quisesse que o tempo não fosse o do outro, mas o meu. Tudo isso denota um arcabouço de aprendizagens e reflexões que são reflexos do meu trabalho e que me ensina que o ofício de escrever uma tese vai muito além de sentar em frente a um computador e digitar algumas linhas a cada dia. Dia após dia eu fui entendendo que fazer um trabalho como este diz muito mais sobre as lacunas, as meias verdades, que as certezas que carrego do início ao fim de um caminho sinuoso, cheio de encruzilhadas nas quais também, às vezes, precisei me perder para me encontrar. Em algum momento errei e caminhar sob o erro é desconfortável, porém, às vezes necessário...

Diante da afirmação que “O único instrumento de redenção de caráter possivelmente social que Artaud considera é a arte” (Sontag, 1986, p. 46). Foi da arte que me alimentei para desver minhas angústias, que foram tantas... de não conseguir, não ser, errar, falhar, não merecer, não me dar o direito de gozar as alegrias que vieram no processo. Portanto, após esses 3 anos, devo muito à arte. “Se a arte conserva, não é à maneira da indústria, que acrescenta uma substância para fazer durar a coisa” (Deleuze; Guattari,

Eu e minha tese fomos tão felizes e cuidadosas conosco. Mas ainda assim, estive presa ao fim, muito mais que ao começo, à extinção de nosso tempo juntas, muito mais que à beleza do título. O tanto que a desejei é igualmente proporcional ao que sofri para desapegar e deixá-la ir, respeitando a urgência do seu tempo. Ela não é uma rosa comum, é a minha rosa, como diria o Raposa, em o Pequeno Príncipe, “É o tempo que você perdeu com sua rosa que a torna tão importante” (Sain-Exupéry, 2015, p. 73).

Quanto à *Primavera Autista*, ousou dizer que foi uma honra ter visualizado esse conceito como possibilidade criativa. Sentir os silêncios, os pontos cegos, os vãos, os lugares que não consegui chegar foi um aprendizado impossível de ser mensurado. Aos meus olhos e ouvidos foi permitido entender o tanto de dor e de violência, transformada em luta, que há emprenhado em cada autista que fez parte desta pesquisa. O caminho aqui descrito é sem volta, sem retorno, é de fluxo contínuo. Por isso, ousou fazer das palavras de Che Guevara, as minhas: “Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a primavera inteira”.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA MÉDICA. **Deficiências ocultas ganham visibilidade. Conheça o Cordão Girassol!** Deficiências ocultas ganham visibilidade. Disponível em: academiamedica.com.br Acesso em: 04 de ago. de 2023.
- ALVES, Luciana Pires; PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Linhas erráticas**: cartografias de um outro modo de existir na (vida e) escola. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, set.-dez. 2018, p. 575-594.
- AMARANTE, Paulo Duarte de Coelho. **O homem e a serpente**: outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.
- ANTOUN, Henrique. Vigilância, comunicação e subjetividade na cibercultura. In: BRUNO, Fernanda; KANASHIRO, Marta; FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade**: espaço, tecnologia e identificação. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 141-154.
- APA. American Psychiatric Association. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**: DSM-5-TR. 5 edition, Washington: American Psychiatric Association, 2022.
- APAE Brasil. Disponível em: apae.com.br. Acesso em 17 de out. de 2022.
- ARTAUD, Antonin. **Escritos de Antonin Artaud**. Seleção e notas Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1986.
- ARTAUD, Antonin. **Linguagem e vida**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1995.
- ARTAUD, Antonin. **O Pesa-nervos**. Lisboa: Hiena Editora, 1991.
- ASSIS, Machado de. **O Alienista**. Barueri, SP: Camelot, 2021.
- ASSUMPÇÃO, Itamar. Nega música. Intérpretes: Itamar Assumpção e Mari Souto. In: ASSUMPÇÃO, Itamar. **Beleléu e Banda Isca de Polícia**. São Paulo: Atracção, 1980.
- AUTISMO E REALIDADE. **Mês surgiu a partir da definição pela ONU, em 2008, do dia 2 de abril como o “Dia Mundial da Conscientização do Autismo”**. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2022/04/30/abril-azul-historia-e-significados/>. Acesso em: 19 de out. de 2022.
- AUTISMO EM DIA. **Símbolos do autismo**: entenda os significados. Disponível em: <https://www.autismoemdia.com.br/blog/simbolos-do-autismo> Acesso em: 14 de ago. 2024.
- BABO, Isabel. Redes e ativismo. In: DI FELICE, Massimo; ROZA Erick; PEREIRA, Eliete. **Net-ativismo**: Redes digitais e novas práticas de participação. Campinas: Papirus Editora, 2017. p. 77-88.
- BACKENDORF, Jonas Muriel. **Espinosa e afetividade humana**. Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/207884565/Espinosa-e-a-Afetividade-Humana> Acesso em: 13 de maio de 2023.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

BAPTISTA, Arnaldo; LEE, Rita. Balada do louco. Intérprete: Os Mutantes. *In: OS MUTANTES. Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets*. São Paulo: Universal Music Brasil, 1972.

BARBOSA, Marcele Cristina Teixeira. **Cartografias do olhar**: devir-aracniano, autismo e Fernad Deligny. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**: Manoel de Barros. São Paulo: Leya, 2010.

BASCOM, Julia. **Mãos quietas**. O Autismo em Tradução: 2015. Disponível em: <https://autismoemtraducao.com/2015/12/07/maos-quietas/> Acesso em: 23 de out. 2024.

BASTOS, Ronaldo; GUEDES, Beto. Sol de primavera. Intérprete: Beto Guedes. *In: GUEDES, Beto. Preferência Nacional*. São Paulo: EMI Records Brasil, 1998.

BASTOS, Ronaldo; NASCIMENTO, Milton. Cais. Intérprete: Milton Nascimento. *In: NASCIMENTO, Milton. Clube da esquina*. São Paulo: EMI Records Brasil, 1972.

BELCHIOR. Como o Diabo Gosta. Intérprete: Belchior. *In: BELCHIOR. Alucinação*. Rio de Janeiro: Phonogram, 1976.

BELCHIOR. Galos, noites e quintais. Intérprete: Belchior. *In: BELCHIOR. Coração selvagem*. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1977.

BELCHIOR; DJ DUH; EMICIDA; VASSÃO, Felipe. AmarElo. Intérpretes: Belchior, Emicida, Majur e Pabllo Vittar. *In: EMICIDA. AmarElo*. Rio de Janeiro: Selo Laboratório Fantasma; Sony Music Entertainment Brasil: 2020.

BETH, Joy. **Millôr Fernandes e suas frases geniais**. Recanto das letras. Rio de Janeiro, 29, março. 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/3582245>. Acesso em: 03 de nov. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Nº 13.146. Brasília, 6 de Julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 26 de set. 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394**. Brasília, 1996.

BRASIL. **Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Novo Viver sem Limite**. Brasília, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Decreto/D11793.htm Acesso em: 21 de abr. de 2024.

BRASIL. **Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Novo Viver sem Limite**. Decreto Nº 11.793. Brasília, 23 de novembro de 2023. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Decreto/D11793.htm Acesso em: 30 de mar. 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2007.

BRASIL, **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista Lei Nº 12.764**. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 24 de out. de 2022.

BRITO, Anita. **Um livro diferente**. São Paulo: Editora Ygo, 2015.

BRUNO, Fernanda. **Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital**. Revista FAMECOS, v. 36, p. 1-7, 2008. Disponível em: Vista do Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital (puers.br) Acesso em: 17 de jul de 2023.

BRUNO, Fernanda. **Rastrear, classificar, performar**. Ciência e Cultura. vol.68. no.1 São Paulo Jan./Mar. p. 34-38. 2016. Disponível em: Rastrear, classificar, performar (bvs.br). Acesso em: 17 de jul. de 2023.

BRUNO, Fernanda. **Tecnologias de informação e subjetividade contemporânea**. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. 2008.

BUARQUE, Chico. Duetto. Intérpretes: Chico Buarque e Clara Buarque. In: BUARQUE, Chico. **Caravanas**. Rio de Janeiro: Biscoito fino, 2017.

BUARQUE, Chico. PaRaToDoS. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, Chico. **PaRaToDoS**. São Paulo: BMG/RCA, 1993.

BUARQUE, Chico. Tanto Mar. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, Chico. **Chico Buarque – 1978**. São Paulo: Philips Records, 1978.

BUKOWSKI, Charles. **Os cães ladram facas**. Lisboa: Alfaguara, 2018.

BUZAR, Nonato. Vesti azul. Intérprete: Wilson Simonal. In: SIMONAL, Wilson. **Alegria, Alegria!!!** Rio de Janeiro: EMI-odeon, 1967.

CAMPILHO, Matilde. **Episódio 128 de Sangue Latino, o jornalista Eric Nepomuceno entrevista a poetisa Matilde Campilho**. 2020. Disponível em: <https://www.rafaelmarquesbarboza.com/post/2020/05/23/seja-o-que-for-sera-bom> Acesso em: 24 de ago. 2024.

CAMPOS, Álvaro de. **Livro de Versos**. Fernando Pessoa. Lisboa: Estampa, 1993.

CANALTECH. **Tudo sobre Facebook**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/facebook/>. Acesso em: 23 de abr. 2022.

CANALTECH. **Tudo sobre Instagram.** Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>. Acesso em: 23 de abr. 2022.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 6.ed

CASCONI, K. **The aesthetics of failure:** “post-digital” tendencies in contemporary computer music. *Computer Music Journal* 24(4): 12-18, 2000.

CASSINO *et al.* Introdução. In: CASSINO *et al.* (Orgs.). **Colonialismo de dados:** como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. p. 06-12.

CASTRO, Lorena Gomes Freitas de. **Mas você não tem cara de autista:** relato autobiográfico, diagnóstico tardio e campo dêitico. Orientadora Geralda de Oliveira Santos Lima. São Cristóvão, SE, 2023.

CAVALCANTI, João; KRIEGER, Eduardo Lyra. Ponto de Vista. Intérprete: Casuarina. In: CASUARINA. **Trilhos Terra Firme.** Rio de Janeiro: Discole, 2007.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso:** verdade e política na era digital. São Paulo: ubu editora, 2022.

CID-11 para Estatísticas de Mortalidade e Morbidade. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fid%2fentity%2f437815624>. Acesso em: 27 de fev. 2022.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

COSTA, Luisa. **Autistas no mercado de trabalho:** desafios e soluções. VocêRH. Disponível em: <https://vocerh.abril.com.br/diversidade/autistas-no-mercado-de-trabalho-desafios-e-solucoes>. Acesso em: 04 de jul. 2024.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta.** Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

DEL MONDE, Raquel. Diagnóstico é identidade. In: **Autismo no feminino:** a voz da mulher autista [livro eletrônico]. SILVA, Selma Sueli; MENDONÇA, Sophia. 1. ed. Belo Horizonte: Mundo Asperger, 2022. PDF. p. 04-06.

DELEUZE, Gilles. **A dobra:** Leibniz e o barroco. Campinas: Papirus, 1991.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos.** São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica.** São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Scribd, 1988. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp->

content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Diferenca-e-repeticao1.pdf. Acesso em: 20 de maio 2021.

DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Lisboa: Veja, 1987.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista a Claire Parnet, em vídeo. Dirigido por: Pierre-André Boutang. Tradução e legendas: Raccord [com modificações]. Paris: Éditions Montparnasse, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2012a. 2 ed.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012b. 2 ed.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012c. 2ª ed.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2012d. 2ª ed.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2011. 2ª ed.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DELIGNY, Fernand. **O homem sem convicções**. Tradução e notas de Marlon Miguel. 2020. Disponível em: <https://deligny.jur.puc-rio.br/wp-content/020/03/O-homem-sem-conviccoes.pdf> Acesso em: 22 de set. de 2023.

DELIGNY, Fernand. **Os Vagabundos Eficazes**: operários, artista, revolucionários: educadores. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

DELIGNY, F.; & MONFERRAN, J.-P. (2017). **Fernand Deligny**: o humano não cai do céu. *Mnemosine*, 13(1). Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41724>. Acesso em 04 de out. de 2023.

DENGUE; DU PEIXE, Jorge; GIRA; MAIA, Lucio; PUPILO; SCIENCE, Chico. **Passeio no Mundo Livre**. Intérprete: Chico Science & Nação Zumbi. In: SCIENCE, Chico; ZUMBI, Nação. **Afrociberdelia**. Rio de Janeiro: Sony Music Entertainment Brasil, 1996.

DESIDÉRIO, Erasmo. **Elogio da loucura**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

DI FELICE, Massimo. **A cidadania digital**: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2020.

DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo**: da ação social para o ato conectivo. 1ª ed. São Paulo: Paulus Editora, 2017a.

DI FELICE, Massimo. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. *In*: DI FELICE, Massimo; ROZA Erick; PEREIRA, Eliete. **Net-ativismo**: Redes digitais e novas práticas de participação. Campinas: Papirus Editora, 2017b. p. 13-28.

DJAVAN. Azul. Intérprete: Djavan. *In*: DJAVAN. **Djavan na pista, etc.** Rio de Janeiro: Luanda Records Brasil, 2005.

DUNCAN, Zélia; LEE, Rita. Pagu. Intérpretes: Rita Lee e Zélia Duncan. *In*: LEE, Rita. **3001**. São Paulo: Universal Music Brasil, 2000.

EKSTEINS, Modris. **A sacração da primavera**: a Primeira Guerra Mundial e o nascimento da Modernidade. Campinas: Vide Editorial, 2021.

EMICIDA; JAMELÃO, Thiago; NAVE. Paisagem. Intérprete: Emicida. *In*: EMICIDA. **AmarElo**. Rio de Janeiro: Selo Laboratório Fantasma; Sony Music Entertainment Brasil: 2020.

EMICIDA; SETH, Damien. A Ordem Natural Das Coisas. Intérpretes: Emicida e MC Tha. *In*: EMICIDA. **AmarElo**. Rio de Janeiro: Selo Laboratório Fantasma; Sony Music Entertainment Brasil: 2020.

ESPOSITO, Roberto. **Bios**: biopolítica e filosofia. Tradução de Wander Melo Miranda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FEIXA, C.; WEISSBÖCK, L. P. Da geração @ à geração blockchain: a juventude na era postdigital. **Textura**. Unioeste, Paraná, v. 21 n. 47 p. 6-31 jul/set. 2019

FERREIRA, Adriana Torres. Entre lembranças e músicas. *In*: **Autismo no feminino**: a voz da mulher autista. [livro eletrônico] SILVA, Selma Sueli; MENDONÇA, Sophia. 1. ed. Belo Horizonte: Mundo Asperger, 2022. PDF. p. 87-102.

FERREIRA, Pedro Peixoto. **Traduzindo o autismo**. Resenha de: RIOS, Clarice; FEIN, Elizabeth (orgs.). 2019. Autismo em tradução: uma conversa intercultural sobre condições do espectro autista. (Trad. João S. Camara; Maria R. Pereira) Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

Ficha técnica completa: O Prisioneiro da Passagem. Disponível em: <https://filmow.com/o-prisioneiro-da-passagem-t92817/ficha-tecnica/>. Acesso em: 10 de out. de 2022.

Ficha técnica completa: O Senhor do labirinto. Disponível em: <https://filmow.com/o-senhor-do-labirinto-t26659/ficha-tecnica/>. Acesso em 04 de out. de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Ana Beatriz Machado de. **Corpo e percepções no espectro autista** [manuscrito] / Goiânia, 2015. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, 2015.

FONSECA, Maria Elisa Granchi; CIOLA, Juliana de Cássia Baptistella. **Vejo e aprendo:** fundamento do Programa TEACC: o ensino estruturado para pessoas com autismo. 2. ed. Ribeirão Preto: Book Toy, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro LTDA, 1975.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4. ed. 1984.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Ana Beatriz Machado de. **Corpo e percepções no espectro autista** [manuscrito] / Goiânia, 2015. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, 2015.

GALLO, Sílvia. Diferenças, multiplicidade, transversalidade: para além da lógica identitária da diversidade. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAPICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva (Org.). **Transposições [recurso eletrônico]: lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. Vitória: EDUFES, 2015. p. 185-200.

GALLO, Sílvia. Perverter o platonismo pedagógico: em torno do aprender como acontecimento no pensamento. In: JARDIM, Alex Fabiano Correia; OLIVEIRA, Adhemar Santos de; DIAS, Paulo Henrique. **Pensar Deleuze: 50 anos da publicação da obra Diferença e Repetição**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021. p. 281-298.

GASTALDO, Denise. Prefácio: Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios a articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marluce Alves (Org.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 09-14.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Gilberto. Barato total. Intérprete: Gal Costa. In: COSTA, Gal. **Cantar**. São Paulo: Philips Records, 1974.

GIL, Gilberto. Cores vivas. Intérprete: Gilberto Gil. In: GIL, Gilberto. **Luar**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1981.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo e o terceiro setor. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Não-fronteiras**: universos da educação não-formal. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

GONZAGUINHA. De volta ao começo. Intérprete: Gonzaguinha. In: GONZAGUINHA. **De volta ao começo**. Rio de Janeiro: EMI-odeon, 1980a.

GONZAGUINHA. Eu apenas queria que você soubesse. Intérprete: Gonzaguinha. In: GONZAGUINHA. **Gonzaguinha Bis**. São Paulo: EMI Records Brasil, 1980b.

GONZAGUINHA. Infinito desejo. Intérprete: Maria Bethânia. In: BETHÂNIA, Maria. **Mel**. São Paulo: Universal Music Brasil, 1979.

GUATTARI, Félix. **A revolução molecular**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21ª ed. Campinas: Papiros, 2012.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUÉRON, Rodrigo. **Capitalismo, Desejo & Política**: Deleuze e Guattari leem Marx. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2020.

GÚZEVA, Aleksandra. **Por que o vermelho era a cor principal da URSS?** Disponível em: <https://br.rbth.com/historia/87051-por-que-o-vermelho-era-cor-principal-urss>. Acesso em 05 de mai 2024.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade**: raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Veneta, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.

HARAWAY, Donna J. **Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8159651/mod_resource/content1/%282003%29%20Haraway.%20Manifesto%20ciborgue.pdf. Acesso em: 26 de jun. 2023.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HERWIG, Czech. Hans Asperger, National Socialism, and “race hygiene”. In: **Nazi-era Vienna. Molecular Autism** 9, 29 (2018). Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13229-018-0208-6>. Acesso em: 01 de mar. 2023.

HIGASHIDA, Naoki. **O que me faz pular**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca LTDA, 2014.

HINE, Christine. **Etnografía virtual**. 3. ed. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

ILLICH, Ivan. **A expropriação da saúde: nêmesis da medicina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KAMS, Ana Fabyely. Amar! – Florbela Espanca [Análise de poema]. **Quinta Letra: um esboço literário alternativo**, 2013. Disponível em: <https://quintaletra.wordpress.com/2013/09/29/ amar-florbela-espanca-analise-de-poema/> Acesso em: 04 de nov. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LANGENDONCK, Rosana Van. **A Sagração da Primavera: Dança & Gênese**. 2. ed. São Paulo: Edição do autor, 2004.

LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. In: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio (Org.). **Nietzsche e Deleuze: que pode um corpo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. p. 81-90.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas, e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LEAR, Kathy. **Ajude-nos a aprender: manual de treinamento em ABA**. 2. ed. Toronto, Ontário – Canada: Comunidade Virtual Autismo no Brasil, 2004.

LEBOYER, Marion. **Autismo Infantil: Fatos e modelos**. Campinas: Papirus, 1995.

LEFORT, Rosine; LEFORT, Robert. **A distinção do autismo**. Tradução Ana Lydia Santiago e Cristina Vidigal. 1.ed. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

LEMOS, André. Mídias locativas e vigilância. Sujeito inseguro, bolhas digitais, paredes virtuais e territórios informacionais. In: BRUNO, Fernanda; KANASHIRO, Marta; FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 61-93.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; SAMPAIO, Ataulpa Maciel; GALINDO, Dolores. A produção da diferença em Deleuze, Nietzsche e Foucault como crítica radical à identidade. In: JARDIM, Alex Fabiano Correia; OLIVEIRA, Adhemar Santos de; DIAS, Paulo Henrique. **Pensar Deleuze: 50 anos da publicação da obra Diferença e Repetição**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021. p. 191-202.

LEMOS, F. C. S., SANTOS, A. E. S., REIS JÚNIOR, L. P., & SAMPAIO, A. M. (2023). **Cartografia e Arqueogenealogia: Operadores Metodológicos em Estudos de Recepção e Usos**

Históricos no Campo Psi. *Revista Polis E Psique*, 12(3), 26–47. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.106500> Acesso em: 22 de maio de 2023

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999.

LÉVY, Pierre. “**Muitos não acreditam, mas já éramos muito maus antes da internet**”. Entrevista concedida a Borja Hermoso. El País. Madri, julho, 2021. Disponível em: Pierre Lévy: “Muitos não acreditam, mas já éramos muito maus antes da internet” | El País Semanal | EL PAÍS Brasil (elpais.com) Acesso em: 27 de jul de 2023.

LIMA, Fátima. “O que pode o corpo?”: fronteiras e transposições. In: RODRIGUES, Alessandro; DALLAPICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva (Org.). **Transposições [recurso eletrônico]: lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. Vitória: EDUFES, 2015. p. 201-212.

LINS, Daniel. **Antonin Artaud: o artesão do corpo sem órgãos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

LINS, Ivan. Vieste. Intérprete: Ivan Lins. In: LINS, Ivan. **Mãos**. São Paulo: Philips Records, 1987.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. A menor mulher do mundo. In: **Laços de família**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

LISTAL. **Antonin Artaud**. Disponível em: <https://www.listal.com/viewimage/18064256>. Acesso em: 15 de ago. de 2024.

LOPES, Bruna Alves. **Autismo, Narrativas Maternas e Ativismo dos Anos 1970 a 2008**. In: Revista Brasileira de Educação Especial. vol.26. n.3. Marília jul./set 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/HsffYBhHfB8SrnfgRV9ZScD>. Acesso em: 22 de jan. 2023. p.511-526.

MACHADO, Débora Franco. A colonização dos dados como produto das operações das mídias sociais no sul global. In: CASSINO *et al* (Orgs.). **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. p. 51-66.

MACHADO, Rosângela. Tudo sobre nós, com todos nós: uma questão de justiça. In: BOCCIOLESI, Enrico; ORRÚ, Sílvia Ester (Orgs.). **Somos todos diferentes! Educação, diferença e justiça social**. Campinas: Librum editora, 2021. Ebook. p. 10-27.

MAIA, Tim. Azul da cor do mar. Intérprete: Tim Maia. In: MAIA, Tim. **Tim Maia 1970**. São Paulo: Universal Music Brasil, 1970.

MAINIERI, Simone Paulon. **A Desinstitucionalização como Transvaloração**. Apontamentos para uma terapêutica ao niilismo. Athenea Digital, 10, 121-136. Disponível em <http://antalya.uab.es/athenea/num10/mainieri.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2023.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Ensinando a turma toda:** as diferenças na escola. Disponível em: <https://direitoadiferenca.files.wordpress.com/2010/05/ensinando-a-turma-toda.pdf>. Acesso em: 15 de set. de 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças.** 2005. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/preview.shtml>. Acesso em: 10 de abr. 2015.

MARÇAL, F. (org.); MENEZES, A (org). AUR, A., SCHMIDT, C., NUNES, D., SOUZA, D., VIEIRA, E., CARVALHO, E., CORDÃO, F., LACERDA, L. ELIAS, N. **NORTEAR:** Orientações para o Atendimento Educacional ao Estudante com Transtorno do Espectro Autista – TEA – 1 ed.– Brasília: Conselho Nacional de Educação. Relatório Técnico, 2023.

MARTINELLI, Olimpia Gaia. **Como o impressionismo representou a primavera?** 2022. Disponível em: <https://www.artmajeur.com/pt/magazine/5-historia-da-arte/como-o-impressionismo-representou-a-primavera/331279> Acesso em: 18 de set. de 2023.

MARTINS, Michelle. A geografia deleuzeana da diferença: o pensamento e suas potências em Diferença e Repetição. In: JARDIM, Alex Fabiano Correia; OLIVEIRA, Adhemar Santos de; DIAS, Paulo Henrique. **Pensar Deleuze:** 50 anos da publicação da obra Diferença e Repetição. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021. p. 41-62.

MATOS, Sônia Regina da Luz. Devir-método-aranha. In: CUNHA, Claudia Madruga (Org.). **Cartografia:** insurgências metodológicas e outras estéticas da pesquisa. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 144-160.

MELO, Danilo. **Experimentação e prudência no pensamento rizomático de Deleuze e Guattari.** Texto Digital, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 3-19, 2020.

MENDONÇA, Sophia. Transtorno do Espectro Autista em mulheres e a Camuflagem Social: Diálogos afetivos com inspiração etnográfica. In: **Autismo no feminino [livro eletrônico]:** a voz da mulher autista. SILVA, Selma Sueli; MENDONÇA, Sophia. 1. ed. Belo Horizonte: Mundo Asperger, 2022. PDF. p. 113-126.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 15-22.

MIGUEL, Marlon. **Guerrilha e resistência em Cévennes:** a cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência. 2015. Vol. 8. nº 1. p.57-71.

MION, Marcos. **A escova de dentes azul.** São Paulo: Panda Books, 2016.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Vygotsky e Deleuze:** um diálogo possível? Campinas/SP: Editora Alínea, 2008.

MUSEU BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA. **Arthur Bispo do Rosário**. Disponível em: <https://museubispodorosario.com/home/arthur-bispo-do-rosario/> Acesso em: 15 de ago. 2024.

NALLI, Marcos. A abordagem imunitária de Roberto Esposito: Biopolítica e medicalização. *In: A medicalização da vida como estratégia biopolítica*. CAPONI, Sandra [et al] (Org.). São Paulo: LiberArs, 2013. p. 45-54.

NASCIMENTO, Milton. Amor de índio. Intérprete: Milton Nascimento. *In: NASCIMENTO, Milton. Nada será como antes*. São Paulo: Universal Music Brasil, 2013.

NERUDA, Pablo. **Presente de um poeta**. Cotia, SP: Vergara & Riba Editoras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

NOGUEIRA, Geuvana Pedro. A humanidade de sermos quem somos. *In: Autismo no feminino [livro eletrônico]: a voz da mulher autista*. SILVA, Selma Sueli; MENDONÇA, Sophia. 1. ed. Belo Horizonte: Mundo Asperger, 2022. PDF. p. 146-158.

OLIVEIRA, T. R. M.; PARAÍSO, M. A. **Mapas, dança, desenhos**: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 23, n. 3, p. 159–178, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642843>. Acesso em: 11 abr. 2022.

ORRÚ, Silvia Ester. **A inclusão menor e o Paradigma da Distorção**. Petrópolis: Vozes, 2020.

ORRÚ, Silvia Ester. **Aprendizes com autismo**: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes. Petrópolis: Vozes, 2016.

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012.

ORRÚ, Silvia Ester. “**Não queremos inclusivismos**”: um ensaio (des)inspirado no discurso do Ministro da Educação brasileira. *Educação E Filosofia*, 36(77), p. 1037–1074. 2022.

ORRÚ, Silvia Ester. **O autismo em meninas e mulheres**: diferença e interseccionalidade. Petrópolis: Vozes, 2024.

ORRÚ, Silvia Ester. **O perigo da supervalorização do diagnóstico**: rótulos introdutórios ao fracasso escolar de crianças com autismo. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*. Vol.04, Nº. 01, Ano 2013. p.1419-1429. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/192/181>. Acesso em: 17 dez. 2021.

ORRÚ, Silvia Ester. **O re-inventar da inclusão**: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender. Petrópolis: Vozes, 2017.

PAPOCA, Agência. Quem foi Antoni Gaudí: biografia, construções e legado do arquiteto. 2019. **LAART**. 2019. Disponível em: <https://laart.art.br/blog/antoni-gaudi/> Acesso em: 04 de nov. 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 23-46.

PAOLETTI, Jo. B. **Pink and Blue: Telling the Boys from the Girls in America**. United States of America: Indiana University Press, 2012.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. 2. ed. São Paulo. Iluminuras, 2021.

PESSOA, Fernando. **Tabacaria e outros poemas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Programa da Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013.

PINTO, Julio. **1, 2, 3 da Semiótica**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1995.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PROVIDELLO, Guilherme Gonzaga Duarte; YASUI, Silvio. **A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1515-1529.

RECH, Tatiana Luiza. A inclusão educacional como estratégia biopolítica. In: **Inclusão e biopolítica**. FABRIS, Eli T. Henn; Klein, Rejane Ramos (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 25-44.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REY, Lana Del. LARCOMBE, Tim. Cherry. Intérprete: Lana Del Rey. In: **Lust for Life**. Reino Unido: Polydor Ltd, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROCHA, Mauricio; MIGUEL, Marlon. **Fernand Deligny, Spinoza e “o homem-que-nós-somos”**. Cadernos Deligny, v. 1, n. 1, 10 (2018). Disponível em: <https://cadernosdeligny.jur.puc-rio.br/index.php/CadernosDeligny/article/view/24>. Acesso em: 13 de jun. de 2022.

RODRIGUES, Henrique. **Aluno de 13 anos morre após ser agredido em escola no litoral de SP, diz pai**. Revista Fórum. Disponível em: [https://revistaforum.com.br/brasil/2024/4/18/aluno-de-13-anos -morre-apos-ser-agredido-em-](https://revistaforum.com.br/brasil/2024/4/18/aluno-de-13-anos-morre-apos-ser-agredido-em-)

escola-no-litoral-de-sp-diz-pai-157568.html. Acesso em: 30 de jun. de 2024.

RODRÍGUEZ, Pablo Esteban. **Las palabras em las cosas: saber, poder y subjetivación entre algoritmos y biomoléculas**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2019.

ROLNIK, Suely. **CARTOGRAFIA ou de como pensar com o corpo vibrátil**. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ROSE, Nikolas. **Psicologia como uma ciência social**. Revista eletrônica Psicologia & Sociedade; 20 (2): 155-164, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/9vmjdfJLFkXYLcPbRNYgnbt/?lang=pt>. Acesso em: 10 de ago. de 2022.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**: com as aquarelas do autor. Petrópolis: Vozes, 2015.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 111-132.

SANTAELLA, L. Pós-digital: por quê? A cultura digital na berlinda In: SANTAELLA, L. **Temas e dilemas do pós-digital**. São Paulo: Paulus, 2016. p. 79-94.

SANTIAGO, Emerson. **Primavera dos povos**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/primavera-dos-povos/>. Acesso em: 06 de out. de 2022.

SANTOS, Felipe Augusto de Souza. **Falhar melhor**: dramaturgia e encenação no teatro final de Samuel Beckett dos manuscritos aos theatrical notebooks. 2022. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.8.2021.tde-08062022-114135. Acesso em: 03 de nov. 2024.

SANTOS, Melinda. **Rede Social no Ensino Não Formal**: Potencializando Aprendizagens. 2019. 32 Páginas. Monografia de Especialização em Inovação e Tecnologia na Educação - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **O que é neurodiversidade?** Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/o-que-e-neurodiversidade.htm> Acesso em: 04 de ago. de 2023.

SCIENCE, Chico. Monólogo ao pé do ouvido. Intérprete: Chico Science & Nação Zumbi. In: SCIENCE, Chico; ZUMBI, Nação. **Da Lama ao Caos**. Rio de Janeiro: Sony Music Entertainment Brasil, 1994.

SÉVÉRAC, Pascal. **Fernand Deligny, ou l'art d'être hors sujet**. *La Vie des idées*. 7 de março de 2023. ISSN: 2105-3030. Disponível em: <https://laviedesidees.fr/Fernand-Deligny-ou-l-art-d-etre-hors-sujet> Acesso em: 12 de ago. de 2024.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, João Henrique; MELO, Douglas Christian Ferrari de. **Atendimento Educacional Especializado Integral e Integrado: análise gramsciana de uma proposta da Fenapaes**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 13, n. 4, p. 1652-1662, out./dez., 2018.

SILVA, Jorge Anthonio e. **Arthur Bispo do Rosário: arte e loucura**. 2. ed. São Paulo: Quaisquer, 2003.

SILVA, Simone Gonçalves. Escolhas teórico-metodológicas para pesquisas em educação: perspectiva, movimentos e análise. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 278–296, 2020. DOI: 10.20396/etd.v22i2.8654187. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8654187>. Acesso em: 8 dez. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Vanessa Caroline da. **O estudante com transtorno do espectro autista nas universidades brasileiras**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

SONTAG, Susan. **Sob o signo de saturno**. São Paulo: L&PM Editores, 1986.

SOUZA, Naty. As fases até o diagnóstico. In: **Autismo no feminino [livro eletrônico]: a voz da mulher autista**. SILVA, Selma Sueli; MENDONÇA, Sophia. 1. ed. Belo Horizonte: Mundo Asperger, 2022. PDF. p. 46-62.

SOUZA, Otávio de; PIXINGUINHA. Rosa. Intérprete: Orlando Silva e Pixinguinha. In: PIXINGUINHA. **Pixinguinha – 100 anos**. São Paulo: BMG/RCA, 1997.

SOUZA, Rita de Cácia Santos (Org.). **Tons de Azul: múltiplos olhares sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Aracaju: Criação, 2017.

SPINOZA, Baruch. **Ética/Spinoza**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

TELES, Perolina Souza. **As faces da inclusão social: uma análise do Projovem Adolescente nos Centros de Referência de Assistência Social – CRAS de Aracaju-SE**. São Cristóvão, 2010.

TENENTE, Luiza. G1. **Número de alunos com autismo em escolas comuns cresce 37% em um ano; aprendizagem ainda é desafio**. 02/04/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/02/numero-de-alunos-com-autismo-em-escolas-comuns-cresce-37percent-em-um-ano-aprendizagem-ainda-e-desafio.ghtml>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

TIISMO. **CID-11 unifica Transtorno do Espectro do Autismo no código 6A02**. Disponível em: <https://tismo.us/destaques/cid-11-unifica-transtorno-do-espectro-do-autismo-no-codigo-6a02/>. Acesso em: 27 de fev. de 2022.

TIISMO. **EUA tem novo número de prevalência de autismo 1 para 54**. Disponível em: <https://tismo.us/destaques/eua-tem-novo-numero-de-prevalencia-de-autismo-1-para-54/>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

TIQQUN. **Contribuições para a guerra em curso**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

TONELLO, Eliane. **Tecendo a sanidade: o caso Arthur Bispo do Rosário**. Porto Alegre: Luminara Editorial, 2016.

TOSCANO, Frederico. **As Quatro Estações de Vivaldi, a plena harmonia entre música e natureza**. Revista Será? 2018. Disponível em: <https://revistasera.info/2018/01/as-quatro-estacoes-de-vivaldi-a-plena-harmonia-entre-musica-e-natureza-frederico-toscano/>. Acesso em: 11 de set. de 2023.

UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido**. 1 ed. São Paulo, n-1 Edições, 2012.

VEIGA NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VENTURA, Luiz Alexandre Souza. **Bolsonaro afirma que a educação inclusiva “nívela por baixo”**. Estadão, 2021. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/bolsonaro-afirma-que-educacao-inclusiva-nivela-por-baixo/>. Acesso em: 23 de out. de 2022.

VELOSO, Caetano. O Quereres. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, Caetano. **Velô**. São Paulo: Philips Records, 1984.

VELOSO, Caetano. Pecado original. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, Caetano. **Pipoca Moderna - Caetano Raro e Inédito 2 (1975 - 1982)**. São Paulo: Universal Music Brasil, 2006.

VELOSO, Caetano. Trem das cores. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, Caetano. **Cores e nomes**. São Paulo: Philips Records, 1982.

VENTURA, Raffaele Alberto. **Teoria da classe inadequada**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2022.

VINCIGUERRA, Lorenzo. **La semiótica de Spinoza**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2020.

VYGOTSKY, Lev Semiónovic. **A formação social da mente**. 4.ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semiónovic. **Obras Escogidas V: Fundamentos de Defectología**. Moscou: Editorial Pedagógica, 1983.

VYGOTSKY, Lev Semiónovic. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WERNER, Andrea. **Meu amigo faz iiiii**. São Paulo: CR8 Editora, 2017.

ZIRALDO. **Flicts**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2019.

APÊNDICE I:

Roteiro da entrevista semiestruturada da pesquisa

- 1º) Como você gostaria de ser descrito nesta pesquisa?
- 2º) Quando e como você teve consciência do seu diagnóstico de Autismo?
- 3º) Em que medida ou em que lugar essa consciência foi importante na sua vida?
- 4º) Você teve acesso a acompanhamentos terapêuticos ao longo da sua vida? Se a resposta for sim, quais foram?
- 5º) Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser autista? Gostaria de falar sobre isso?
- 6º) Quando você pensa em autismo quais palavras vêm em sua cabeça?
- 7º) Você acha importante o ativismo em torno da causa autista? Por quê?
- 8º) Como você percebe a atuação de jovens e adultos autistas, que são considerados influenciadores, nas redes sociais?
- 9º) Você já ouviu falar no termo *Primavera Autista*? Caso a resposta seja positiva, como você o definiria?
- 10º) Para você quais são os principais desafios hoje no uso das redes?
- 11º) Quais assuntos te mobilizam mais nas redes sociais?
- 12º) Quais conteúdos você percebe que engaja mais nas suas redes sociais?
- 13º) Para além do autismo, que tipo de conteúdo você gosta de produzir e/ou consumir nas redes sociais?
- 14º) Quais são seus eixos de interesse?
- 15º) Como foi seu processo de aprendizagem na escola e/ou universidade?
- 16º) Quais foram os principais desafios que você enfrentou no ambiente de aprendizagem?
- 17º) Você necessitou de assistente de aprendizagem ou de tecnologia assistiva na sua vida acadêmica?
- 18º) Se você pudesse escolher estudar em uma escola regular ou em uma classe especial, o que você escolheria? Por quê?
- 19º) Qual mensagem sobre o autismo você intenciona passar nas suas redes sociais?
- 20º) Se houvesse a possibilidade da cura para o autismo, através de um remédio ou cirurgia, você gostaria de fazer uso? Por quê?
- 21º) O que você gostaria que fosse garantido, enquanto direito, para as pessoas autistas?
- 22º) Expresse um desejo para o futuro:

APÊNDICE II

Termo de anuência e existência de infraestrutura



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DIVISÃO DE AÇÕES INCLUSIVAS

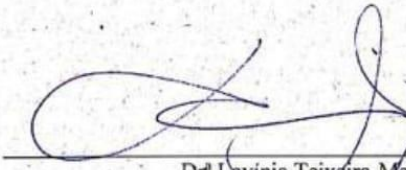
TERMO DE ANUÊNCIA E EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA

Eu, Prof^{Dr} Lavinia Teixeira Machado, Coordenadora da Divisão de Ações Inclusivas da Universidade Federal de Sergipe/UFS, autorizo a realização do projeto intitulado "O ALINHAMENTO DA PRIMAVERA AUTISTA: ENTRE O PONTO, O MOLDE DA IDENTIDADE E A LINHA DO DEVER", pela pesquisadora Perolina Souza Teles (aluna do curso de doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação), sob a orientação do Prof. Dr. Fabio Zoboli, que envolverá a participação de 2 adultos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), devidamente matriculados na Universidade Federal de Sergipe (UFS), acima de 18 anos, plenamente capazes, que se enquadram na categoria de influenciadores digitais, da rede social *Facebook* e *Instagram*. Seguiremos o seguinte roteiro para o recrutamento dos participantes: solicitação de amizade, através dos perfis públicos das redes sociais, apresentação da pesquisadora e da pesquisa via mensagens privadas nos *directs*, convite informal para a participação na pesquisa. Caso haja aceite, envio dos documentos e termos para assinatura e aceite formal de participação na pesquisa. O processo de coleta de dados será iniciado apenas após aceite formal dos participantes, conforme garantias de sigilo das identidades dos participante. Para realizar esta escolha levamos em consideração os seguintes critérios: maioridade etária; pessoas plenamente capazes e que possuam perfis públicos nas redes sociais. Nosso objetivo é refletir sobre as multiplicidades das pessoas com TEA, considerando os tensionamentos e entrelaçamentos existentes entre a fixidez do molde de uma suposta "Identidade Autista" e a construção da "Primavera Autista". O desenho metodológico da pesquisa será feito a partir de uma cartografia, com uma abordagem qualitativa, buscando valorizar os participantes por aquilo que eles podem e como se relacionam com aquilo que podem. Por ser um tema de caráter relativamente inovador - posto que não identificamos no estado da arte pesquisas semelhantes, que discutam a identidade autista, tampouco um dever autista, tendo como protagonismo os dizeres das pessoas com TEA - classificamos o tipo de pesquisa como exploratória. Será ofertado previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a realização das entrevistas semiestruturadas, de forma presencial, que serão realizadas após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CEP/UFS).

Estamos cientes de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para desenvolvê-la em conformidade às diretrizes e normas éticas. Ademais, ratifico que não haverá quaisquer implicações negativas aos alunos que não desejarem ou desistirem de participar do projeto.

Declaro, outrossim, na condição de representante desta Instituição, conhecer e cumprir as orientações e determinações fixadas nas Resoluções nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e 510, de 07 de abril de 2016 e Normativa Operacional nº 001/2013, pelo CNS.

São Cristóvão/SE, 01 de março de 2023.



Lavinia Teixeira Machado
 Chefe da Divisão de Ações
 Inclusivas - DAIN UFS
 SIAPE 2571094

Dr^a Lavinia Teixeira-Machado
Coordenadora da Divisão de Ações Inclusivas/UFS

Perolina Souza Teles – (79) 988253289; perolinasouza@hotmail.com (Doutoranda responsável pela pesquisa).

Fabio Zoboli – Universidade Federal de Sergipe – Programa de Pós Graduação em Educação – (79) 991590714; zobolito@gmail.com (Orientador do curso de Doutorado).

Apêndice III

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA OBSERVAÇÃO EM REDES SOCIAIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA OBSERVAÇÃO EM REDES SOCIAIS

Prezado participante,

Essa pesquisa tem como título **“O alinhavo da Primavera Autista: entre o ponto, o molde da identidade e a linha do devir”** e está sendo desenvolvida pela discente de doutorado Perolina Souza Teles, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS), sob orientação do Professor Dr. Fabio Zoboli.

Este termo tem como objetivo solicitar a autorização para coleta de dados em ambientes virtuais, enquanto campo de estudo, a partir da observação de perfis em redes sociais públicas, como *Facebook* e *Instagram*, dos participantes, que devem ser adultos, maiores de 18 anos e plenamente capazes. Tendo como único objetivo elucidar a composição da Primavera Autista, respeitando as orientações da Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS, de 03 de março de 2021.

A pesquisadora compromete-se a preservar a privacidade das informações colhidas, concorda e assume a responsabilidade de que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do presente projeto e de publicações científicas que dele derivem. Compromete-se, ainda, a fazer a divulgação das informações colhidas somente de forma anônima e após a aprovação do sistema CEP CONEP.

Salientamos, outrossim, estarmos cientes dos preceitos éticos da pesquisa, pautados na Resolução 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Aracaju/SE, 01 de março de 2023

Perolina Souza Teles

Pesquisadora responsável

APÊNDICE IV

Termo de compromisso e confidencialidade



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE

Título do Projeto: **O ALINHAVO DA PRIMAVERA AUTISTA: ENTRE O PONTO, O MOLDE DA IDENTIDADE E A LINHA DO DE VIR**

Pesquisadora responsável: **Perolina Souza Teles**

Instituição/Departamento de origem da pesquisadora: Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGED/UFS

Telefone para contato: (79) 988253289

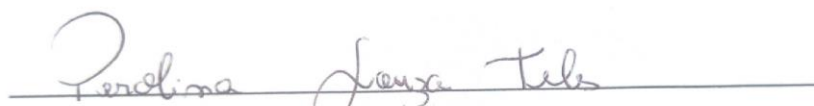
E-mail: perolinasouza@hotmail.com

A pesquisadora do Projeto acima identificado assume o compromisso de:

- Cumprir os termos da resolução nº 466/12, de 12 de dezembro de 2012 e da resolução nº 510/16, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/1997, 251/1997, 292/1999, 304/2000, 340/2004, 346/2005, e 347/2005);
- Garantir que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe;
- Zelar pela privacidade e sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- Garantir que os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos participantes;
- Garantir que os benefícios resultantes do Projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;

- Garantir que os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de apresentação em encontros científicos ou publicação em periódicos científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos participantes da pesquisa;
- Garantir que o CEP/UFS será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão ou do encerramento da pesquisa com a devida justificativa;
- Garantir que o CEP/UFS será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos, resultantes desta pesquisa, com o voluntário;
- Assegurar que os resultados da pesquisa serão anexados na Plataforma Brasil, sob a forma de Relatório Parcial e Relatório Final da pesquisa.

Aracaju/SE, 18 de janeiro de 2023.



Perolina Souza Teles

Pesquisadora responsável

APÊNDICE V

Termo de compromisso para utilização dos dados (TCUD)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE COMPROMISSO PARA UTILIZAÇÃO DOS DADOS (TCUD)

A pesquisadora do projeto de pesquisa intitulado “O ALINHAMENTO DA PRIMAVERA AUTISTA: ENTRE O PONTO, O MOLDE DA IDENTIDADE E A LINHA DO DEVER” compromete-se a preservar a privacidade das narrativas colhidas, concorda e assume a responsabilidade de que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do presente projeto. Compromete-se, ainda, a fazer a divulgação das informações colhidas somente de forma anônima e após a aprovação do sistema CEP CONEP.

Salientamos, outrossim, estarmos cientes dos preceitos éticos da pesquisa, pautados na Resolução 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Aracaju/SE, 18 de janeiro de 2023

Perolina Souza Teles

Pesquisadora responsável

APÊNDICE VI

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Essa pesquisa tem como título “**O alinhavo da *Primavera Autista*: entre o ponto, o molde da identidade e a linha de devir**” e está sendo desenvolvida pela discente de doutorado Perolina Souza Teles, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS), sob orientação do Professor Dr. Fabio Zoboli.

Solicitamos a sua participação em uma entrevista semiestruturada, que abordará questões relacionadas às suas vivências enquanto pessoa autista. Conversaremos presencialmente, através de reunião previamente marcada, sendo esse momento gravado para posterior transcrição (copiada por escrito) para análise da pesquisadora, segundo disponibilidade dos participantes, em locais, datas e horários condizentes à disponibilidade dos mesmos. A utilização dessa gravação será restrita para fins exclusivos da pesquisa, que terá como objetivo a construção da tese cujo título é “**O alinhavo da *Primavera Autista*: entre o ponto, o molde da identidade e a linha de devir**”, publicações em artigos científicos na área de educação, capítulos de livros e/ou livro, não sendo permitida sua utilização para outros fins.

O processo de captação de participantes se dará por meio de contatos via rede social *Facebook* e *Instagram*, momento em que serão explicitados o tema e os objetivos da pesquisa. Realizado o primeiro contato da pesquisadora com o participante, de maneira informal via *direct*, será feito o convite formal ao mesmo, para participar da pesquisa, esclarecendo ao participante de pesquisa, que antes de responder às perguntas da pesquisadora, será apresentado, via e-mail, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinatura. Confirmada

participação, será marcado o momento da entrevista. Qualquer e-mail ou mensagem será enviado de forma individual. Desse modo, a pesquisadora não enviará mensagens concomitantemente para mais de um destinatário, bloqueando assim qualquer possibilidade de identificação dos participantes por terceiros.

Ao iniciar a entrevista, o TCLE será lido pela pesquisadora, possibilitando esclarecer eventuais dúvidas, sendo que o participante deverá sinalizar que concorda com os termos de participação.

Os registros do encontro serão feitos através da gravação da reunião, por meio de um gravador de áudio (no caso de a entrevista ser realizada no formato presencial), ou via Plataforma *Google Meet*, com link exclusivo e individual, além do registro por meio de escrita da pesquisadora em um Diário de Campo, ferramenta auxiliar na qual podem ser anotados destaques da escuta que está sendo desenvolvida. A pesquisadora buscou por essa ferramenta de comunicação por dominar bem as funções, de forma a minimizar problemas durante a entrevista, bem como assegurar a segurança e a privacidade. Combinaremos junto ao participante os procedimentos adotados em caso de problemas técnicos. Como trataremos de possíveis temáticas sensíveis, procederemos as medidas que viabilizem o máximo possível pela segurança e privacidade do ambiente. Visto que a entrevista será gravada por meio de ferramenta de comunicação, a gravação será salva no notebook da pesquisadora e não na nuvem, para garantir mais segurança. Será avaliada a estabilidade da ferramenta, assim como a qualidade do som.

O participante terá garantido o direito de não responder a qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal. Pode também se retirar da pesquisa a qualquer momento, de acordo com sua necessidade, assim como lhe é garantido o direito de acesso ao teor do conteúdo do instrumento (tópicos que serão abordados) antes de responder as questões, sendo para isso enviado um roteiro das entrevistas contendo perguntas, para uma tomada de decisão informada.

Os custos diretos e indiretos desta pesquisa serão assumidos pela pesquisadora, sendo o processo de produção de informações realizado via utilização de ferramentas eletrônicas, já de propriedade da mesma. Custos relacionados à impressão de documentos e/ou escaneamentos e fotocópias que venham a acarretar qualquer despesa serão assumidos pela pesquisadora.

Proceder-se-á ao armazenamento adequado dos dados coletados, bem como aos procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa, realizando o *download* dos dados coletados para o notebook pessoal da pesquisadora, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual.

A qualquer momento e sem nenhum prejuízo, pode se dar a retirada do consentimento de utilização dos dados do participante da pesquisa. Nessa situação, a pesquisadora responsável fica obrigada a enviar ao participante de pesquisa, a resposta de ciência do interesse da participante de pesquisa retirar seu consentimento.

Solicitamos sua autorização para utilização de registros feitos em sua rede social *Facebook* e/ou *Instagram* em postagens que dialoguem com a temática da pesquisa, com o objetivo exclusivo de elucidar a atuação do net-ativismo de pessoas autistas e a cibercultura, como instrumento de educação não-formal. Cada um dos nossos participantes terá sua identidade pessoal e virtual protegida, sendo codificado na pesquisa com um pseudônimo de nome de cor.

No tocante às etapas da pesquisa realizadas em ambiente virtual ou de forma não-presencial, ressaltamos que seguiremos as orientações da Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS, de 03 de março de 2021, que compreende como meio ou ambiente virtual: aquele que envolve a utilização da internet (como e-mails, sites eletrônicos, formulários disponibilizados por programas, etc.), do telefone (ligação de áudio, de vídeo, uso de aplicativos de chamadas, etc.), assim como outros programas e aplicativos que utilizam esses meios. E como forma não presencial: contato realizado por meio ou ambiente virtual, inclusive telefônico, não envolvendo a presença física do pesquisador e do participante de pesquisa. Cabe à pesquisadora conhecer a política de privacidade da ferramenta utilizada quanto a coleta de informações pessoais, mesmo que por meio de robôs, e o risco de compartilhamento dessas informações com parceiros comerciais para oferta de produtos e serviços de maneira a assegurar os aspectos éticos.

O convite para a participação na pesquisa deverá conter, obrigatoriamente, link para endereço eletrônico ou texto com as devidas instruções de envio, que informem ser possível, a qualquer momento e sem nenhum prejuízo, a retirada do consentimento de utilização dos dados do participante da pesquisa. Nessas situações, a pesquisadora fica obrigada a enviar ao participante de pesquisa, a resposta de ciência do interesse do participante de pesquisa retirar seu consentimento. Durante o processo de consentimento, a pesquisadora esclarecerá ao

participante de maneira clara e objetiva, como se dará o registro de seu consentimento para participar da pesquisa.

É obrigação da pesquisadora prestar as seguintes informações aos participantes: a importância do participante de pesquisa guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico; garantir ao participante de pesquisa o direito de não responder qualquer questão, sendo nenhuma delas obrigatória, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento direito do participante de não responder à pergunta; o direito de acesso ao teor do conteúdo do instrumento (tópicos que serão abordados) antes de responder as perguntas será garantido, sempre que solicitado, para uma tomada de decisão informal; o participante de pesquisa terá acesso às perguntas somente depois que tenha dado o seu consentimento.

Em relação à segurança e armazenamento dos dados, também seguimos as orientações da Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS, de 03 de março de 2021, que afirma que é da responsabilidade do pesquisador o armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa. Uma vez concluído o processo de coleta de informações, é recomendado ao pesquisador responsável fazer o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". O mesmo cuidado deverá ser seguido para os registros de consentimento livre e esclarecido que sejam gravações de vídeo ou áudio. É recomendado ao pesquisador responsável fazer o download dos dados, não sendo indicado a sua manutenção em qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem".

Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revistas científicas e capítulos de livros. O uso das informações estará submetido às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, ou seja, será garantido a privacidade e sigilo das informações em todas as etapas da pesquisa, mantendo seu nome no mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la.

Em relação aos riscos da presente pesquisa, ressaltamos a possibilidade do participante se sentir desconfortável ao recordar/refletir/narrar sobre acontecimentos que envolvem sentimentos, posturas, experiências e emoções que poderão remeter a incômodos ou constrangimentos. Ao participante será garantido seu direito a responder apenas aos

questionamentos que não lhe causem desconforto, além do direito a não responder ou interromper sua participação em qualquer momento, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. Dessa forma, cumpre destacar ao participante a liberdade de não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início da entrevista/produção de informações, sem qualquer prejuízo. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações. Como participante, não terá nenhuma despesa em nenhum momento do processo, assim como não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa.

Convém salientar ainda que, caso os participantes da pesquisa venham sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação neste referido estudo, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, poderão solicitar indenização e têm direito a assistência por parte do pesquisador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa. Visto que, o participante poderá vir a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, salientamos que nesse caso, será amparado pela lei e tem direito à assistência e a buscar indenização através de vias judiciais.

A resolução CNS nº 510 de 2016, em seu artigo 9º, inciso VI, ampara os participantes da pesquisa: VI – ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei, dessa forma, todo o trabalho será realizado baseado nos princípios da Lei do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora responsável pela presente pesquisa se compromete em apresentar uma devolutiva da pesquisa aos participantes, bem como entregar a cada participante um o texto do produto final da pesquisa.

Intencionamos colaborar, através do desenvolvimento desta pesquisa, com a reflexão sobre as multiplicidades das pessoas autistas, considerando os tensionamentos existentes entre o molde de uma *Identidade Autista X* a construção da *Primavera Autista*. Para tanto, realizaremos entrevistas semiestruturadas com 6 adultos autistas, e monitoraremos seus fazeres cotidianos, observando o protagonismo e o ativismo dessas pessoas, através do uso das suas redes sociais *Facebook* e *Instagram*.

Ressaltamos que todas as páginas desse documento (TCLE) serão rubricadas e assinadas pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como, pela pesquisadora responsável pela pesquisa. Ademais cabe ainda destacar ao participante de

pesquisa a importância em guardar em seus arquivos uma via do documento e/ou garantindo o envio da via assinada pelos pesquisadores ao participante de pesquisa.

Caso haja dúvida em relação a essa pesquisa, segue os nossos contatos, respectivamente, número de telefone e email's:

Perolina Souza Teles – (79) 988253289; perolinasouza@hotmail.com (Doutoranda responsável pela pesquisa).

Fabio Zoboli – Universidade Federal de Sergipe – Programa de Pós Graduação em Educação - (79) 991590714; zobolito@gmail.com (Orientador do curso de Doutorado).

Esse projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe/CEP/UFS. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos dos participantes da pesquisa podem ser obtidas através do e-mail cep@academico.ufs.br e por telefone: (79) 3194-7208 de segunda a sexta-feira das 07 às 12h. Esse comitê está localizado na Rua Cláudio Batista s/nº Bairro: Sanatório – Aracaju, CEP: 49.060-110 – SE.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “munus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (Normas e Diretrizes regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos –Res. CNS 466/2012, II. 4).

O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Dessa maneira e de acordo com a Res. CNS 466/2012, e 510/2016 “toda pesquisa envolvendo seres humanos deverá ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa” e cabe à instituição onde se realizam pesquisas a constituição do CEP.

A missão do CEP é salvaguardar os direitos e a dignidade dos participantes de pesquisa. Além disso, O CEP contribui para a qualidade das pesquisas e para a discussão do papel da pesquisa no desenvolvimento institucional e no desenvolvimento social da comunidade. Contribui ainda para a valorização do pesquisador que recebe o reconhecimento de que sua proposta é eticamente adequada. Finalmente, o CEP exerce papel consultivo e, em especial, papel educativo para assegurar a formação continuada dos pesquisadores da instituição e promover a discussão dos aspectos éticos das pesquisas em seres humanos na comunidade.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento

para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, _____,
declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Aracaju/SE, ____ de _____ de 202__

Assinatura

APÊNDICE VII

Playlist “O alinhavo”

Esta *playlist* foi construída ao longo do processo de criação da tese “O Alinhavo da Primavera Autista: entre o ponto, o molde da identidade e a linha de devir”. Cada música que nela consta diz um pouco sobre o desenho de nossas linhas.



ANEXO I

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – 17 DE ABRIL DE 2023



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O alinhavo da Primavera Autista: entre o ponto, o molde da identidade e a linha do devir.

Pesquisador: PEROLINA SOUZA TELES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 66678323.5.0000.5546

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.005.989

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo "Informações Básicas da Pesquisa" (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2073134.pdf) e do "Projeto Detalhado / Brochura Investigador" (Projeto_O_Alinhavo_da_Primavera_Autista_Perolina_Souza_Teles.docx), postados em 12/03/2023.

Introdução:

Para concepção desta tese, partimos do ponto, saímos de nós mesmos com a urgência da velocidade, da localização de questionamentos, como por exemplo: o que nos faz diferentes? Esta é uma pergunta aparentemente simples de responder. Algumas possíveis respostas seriam: o fenótipo, o biótipo, o funcionamento cerebral ou a personalidade. Outros poderiam simplesmente dizer: somos todos iguais, não havendo nenhum critério

capaz de nos diferenciar enquanto seres humanos da mesma espécie. Ainda ouviríamos: somos todos diferentes e devemos buscar a igualdade, levando em conta as diferenças. Não objetivamos buscar consenso na resposta, mas ponderamos que é possível que exista uma busca do ser humano por uma suposta igualdade, por uma identidade, que em tese pode gerar uma sensação de pertencimento a um grupo social ou a um espaço físico. Essa busca, muitas vezes, nos faz escravos de uma cultura do "mais do mesmo", da cópia e do cultivo de estereótipos - seja no

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cep@academico.ufs.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SERGIPE - UFS



Continuação do Parecer: 6.005.989

núcleo familiar, na escola ou nos círculos de convívio. O ser humano, como ser eminentemente social, busca seus pares, seus "iguais" e suas identificações. Em geral, essa tendência nos coloca em pequenas "caixinhas" de categorias e características, nas quais recebemos um rótulo do que somos. É como se a nossa sociedade fosse especialista em classificar e, por conseguinte, incluir e excluir. De acordo com Silva (2009), "O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. [...] Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar" (SILVA, 2009, p. 82). Nesse universo das "caixinhas" podemos excluir aquilo que destoa do padrão de "normalidade" aceito pela sociedade. Leia-se: tudo que destoa do que é "melhor aceito" na "moldura social", desconsiderando, por conseguinte, a diversidade de classes sociais, gêneros, raças, etnias, bem como as pessoas que possuem algum tipo de deficiência, síndrome ou transtorno. Entre os diversos lugares políticos e sociais que possuem a prerrogativa de ser moldura social, destacamos os espaços de aprendizagem – que vão muito além da instituição escolar. Localizamos nossa pesquisa numa dessas "caixinhas": o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). De acordo com Orrú (2012) "O autismo é uma palavra de origem grega (autós), que significa por si mesmo. É um termo usado, dentro da psiquiatria para denominar comportamentos humanos que se centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo" (ORRÚ, 2012, p. 17). Léo Kanner foi o primeiro pesquisador a publicar sobre o Autismo, em 1948 ele escreveu um Manual de Psiquiatria Infantil que tinha esse assunto como um dos temas principais. De lá para cá, muito se avançou em pesquisas e em definições acerca desse transtorno. Atualmente, o autismo é representado por um laço, com um quebra-cabeça de peças coloridas estampado, indicando a multiplicidade de possibilidades de perfis dentro do espectro.

Hipótese:

A hipótese que pretendemos defender com esta pesquisa de doutorado é que a definição de identidade para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) possui centralidade em abordagens behavioristas de tratamento e ensino, pautadas na correção de déficits e baseadas em critérios médico/psicologizantes do DSM-5 e da CID-11, tendo como principal objetivo territorializar os corpos, emoldurar comportamentos e fixar rótulos, dentro de uma suposta "identidade autista". Produzindo um processo de exclusão classista compulsória e invisibilidades das pessoas com autismo. Em contraposição a essa perspectiva, ressaltamos a existência

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Telefone: (79)3194-7208

Município: ARACAJU

CEP: 49.060-110

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 6.005.989

contemporânea das redes sociais, enquanto espaços de protagonismo de jovens com TEA, que estão inseridos no contexto do net-ativismo. São esses jovens que estão desterritorializando conceitos, saindo do uno ao múltiplo, desenhando a linha do devir autista para a escrita da Primavera Autista.

Metodologia Proposta:

O desenho metodológico da pesquisa será feito a partir de uma cartografia, com base no pensamento de autores como Gilles Deleuze e Felix Guatarri. Isto posto, construiremos a pesquisa com uma abordagem qualitativa, buscando valorizar os participantes por aquilo que eles podem e como se relacionam com aquilo que podem. Portanto, nossa escolha não foi feita pautada apenas em técnica, mas em coerência, em ritmo, na fluidez com o que buscamos investigar. Por ser um tema de caráter relativamente inovador - posto que não identificamos no estado da arte pesquisas semelhantes, que discutam a identidade autista, tampouco um devir autista, tendo como protagonismo os dizeres das pessoas com TEA

– classificamos o tipo de pesquisa como exploratória. De acordo com Gil (2002), as pesquisas exploratórias objetivam criar intimidade com o tema proposto, para torná-lo de alguma forma mais explícito. "Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições" (GIL, 2002, p. 41). Em complemento, será ofertado previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE) para a realização das entrevistas semiestruturadas, de forma presencial, após o exame de qualificação do texto, que será realizado em 03 de abril de 2023. A entrevista semiestruturada, enquanto estratégia de pesquisa, "[...] é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso" (GIL, 2002, p. 117). Nosso objetivo é termos um guia de perguntas e problematizações. Para acompanhar esses

acontecimentos, pensamos em uma maneira possível de buscar elementos múltiplos. A nossa imersão no universo da cibercultura será feita ao longo de 06 meses, utilizando o diário de campo como instrumento de registro. De acordo com Minayo (1994), esse instrumento tem potencial quando utilizado para registro da riqueza dos detalhes do campo do início ao final da investigação, devendo ser pessoal e intransferível. Esse alinhamento se dará a partir do acompanhamento de perfis de 06 jovens e adultos com TEA que se enquadram na categoria de influenciadores digitais, da rede social Facebook e Instagram. Para realizar esta escolha levamos em consideração os seguintes critérios: protagonismo de ideias;

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 6.005.989

diversidade étnica e de gênero; capacidade de engajamento; potencial na difusão de informações sobre expressões de autismo, dentro e fora das redes.

Critério de Inclusão:

Adultos acima de 18 anos, plenamente capazes; diversidade étnica e de gênero; possuir diagnóstico clínico de Transtorno do Espectro do Autismo;

possuir perfis abertos e públicos nas redes sociais; difundir em seus perfis protagonismo de ideias acerca das diversas expressões de autismo, no contexto do net-ativismo. No caso dos participantes do estado de Sergipe, os dois devem estar regularmente matriculados na instituição de ensino Universidade Federal de Sergipe, local onde será realizada a entrevista semiestruturada. No caso dos demais 4 participantes, que devem ser de

outros estados da federação, os quais serão entrevistados através da Plataforma Google Meet, não há necessidade de vinculação institucional.

Critério de Exclusão:

Recusa em assinar os termos solicitados; recusa em dar ciência nos termos da pesquisa; possuir comorbidades como doenças crônicas e condições agudas ou crônicas que poderiam limitar a capacidade do participante para participar do estudo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Refletir sobre as multiplicidades das pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo, considerando os tensionamentos e os entrelaçamentos existentes entre o molde de uma suposta "Identidade Autista" (linha molar) e a construção da "Primavera Autista" (linha de fuga).

Objetivo Secundário:

- Rediscutir os critérios centrados nos déficits e as afirmações generalizantes utilizadas pelo DSM-V e CID 11 para a classificação de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo, problematizando os paradigmas impostos pelo diagnóstico biomédico, os quais podem influenciar na postura da sociedade e das instituições escolares diante das pessoas com TEA.

– Construir o percurso histórico de conceitos, legislações e critérios que constituem a concepção da "identidade autista".

– Acompanhar, ao longo de 6 meses, 6 adultos autistas, acima de 18 anos e plenamente capazes, monitorando o fazer cotidiano e observando o protagonismo dessas pessoas com TEA, através das

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Telefone: (79)3194-7208

Município: ARACAJU

CEP: 49.060-110

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 6.005.989

redes sociais Facebook e Instagram.

- Perceber, através da realização de entrevistas semiestruturadas, de que forma adultos autistas têm dialogado com a rede social Facebook e Instagram para pensar novas formas de criar e aprender, na perspectiva do net-ativismo.
- Criar um caleidoscópio de expressões de "devir autista", representado nas falas e postagens dessas pessoas que culminam na construção da Primavera Autista.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Considerando a resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016, em seu Capítulo IV, que trata dos riscos das pesquisas para os participantes, ressaltamos que estaremos atentos aos riscos que a pesquisa possa acarretar aos participantes, em decorrência dos seus procedimentos, buscando adotar, sempre que necessário, medidas de precaução e proteção, a fim de evitar dano ou atenuar seus efeitos. Portanto, comprometemo-nos a seguir o afirmado com neste Capítulo.

Considerando a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente, considerando a gradação de risco da Resolução supracitada, ressaltamos que os riscos dessa pesquisa são mínimos, sendo que o participante poderá se sentir desconfortável ao narrar sobre acontecimentos que envolvem sentimentos, posturas, sensações e emoções que poderão remeter à tristeza ou constrangimento. Assim como, ao descreverem sobre suas características ou de alguns momentos de sua vida, de alguma forma. Buscaremos garantir respeito às necessidades específicas, apresentadas por cada um dos participantes, para proporcionar conforto sensorial durante a realização da entrevista semiestruturada (seja presencial ou on-line), considerando o seu nível de suporte dentro do espectro do autismo. Os participantes poderão fornecer um elemento que as identifique e prontamente interromper a entrevista, bem como desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo para o mesmo. Dessa forma, cumpre destacar que o participante terá a liberdade de não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento,

mesmo após o início da entrevista/coleta de dados, sem qualquer prejuízo. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações. Como participante, não terá nenhuma despesa em nenhum momento do processo, assim como não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa. Convém salientar ainda que, caso os participantes da pesquisa venham sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação neste referido

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 6.005.989

estudo, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, poderão solicitar indenização e têm direito a assistência por parte do pesquisador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa. Visto que, o participante poderá vir a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, ressaltamos que nesse caso, será

amparado pela lei, tendo direito à assistência e a buscar indenização através de vias judiciais. A resolução CNS nº 510 de 2016, em seu artigo 9º, inciso VI, ampara os participantes da pesquisa: VI – ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei, dessa forma, todo o trabalho será realizado baseado nos princípios da Lei do Conselho Nacional de Saúde.

Benefícios:

Espera-se que, com esta pesquisa, ocorra a ampliação da difusão de conhecimento na sociedade em torno da comunidade autista, contemplando aspectos subjetivos, terapêuticos, inclusivos e educacionais desse público. Intencionamos que nosso trabalho abra possibilidades para maior produção científica acerca da temática e ampliação do debate sobre TEA na sociedade, a partir do uso das redes sociais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A presente pesquisa se propõe a relatar a definição de identidade para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), que possui centralidade em abordagens behavioristas de tratamento e ensino, pautadas na correção de déficits e baseadas em critérios médico/psicologizantes do DSM-5 e da CID-11, tendo como principal objetivo fixar rótulos, dentro de uma suposta “identidade autista”, produzindo um processo de exclusão

classista compulsória e invisibilidades das pessoas com autismo. Em contraposição a essa perspectiva, ressaltamos a existência contemporânea das redes sociais, enquanto espaços de protagonismo de jovens e adultos com TEA, que estão inseridos no contexto do net-ativismo. São essas pessoas que estão desterritorializando conceitos, saindo do uno ao múltiplo, desenhando a linha do devir autista, para a escrita de tendências da Primavera Autista. O desenho metodológico da pesquisa será feito a partir de uma cartografia, com base no pensamento de autores como Gilles Deleuze e Felix Guatarri. Isto posto, construiremos a pesquisa, respeitando as normas do Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe (UFS), com abordagem qualitativa. Toda concepção de pesquisa requer um par que a leve no desenho dos seus passos. No nosso caso, escolhemos um viés qualitativo, com o objetivo de fazer com que nosso objeto encaixasse com o referencial teórico pós-estruturalista, buscando valorizar

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 6.005.989

as pessoas por aquilo que elas podem, não por aquilo que elas são e como elas se relacionam com aquilo que podem. Portanto, nossa escolha não foi feita pautada apenas em técnica, mas em coerência, em ritmo, na fluidez com o que buscamos investigar. Por ser um tema de caráter relativamente inovador - posto que não identificamos no estado da arte pesquisas semelhantes, que discutam a identidade autista, tampouco um devir autista, tendo como protagonismo os dizeres das pessoas com TEA – classificamos o tipo de pesquisa como exploratória. De acordo com Gil (2002), as pesquisas exploratórias objetivam criar intimidade com o tema proposto, para torná-lo de alguma forma mais explícito. "Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições" (GIL, 2002, p. 41). Em complemento, será ofertado previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a realização das entrevistas semiestruturadas, de forma presencial, após o exame de qualificação do texto, que será realizado dia 03 de abril de 2023. A entrevista semiestruturada, enquanto estratégia de pesquisa, "[...] é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso" (GIL, 2002, p. 117). Nosso objetivo é termos um guia de perguntas e problematizações. Para acompanhar esses acontecimentos, pensamos em uma maneira possível de buscar elementos múltiplos. A nossa imersão no universo da cibercultura será feita ao longo de 06 meses, utilizando o diário de campo como instrumento de registro. De acordo com Minayo (1994), esse instrumento tem potencial quando utilizado para registro da riqueza dos detalhes do campo do início ao final da investigação, devendo ser pessoal e intransferível. Esse alinhamento se dará a partir do acompanhamento de perfis de 06 jovens e adultos com TEA que se enquadram na categoria de influenciadores digitais, da rede social Facebook e Instagram. Para realizar esta escolha levamos em consideração os seguintes critérios: protagonismo de ideias; diversidade étnica e de gênero; capacidade de engajamento; potencial na difusão de informações sobre expressões de autismo, dentro e fora das redes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram observados óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Telefone: (79)3194-7208

Município: ARACAJU

CEP: 49.060-110

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 6.005.989

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 17 de Abril de 2023

Assinado por:
ANA BEATRIZ GARCIA COSTA RODRIGUES
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

CEP: 49.060-110

E-mail: cep@academico.ufs.br